

**A ESPACIALIDADE DO REINO NA
REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DA
DOMINATRIX RAINHA FRÁGIL EM NARRATIVAS
DE MEMÓRIA PUBLICADAS NA INTERNET**

Pamella Opsfelder de Almeida



**A ESPACIALIDADE DO REINO NA
REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DA
DOMINATRIX RAINHA FRÁGIL EM
NARRATIVAS DE MEMÓRIA PUBLICADAS
NA INTERNET**



Pedro & João
editores

PAMELLA OPSFELDER DE ALMEIDA

**A ESPACIALIDADE DO REINO NA
REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DA
DOMINATRIX RAINHA FRÁGIL EM
NARRATIVAS DE MEMÓRIA PUBLICADAS
NA INTERNET**



Copyright © Pamella Opsfelder de Almeida

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Pamella Opsfelder de Almeida

A espacialidade do reino na representação identitária da dominatrix rainha frágil em narrativas de memória publicadas na internet. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 289p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-0742-1 [Digital]

1. Linguística. 2. Representação identitária. 3. Estudos da Linguagem. I. Título.

CDD – 410

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

Meu coração está desaparecendo com a alma da
minha língua (poder)
mesmo que ele veja o Fim
em seu desejo não permitido, eu vi um sonho...
Esses olhos ainda estão, mesmo agora,
mudando o rumo dos acontecimentos, afundando
nos abismos dos pecados.
(The GazzettE)

Dedico este trabalho à Rainha Frágil e a todas as mulheres que ousaram e ainda ousam vivenciar seus desejos mais profundos e sombrios. Às pervertidas, às histéricas, às frígidas, às invertidas e às bruxas que queimaram na fogueira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres que me fortaleceram, acolheram e auxiliaram nesta jornada, em especial minha avó materna Sônia, matriarca da Casa da Rua Paraíba, e minha avó paterna Áurea, detentora de uma sabedoria inigualável. Vocês foram verdadeiras mães para mim.

Ao Mateus, por estar ao meu lado nesta luta que é ser uma mulher na Academia e me incentivar a ser a melhor pesquisadora que posso ser.

Às minhas queridas amigas Poliana Penedo, Drielen Camila Leitão e Bárbara Martins Augusto, que me trouxeram incontáveis momentos de felicidade e me escutaram quando a dúvida e a escuridão preencheram meu coração.

Às estimadas colegas Elaine Pereira Andreatta e Agnes Guimarães Cruz, que me ajudaram a estruturar e revisar esta dissertação.

Aos professores do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, principalmente Rodrigo Esteves de Lima-Lopes, que contribuiu imensamente com esta pesquisa, e Daniela Palma, minha orientadora e mulher que muito admiro.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), financiador desta pesquisa (Termo de Concessão número 9122539714469734) e sem o qual esta dissertação não seria possível.

PREFÁCIO

Quais são os desejos (im)possíveis? Que formas de prazer nos foram negadas, roubadas, proibidas? Quais os limites dos nossos corpos? Que sensações podemos experimentar que não estão representadas nas produções culturais hegemônicas? Essas foram algumas das perguntas que me motivaram a realizar esta pesquisa.

Criada por pais conservadores em uma cidade do interior, eu não conheci a sexualidade senão como violência e ferramenta de controle. Violência porque sexo era dor, sangue e trauma, e ferramenta de controle porque havia apenas uma maneira socialmente sancionada de se relacionar. Quando saí de casa, deparei-me com inúmeros manuais de como ter uma vida sexual plena. Era uma verdadeira pedagogização da sexualidade. Não estávamos mais nos tempos sombrios em que as mulheres não podiam gozar. Não, elas podiam — e deviam! —, desde que o fizessem da maneira como Freud preconizara, como os psiquiatras autorizavam e como os sexólogos recomendavam. Uma vez mais, a sexualidade feminina encontrava-se enjaulada, desta vez por caixinhas do “bem viver”.

Em busca de maneiras outras de sentir, encontrei a comunidade BDSM e as singulares pessoas que nela se engajam. Aprendi muito, e, principalmente, entendi que viver de uma maneira dita “normal”, para muitos, não é somente uma impossibilidade, mas uma perspectiva enfadonha. Aprendi que há beleza na perversidade, na diferença, nas múltiplas formas de viver a sexualidade humana, tão fluida e sempre em transformação. É desse ponto de vista que produzi esta dissertação de mestrado, e é com essa mesma forma de compreender o mundo que pretendo continuar minha pesquisa, sejam quais forem seus rumos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
A história do BDSM: práticas eróticas não-normativas marcadas pelo estigma social	17
A imbricação entre autora e tema de pesquisa	22
Justificativa	24
Fundamentação teórico-metodológica e objetivos	26
Apresentação dos capítulos	28
CAPÍTULO I	33
O percurso teórico-metodológico: escavando o passado da dominatrix e da Internet	
1.1. Autobiografia, narrativa e performatividade: algumas conceituações	33
1.2. O espaço e a subjetividade	40
1.3. O paradigma indiciário e a máquina do tempo virtual	43
1.4. A ética da pesquisa	50
1.5. Criando um suporte para as narrativas: topônimos e eixos de coordenadas	51
CAPÍTULO II	55
A antítese de Krafft-Ebing e Freud: as dominatrixes e as perversões do século XIX	
2.1. Do discurso religioso ao discurso médico-positivista	55
2.2. As perversões e o prazer feminino sob a ótica da psicanálise freudiana	57
2.3. A dominatrix: ativa, sádica e inversora	67

CAPÍTULO III	77
As possibilidades de representação identitária proporcionadas pela Internet: a formação e publicação de arquivos de si de autoria feminina	
3.1. Um (breve) percurso histórico da narrativa autobiográfica e da escrita erótica feminina	77
3.2. A noção de suporte	82
3.3. A página web e as possibilidades dos suportes digitais	84
3.4. O erotismo de autoria feminina no ciberespaço	104
CAPÍTULO IV	109
O reino como ciberespaço	
4.1. O ciberespaço e a multimodalidade	109
4.2. A estética do Frágil Reino	110
4.2.1. O castelo de Samia, Rainha Frágil	111
4.2.2. O diário de Samia, a Rainha Frágil e idéiafix {S}	135
4.2.3. O Frágil Reino de uma vampiresa sádica	142
4.2.4. O calabouço moderno	154
4.2.5. Crônicas da vida: as memórias de uma dominatrix experiente	168
4.3. Os períodos da cibercultura e a periodização do Frágil Reino	200
CAPÍTULO V	203
O reino como casa	
5.1. Espaços habitados	203
5.2. Casas da infância e juventude no Planalto Paulista	203
5.3. Casas passadas, casas sonhadas	210
5.4. As possibilidades do espaço privado	223
5.5. O espaço da casa entre o sonho e o trauma	228

CAPÍTULO VI	231
O Frágil Reino, lugar de forças e fragilidades	
6.1. Os topônimos que constituem o Frágil Reino	231
6.2. Os segredos da alcova e do mezanino	232
6.3. O inacabável dungeon	238
6.4. As esparsas senzalas e masmorras	244
6.5. Meu reino, minhas regras: o espaço relacional do Frágil Reino	247
6.7. Empréstando topônimos, emprestando espaços	264
CONSIDERAÇÕES FINAIS	269
A vida privada das perversões	269
O ciberespaço, os topônimos e as narrativas de memória: os alicerces do Frágil Reino	274
As fantasias femininas no espaço público	278
REFERÊNCIAS	281

INTRODUÇÃO

A história do BDSM: práticas eróticas não-normativas marcadas pelo estigma social

O acrônimo BDSM reúne sujeitos adeptos de práticas eróticas que se encontram no domínio do fetichismo e que não se encaixam nos padrões de normalidade sexual vigentes. Segundo Marques da Silva (2017), as práticas que constituem esse acrônimo devem ser lidas em pares, nos quais BD refere-se a *Bondage* e Disciplina; DS a Dominação e Submissão; e SM a Sadismo e Masoquismo (MARQUES DA SILVA, 2017, p. 26).

Nesse sentido, *Bondage* abarca técnicas de imobilização que visam a constranger os movimentos do corpo, podendo se dar pelo uso de algemas, correntes, cordas, roupas de látex ou couro, técnicas de amarração, dentre outras. A seu turno, a Disciplina consiste no condicionamento mental e/ou corporal por meio de castigos e recompensas, de maneira a alcançar comportamentos considerados desejáveis. Os jogos que envolvem o Sadismo e o Masoquismo, por sua vez, utilizam-se da dor para a obtenção de estímulos eróticos, com inspiração nas obras literárias do Marquês de Sade e de Sacher-Masoch, respectivamente. Por fim, as fantasias de Dominação e Submissão se realizam quando o dominador, aquele que deve ser servido e obedecido, comanda e controla o submisso, aquele que deve servir e obedecer (SILVA, 2018).

Ainda segundo Silva (2018), o par DS apresenta-se como central nessas práticas, já que indica os papéis de dominador e submisso na rígida e assimétrica hierarquia de poder dos quais participam seus adeptos. Apesar da centralidade do par DS para a organização das relações, é preciso enfatizar que os papéis de dominador e submisso representam apenas um dos possíveis

desdobramentos dos três principais papéis ou posições empregados nos jogos eróticos de BDSM: *Top*, *bottom* e *Switcher*. De acordo com Facchini e Rossetti Machado (2013),

enquanto a categoria *Top* indica aquele que detém o poder e que promove as práticas, e o *bottom* é aquele que está sob o poder do *Top* e que é objeto das práticas, o *switcher* é aquele que, por vezes, seja com o mesmo parceiro ou não, é ativo ou passivo em relação às práticas. Um *Top* pode ser sádico, dominador ou bondagista ativo, e um *bottom* pode ser masoquista, submisso e/ou bondagista passivo (FACCHINI; ROSSETTI MACHADO, 2013, p. 214-215).

Nesse sentido, ressalta-se que dominador e submisso constituem apenas um par de papéis dentre tantos outros possíveis na subcultura do BDSM.

Destaca-se ainda que os papéis de *Top*, *bottom* e *Switcher* são escolhidos pelos próprios participantes. Desse modo, nota-se que “as posições ocupadas pelas pessoas e as interações estabelecidas entre elas não são pautadas pelo sexo biológico dos parceiros. Ser mulher ou homem não é critério de dominação ou de submissão” (GREGORI, 2015, p. 254). Nesse ínterim, no BDSM os papéis de dominador e submisso não se relacionam a identidades de gênero específicas, sendo possível que uma mulher ocupe o papel de dominadora na hierarquia dos jogos eróticos de dominação e submissão, chamando-se assim de dominadora ou dominatrix.

Conforme salienta Marques da Silva (2017), existe ainda estigma social sobre muitas dessas práticas, classificadas tradicionalmente como perversões sexuais. Nesse sentido, o sadomasoquismo e o fetichismo ainda são considerados patologias pela quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais¹, que “orienta a prática psiquiátrica em grande parte do mundo e acaba por reforçar o estigma social que recai sobre certos grupos de pessoas que não se enquadram no

¹É importante observar que embora as práticas fetichistas sejam patologizadas por algumas linhas da Psiquiatria e da Psicologia, existem correntes de pensamento que contestam esse ponto de vista e não consideram essas atividades como patologias.

padrão de normalidade em voga” (MARQUES DA SILVA, 2017, p. 26). Conforme Lanteri-Laura (1994), a patologização das chamadas perversões sexuais inicia-se no século XIX, por meio de um discurso médico sexual “profundamente moralista e sexista” (MARQUES DA SILVA, 2017, p. 27) cujo epítome foi o livro *Psychopathia Sexualis*, do psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebing, considerado uma “bíblia” das descrições dos casos de perversões sexuais (LEITE JÚNIOR, 2000).

Apesar de nas relações BDSM atuais a dominação e a submissão não se atrelarem a gêneros específicos, na obra de Krafft-Ebing “o sadismo torna-se a forma patológica da tendência masculina à dominação e o masoquismo transforma-se em seu oposto e vai apontar para a tendência patológica de submissão da mulher” (SILVA, 2018, p. 3). Nesse sentido, o psiquiatra concluiu que os homens masoquistas eram “afeminados”, fazendo com que os casos de masoquismo masculino se tornassem clinicamente mais importantes que os de sadismo, já que “transgrediam a regra de que é o homem naturalmente quem domina a mulher” (SILVA, 2018, p. 3). Desse modo, observa-se que a patologização dos sujeitos e práticas relacionadas ao universo BDSM pela psiquiatria do século XIX trazia inscrita em si um forte viés de gênero, estigmatizando especialmente suas formas que desafiavam as relações de poder entre homens e mulheres.

Apesar desse estigma social, pesquisas recentes (MARQUES DA SILVA, 2017; SILVA, 2018; ZILLI, 2007) demonstram que a Internet tem sido utilizada pelos sujeitos pertencentes à subcultura do BDSM para contestar tais discursos médicos patologizantes por meio da construção de um discurso de “domesticação” dos aspectos mais violentos dessas práticas. Dessa forma, os chamados “manuais” de BDSM, que ditam regras a serem seguidas pelos participantes, asseguram que todas as práticas realizadas por seus adeptos são consentidas, distanciando-se assim das práticas consideradas criminosas e patológicas que envolvem o não-consentimento sexual. Da mesma forma, com a popularização de *sites* e *blogs* pessoais a partir da década de 1990 (PIMENTEL, 2011),

tornou-se possível a publicação virtual de escritos autobiográficos de adeptos do BDSM e de práticas sexuais não-normativas em geral.

Verifica-se, desse modo, um movimento de reconstrução das representações identitárias dos adeptos dessas práticas eróticas pelo discurso; por meio dos manuais e dos escritos autobiográficos publicados na Internet esses sujeitos representam identidades associadas ao princípio do sexo São, Seguro e Consensual (SSC), em contraste com as identidades patológicas forjadas no século XIX. De acordo com Zilli (2007), tendo em vista o entendimento do BDSM como uma “prática de alto risco potencial” (ZILLI, 2007, p. 68), o princípio do SSC apresenta-se como uma série de “condições e regras” (Idem, p. 69) que buscam “minimizar a possibilidade de acidentes” (Idem) na execução dessas atividades eróticas. Nesse sentido,

o argumento ao redor do SSC surge em relação ao reconhecimento do papel da violência na erotização típica do BDSM. De fato, ela é tão presente e por definição parte dele que aquilo que separa o BDSM da violência (sexual) é apenas o consentimento. Assim, o consentimento torna-se o ponto central de fixação do conceito de BDSM enquanto algo legítimo e não patológico. Ele é complementado pela noção, um pouco difusa, de bem-estar físico e psíquico expressos pelo São e Seguro. Se o indivíduo sente-se emocional e fisicamente confortável com o que realiza, então é legítimo (ZILLI, 2007, p. 69).

Tendo em vista esse panorama dos estudos a respeito do universo BDSM e daqueles que o praticam, esta pesquisa, inscrevendo-se no campo da Linguística Aplicada, analisou os textos autobiográficos publicados nos *sites* e *blogs* pessoais da dominatrix E. A., também conhecida como *Rainha Frágil*. Ao longo dos anos de 2001 até 2021, a dominadora tem mantido diversos *sites* e *blogs*, nos quais relata suas experiências como mulher que assume o papel dominante em relações de dominação e submissão. É importante notar que a Rainha Frágil relaciona-se principalmente com homens submissos, de forma que suas atividades eróticas produzem uma dinâmica que inverte os papéis sociais e sexuais de gênero, que atribuem à mulher um papel passivo na relação sexual, enquanto que ao homem é confiada o papel de ativo.

O poderio da dominadora sobre seus submissos é exercido em uma espacialidade específica, a do *reino*. Esse espaço, que transita entre as fronteiras físicas da casa, em que as sessões de BDSM ocorrem, da espacialidade virtual do ciberespaço² e das abstrações e idealizações dos sonhos, é de importância nevrálgica para a performance de E. A. como dominatrix. Nessa perspectiva, esta pesquisa sustentou o topônimo *reino*, assim como outros topônimos de sentido semelhante ou equivalente, como categoria de análise que descreve o espaço governado pela dominatrix e que se organiza a partir de sua corporalidade. Procurou-se, desse modo, investigar as diferentes facetas e significações que o topônimo *reino* assume no *corpus* analisado, de maneira a entender como esse espaço que transita entre o físico, o virtual e o mental participa da produção e da performatização da identidade de E. A. como dominatrix.

Nesse sentido, inspirando-se na noção benvenistiana de espaço discursivamente constituído e constituinte da subjetividade (BENVENISTE, 1976), esta pesquisa se propôs a analisar as narrativas de memória (ARFUCH, 2010, 2018) da dominadora Rainha Frágil publicadas na Internet de modo a compreender o papel desempenhado pela espacialidade em sua construção subjetiva e em sua representação identitária. Buscou-se, nessa perspectiva, entender como os sentidos predicados sobre a espacialidade abstrata e metafórica do reino participam da representação da identidade da dominatrix.

Para a resolução desse problema de pesquisa, elencaram-se alguns objetivos específicos que funcionaram como etapas necessárias ao entendimento da relação entre a representação da identidade da dominatrix e a espacialidade do reino, a saber:

²Nesta pesquisa, adotamos o conceito de ciberespaço segundo a definição de Lévy (1999a). Nas palavras do autor, “o ciberespaço (que também chamarei de ‘rede’) é o meio de comunicação que surge na interconexão mundial dos computadores. O termo específica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999a, p. 17).

entender como a criação, o desenvolvimento e a manutenção de *blogs* e *sites* pessoais de E. A. sobre a temática do BDSM relacionam-se com sua trajetória no universo do sadomasoquismo e de sua autocompreensão como dominatrix; analisar os elementos verbais (postagens e textos assinados por Rainha Frágil) e não-verbais (fotografias, imagens, ilustrações, *layouts*, etc.) constitutivos das narrativas de memória da dominadora publicadas em seus *blogs* e *sites*; compreender como a espacialidade do ciberespaço e as especificidades dos suportes digitais influem na produção das narrativas de memória de Rainha Frágil; e, por fim, entender como a caracterização e a (re)construção discursiva da espacialidade do reino ao longo do tempo produz mudanças nas performances identitárias da dominatrix, e vice-versa.

A imbricação entre autora e tema de pesquisa

Tendo em vista o histórico de patologização e estigmatização das relações eróticas que constituem o acrônimo BDSM, é natural que o leitor se pergunte quais as motivações da pesquisadora para o recorte deste tema de pesquisa e, mais especificamente, para a seleção dos *sites* e *blogs* da dominatrix Rainha Frágil como *corpus* de estudo. Primeiramente, é preciso dizer que as temáticas da sexualidade e da normatização dos corpos femininos interessam-me desde a graduação em Letras, conforme evidenciam meu projeto de Iniciação Científica, intitulado *As ordens de indexicalidade mobilizadas em discussões sobre aborto na internet*³, e minha monografia, intitulada *Estudo enunciativo das designações da palavra vagina em textos de divulgação de conhecimento sobre a anatomia feminina*⁴. Nesse sentido, considero a pesquisa desenvolvida nesta

³ALMEIDA, P. O. As ordens de indexicalidade mobilizadas em discussões sobre aborto na internet. *CSONLINE (UFJF)*, v. 31, p. 402, 2020.

⁴ALMEIDA, P. O. *Estudo enunciativo das designações da palavra vagina em textos de divulgação de conhecimento sobre a anatomia feminina*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível

dissertação de mestrado uma continuidade das temáticas que eu venho investigando desde 2019.

A temática do BDSM, contudo, não foi a primeira que considerei para minha pesquisa de mestrado. Inicialmente, meu interesse recaiu sobre práticas sexuais não-normativas em geral, especialmente aquelas que não priorizam ou excluem deliberadamente a penetração do corpo feminino. Desse modo, a ideia inicial era estudar as narrativas de mulheres que não gostam ou não realizam a prática do coito em suas atividades eróticas. Na época, no entanto, não encontrei uma comunidade bem estabelecida no Brasil com base nessas preferências sexuais, seja por inabilidade minha como pesquisadora de encontrar esses grupos de mulheres, seja pela pouca disseminação dessas ideias no território nacional.

Nas pesquisas preliminares que realizei sobre o tema, contudo, deparei-me com *blogs* e *sites* pessoais de dominatrixes, os quais prontamente chamaram-me a atenção por seu caráter subversivo em relação à sociedade patriarcal em que vivemos. Conforme será explanado nesta dissertação e, mais especificamente, no Capítulo II, as dominatrixes normalmente não são penetradas durante as sessões de BDSM, sendo, na verdade, os corpos masculinos aqueles que costumam ser penetrados nessas atividades eróticas. Essa característica das práticas fetichistas das dominadoras aguçou minha curiosidade pela subcultura do BDSM, de modo que mergulhei na leitura de inúmeras páginas dedicadas à exploração desse estilo de vida. Adotei, assim, o BDSM como tema de minha dissertação.

A escolha dos *sites* e *blogs* da dominadora Rainha Frágil como *corpus* desta pesquisa se deu de maneira semelhante. Apesar de ter considerado analisar os domínios virtuais de outras dominatrixes, chegando inclusive a convidar duas outras dominadoras para a

em: <<http://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1129243?guid=1646782735345&returnUrl=%2fresultado%2fflistar%3fguid%3d1646782735345%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d1129243%231129243&i=2>>. Acesso em 08 de março de 2022.

realização deste estudo, o aceite entusiasmado e a pronta colaboração de E. A. determinaram minha opção por analisar seus *blogs* e *sites*. Além disso, o grande volume de dados disponibilizados na Internet em seus vinte anos como blogueira exigiu de mim dedicação exclusiva, sem a qual, provavelmente, esta pesquisa não poderia se concretizar.

Justificativa

Conforme Silva (2018), são escassas as pesquisas a respeito da subcultura do BDSM, de forma que esta pesquisa se justifica porque possibilita um maior entendimento sobre os sujeitos e as práticas sexuais que envolvem esse universo. Nesse sentido, tal entendimento pode auxiliar na diminuição do estigma social que ainda se perpetua sobre as sexualidades não-normativas e aqueles que as vivenciam.

A perspectiva da Linguística Aplicada adotada por este estudo traz para a centralidade das análises as vozes e narrativas dos próprios sujeitos que se identificam como adeptos dessas práticas sexuais dissidentes, contrastando com os discursos médicos que, segundo Lanteri-Laura (1994), têm tido o monopólio sobre os estudos das ditas “perversões sexuais” desde o século XIX, sob um viés geralmente patologizante. Da mesma forma, a evidenciação de narrativas femininas dentro do universo BDSM auxilia tanto na produção de novos conhecimentos em uma temática com escassez de estudos quanto na democratização da ciência, permitindo que as vozes das mulheres ressoem nos meios acadêmicos, historicamente marcados por discursos e dizeres patriarcais e hegemônicos.

Por outro lado, esta pesquisa se justifica porque a adoção de uma perspectiva performativa da linguagem, que considera sexualidade, gênero e desejo como contingentes, e não como verdades que podem ser alcançadas, pode ajudar na desnaturalização e desconstrução dos discursos cristalizados sobre os corpos femininos, masculinos e seus prazeres. Desse modo, a seleção de um *corpus* de pesquisa constituído por narrativas de uma

mulher que se identifica como dominatrix e que se relaciona com homens submissos coloca em destaque um sujeito feminino que, por meio de suas práticas de escrita, renegocia e (re)define os significados de gênero e sexualidade, já que se representa como uma mulher que realiza seus desejos, ainda que estes sejam considerados patológicos pela sociedade, e ainda mais anômalos por sua inadequação aos papéis tradicionais de gênero. Da mesma forma, a representação discursiva que a dominatrix faz de seus submissos em seus relatos e narrativas também auxilia na visibilização de sexualidades masculinas não-normativas, ilustrando possibilidades outras de erotismo, nas quais os homens podem performar papéis e atividades tradicionalmente restritas aos corpos femininos.

Nesse sentido, considera-se de grande importância para o desenvolvimento científico no campo da Linguística Aplicada e dos estudos identitários a compreensão da complexidade da construção da subjetividade e da representação da identidade no mundo atual, alicerçada nas novas tecnologias de informação, em especial a Internet. Segundo Moita Lopes (2003), a emergência de movimentos identitários de segmentos sociais subalternizados está transformando os estudos acadêmicos dos fenômenos da linguagem, que se debruçam sobre novas questões culturais. Nesse sentido, “a identidade, até então concebida como algo estável e duradouro na constituição dos sujeitos, torna-se um objeto privilegiado de estudo, deslocando-se do singular – essencialista e fixa – para o plural – múltiplas e provisórias” (MOITA LOPES, 2003, p. 357).

Desse modo, este estudo se justifica tanto de um ponto de vista científico quanto social, pois além de se situar em uma linha de pesquisa relevante para a compreensão das novas identidades que emergem do mundo atual, globalizado e conectado à rede, este estudo coloca em foco e em circulação no meio acadêmico as narrativas de um sujeito socialmente subalternizado, uma mulher pertencente à subcultura do BDSM e que se envolve em práticas corporais e de linguagem que rompem com papéis de gênero cristalizados. Auxiliando a compreensão dos processos de

representação discursiva das identidades não-normativas, esta pesquisa tem o potencial de ajudar na despatologização dessas sexualidades e dos sujeitos que as vivenciam.

Fundamentação teórico-metodológica e objetivos

Tendo em vista o caráter narrativo e autobiográfico dos textos publicados pela dominadora em seus *sites* e *blogs*, este estudo adotou como fundamentação teórico-metodológica a perspectiva transdisciplinar de Leonor Arfuch (2010, 2018). Consideraram-se, nesse sentido, os textos assinados pela dominatrix como narrativas de memória. Ao conceber a narrativa como uma divisão do discurso imbricada nos eixos da temporalidade e da espacialidade, Arfuch (2010) toma o tempo e o espaço não como fenômenos físicos do mundo, mas como abstrações produzidas na e pela enunciação, em consonância com o pensamento de Émile Benveniste (1976).

Na teoria benvenistiana, o espaço é organizado “a partir de um ponto central, que é ego” (BENVENISTE, 2006, p. 69), de modo que o espaço narrativo só existe em relação ao *aqui* que o *eu* ocupa ao enunciar. Considerando que o local em que a dominatrix enuncia pode ser tanto o espaço físico, seja o espaço de sua casa ou lugares outros, em que performa atividades sexuais, quanto virtual, representado pelo ciberespaço e, mais especificamente, seus *sites* e *blogs*, ou mesmo metafórico e idealizado, pertencente ao mundo dos sonhos, esta pesquisa propõe-se a compreender como essas espacialidades diversas ajudam a constituir sua subjetividade e representar sua identidade como dominadora. Assim, esta pesquisa mobilizou o topônimo *reino* como categoria de análise para a descrição do espaço, seja ele físico, mental ou virtual, sobre o qual a dominadora exerce seu domínio.

A noção de performance identitária mobilizada neste estudo apoiou-se também na perspectiva de Arfuch (2010, 2018), que considera que toda investigação analítico-crítica da linguagem deve levar em conta as discussões filosóficas de John Austin (1990). Evocando o conceito austiniano de *performatividade*, Arfuch (2010)

reafirma “a potência da linguagem para criar realidades e construir mundos e não meramente ‘representá-los’” (ARFUCH, 2010, p. 60). Nesse sentido, considerou-se nesta pesquisa que, ao criar e manter seus diferentes *sites* e *blogs* e neles enunciar, assinando os textos como Rainha Frágil, a autora está não só representando mas também performando sua identidade enquanto Rainha e dominatrix.

Tendo em vista esse quadro teórico-metodológico, a análise incidiu sobre os textos publicados e assinados pela dominatrix Rainha Frágil nos diferentes *sites* e *blogs* por ela mantidos no período de 2001 a 2021. Para a organização e interpretação das quase duas décadas de escrita de si produzidas e arquivadas por E. A., esta pesquisa lançou mão de *eixos de coordenadas*, conforme sugere Lejeune (2008). Segundo o autor, “o discurso da memória é um labirinto” (LEJEUNE, 2008, p. 161) e, portanto, a primeira preocupação de um pesquisador que trabalha sobre dados de caráter memorialístico é orientar-se. Nesse sentido, os *eixos de coordenadas* foram utilizados como ferramenta teórico-metodológica de maneira a constituir uma indexação sobre a qual se pudesse apoiar a narrativa fragmentada tecida em diversas plataformas da Internet pela dominatrix Rainha Frágil.

Apoiando-se nas teorizações de Lejeune (2008), Sérgio Branco (2017) identifica dois eixos de coordenadas como importantes para a organização e a narrativa da memória: o *eixo cronológico* e o *eixo temático*. Uma vez que o tema de interesse desta pesquisa é a relação entre a espacialidade e a representação identitária da dominatrix, considerou-se, portanto, o eixo temático como *eixo espacial*, de forma a estabelecer como eixos de coordenadas estruturadores das narrativas de memória da Rainha Frágil o eixo cronológico e o eixo espacial.

Considerando os diferentes cruzamentos possíveis entre esses dois eixos, esta pesquisa buscou compreender como a criação, a manutenção e a enunciação nos diferentes *sites* e *blogs* mantidos pela dominadora relacionam-se com a construção de sua subjetividade e a representação de sua identidade como Rainha Frágil ao longo de duas décadas.

Apresentação dos capítulos

De uma maneira geral, os capítulos desta dissertação foram estruturados de modo a explorar as múltiplas conotações assumidas pelo topônimo e pela espacialidade do *reino* ao longo das narrativas de memória de E. A. Nesse sentido, cada capítulo dedica-se a analisar e explorar uma faceta desse espaço que se situa entre o físico e o metafórico, entre o real e o virtual, entre o sonho e a realidade.

Nesse contexto, o Capítulo I apresenta de maneira detalhada o percurso teórico-metodológico da pesquisa. Descrevem-se, nesse sentido, os principais conceitos referentes à fundamentação teórica deste estudo, que se estruturou principalmente na proposta de Arfuch (2010, 2018). A partir da obra arfuchiana, tecem-se relações com obras outras como as de Lejeune (2008), Benveniste (1976, 2006), Austin (1990), Ricoeur (2007) e Bachelard (1978), a fim de explanar as relações entre a autobiografia, as narrativas de memória, a espacialidade e a performatividade da linguagem. Em seguida, explicita-se o processo de constituição do *corpus*, que se inspirou no paradigma indiciário de Ginzburg (1989) e se efetuou por meio da utilização da ferramenta *WayBack Machine*, que funciona como uma máquina do tempo da Internet. Também neste capítulo se apontam as implicações éticas da realização de uma pesquisa no ciberespaço, e as providências que foram tomadas de maneira a anonimizar a dominadora Rainha Frágil e todos aqueles por ela citados em seus *sites* e *blogs*. Por fim, o capítulo aborda a metodologia utilizada na análise das narrativas de memória da dominatrix, explicando os conceitos de topônimo (RAMOS, 2009) e eixo de coordenadas (LEJEUNE, 2008), adotados como ferramentas teórico-metodológicas que auxiliam na organização e interpretação das escritas de si da dominadora.

O Capítulo II, por sua vez, possui um caráter teórico e situa as práticas eróticas descritas pela dominatrix Rainha Frágil em seus *sites* e *blogs* na história da categorização médica das perversões sexuais a partir do século XIX. Baseando-se na obra de Laqueur

(2001) que enfoca a invenção do sexo binário e nos estudo de Lanteri-Laura (1994) a respeito do processo de patologização das sexualidades não-normativas iniciado por algumas vertentes da psiquiatria do século XIX e perpetuado por determinadas interpretações da psicanálise freudiana, o capítulo traça as origens da medicalização do corpo da mulher e da pedagogização de seu prazer sexual, presentes até hoje no pensamento ocidental. Traçando paralelos entre as perversões e desvios sexuais femininos descritos pelos manuais médicos e as práticas da dominadora, procura-se demonstrar o caráter subversivo dessas atividades eróticas e sublinhar os questionamentos que impõem aos papéis sociais de gênero.

Trazendo tanto aspectos teóricos quanto análise do *corpus* de pesquisa, o Capítulo III compara as possibilidades propiciadas pelos suportes digitais em relação àquelas proporcionadas pelo suporte de papel, enfocando-se principalmente em como essas potencialidades influem na publicação de escritos de autoria feminina. Apoiando-se nas discussões de Perrot (2006) e Palma (2017) a respeito da circunscrição da escrita de autoria feminina ao ambiente doméstico e privado, busca-se compreender como a desintermediação proporcionada pelo ciberespaço (LÉVY, 1999b) possibilita que a dominatrix Rainha Frágil construa e publique arquivos de textos e fotografias que transitam entre o nu e o pornográfico.

Tendo em vista a inerente multimodalidade da *web* (LEMKE, 2006) e compreendendo a espacialidade dos *sites* e *blogs* de Rainha Frágil como constituintes de seu Frágil Reino, o Capítulo IV busca analisar a materialidade desses domínios virtuais perscrutando não só a linguagem verbal neles utilizada, mas principalmente a linguagem não-verbal. Estuda-se, nesse sentido, como a performance identitária da dominadora relaciona-se às escolhas estéticas que nortearam a personalização de seus espaços digitais, dando especial atenção à formatação das fontes utilizadas nos textos, às paletas de cores, e à organização da página *web* de uma forma geral. Analisam-se, também, as fotografias eróticas postadas nos *sites* e *blogs* da dominadora, apoiando-se principalmente nas

reflexões de Berger (1999), de maneira a comparar a representação do corpo masculino produzido pela Rainha Frágil com as representações usuais pornográficas do corpo feminino, e também nas teorizações de Ruchatz (2008) e Sontag (2004) sobre a fotografia, considerando-a traço ou rastro de um acontecimento real e aquisição metafórica do sujeito fotografado. Além disso, por meio dos estudos de Butler (2015) empreendidos sobre a utilização da fotografia em contextos de tortura, procura-se compreender o próprio ato de fotografar como parte das dinâmicas de dominação empreendidas pela dominadora sobre seus submissos.

A partir dessas análises, conclui-se que os *designs* e as materialidades não-verbais dos *sites* e *blogs* da dominatrix auxiliam na representação de determinadas performances identitárias, como a da Rainha que habita um luxuoso castelo, da vampiresa sádica, da dominadora que vive nos tempos modernos e da dominatrix sofisticada e experiente. Verifica-se também que as mudanças estéticas desses espaços virtuais obedecem a estilos de *webdesign* específicos, segundo sua popularização ou queda durante determinados períodos da cibercultura (SKLAR, 2021; THORLACIUS, 2007).

Explorando a conotação física do topônimo *reino*, o Capítulo V enfoca as narrativas de memória de E. A. a partir do recorte das diferentes casas que a dominadora habitou ao longo da vida, de maneira a compreender a casa como parte do Frágil Reino. Embasando-se nas discussões promovidas por Bosi (1987) a respeito da casa materna e por Bachelard (1978) a respeito da casa sonhada, esse capítulo promove um olhar minucioso sobre as significações produzidas pela dominadora no concernente às múltiplas casas que habitou. Estudando as significações produzidas sobre as casas de infância no Planalto Paulista, a pousada no litoral de Fortaleza, o claustrofóbico apartamento, o castelo que sonha um dia possuir, e a casa térrea em que mora atualmente, este capítulo revela a importância da espacialidade da casa para a realização das fantasias e práticas eróticas da dominatrix, além de sua inscrição nos territórios psíquicos do sonho e do trauma. Desvela-se, assim, que o

espaço da casa, além de constituir o Frágil Reino, assume, nas narrativas de memória de E. A., função coesiva e metafórica, servindo como pano de fundo em que se alternam ora a projeção lúdica, ora a rememoração traumática.

Pautando-se nas noções desenvolvidas por Benveniste (1976) a respeito da constituição enunciativa da espacialidade, o Capítulo VI concentra-se na investigação do topônimo *reino* a partir de seu caráter metafórico e relacional. Analisam-se, nesse sentido, os principais topônimos relacionados ao topônimo *reino* utilizados pela dominadora para referir-se ao espaço em que exerce seu poder, a exemplo dos topônimos *alcova*, *mezanino*, *dungeon*, *masmorra* e *senzala*, de modo a entender como a mobilização desses topônimos e dos sentidos que eles evocam auxilia na produção de significados e, portanto, na construção discursiva da espacialidade do *reino*. Ainda nesse contexto, estuda-se com mais detalhamento a mobilização do topônimo *reino* nas narrativas de memória da dominatrix, de maneira a compreender como o espaço do Frágil Reino constrói-se discursivamente a partir da corporalidade da dominadora e de sua relação com os corpos de seus submissos.

Por fim, nas Considerações finais, retoma-se o problema de pesquisa a partir da teoria de Arfuch (2010, 2018), articulando-a a uma perspectiva que considera a relação entre as “perversões sexuais” e as espacialidades públicas e privadas. Tece-se, assim, uma reflexão a respeito dos diversos sentidos produzidos pelo topônimo *reino* e por topônimos semelhantes nas narrativas de memória de E. A., caracterizando o Frágil Reino como uma espacialidade que transita entre o físico, o virtual, o metafórico e o lúdico, e que se encontra em uma trincheira entre o público e o privado: ao mesmo tempo em que usufrui das possibilidades do espaço privado, permitindo que a dominatrix desafie a lógica patriarcal e tome nas mãos o poder sobre os homens, a espacialidade do Frágil Reino se torna pública a partir do momento em que é apresentada e constituída pelas textualidades dos *sites* e *blogs* publicados pela dominadora na Internet.

CAPÍTULO I

O percurso teórico-metodológico: escavando o passado da dominatrix e da Internet

1.1. Autobiografia, narrativa e performatividade: algumas conceituações

Após uma primeira leitura dos *sites* e *blogs* da dominatrix Rainha Frágil, ficou evidente que as narrativas que os constituíam possuíam um decisivo caráter autobiográfico e confessional. Diante dessa materialidade que se me apresentava, foi necessário compreender de maneira mais profunda a história da escrita de si, conhecimento este que busquei, principalmente, nas obras de Lejeune (2008) e Arfuch (2010, 2018).

Segundo Arfuch (2010), é a partir do século XVIII que se consolida a escrita de si como a conhecemos hoje. Nas palavras da autora,

é no século XVIII, com a consolidação do capitalismo e da ordem burguesa, que começa a se afirmar a subjetividade moderna, por meio de uma constelação de formas de escrita autógrafa, que são as que estabeleceram precisamente o cânone (confissões, autobiografias, diários íntimos, memórias, correspondências), e do surgimento do romance “realista”, definido justamente como *ficção* (ARFUCH, 2010, p. 28).

Nesse sentido, “confissões, autobiografias, memórias, diários íntimos, correspondências traçariam, para além de seu valor literário intrínseco, um espaço de autorreflexão decisivo para a consolidação do individualismo como um dos traços típicos do Ocidente” (Idem, p. 36), esboçando, assim, a sensibilidade própria do mundo burguês.

Dentre os citados gêneros da escrita autógrafo, um dos mais canônicos é a autobiografia. Cunhado na Inglaterra do século XIX, o termo *autobiografia* designa, segundo o dicionário *Larousse* de 1886, a “vida de um indivíduo escrita por ele próprio” (LEJEUNE, 2008, p. 62 apud BARROS, 2018, p. 68). De maneira ampla, o teórico dos estudos autobiográficos Philippe Lejeune (2008) conceitua a autobiografia como “qualquer texto regido por um pacto autobiográfico, em que o autor propõe ao leitor um discurso sobre si, mas também [...] uma realização particular desse discurso, na qual a resposta à pergunta ‘quem sou eu?’ consiste em uma *narrativa* que diz ‘como me tornei assim’” (LEJEUNE, 2008, p.63-64 apud BARROS, 2018, p. 68; grifo do autor).

Dentre os textos postados nos *sites* e *blogs* analisados, verifica-se a existência de narrativas que correspondem de maneira relativamente acurada à tradicional definição de Lejeune (2008) de autobiografia — narrativas que dizem como a narradora se tornou quem ela é. Perscrutando o passado em busca das origens de suas tendências fetichistas, a dominatrix descreve episódios de sua infância que considera como manifestações primeiras de seus desejos sexuais dissidentes, buscando, assim, reconstituir os caminhos que a levarem desses momentos primordiais até as práticas BDSM atuais.

Observa-se que a autora engaja-se em uma investigação que busca, por meio da recuperação de pistas e rastros de memórias, reconstituir o processo de formação de sua subjetividade e de representação de sua identidade, em um processo que se assemelha ao paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989). Selecionando e (re)descobrimdo pistas dissolvidas no passado, a autora procura, por meio de um conhecimento indiciário, (re)construir suas narrativas autobiográficas.

O aspecto indiciário desse processo de rememoração pode ser observado no seguinte trecho, retirado do texto *Nascer Rainha*, disponibilizado no *Site* 1: “a continuidade dessa história estará lentamente surgindo nessas páginas. Há muitas coisas que cheiram a naftalina no baú dessas memórias. Precisam de sol. Precisam de

reparos. Até o dia de virem totalmente à tona”. Utilizando a metáfora de um baú de memórias do qual se retira “coisas que cheiram a naftalina”, a autora descreve seu processo de rememoração e redação autobiográfica — é preciso perscrutar a memória em busca de lembranças específicas, redescobri-las, examiná-las à luz da reflexão e “repará-las”, para que possam, enfim, “vir à tona” em uma narrativa coesa. Trata-se, em suma, de um processo de representação e reelaboração narrativa da própria identidade.

Diante da representação narrativa da identidade de E. A. como dominadora ilustrada por esses escritos de si, considere que a análise linguística das produções autobiográficas da Rainha Frágil demandaria a adoção de uma perspectiva teórico-conceitual da *narrativa*. Nesse sentido, esta pesquisa se norteou pela perspectiva transdisciplinar de Leonor Arfuch (2010, 2018), que conceptualiza a *narrativa* como divisão do discurso (ARFUCH, 2010) e perspectiva teórico-epistemológica (ARFUCH, 2018).

Em sua teorização sobre a narrativa, Arfuch (2010) dá grande atenção ao caráter performativo da linguagem. Nesse sentido, as análises linguísticas por ela propostas levam sempre em conta a tradição antirrepresentacionista “de Wittgenstein a Austin, sem esquecer Benveniste, que enfatiza o caráter criador, transformador da linguagem, as implicações da *ação* linguística” (ARFUCH, 2010, p. 33). Nesse sentido, Arfuch (2010) considera que “a narração de uma vida, longe de vir a ‘representar’ algo já existente, *impõe sua forma (e seu sentido) à vida mesma*” (Idem).

Além de Austin e Benveniste, outro autor sobre o qual Arfuch (2010, 2018) sustenta sua teoria é Lejeune (2008). Assim, a autora debruça-se sobre a noção de pacto autobiográfico desenvolvida por Lejeune (2008), que descreve o pacto (contrato) fiduciário que se estabelece nos textos autobiográficos entre o autor e seu leitor, sendo selado por um nome próprio. Segundo a autora, a credibilidade desse nome próprio pode ser questionada: “quão ‘real’ será a pessoa do autobiógrafo em seu texto? Até que ponto se pode falar de ‘identidade’ entre autor, narrador e personagem?

Qual é a ‘referencialidade’ compartilhada, supostamente, tanto pela autobiografia quanto pela biografia?” (ARFUCH, 2010, p. 52).

No caso dos textos autobiográficos analisados nesta pesquisa, fica claro que nem sempre a realidade separa-se da ficção. A própria dominatrix Rainha Frágil, ao refletir sobre seu processo criativo, evidencia a ambiguidade entre o real e o imaginativo que perpassa seus textos: “um conto ou vários relatos? A gente nunca sabe!”, exclama. Nesse sentido, não é possível certificar-se da factualidade dos eventos narrados pela dominadora. No entanto, segundo Arfuch (2010), não é a convergência entre o relato e a realidade o que realmente importa quando se estudam narrativas de vida. Nesse sentido, a autora afirma que

não é tanto o “conteúdo” do relato por si mesmo — a coleção de acontecimentos, momentos, atitudes —, mas, precisamente, as *estratégias* — ficcionais — de *autorrepresentação* o que importa. Não tanto a “verdade do ocorrido”, mas sua construção narrativa, os modos de (se) nomear no relato, o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto do olhar, o que se deixa na sombra; em última instância, que história (qual delas) alguém conta de si mesmo ou de *outro eu*. E é essa qualidade autorreflexiva, esse caminho da narração, que será, afinal de contas, *significante* (ARFUCH, 2010, p. 71).

A própria possibilidade de unidade do sujeito e de identidade entre autor e narrador na autobiografia é colocada em xeque pela autora, que adota como decisão epistemológica a “não coincidência essencial entre autor e narrador, resistente inclusive ao efeito de ‘mesmidade’ que o nome próprio pode produzir” (Idem, p. 61). A narração autobiográfica, nesse contexto, não se caracterizaria por uma aproximação entre as identidades do autor e do narrador, mas por “jogos identitários de mascaramentos múltiplos” (Idem), de modo que “no instante em que a narração começa (‘o momento autobiográfico autorreflexivo’), aparecem dois sujeitos: um ocupa o lugar do informe, outro o lugar da máscara que os desfigura” (CATELLI, 1991, p. 17).

A desfiguração do sujeito que acompanha os relatos de si acentua-se, segundo Arfuch (2010), nos casos em que esses escritos

autobiográficos são publicados na Internet. Nesse sentido, baseando-se em Robin (1997), a autora sustenta que os *sites* autobiográficos caracterizam-se por uma “aberta fantasia de autocriação, que coloca em cena todas as ‘perturbações’ possíveis da identidade (personagens fictícios, mudanças de sexo, máscaras, jogos identitários, duplicidades)” (ARFUCH, 2010, p. 149).

Esse potencial de autocriação da existência virtual é expresso por E. A. em suas narrativas de memória, afirmando que sua performance identitária como Rainha Frágil “no começo era só uma personagem que andava pelos chats. Levou um tempo até que personagem e vida real se misturassem”. Embora a autora se refira a *chats* da Internet e não especificamente a seus *sites* e *blogs*, fica claro o papel decisivo que o ato de performar uma personagem que ocupava a posição dominante nos jogos eróticos de BDSM no ciberespaço influenciou a autopercepção de E. A. como dominadora. Nesse sentido, compreende-se que a representação identitária da autora como Rainha Frágil deu-se em um espaço liminar entre o mundo físico e o virtual, conforme é possível observar no seguinte trecho retirado do *corpus*, referido como Exemplo 01:

Ex 01 (*Blog 4*, 2017)⁵: As vivências como Domme me davam prazer imenso. Na verdade tudo ainda era fantasia. Mas lá no chat era a personagem segura e bela, toda Rainha. Aqui pés descalços, areia, praia, cachorro... E medo. No começo era assim. A Rainha pra lá, eu pra cá. Mas com o tempo eu ia esquecendo de descer do salto quando saía dos chats. A Rainha por vezes visitava meu lar. Levava um pouco do olhar. Um pouco de medo que é bom na medida certa. A Rainha foi se humanizando, aceitando sua fragilidade. E a pessoa frágil aqui fora foi percebendo sua força. (...) Um dia um escravo disse que existia “um jeito Rainha Frágil de

⁵Todos os Exemplos apresentados nesta dissertação são numerados e exibem, entre parênteses, a sigla do *site* ou *blog* da dominatrix Rainha Frágil do qual o trecho reproduzido foi retirado, além do ano em que a autora o publicou.

dominar". E pronto. Nasci tudo junto. Eu todas. Primeiro fiquei Samia, a Rainha Frágil. Depois fiquei só Rainha Frágil. Hoje sou B., A Rainha Frágil. Primeira e única.

Explicita-se, no Exemplo 01, a importância da performance de E. A. como dominadora nos chats da Internet, referida como "vivências como Domme", para a representação de sua identidade como Rainha Frágil. Segundo a autora, no início a personagem da Rainha descolava-se de sua representação como sujeito, conforme demonstra a frase "a Rainha pra lá, eu pra cá". Porém, com o tempo, E. A. "ia esquecendo de descer do alto" e "a Rainha por vezes visitava" seu lar, levando "um pouco do olhar" amedrontador a sua casa. Enquanto a autora tornava-se mais dominante, a personagem da Rainha ia "se humanizando, aceitando sua fragilidade", e, por fim, esse jogo de mascaramentos e duplicidades culminou no nascimento de uma subjetividade híbrida que E. A. chama de "eu todas".

Mesmo esse nascimento de "eu todas" se deu em um eixo cronológico, em que a dominatrix assumiu diferentes representações identitárias ao longo dos anos de postagem em seus *sites* e *blogs*. Nesse sentido, a análise do *corpus* revela que durante os anos de 2001 a 2005 a dominadora assinava os textos como *Samia, a Rainha Frágil*. Depois, no período de 2006 a 2008, passou a referir-se a si mesma apenas por *Rainha Frágil*, adotando, por fim, a identidade de *B., A Rainha Frágil*, de 2008 até os dias atuais. As diferentes assinaturas, aliados a seus dizeres reproduzidos no Exemplo 01, demonstram o reconhecimento pela própria autora da existência de três representações identitárias distintas adotadas por ela ao longo dos anos, desvelando uma vez mais o caráter performativo da linguagem envolvido na representação da(s) identidade(s) de E. A. como dominatrix.

Tendo em vista a pertinência da noção de performance identitária para a análise do *corpus* da pesquisa, conforme demonstrado pela breve análise do Exemplo 01, este estudo considerou o performativo a partir da perspectiva de Arfuch (2010,

2018), que preconiza que toda investigação analítico-crítica da linguagem leve em conta as discussões filosóficas de John Austin (1990). Evocando o conceito austiniano de performatividade, segundo o qual todo enunciado realiza uma ação por meio da força ilocucional da língua, Arfuch (2010) reafirma “a potência da linguagem para criar realidades e construir mundos e não meramente ‘representá-los’” (ARFUCH, 2010, p. 60). Nesse sentido, considerou-se nesta pesquisa que, ao criar e manter seus diferentes *sites* e *blogs* e neles enunciar, assinando os textos como Rainha Frágil, a autora está produzindo discursiva e performativamente sua subjetividade e representando sua identidade enquanto Rainha e dominatrix.

Além da concepção austiniana de linguagem como ação, Arfuch (2010) também articula, em sua armação teórica, as noções de dialogismo e descentramento do sujeito de Bakhtin. Nesse sentido,

o descentramento do sujeito assume em sua obra uma formulação especial que se vincula à “razão dialógica”, de raiz bakhtiniana: o sujeito deve ser pensado a partir de sua “outridade”, do contexto de diálogo que dá sentido a seu discurso. Há, então, uma heterogeneidade constitutiva que define toda situação de enunciação (LACLAU, 2010 apud ARFUCH, 2010, p. 11).

Explicita-se assim que a perspectiva teórica dos chamados “enfoques biográficos” desenvolvida por Arfuch (2010) incorpora “tanto a concepção bakhtiniana do dialogismo e da alteridade quanto uma teoria do sujeito que considere seu caráter não essencial, seu posicionamento contingente e móvel nas diversas tramas em que sua voz se torna significante” (ARFUCH, 2010, p. 32-33). É essa noção de sujeito instável e mutável, que se produz na e pela linguagem, que se pretende mobilizar nas análises dos textos publicados pela dominadora Rainha Frágil.

Considerando a não coincidência entre a autora e a narradora das narrativas de memórias da dominatrix Rainha Frágil, assim como o poder ilocucional da linguagem e seu potencial performativo, esta pesquisa mobilizou a articulação teórica de

Arfuch (2010, 2018) de maneira a compreender as representações da identidade da dominadora não como essenciais ou fixas, mas como um construto da linguagem. O exame do *corpus* se deu, dessa forma, a partir de uma perspectiva antirrepresentacionista da linguagem, de modo a entender como E. A. performa sua identidade como Rainha Frágil por meio de suas narrativas de memória. Procurou-se compreender, nesse sentido, quais são as estratégias de autorrepresentação adotadas por E. A. em seus textos autobiográficos, levando em conta os múltiplos mascaramentos e jogos identitários mobilizados, de forma a depreender qual o papel exercido pela espacialidade do reino na construção discursiva de sua subjetividade e na representação de sua identidade como dominadora.

Para entender a importância da espacialidade do reino nas performances identitárias da dominatrix, esta pesquisa fundamentou-se também nas noções de temporalidade e espacialidade desenvolvidas por Benveniste (1976, 2006), além da relação entre espacialidade e corporalidade tecida por Ricoeur (2007) e das reflexões de Bachelard (1978) a respeito do papel do espaço no processo de produção da memória.

1.2. O espaço e a subjetividade

Para Arfuch (2010), a narrativa, e, em especial, a narrativa de memória, encontram-se imbricadas ao eixo da temporalidade e da espacialidade. A temporalidade e a espacialidade da narrativa, no entanto, não correspondem ao tempo e ao espaço físicos do mundo, conforme observa o autor Émile Benveniste (1976), cujas ideias são fundamentais para a armação teórica de Arfuch (2010, 2018).

Segundo Benveniste (1976), tanto a subjetividade quanto a temporalidade e a espacialidade são construídas na e pela enunciação. Nessa perspectiva, é apenas ao dizer *eu* que o enunciador constitui-se como “sujeito”. Nas palavras de Benveniste (1976), “é ‘ego’ que diz *ego*. Encontramos aí o

fundamento da ‘subjatividade’ que se determina pelo *status* linguístico de ‘pessoa’” (BENVENISTE, 1976, p. 286).

Além dos pronomes pessoais — e do pronome pessoal de primeira pessoa do singular, *eu*, em especial — os pronomes dêiticos são considerados igualmente importantes para a construção da subjatividade da linguagem na teoria benvenistiana. Segundo o autor, são os indicadores da *déixis* que “organizam as relações espaciais e temporais em torno do ‘sujeito’ tomado como ponto de referência” (Idem, p. 288). Nessa perspectiva, Barboza (2011) afirma que, na teoria de Benveniste, a subjatividade se marca, basicamente, por um esquema trinitário de *pessoa-tempo-espaco*.

Nessa perspectiva, esta pesquisa enfocou-se na exploração do último termo desse esquema, o *espaco*. Na teoria benvenistiana, o espaco é organizado “a partir de um ponto central, que é ego” (BENVENISTE, 2006, p. 69), de modo que “o sistema de coordenadas espaciais se presta também para localizar todo objeto em qualquer campo que seja, uma vez que aquele que o organiza está ele-próprio designado como centro e ponto de referência” (Idem). É possível dizer, nesse sentido, que a enunciação não é apenas a fonte da subjatividade e do tempo, mas também do espaco narrativo, que só existe em relação ao *aqui* que o *eu* ocupa ao enunciar.

De maneira semelhante, porém no contexto específico do relato pessoal, Paul Ricoeur (2007) elege “eu estava lá” como a declaração testemunhal característica. Nessa declaração prototípica, o imperfeito verbal denota o tempo, ao passo em que o advérbio marca o espaco, demonstrando que o eixo da espacialidade tem tanta importância na constituição da narrativa de memória quanto o eixo da temporalidade. Nesse sentido, Ricoeur (2007) ressalta a importância da espacialidade — tanto corporal quanto ambiental — para a evocação memorialística.

Segundo o autor, o lugar de quem enuncia é seu próprio corpo, “esse aqui absoluto” que é “o ponto de referência do acolá, próximo ou distante, do incluído e do excluído, do alto e do baixo, da direita e da esquerda, do à frente e do atrás, e de outras tantas dimensões assimétricas que articulam uma tipologia corporal” (RICOEUR,

2007, p. 158). No entanto, a espacialidade do corpo e do ambiente misturam-se, já que, na lembrança, “o espaço corporal é de imediato vinculado ao espaço do ambiente, fragmento de terra habitável” (Idem, p. 157).

Além do espaço corporal, existem ainda, segundo Ricoeur (2007), outros espaços: o espaço público e o espaço geométrico, que, por sua vez, se dá na intercalação “entre o espaço vivido do corpo próprio e do ambiente e o espaço público” (Idem, p. 158). O espaço vivido e espaço geométrico, a seu turno, situam o ato de habitar. Tal ato, conforme o autor, “não se estabelece senão pelo ato de construir” (RICOEUR, 2007, p. 158), de forma que seja a arquitetura a trazer “à luz a notável composição que formam em conjunto o espaço geométrico e o espaço desdobrado pela condição corpórea” (Idem).

Conforme as reflexões de Ricoeur (2007), verifica-se que os diferentes espaços habitados e construídos são parte essencial do processo memorialístico. De maneira semelhante, Bachelard (1978) atribui uma importância ainda maior ao eixo da espacialidade para a rememoração. Segundo o autor, é o espaço, e não o tempo, que anima a memória, já a temporalidade “não é um elemento passível de figurativização” (PALMA, 2017. p. 24). É na espacialidade, portanto, que se calcam as memórias, de forma que estas “são imóveis e tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas” (BACHELARD, 1978, p. 203).

Justifica-se, assim, a imprescindibilidade do estudo do eixo da espacialidade das narrativas de memória. Nesse ínterim, inspirando-se na noção benvenistiana de espaço discursivamente construída e constituinte da subjetividade, esta pesquisa analisou as narrativas de memória de Rainha Frágil considerando o espaço como eixo estruturador e ao mesmo tempo estruturado pela enunciação, ou seja, como uma construção discursiva que se projeta e organiza a partir do sujeito enunciador.

Nesse sentido, considerando a materialidade em que as narrativas de memória da dominatrix se concretizam — o ciberespaço, e, mais especificamente, seus os *blogs* e *sites* —, convencionou-se adotar nesta pesquisa uma conceituação de

espacialidade que compreende tanto os espaços físicos e “reais” habitados pela dominadora quanto os espaços virtuais e imaginários por ela criados. Nessa perspectiva, tanto os *sites* e *blogs*, como recortes do ciberespaço em que as narrativas memorialísticas se situam, quanto as casas do passado, presente e futuro habitadas e sonhadas pela dominatrix, podem ser entendidos como constituintes do eixo da espacialidade dessas memórias.

1.3. O paradigma indiciário e a máquina do tempo virtual

Em *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, Ginzburg (1989) propõe uma metodologia de pesquisa para as Ciências Humanas que não se baseie na adequação dos objetos de pesquisa a modelos preexistentes, mas que se realize por meio da leitura de indícios, pistas e rastros individuais que esses objetos possuem. A essa proposta de pesquisa, Ginzburg (1989) chamou de paradigma indiciário. Trata-se, assim, de um método de pesquisa qualitativo, cuja análise

visa às particularidades, [a]os indícios reveladores (pistas, dados vestigiais, signos etc.) que apontam para uma realidade complexa não experimentável diretamente, apoiando-se na possibilidade de inferi-la e interpretá-la a partir de seus efeitos. Possui como característica metodológica a não separação entre o sujeito e o objeto, considerando impossível alcançar a neutralidade (TFOUNI; SANTOS; BARTIJOTTO; SILVA, 2018, p. 1257).

A pesquisa em Ciências Humanas, nessa perspectiva, aproxima-se do trabalho de um arqueólogo, que escava ruínas em busca de cacos, de resquícios, de rastros que o auxiliem na reconstituição de uma realidade fragmentária. Tendo em vista o paradigma proposto por Ginzburg (1989), o processo de constituição desta pesquisa seguiu uma lógica indiciária. Lidando com narrativas de teor autobiográfico, a pesquisa procurou remontar a linha do tempo dos principais acontecimentos da vida da blogueira E. A., dando maior atenção aos aspectos de sua biografia relacionada a sua vivência como dominatrix.

O próprio processo de constituição do *corpus* desta pesquisa, nesse sentido, seguiu uma lógica indiciária. Inicialmente, o *corpus* seria composto pelos textos disponibilizados no *blog Frágil Reino*, chamado neste estudo de *Blog 4*. Em uma disciplina que cursei durante o desenvolvimento deste estudo, LP192 - Ferramentas computacionais em Linguística Aplicada II, ministrada pelo professor Rodrigo Esteves de Lima Lopes, no entanto, descobri a ferramenta *Wayback Machine*⁶, banco de dados digitais que arquiva mais de 475 bilhões de páginas da *World Wide Web* desde 1996, e que age como uma “máquina do tempo” da Internet. Curiosa para descobrir se o *blog* da dominadora que eu pretendia analisar figurava nesse arquivo virtual, busquei pelo nome *Frágil Reino* na barra de busca do *site*. Como resultados principais dessa busca, encontrei três páginas *web* intituladas *Frágil Reino*, como é possível observar na Figura 1:

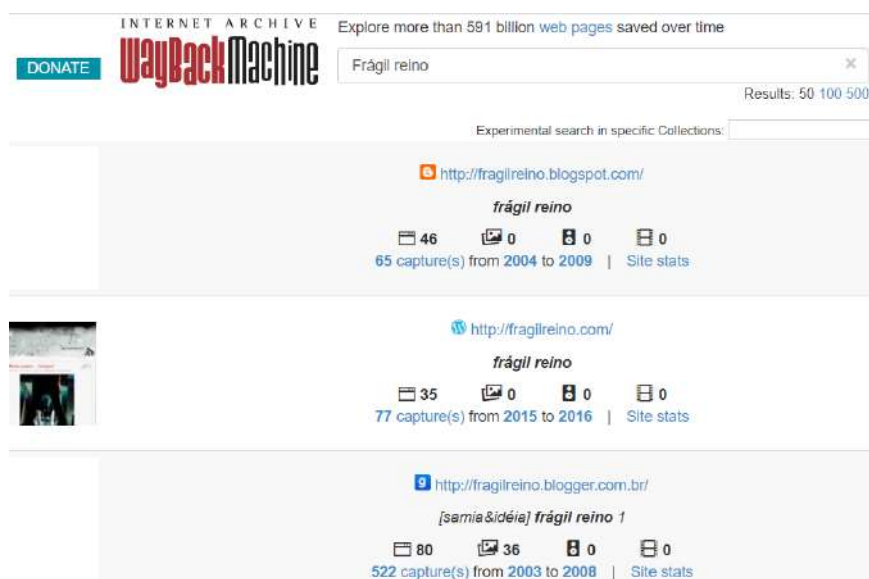


Figura 1: Captura de tela dos resultados da busca pela expressão “Frágil Reino” no *site* *Wayback Machine*

⁶ Disponível em: <<https://archive.org/web/>>. Acesso em 14 de janeiro de 2021.

Descobri, assim, que o *Blog 4* não era o único domínio virtual de autoria de Rainha Frágil. Ficou evidente que a dominadora tinha mantido outros *sites* e *blogs* ao longo dos anos, e os tinha abandonado em favor de versões e plataformas mais sofisticadas e atualizadas. Ao acessar os *blogs* listados e salvos na plataforma *Wayback Machine*, encontrei ainda mais dois domínios virtuais, linkados nesses *blogs* mais antigos da dominadora. Nesse sentido, a partir dessa ferramenta, foi possível estruturar uma linha do tempo da fundação e manutenção dos domínios virtuais da dominadora.

Inicialmente, em 2001, a dominatrix criou o *site Samia, Rainha Frágil*⁷, por meio do *Yahoo! GeoCities*, serviço de hospedagem de *sites* popular na década de 1990. Conjuntamente, criou o *blog Samia, a Rainha Frágil, e idéiafix{S}*⁸, hospedado no *Blogspot*, serviço do Google que oferece ferramentas para edição e gerenciamento de *blogs*. Nesse *blog*, E. A. manteve um diário virtual durante os meses de abril a dezembro de 2002. A partir de 2003, a autora passou a postar seu diário no *blog Frágil Reino*⁹, hospedado no *Blogger*, serviço de criação de *blogs* também pertencente ao Google. Esse *blog* durou até 2004, quando, devido às limitações de armazenamento do *Blogger*, a dominatrix optou por continuar seu diário em um outro *blog*, também chamado *Frágil Reino*, mas hospedado na plataforma *Blogspot*¹⁰. Por fim, em 2008, a autora criou seu *blog* atual, *Frágil Reino*¹¹, por meio da ferramenta *WordPress*, sistema livre e aberto de gestão de conteúdo para Internet. Nesse domínio, a autora posta seus escritos até hoje.

⁷ Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20091019074450/http://br.geocities.com/rainhafragil/geral3.html>>. Acesso em 06 de janeiro de 2021.

⁸ Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20040102200722/http://rainhafragil.blogspot.com/>>. Acesso em 06 de janeiro de 2021.

⁹ Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20080110111534/http://www.fragilreino.blogger.com.br/>>. Acesso em 14 de janeiro de 2021.

¹⁰ Disponível em: <<http://fragilreino.blogspot.com/>>. Acesso em 06 de janeiro de 2021.

¹¹ Disponível em: <<https://fragilreino.com/>>. Acesso em 06 de janeiro de 2021.

Tendo em vista essa linha do tempo, o *corpus* desta pesquisa consiste de todos os textos verbais (*posts*, comentários, contos, etc.) e não-verbais (imagens, fotografias, elementos de formatação da página *web*, etc.) constituintes dos *blogs* e *sites*¹² pessoais criados e mantidos pela dominatrix Rainha Frágil no período de 2001 a 2021, a saber: o *site Samia, Rainha Frágil*, referido nesta pesquisa como *Site 1*; o *blog Samia, a Rainha Frágil, e idéiafix{S}*, referido como *Blog 1*; o *blog Frágil Reino*, hospedado na plataforma *Blogger* e referido como *Blog 2*; o *blog Frágil Reino*, hospedado na plataforma *Blogspot* e referido como *Blog 3*; e o *blog Frágil Reino*, hospedado na plataforma *Wordpress* e referido como *Blog 4*. Nesse sentido, o *corpus* da pesquisa pode ser representado pelo Quadro 1:

Sigla	Nome do <i>blog</i>	Domínio virtual	Vigência
<i>Site 1</i>	Samia, Rainha Frágil	http://br.geocities.com/rainhafragil/	2001-2002
<i>Blog 1</i>	Samia, a Rainha Frágil, e idéiafix{S}	http://rainhafragil.blogspot.com/	2001-2002
<i>Blog 2</i>	Frágil Reino	http://www.fragilreino.blogger.com.br/	2003-2004
<i>Blog 3</i>	Frágil Reino	http://fragilreino.blogspot.com/	2004-2008
<i>Blog 4</i>	Frágil Reino	https://fragilreino.com/	2008-2021
Total			20 anos

Quadro 1: o *corpus* da pesquisa

¹² A classificação dos domínios virtuais da Rainha Frágil em *sites* ou *blogs* se deu de acordo com a nomeação feita pela própria dominadora em suas narrativas de memória.

A coleta dos materiais verbais e não-verbais constituintes desses domínios virtuais foi auxiliada pela Ferramenta de Captura, que permite selecionar e salvar o conteúdo exibido na tela do computador.

Com a exceção do *site Frágil Reino* hospedado no *WordPress* e do *blog Frágil Reino* hospedado na plataforma *Blogspot*, nenhum dos outros *blogs* e *sites* criados por E. A. estão atualmente disponíveis na Internet, de forma que a ferramenta *Wayback Machine* mostrou-se fundamental para a execução da pesquisa. Esse arquivo digital, no entanto, tem suas limitações, uma vez que captura e armazena apenas algumas páginas *web* que constituem os domínios virtuais arquivados. Desse modo, compreende-se que o *corpus* desta pesquisa não é constituído de réplicas exatas e exaustivas dos *sites* e *blogs* da dominadora como estes costumavam ser quando estavam disponibilizados na Internet, mas sim de fragmentos desses domínios virtuais, que foram preservados de maneira imperfeita.

Muitas das imagens e vídeos postados nos *sites* e *blogs* mais antigos da dominatrix se perderam no processo de arquivamento, conforme é possível observar nas Figuras 2 e 3.



Figura 2: Captura de tela do *blog Frágil Reino* (I)

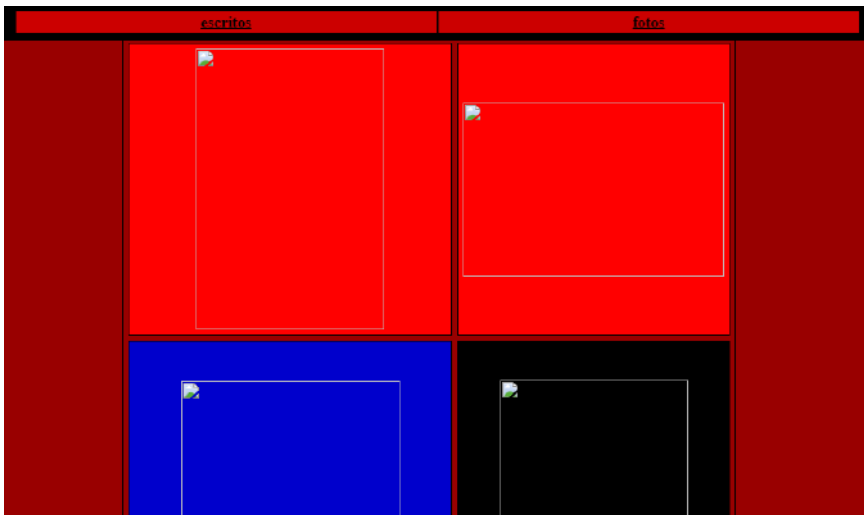


Figura 3: Captura de tela do *site Samia, Rainha Frágil* (I)

Evidenciando a perda de informações no arquivamento das páginas dos *sites* e *blogs* da dominadora, as Figuras 2 e 3 mostram,

respectivamente, a indisponibilidade de um vídeo anexado ao *Blog* 3 e a impossibilidade de acesso a uma série de imagens que costumavam figurar no *Site* 1. Não foram, no entanto, apenas imagens e vídeos que sofreram com a passagem do tempo no ciberespaço. O *Blog* 1 como um todo apresentava seu texto corrompido, com alguns caracteres especiais sendo substituídos pelo caractere ◆, que representa um ponto de interrogação dentro de um losango preto, conforme é possível observar na Figura 4. Na leitura e análise desse material, foi preciso reconstituir os caracteres perdidos, imaginando quais teriam sido as palavras originais escritas pela dominadora.

QUINTA-FEIRA, MAIO 30

11:36:17 PM | [Samia](#) escreveu:

Larguei um pouquinho meu blog n◆? Andei um pouco desanimada. Hoje H. disse que eu sou muito vol◆vel. Bah.. Ela n◆o sabe de nada. Eu s◆ gosto de pensar muito antes de me apaixonar pra valer por um novo projeto. Sim! Projetos!! Que para as coisas do cora◆◆o j◆ me sinto bem cheia de amor!! Os meninos me mimam muito e ◆ f◆cil eu me encantar.

Mas dif◆cil mesmo ◆ quando eu me entrego a um projeto. Ai ai ai.. se mergulhar, caiu de cabe◆a, de boca.. de corpo e alma.. Como a femdom_brasil, o [bdsm_nordeste](#).

T◆.. Desembucho: deixei novamente a Associa◆◆o. Sei l◆, tava achando tudo muito devagar para meu pique. Mas to l◆ em cora◆◆o. To torcendo pra dar tudo certo.

Mas decidi que prefiro ficar fora. Sei l◆..

Figura 4: Captura de tela do *blog Samia*, a *Rainha Frágil e ideiafix{S}* (I)

A escolha de um *corpus* materializado no ciberespaço e que se estende por um período de tempo de aproximadamente duas décadas transformou este trabalho, nesse sentido, em uma espécie de historiografia da Internet, em que foi preciso reconstituir as

páginas originais, corrompidas e modificadas pelo passar do tempo, a partir de um exercício imaginativo e da observação dos rastros deixados no processo de arquivamento. Nesse sentido, é possível dizer que a constituição do *corpus* desta pesquisa alinha-se ao paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989).

Após a seleção dos *sites* e *blogs* constituintes do *corpus*, meus próximos passos para a execução da pesquisa envolveram o seguimento dos procedimentos éticos necessários à realização de um estudo que tem por objeto materiais publicados no ciberespaço.

1.4. A ética da pesquisa

Apesar de todos os *sites* e *blogs* constituintes do *corpus* deste estudo encontrarem-se publicamente disponíveis na Internet, o conteúdo pessoal e confessional desses materiais levou-me a considerar necessária a submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas¹³. Após a aprovação do projeto, entrei em contato com a dominadora Rainha Frágil por e-mail, convidando-a a participar da pesquisa. Após inteirar-se dos objetivos, da metodologia e dos possíveis riscos e benefícios do estudo, a dominatrix concordou em participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Seguindo as garantias éticas determinadas no projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética, foi assegurado à Rainha Frágil, agora sujeito de pesquisa, a privacidade e o sigilo sobre os materiais disponibilizados em seus *blogs* ou *sites*. Devido ao tabu que envolve as práticas eróticas de BDSM na sociedade, tanto a própria autora quanto os submissos e amigos por ela mencionados são referidos em seus *sites* e *blogs* por pseudônimos, sem a exposição de seus nomes e identidades reais. Assim sendo, e considerando a importância performativa que a escolha de um pseudônimo tem para a representação identitária da dominatrix

¹³Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 45384321.6.0000.8142.

Rainha Frágil e dos adeptos dos jogos de BDSM de uma forma geral, este estudo optou por referir-se à dominadora e a terceiros por ela mencionados por meio dos pseudônimos mobilizados nos *blogs* e *sites* analisados.

Além da utilização dos pseudônimos encontrados nos *sites* e *blogs* da dominadora, outras medidas foram tomadas de forma a preservar as reais identidades da autora e de terceiros. Na ocasião da coleta dos dados disponibilizados nos *blogs* e *sites* estudados, informações pessoais (como endereço, nomes completos, números de telefone, contato, etc.) da dominatrix, de seus submissos ou de comentaristas e usuários dos *blogs* ou *sites* foram cobertas por tarjas pretas ou borradas com o auxílio de ferramentas de edição de imagem. Da mesma forma, indivíduos que não possuíam pseudônimos foram identificados nesta dissertação com as iniciais de seus nomes, de modo a preservar seu anonimato. Esse procedimento de anonimização foi empregado principalmente diante das ocorrências dos nomes reais da dominadora e de seu marido, que passaram a ser referidos nesta pesquisa pelas iniciais E. A. e R., respectivamente.

No concernente às Figuras que incluem fotografias da dominadora Rainha Frágil, de seus submissos ou de terceiros, optou-se por reproduzir nesta dissertação apenas imagens em que os sujeitos fotografados encontram-se de costas, com os rostos para fora do enquadramento da câmera, borrados ou encobertos, de maneira a impossibilitar sua identificação. Nos casos em que as faces dos sujeitos fotografados encontram-se visíveis, estas foram pixeladas com o auxílio de ferramentas de edição de imagem, de maneira a anonimizar todos aqueles retratados nas fotografias.

1.5. Criando um suporte para as narrativas: topônimos e eixos de coordenadas

Após a aplicação dos procedimentos éticos de anonimização da Rainha Frágil e de terceiros mencionados em suas narrativas de memória, iniciar-se-ia o processo de análise do *corpus*. A

materialidade dos dados de pesquisa, no entanto, demonstrou a necessidade de se expandir a base teórica do estudo, de maneira a mobilizar, além das teorias que enfocam a narrativa (LEJEUNE, 2008; ARFUCH, 2010, 2018) e as relações entre espacialidade (BENVENISTE, 1979, 2006), memória (BACHELARD, 1978) e corporalidade (RICOEUR, 2007), duas ferramentas teórico-metodológicas para a estruturação da análise do *corpus*: os conceitos de topônimo e de eixos de coordenadas.

De acordo com Ramos (2009), o topônimo pode ser definido como “nome genérico de lugar, designativo de um espaço ou forma qualquer de entidade geográfica, de natureza pontual, linear ou espacial, terrestre, submarino ou extraterrestre” (RAMOS, 2009, p. 6). Considerando essa definição, esta pesquisa adotou o conceito de topônimo como construto teórico-metodológico utilizado para designar a espacialidade do *reino*, espaço no qual a dominatrix exerce seu poder. Assim sendo, buscou-se e listou-se, na leitura do *corpus*, as ocorrências do topônimo *reino* ou de outros topônimos de sentido semelhante, como *alcova*, *masmorra*, *dungeon*, *senzala*, etc., de maneira a observar como essa espacialidade é significada nas narrativas de memória da Rainha Frágil.

As ocorrências desse topônimo foram contextualizadas e situadas em um eixo cronológico, de maneira que foi possível verificar como a espacialidade do reino modificou-se ao longo de vinte anos. Foi nesse contexto que a pesquisa mobilizou a ferramenta teórico-metodológico de *eixos de coordenadas*, conforme proposta por Lejeune (2008). De acordo com Sérgio Branco (2017), são dois os eixos em que se organiza a memória: o *eixo cronológico* e o *eixo temático*. Considerou-se, nesse sentido, o transcorrer linear do tempo nos *sites* e *blogs* da dominatrix como o eixo cronológico das narrativas de memória estudadas, ao mesmo passo em que se convencionou que a espacialidade do reino representaria o eixo temático, tendo em vista que o tema de interesse desta pesquisa é a espacialidade em sua articulação com a representação identitária da dominadora.

A partir do estabelecimento dos eixos de coordenadas como sustentação das narrativas de memória da Rainha Frágil, o procedimento de pesquisa adotado foi a leitura integral do *corpus* em ordem cronológica de publicação, de forma a apreender o conteúdo dos *blogs* e *sites* de E. A. obedecendo à sucessão e ordenação em que foram publicados. Durante essa leitura, identificaram-se as ocorrências do topônimo *reino* e de topônimos de sentido semelhante, de forma a compreender os principais sentidos assumidos por esse termo. Cada um desses sentidos foi explorado nos capítulos de análise desta dissertação, de maneira a entender como as diferentes facetas da espacialidade do reino — ora situado no espaço físico da casa, ora localizado no ciberespaço ou mesmo nas abstrações e sonhos de E. A. — influenciam sua performance e representação identitárias como *dominatrix*.

CAPÍTULO II

A antítese de Krafft-Ebing e Freud: as dominatrixes e as perversões do século XIX

2.1. Do discurso religioso ao discurso médico-positivista

A disputa de poder entre a burguesia liberal como classe social ascendente e a Igreja, que antecedeu a Revolução Francesa (1789) e o fim do Antigo Regime, inaugurou, na sociedade francesa, e, de uma forma geral, na sociedade ocidental, uma tentativa de distanciamento dos dogmas religiosos. Esse afastamento provocou, na primeira metade do século XIX, o fortalecimento de uma ideologia laicizante, que pregava, em contraste às proibições religiosas, uma relativa liberdade sexual. Segundo Lanteri-Laura (1994),

a Igreja Romana condenava todas as originalidades em matéria de gozo, vendo nelas menos um excesso de luxúria, aliás, do que uma revolta contra a natureza, filha de Deus, revolta essa muito próxima da heresia e, pelo menos em tese, passível, à semelhança dela, de arder na fogueira; assim, a burguesia ascendente, pela voz e pela pena de seus porta-vozes, só podia reivindicar, contrariando a Igreja, uma grande tolerância para com a variedade dos comportamentos sexuais (LANTERI-LAURA, 1994, p. 27).

Essa ideologia libertadora, no entanto, foi progressivamente abandonada após o estabelecimento da burguesia como classe governante, de maneira que, a partir de meados do século XIX, a recém-instalada sociedade burguesa dava sinais de prescindir de um conhecimento secular que regulasse as perversões sexuais, substituindo o vazio deixado pela repressão da Igreja. Nesse contexto, foi a medicina, com suas aspirações positivistas de objetividade, que se estabeleceu como a instituição detentora dos

saberes e das regulamentações a respeito da sexualidade humana. Nas palavras de Lanteri-Laura (1994),

em 1830, de qualquer modo, a burguesia liberal havia tomado o poder e, pouco a pouco, teve cada vez menos necessidade da ideologia libertária que antes lhe fora tão útil. A religião, em que ela já não acreditava desde longa data, não podia servir-lhe para nada; e a herança do Século das Luzes não garantia nem contra os perigos, nem contra o fascínio das singularidades mais extremas da vida sexual. Ela precisava de razões para se precaver contra eles, de razões em que pudesse confiar e o discurso médico chegou em boa hora (Idem, p. 28).

Dentre as obras mais consagradas desse período a respeito das chamadas “anomalias sexuais”, encontra-se a *Psychopathia Sexualis*, do psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebing, considerada uma “bíblia” das descrições dos casos de perversões sexuais (LEITE JÚNIOR, 2000). Dois grandes grupos de anomalias identificadas por Krafft-Ebing, a parestesia e a paradoxia, demonstram o comprometimento de seus estudos para com a manutenção da genitalidade e da heterossexualidade, tidos como necessários para a reprodução, como comportamentos sexuais “normais”. Assim, segundo o psiquiatra, pode-se dizer que existe “anomalia do instinto sexual” quando este “se manifesta de maneira perversa, isto é, quando seu tipo de satisfação não tem por finalidade a preservação da espécie (parestesia)” (LANTERI-LAURA, 1994, p. 36) e “quando o instinto se manifesta fora do momento dos processos anátomo-fisiológicos dos órgãos genitais (paradoxia)” (Idem).

No interior dessa lógica que associa a sexualidade saudável à fecundidade e à preservação da espécie, e, portanto, ao coito heterossexual, o prazer feminino e o masculino têm legitimidades assimétricas. Enquanto o prazer do homem parece inevitável para a fecundação e a reprodução, o prazer da mulher não é necessário para que ela engravide. Em outras palavras,

uma vez que transformada a procriação na regra, a assimetria manifesta-se à custa da mulher: por razões fisiológicas, é raríssimo o homem poder fecundá-la sem um mínimo de prazer, ao passo que ela pode ser

convenientemente fecundada sem experimentar a menor satisfação. Por conseguinte, o prazer do homem tem a aparência de estar naturalmente ligado a sua função reprodutora, enquanto essa função, na mulher, está não menos naturalmente dissociada dela (Idem, p. 38).

Nesse sentido, não haveria uma justificativa para a existência do orgasmo feminino, que, por não extrair sua legitimidade da propagação da espécie, “não é absolvido nem por Deus, nem por Darwin, e, por conseguinte, opera-se sub-repticiamente uma vinculação — um *vinculum substantiale*, teria escrito Leibnitz — entre o gozo e o injustificado, o proibido, a transgressão” (LANTERI-LAURA, 1994, p. 38).

2.2. As perversões e o prazer feminino sob a ótica da psicanálise freudiana

Embora em muito se sublinhe o caráter revolucionário da psicanálise freudiana a respeito dos novos contornos que esta deu ao entendimento das perversões sexuais em relação à psiquiatria do século XIX, é preciso ressaltar que “lido de perto, Freud mostrou-se bem menos crítico a respeito de seus antecessores e contemporâneos do que se costuma supor” (LANTERI-LAURA, 1994, p. 61). Dentre os estudos clínicos que lhe serviram de inspiração, encontra-se a *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing, que, em muitos aspectos, forneceu-lhe um objeto de estudo recortado de antemão para ser analisado.

Desse modo, Lanteri-Laura (1994) argumenta que a classificação das perversões organizada por Freud em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, publicado pela primeira vez em 1905, da mesma forma que aquela esboçada por Krafft-Ebing, parte do orgasmo heterossexual adulto como a forma maior de prazer, apresentando-se, assim, como um conceito-chave para a categorização dos perversos. Para dar conta de uma vasta diversidade clínica, Freud introduziu os conceitos operacionais de *objeto* e *objetivo*, a partir dos quais se estruturaria a combinatória de todas as perversões possíveis.

Esses dois termos, aliás, saíram da descrição da heterossexualidade normal, tal como fornecida pelos mores comuns, e neles Freud propôs distinguir, de um lado, o próprio ser do parceiro — no caso, uma pessoa do sexo oposto —, o que ele denominou de *objeto sexual*, e de outro, o comportamento dos dois — no caso, a intromissão do pênis em ereção na vagina e a ejaculação —, a que ele deu o nome de *objetivo sexual* (Idem, p. 72).

Embora o trecho de *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* ao qual Lanteri-Laura (1994) faz referência não fale explicitamente em ejaculação e não exclua da sexualidade saudável o orgasmo feminino, é digno de nota que esse orgasmo deve provir do coito ou copulação, ou seja, a penetração do pênis na vagina, conforme é possível observar na definição de Freud da *meta sexual*, à qual Lanteri-Laura (1994) chama objetivo sexual por diferenças de tradução. Nas palavras de Freud (2016), “considera-se meta sexual normal a união dos genitais no ato denominado copulação, que leva à resolução da tensão sexual e temporário arrefecimento do instinto sexual (satisfação análoga à saciação da fome)” (FREUD, 2016, p. 40). Nesse sentido, a “resolução da tensão sexual”, seja ela da mulher ou do homem, deveria ocorrer por meio da “união dos genitais no ato denominado copulação”, ou seja, de penetração vaginal.

Nesse contexto, Lanteri-Laura (1994) observa que bastava modificar-se o *objeto* ou o *objetivo* sexuais de uma relação sexual, deslocando-os em relação àqueles que produziriam o orgasmo heterossexual, para se obter uma perversão. Dentre as anomalias sexuais ligadas ao objetivo, interessa-nos aqui o conjunto de perversões nas quais tomam-se “como objetivos sexuais comportamentos que, dentro da norma, destinam-se a preparar o coito, aumentando o prazer e a excitação, e que, nesse tipo de perversões, tornam-se a essência da atividade” (LANTERI-LAURA, 1994, p. 74). Nesse sentido, interpreta-se como perversão a transformação do dito prazer preliminar na atividade sexual em si mesma. Desse modo, “basta isolar um momento dessas preliminares, considerá-lo por si só e desligá-lo de sua função preparatória — efetuar um *cisma*, por assim dizer — para descobrir aí a imagem de uma perversão” (Idem, p. 76).

Dessa forma, Lanteri-Laura (1994) sustenta que, na teoria freudiana das perversões sexuais, todo o tipo de prazer que não servisse como preparação e não culminasse na *imissio membri in vaginam mulieris* deveria ser categorizado como perversão. A sexualidade perversa daqueles que derivavam o prazer dessas práticas, por sua vez, era considerado por Freud como “uma pequena sexualidade, uma sexualidade infantil, uma atividade cujo prazer talvez fosse masturbatório e que não tinha a qualidade do orgasmo heterossexual” (LANTERI-LAURA, 1994, p. 92). Segundo Lanteri-Laura (1994), tal qualificação da sexualidade desviante da genitalidade e da heterossexualidade como *infantil* e *masturbatória* possui “uma conotação, senão pejorativa, pelo menos minorativa” (Idem, p. 93).

Além da conceituação e classificação das perversões realizada em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud também estruturou uma interpretação psicanalítica do desenvolvimento da sexualidade feminina no artigo *Sexualidade feminina*, publicado originalmente em 1931. Baseando-se nesse artigo, Badinter (1985) defende que a teoria proposta por Freud a respeito da sexualidade feminina, “engendrou, no espírito de seus numerosos leitores, uma imagem determinada da mulher ‘normal’ e, em contrapartida, uma representação da desviante, da anormal, para não dizer da doente” (BADINTER, 1985, p. 297). Nesse sentido, segundo a autora, a sexualidade da mulher tida como normal pela psicanálise freudiana seria o resultado de um longo processo no qual a menina deveria aprender a tornar-se uma mulher verdadeiramente feminina, apta à procriação por meio do coito heterossexual e completamente conformada com o papel de esposa e mãe.

Assim sendo, na evolução feminina normal proposta por Freud em *Sexualidade feminina*, a menina, partindo de uma bissexualidade originária que deve ser superada, “deverá não só aprender a mudar de órgão de satisfação (do clitóris para a vagina), mas também de objeto de amor, transferindo para o pai a paixão que experimentou inicialmente pela mãe” (BADINTER, 1985, p.

299)¹⁴. Verificam-se, assim, duas características da mulher adulta normal: a heterossexualidade, ou seja, a atração sexual exclusiva pelo homem e o desejo centrado na vagina.

Descrevendo o processo de maturação sexual feminina idealizado por Freud ainda em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Laqueur (2001)¹⁵ afirma que, na perspectiva psicanalítica,

a sexualidade feminina migra de um ponto para outro, do clitóris masculinizado à vagina inegavelmente feminina. Entretanto, o clitóris não perde inteiramente sua função em resultado da curta mas significativa viagem do prazer. Mas torna-se o órgão *através do qual* a excitação é transmitida para as “partes sexuais femininas adjacentes”, para sua casa permanente, o verdadeiro ponto da vida erótica da mulher, a vagina (LAQUEUR, 2001, p. 280).

¹⁴O provável trecho de *Sexualidade feminina* ao qual Badinter (1985) faz referência é reproduzido a seguir: “há muito tempo compreendemos que o desenvolvimento da sexualidade feminina é complicado pelo fato de a menina ter a tarefa de abandonar o que originalmente constituiu sua principal zona genital — o clitóris — em favor de outra, nova, a vagina. Agora, no entanto, parece-nos que existe uma segunda alteração da mesma espécie, que não é menos característica e importante para o desenvolvimento da mulher: a troca de seu objeto original — a mãe — pelo pai. A maneira pela qual essas duas tarefas estão mutuamente vinculadas ainda não nos é clara” (FREUD, 2006, p. 137).

¹⁵O trecho de *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* ao qual Laqueur (2001) faz referência é: “querendo-se entender a transformação da menina em mulher, será preciso acompanhar as vicissitudes seguintes dessa excitação clitoridiana. A puberdade, que traz ao menino aquele grande avanço da libido, caracteriza-se na menina por uma nova onda de repressão, que atinge justamente a sexualidade clitoridiana. É uma parcela da vida sexual masculina que aí sucumbe à repressão. (...) Quando o clitóris é ele próprio excitado, no ato sexual enfim permitido, tem o papel de transmitir essa excitação adiante, às partes femininas vizinhas, mais ou menos como uma lasca de madeira resinosa é utilizada para pôr fogo numa lenha mais dura. (...) Se a transferência da excitabilidade erógena do clitóris para a vagina foi realizada com êxito, isso significa que a mulher mudou a zona diretriz de sua atividade sexual futura, enquanto o homem manteve a sua desde a infância” (FREUD, 2016, p. 141-142).

Essa mudança da morada satisfação sexual feminina do clitóris para a vagina, no entanto, não ocorreria de forma pacífica em muitas mulheres, que não conseguiriam atingir o orgasmo sem o estímulo clitoriano. Essas mulheres estariam recusando sua natureza feminina e precisariam, portanto, de tratamento. Ainda quando bem sucedida, a transição do órgão do prazer feminino do clitóris para a vagina seria um processo histórico, conforme aponta Laqueur (2001).

Para a mulher, a troca do clitóris para a vagina é aceitar o papel social feminino que só ela pode desempenhar. Toda mulher deve adaptar-se de novo à redistribuição de sensibilidade que favorece essa finalidade (...). Mas a neurologia não ajuda em nada. Muito ao contrário. Assim, a mudança é histórica, uma recatexe que funciona contra as estruturas orgânicas do corpo. Como o fenômeno do membro extirpado, envolve o sentimento de algo que não está lá. Tornar-se uma mulher sexualmente madura é, portanto, viver um paradoxismo, tornar-se uma “histórica normal” para o resto da vida, para quem uma neurose de conversão é considerada “aceitável” (Idem, p. 287).

O processo de maturação da mulher proposto pela psicanálise freudiana não se sustentou, porém, sem críticas, de forma que a suposta natureza histórica feminina e a patologização das mulheres que não fossem capazes de atingir o orgasmo por meio do coito vaginal foram intensamente questionados pela segunda onda do movimento feminista. Uma das críticas mais célebres da interpretação freudiana da sexualidade feminina foi produzida pela feminista norte-americana Anne Koedt em seu artigo *The Myth of the Vaginal Orgasm* (1970). Nesse clássico artigo, a autora aponta os motivos sociais que impelem a psicanálise a sustentar o chamado “mito do orgasmo vaginal”. Afirmando que o modelo de Freud interpreta a biologia feminina através de lentes patriarcais, a autora considera que o mito do orgasmo vaginal tem por objetivo perpetuar um modelo de sociedade em que a sexualidade da mulher seja subserviente aos desejos masculinos.

Nesse sentido, a autora observa que, diante das altas taxas de frigidez entre as mulheres,

em vez de rastrear as causas da frigidez feminina até as falsas suposições sobre a anatomia feminina, nossos “especialistas” declararam que a frigidez é um problema psicológico das mulheres. As mulheres que reclamaram foram indicadas a psiquiatras, para que pudessem descobrir seu “problema” — geralmente diagnosticado como uma falha em se ajustar ao seu papel de mulher (KOEDT, 1970, tradução minha)¹⁶.

Essas falsas suposições a respeito da anatomia feminina produzidas por psiquiatras e psicanalistas negariam o fato científico de que “há apenas uma área para o clímax sexual; essa área é o clitóris. Todos os orgasmos são extensões de sensação desta área” (Idem). Por outro lado, a vagina, considerada por Freud como órgão do prazer feminino maduro, não seria suficientemente vascularizada, sendo assim pouco adequada para a estimulação sexual. A esse respeito, Koedt (1970) aponta que “é sabido que as mulheres não precisam de anestesia dentro da vagina durante cirurgia, apontando assim para o fato de que a vagina não é, de fato, uma área altamente sensível”¹⁷ (Idem, tradução minha).

Indo mais longe em sua crítica, Koedt (1970) aponta os danos causados pela teoria freudiana à saúde física e mental de inúmeras mulheres, que, diagnosticadas como frígidas pela psicanálise, passaram a buscar tratamento para uma doença que de fato não existia.

É importante enfatizar que Freud não baseou sua teoria no estudo da anatomia da mulher, mas sim em seus pressupostos da mulher como um apêndice inferior do homem e seu consequente papel social e psicológico. Em suas tentativas de lidar com o problema resultante da frigidez em massa, os freudianos embarcaram em uma elaborada ginástica mental. Marie

¹⁶No original: “Rather than tracing female frigidity to the false assumptions about female anatomy, our “experts” have declared frigidity a psychological problem of women. Those women who complained about it were recommended psychiatrists, so that they might discover their “problem” — diagnosed generally as a failure to adjust to their role as women” (KOEDT, 1970, s/p).

¹⁷No original: “It has also been known that women need no anesthesia inside the vagina during surgery, thus pointing to the fact that the vagina is in fact not a highly sensitive area” (KOEDT, 1970, s/p).

Bonaparte, em *Sexualidade feminina*, chega a sugerir uma cirurgia para ajudar as mulheres a voltarem ao seu caminho de direito (...). Mas o dano mais severo não foi na área da cirurgia, onde os freudianos corriam absurdamente tentando mudar a anatomia feminina para se ajustar a seus pressupostos básicos. O pior dano foi causado à saúde mental das mulheres, que ou sofreram silenciosamente com a autocolpa, ou correram aos psiquiatras em busca desesperada da repressão oculta e terrível que lhes havia roubado seu destino vaginal (KOEDT, 1970, tradução minha)¹⁸.

Tal crítica aos preceitos freudianos a respeito da sexualidade feminina continuaram através das décadas. Em *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*, Badinter (1985) empreende um profundo questionamento das noções de feminilidade e maternidade estabelecidos pela psicanálise e pela psiquiatria. Conforme a autora, na teoria de Freud todas as mulheres “que demonstram virilidade, independência ou atividade são loucas. As que preferem fazer carreira a procriar e aquelas — em geral as mesmas! — que não renunciam a seus clitóris são todas ‘imaturas’, ‘regressivas’ e ‘personalidades incompletas’” (BADINTER, 1985, p. 334).

Outra teorização de Freud a respeito da sexualidade feminina combatida por Badinter (1985) é a pressuposição de que o prazer da mulher inclina-se naturalmente ao masoquismo. Questionando essa noção, a autora que aponta que

muitos psicanalistas continuam a pensar que a frigidez feminina durante o coito é o resultado de uma luta inconsciente contra seus desejos masoquistas,

¹⁸No original: “It is important to emphasize that Freud did not base his theory upon a study of woman’s anatomy, but rather upon his assumptions of woman as an inferior appendage to man, and her consequent social and psychological role. In their attempts to deal with the ensuing problem of mass frigidity, Freudians embarked on elaborate mental gymnastics. Marie Bonaparte, in *Female Sexuality*, goes so far as to suggest surgery to help women back on their rightful path. (...) But the severest damage was not in the area of surgery, where Freudians ran around absurdly trying to change female anatomy to fit their basic assumptions. The worst damage was done to the mental health of women, who either suffered silently with self-blame, or flocked to psychiatrists looking desperately for the hidden and terrible repression that had kept from them their vaginal destiny” (KOEDT, 1970, s/p).

e que a violação continua sendo o “sonho primitivo” de toda mulher. Parecem não dar importância — quando não as ignoram com desdém — às pesquisas realizadas pela sexologia. Como se fosse melhor desprezar os dados da experiência do que ter de reformular conceitos e teorias (BADINTER, 1985, p. 337).

As pesquisas realizadas pela sexologia às quais Badinter (1985) se refere dizem respeito a uma vasta extensão de estudos que reafirmam a importância do estímulo clitoriano para o orgasmo feminino, de maneira que se poderia interpretar a “frigidez” de muitas mulheres durante o coito como decorrente não de uma luta inconsciente contra sua natureza masoquista, mas da falta de estímulos nesse órgão durante as relações sexuais. A respeito do estado da arte da sexologia à época da publicação de seu livro, Badinter (1985) aponta que

o relatório Kinsey de 1953, fundado em entrevistas feitas com seis mil mulheres, concluía que “só existe o orgasmo clitoridiano, pois o orgasmo é provocado pelo clitóris”. Nos anos 1966-1970, Masters e Johnson reafirmaram que só há uma espécie de orgasmo feminino, e não duas; que os orgasmos, durante o coito, são provocados por uma estimulação indireta do clitóris e não por uma estimulação da vagina. No entanto, as estatísticas apresentadas pelos sexólogos praticamente não modificaram a opinião dos psicanalistas. Eles continuam a afirmar o primado da vaginalidade, como P. David, que “denuncia a ideia falsa (?) de uma superioridade do orgasmo clitoridiano em detrimento do gozo vaginal. Isso equivale a tomar demagogicamente o partido da neurose...” (BADINTER, 1985, p. 336).

Fazendo, ainda, referência a estudos posteriores, Badinter (1985) indica que

todos os relatórios posteriores sobre a sexualidade feminina confirmaram a importância do prazer clitoridiano. Segundo Giese, 85% das mulheres chegam ao orgasmo dessa maneira. O Relatório Hite (1974-76) inclui nesse caso 95% das mulheres, contra apenas 30% que dizem ter orgasmos durante o coito sem carícia do clitóris. A pesquisa realizada em 1979 pelo Frattce Magazine confirma os resultados precedentes (Idem, p. 335).

De maneira semelhante, Koedt (1970) também aponta as pesquisas de Kinsey e Masters e Johnson para sustentar seu argumento de que as teorias psicanalíticas freudianas a respeito da sexualidade feminina não se sustentam diante dos conhecimentos sobre a anatomia da mulher. Nesse sentido, a autora afirma que

hoje, com amplo conhecimento de anatomia, com Kelly, Kinsey, Masters e Johnson, para citar apenas algumas fontes, não há desconhecimento sobre o assunto. Há, no entanto, razões sociais para que esse conhecimento não tenha se popularizado. Estamos vivendo em uma sociedade masculina que não buscou mudar o papel da mulher (KOEDT, 1970, tradução minha)¹⁹.

Denunciando a resistência de alguns teóricos da psicanálise em rever certas partes problemáticas da teoria freudiana, questionadas tanto pelos dados empíricos quanto pela luta de libertação das mulheres, Koedt (1970) e Badinter (1985) apontam o abismo existente entre a prática psicanalítica e os anseios e desejos femininos. Nessa perspectiva, Badinter (1985) demonstra que,

habituada a interpretar as recusas da consciência como desejos inconscientes, ela [a psicanálise] conclui facilmente que, quando uma mulher afirma não ser mais masoquista do que um homem, ou não ser capaz de gozar vaginalmente, estas são apenas expressões invertidas de desejos reprimidos (BADINTER, 1985, p. 336).

Nesse sentido, seria impossível, para a psicanálise freudiana, que uma mulher pudesse não ser masoquista, uma vez que sua própria percepção como não-masoquista seria apenas a repressão de seu desejo verdadeiro, de ser violentada e possuída por um homem. Não encontrando sustentação nos relatos femininos²⁰, que

¹⁹No original: "Today, with extensive knowledge of anatomy, with Kelly, Kinsey, and Masters and Johnson, to mention just a few sources, there is no ignorance on the subject. There are, however, social reasons why this knowledge has not been popularized. We are living in a male society which has not sought change in women's role" (KOEDT, 1970, s/p).

²⁰Badinter (1985) ressalta que as ações e discursos das mulheres ao longo do século XX determinaram-se a questionar a existência de uma suposta e inescapável

muitas vezes questionaram a ideia de um masoquismo feminino essencial, alguns psicanalistas voltaram-se para a natureza, tentando explicar o masoquismo e a passividade feminina por meio da comparação com os comportamentos de cópula de outros animais.

Para melhor convencer da passividade própria à natureza feminina, Freud e depois H. Deutsch fizeram algumas analogias. (...) Observaram que o ‘comportamento sexual dos indivíduos machos e fêmeas durante o ato sexual é calcado no dos organismos sexuais elementares’. O macho agarra a fêmea e a penetra. Embora se mencionem casos de fêmeas ativas e agressivas no reino animal (aranha, grilo, certas borboletas), H. Deutsch conclui que ‘não passam de exceções à regra geral’, e que a passividade continua sendo a especificidade tanto da fêmea como da mulher. ‘Ouso dizer que essas equações fundamentais feminino-passivo e masculino-ativo encontram-se

“natureza feminina”, sustentada, dentre outras formas de conhecimento, pela psicanálise freudiana. De acordo com a autora, “na segunda metade do século XX, mulheres opuseram um desmentido irrecusável a essas definições da ‘natureza’ feminina. Provaram com suas ações que não eram constitucionalmente ‘passivas’ ou ‘masoquistas’, nem essencialmente ‘vaginais’. Na verdade, desde que entreabriram as portas de suas casas e invadiram as universidades, os tribunais, os hospitais ou os sindicatos, as mulheres mostraram que o ativismo, a independência e a ambição não eram apanágio dos homens. [...] Será fácil responder-nos que são apenas ‘reivindicadoras’, cuja ‘natureza’ foi deformada na infância por uma evolução psicológica infeliz, ou por uma imobilização patológica na fase pré-edipiana. Essas explicações já não nos podem satisfazer. [...] O mesmo acontece com o masoquismo, que devia, em princípio, marcar cada grande etapa da vida sexual feminina: a menstruação, a defloração, o parto. No que diz respeito à menstruação e ao parto, já se sabe que a dor que os acompanha não é inexorável. Se hoje as mulheres se recusam maciçamente a sofrer, não é isto uma prova de que a dor lhes repugna tanto quanto à outra metade da humanidade? [...] Não é certamente por acaso que, no momento mesmo em que tomaram a palavra, as mulheres gritaram a plenos pulmões que abominavam a violação e exigiam reparação para esse ultraje. Feministas encarniçadas ou ‘viris recalçadas’, as mulheres que já não suportam sofrer em silêncio e fingir apreciar esse sofrimento são cada vez mais numerosas. [...] Que pensar, por fim, daquelas que acreditaram ser frígidas porque durante séculos lhes repetiram que só existe orgasmo vaginal, e que, fora da vagina, não há salvação para as mulheres? Durante esse tempo, elas se calaram, envergonhadas de se sentirem anormais, julgando-se as únicas vítimas de uma maldição inconfessável” (BADINTER, 1985, p. 334-335).

em todas as culturas e todas as raças, sob formas diversas e em diferentes graus' (BADINTER, 1985, p. 305).

Apesar de suas ferrenhas críticas à interpretação freudiana da sexualidade feminina, Badinter (1985) reconhece que há esforços de determinadas vertentes da psicanálise de considerar os apelos feministas e reconhecer as origens patriarcais de alguns dos construtos teóricos psicanalíticos. Nesse contexto, a autora sugere que

certos psicanalistas não são insensíveis aos discursos das feministas. Mesmo que alguns, como Juliet Mitchell, se obstinem em demonstrar que nenhuma delas soube ler Freud, outros aguçam o ouvido, insistem na persistência da bissexualidade originária e na ideia de que Passividade e Atividade não são, respectivamente, o próprio da mulher e do homem. Mas, se o tema do masoquismo como "condição feminina característica" é posto em surdina, restam algumas "verdades primeiras" que ninguém pensa em rever. Entre elas, a inveja do pênis, lei universal da natureza feminina (BADINTER, 1985, p. 336).

Esboça-se, dessa forma, ao longo dos séculos XIX e XX, a construção médica, psicanalítica e discursiva da mulher considerada sexualmente normal. Ora considerado desimportante por não ser necessário à reprodução da espécie, ora constrito ao objetivo único de obtenção do orgasmo heterossexual via penetração vaginal, o prazer feminino foi mobilizado por muitas teorias psiquiátricas e psicanalíticas com o objetivo de identificar as mulheres consideradas "anormais". No entanto, são justamente as histórias dessas mulheres consideradas perversas, frígidas e inadequadas que este estudo busca focalizar.

2.3. A dominatrix: ativa, sádica e inversora

Apesar de todo o esforço da psiquiatria do século XIX e da psicanálise de Freud e seus discípulos de circunscrever a sexualidade feminina normal ao coito heterossexual vaginal, ao masoquismo e à passividade, muitas mulheres não se encaixam

nesses padrões de comportamento sexual, exibindo sexualidades desviantes ou não-normativas. Nesse sentido, as dominatrixes, mulheres que assumem o papel de dominadoras nos jogos de BDSM, podem ser compreendidas como antíteses das mulheres normais concebidas por Krafft-Ebing e Freud.

As práticas de BDSM, de uma forma geral, apresentam-se por si sós como antitéticas em relação a muitos dos preceitos de normalidade sexual desenvolvidos pela psiquiatria do século XIX e pela psicanálise de Freud, já que se tratam de atividades eróticas que muitas vezes não têm como finalidade o coito e, muito menos, a reprodução. Além disso, as posições de dominador e submisso — e, conseqüentemente, de atividade e passividade — não são atreladas a identidades de gênero específicas, sendo que tanto mulheres quanto homens podem ocupar os papéis de dominadores e submissos. Nesse sentido, Gregori (2015) observa que, nos jogos eróticos de BDSM,

as posições ocupadas pelas pessoas e as interações estabelecidas entre elas não são pautadas pelo sexo biológico dos parceiros. Ser mulher ou homem não é critério de dominação ou de submissão. Também não há uma exigência de que essas posições sejam estipuladas a partir da orientação sexual. É possível que um heterossexual seja sub ou mestre de alguém do mesmo sexo. Também, há a possibilidade de o jogo erótico envolver uma relação sem, necessariamente, haver sexo (GREGORI, 2015, p. 254).

Assim sendo, a própria configuração das práticas BDSM como independentes do coito, da heterossexualidade e dos papéis tradicionais de gênero situa esses jogos eróticos no escopo das sexualidades ditas desviantes da normalidade. Dessa forma, a observação das práticas das dominatrixes e do sujeito analisado nesta pesquisa, E. A., demonstram que a ocupação das posições de dominância pelas mulheres no BDSM apresenta-se como uma alternativa às normatizações do prazer feminino sustentadas por algumas vertentes da psiquiatria e por determinadas interpretações da psicanálise.

Em seus vários *blogs* e *sites* pessoais, a dominadora E. A., também conhecida como Rainha Frágil, reitera que não gosta de ser penetrada em relações sexuais. Nesse sentido, a dominatrix conta que, apesar de gostar de sexo, a penetração vaginal foi um atividade que só realizou devido à pressão social que recai sobre as mulheres, conforme é possível observar no Exemplo 02:

Ex 02 (*Blog 4*, 2017): Eu gostava de transar porque gostava de beijos, aqueles corpos suando... Mas nunca gostei de ser penetrada. E não gosto ainda. Perdi a virgindade porque todas as meninas já tinham perdido menos eu.

Essa pressão para que as mulheres realizem e se satisfaçam com o coito heterossexual é retratada nas narrativas de memória de Rainha Frágil em outra postagem, na qual ela argumenta que o diagnóstico de frigidez nada mais é que uma manifestação do machismo da sociedade, conforme se pode verificar no Exemplo 03:

Ex 03 (*Blog 2*, 2003): Não tenho nada contra ser penetrada mas não morro de tesão. Me excita mais a submissão e todo o erotismo que a envolve. Gosto de me tocar enquanto vejo cenas que humilhem meus escravos. (...) Por isso é tão importante se falar na Dominação Feminina. Porque vai além desses mitos tolos. Eu transaria de todo o jeito se gostasse. Aliás, já transei muito no universo baunilha onde não há mesmo espaço para você dizer que não gosta. Iam me chamar de frígida... Engraçado (de novo), homem perde a POTÊNCIA e mulher perde a QUENTURA. Eita, universo machista... Mas eu gozo! (...) Não, nem vem com essa história que fui mal comida. Sempre fui muito amada e encontrei homens muito legais. Mas não gosto mesmo... e Pronto!

Nesse exemplo, a dominadora expressa sua preferência por práticas sexuais outras, como a masturbação e a humilhação de seus escravos, em detrimento da penetração vaginal. A autora aponta, no entanto, que no universo “baunilha”, ou seja, exterior ao

universo do BDSM, em que imperam as práticas eróticas tidas como normais e socialmente aceitáveis, ela seria chamada de frígida por não gostar de ser penetrada. Nesse sentido, a dominatrix contrapõe o mundo do BDSM, e em especial da Dominação Feminina, em que suas preferências não são questionadas, ao mundo do sexo baunilha, em que seria rotulada de “frígida” ou “mal comida”.

A autora confessa, ainda, que já manteve relações sexuais baunilha, e que nesse universo “não há mesmo espaço para você dizer que não gosta”, implicando que manteve em segredo seu desinteresse pelo coito vaginal nessas situações, de forma a não ser julgada por seus parceiros. Ainda no Exemplo 03, verifica-se que a dominadora questiona as diferentes denominações médicas atribuídas às disfunções sexuais masculinas e femininas. Enquanto os homens que não conseguem performar o coito são chamados de impotentes, perdendo portanto sua potência sexual, as mulheres que não sentem prazer nessa prática são chamadas de frígidas, ou seja, frias, que não possuem quentura. Colocando essas diferentes denominações em foco, a dominadora mostra seu descontentamento com os papéis sexuais de gênero, que prescrevem que o homem deve ser potente e a mulher quente durante o sexo.

O caráter transgressivo das atividades eróticas de Rainha Frágil em relação às normatizações patriarcais da sexualidade feminina manifesta-se de maneira mais explícita nas postagens em que a dominatrix narra suas práticas de inversão de papéis. Dentre as práticas da Dominação Feminina, a inversão de papéis consiste na penetração do corpo do submisso do sexo masculino pela dominadora do sexo feminino por meio de uma cinta peniana ou *strap on*. O potencial transgressor dessa prática é expresso pela autora no Exemplo 04:

Ex 04 (*Blog 4*, 2015): Eu gosto de foder meus escravos. Gosto de fodê-los bunda e cabeça. Gosto de transgredir. A penetração é eu dentro deles. Invadindo, incorporando. Ultrajando, virando do

avesso... Isso é um tesão. Isso me dá prazer. Eu gosto de foder HOMENS... Com muitos HHHHHHH. Sedutores, inteligentes, generosos, admiráveis. Eles precisam estar inteiros para que eu possa quebrá-los. Gosto de foder HOMENS vestidos de MULHER. HOMENS no melhor sentido dessa palavra.

A descrição da inversão de papéis é explícita no Exemplo 04, em que a dominatrix narra sua satisfação em sodomizar seus submissos do sexo masculino. O caráter transgressivo dessa prática é assegurado pela própria Rainha Frágil, que a descreve como o ato de virar o homem do avesso. Outro aspecto interessante das práticas da dominadora realçado por esse exemplo é o fato de E. A. apreciar a prática da inversão com homens enquanto estes estão vestidos de mulher. Esse fetiche²¹, chamado de feminização, ocorre quando o submisso do sexo masculino veste-se com roupas ou adereços femininos, de forma a performar algum grau de feminilidade.

É curiosa, no Exemplo 04, a grafia em letras maiúsculas dos termos *homens*, *mulher* e da letra *H*. Em sua primeira ocorrência, nos períodos “eu gosto de foder HOMENS... Com muitos HHHHHHH”, a Rainha Frágil realça que seu objeto de desejo é o sexo masculino. A necessidade de reafirmação desse objeto ocorre porque a autora atribui, em sua narrativa, o papel passivo a esses homens. Ao descrever-se como aquela que performa o papel ativo nas relações sexuais, reservando aos homens o papel passivo, a dominadora desafia uma divisão de papéis sexuais datada da psiquiatria do século XIX e cristalizada no senso comum.

Segundo Chauncey (1982), a ideia de que o homem seria possuidor de uma insaciável agressividade sexual, em contraposição a uma aparente passividade e apatia feminina diante da sexualidade, intensificou-se na sociedade ocidental — e na

²¹Reconhece-se que o termo *fetichê* é um conceito utilizado na psicanálise e em outras áreas do conhecimento. Nesta pesquisa, contudo, esse termo será utilizado com o sentido genérico de prática, impulso ou desejo erótico considerado anormal ou desviante em relação às normatizações sociais da sexualidade.

Inglaterra Vitoriana, especificamente — a partir das últimas décadas do século XIX. Essa ideologia vazou para a medicina e sexologia da época, que considerava patológica qualquer expressão sexual da mulher. Nesse sentido, o autor conclui que

a afirmação vitoriana da agressividade sexual masculina e da negação do interesse sexual feminino estabeleceu a estrutura lógica para as primeiras investigações médicas sobre o desvio sexual (...) A principal corrente da ideologia sexual vitoriana declarou que as mulheres eram desprovidas de paixão e assexuais, objetos passivos do desejo sexual dos homens. Nas décadas de 1880 e 90, como Havelock Ellis observou em 1903, essa crença estava tão profundamente enraizada na tendência do pensamento médico que muitos sexologistas consideravam patológica a expressão do desejo sexual de uma mulher, mesmo em sua vida romântica (CHAUNCEY, 1982, p. 117-118).

Nessa repartição binária dos desejos e comportamentos sexuais, aqueles que desviassem de seus papéis sociais e sexuais eram considerados “invertidos”. Desse modo, no final do século XIX uma mulher poderia ser diagnosticada como invertida por expressar seus desejos sexuais de maneira “masculina” ou “agressiva”, enquanto um homem poderia ser considerado invertido ao se travestir ou apresentar voz afina ou afeminada, ou mesmo ao encontrar dificuldade em realizar comportamentos tipicamente considerados como masculinos, como fumar e assobiar (CHAUNCEY, 1982). Não soa estranho, assim, que o nome do fetiche relatado pela dominadora no Exemplo 04 seja inversão de papéis, uma vez que ambos os participantes do ato sexual performam papéis sexuais opostos àqueles que social e historicamente são esperados de uma mulher e um homem.

Nessa perspectiva, ambos os envolvidos nesse jogo erótico seriam tradicionalmente diagnosticados como inversores pela medicina do século XIX: a mulher dominadora por seu comportamento sexual ativo, agressivo e masculino, materializado em seu desejo de “apossar-se” do corpo do homem, penetrando-o ao invés de ser por ele penetrada, e o homem submisso por seu

comportamento sexual passivo e por sua utilização de trajes e adereços femininos.

O fetiche da inversão de papéis é amplamente descrito nos *sites* e *blogs* da dominatrix, figurando também no Exemplo 05, em que a dominadora ressalta seu desejo de postar-se de forma ativa e exercer poder sobre seus submissos nas sessões de BDSM:

Ex 05 (*Blog 4*, 2008): Eu gosto de penetrar meus escravos e pensar que são meus homens e eu faço com eles o que desejar. O que sinto é poder. E eu gosto dessa sensação. Porque eu posso bater, posso marcar, posso usar. E posso penetrar também. E posso fazer o homem. E posso ser mulher. E posso ser um cão ou uma cadela, se eu desejar.

Além da clara expressão feminina de desejo e potência sexuais, o Exemplo 05 evidencia também o sadismo da dominadora, que fica explícito no trecho “eu posso bater, posso marcar, posso usar”. A identificação de Rainha Frágil como uma dominadora sádica é mais uma das características de sua sexualidade que a inscrevem no campo da não-normatividade. Desafiando as teorizações de algumas vertentes psicanalíticas de que a mulher seria masoquista por natureza, a dominatrix ressalta seu prazer em fazer sofrer o corpo masculino. A descrição do sadismo, comum nas narrativas de memória de E. A., por vezes chega a minúcias em que a autora detalha os procedimentos empregados para torturar e humilhar seus submissos e as marcas que deixa em seus corpos, conforme é possível observar no Exemplo 06:

Ex 06 (*Site 1*, 2001): Meu orgasmo não é meramente físico. Ele é mais psicológico, creio. Meu tesão está justamente na cena em si. No resultado final dos nós que criei. Das maldades que fiz. Me excitam marcas de chicote formando pequenas trilhas nas costas. Me excitam a humilhação e a degradação. É visual. Excita o afago nos mamilos doloridos por clips, pregadores e outras quinquilharias que vou encontrando por aí.

Descrevendo o processo que a leva ao clímax sexual, a dominadora conta que são justamente as “maldades” que faz com seus submissos que lhe dão prazer. Ao falar do “resultado final dos nós” que criou, a dominatrix faz alusão às amarrações com cordas que pratica nos corpos de seus escravos, com vistas a restringir seus movimentos. O espancamento com chicotes e a tortura nos mamilos por cliques e pregadores demonstra seu gosto em aplicar dor sobre esses mesmos corpos, enquanto que a degradação faz menção a práticas em que a dominadora humilha verbalmente o dominado.

Circunscrevendo seu prazer sexual à produção de sofrimento em corpos outros, a vivência de Rainha Frágil transgridem as normatizações da sexualidade feminina. Nesse sentido, a dominatrix não só não sente prazer em apanhar ou ser humilhada, não sendo, portanto, masoquista, mas também desfruta de muito gozo ao fazer sofrer o submisso, apresentando-se assim como sádica.

Até mesmo a heterossexualidade, considerada o único modelo de sexualidade normal pela psiquiatria do século XIX e pela psicanálise de Freud, é questionada nos relatos de E. A., conforme se pode verificar no Exemplo 07:

Ex 07 (*Blog 1, 2002*): Já muitas vezes me perguntei.. Busco a Mulher no outro?? Sim, busco. Mas não a Mulher que sei Dominadora.. Uma 'm'ulher feita as pressas.. educada somente para o amor..talvez...Acho que é isso.. Eu não conseguiria dar um tapa sequer em uma Mulher. Na minha cabeça os homens é que existem para isso.. para serem objeto. Já as Mulheres foram feitas para o Amor.

Utilizando-se de recursos linguísticos para discernir diferentes tipos de feminilidades, a dominadora separa as *Mulheres*, Dominadoras natas e feitas para serem amadas e adoradas, e as 'm'ulheres feitas às pressas, homens travestidos e educados a receberem tapas e a servir. Ao buscar 'm'ulheres para sua satisfação sexual, a dominatrix confessa estar buscando a Mulher no outro, mas esta também é uma mulher outra, diferente da própria Rainha

Frágil. Nesse jogo entre Mulher e 'm'ulher, é possível falar em heterossexualidade?

Ainda nesse contexto, é válido o questionamento do quão subversivas em relação aos papéis tradicionais de gênero são as práticas fetichistas da Rainha Frágil e de seus submissos. Nos relatos da dominatrix, a penetração, a flagelação e a dominação dos corpos masculinos se dão, muitas vezes, quando estes se encontram feminizados, de forma que é possível argumentar que esses fetiches reafirmam discursos que associam, por um lado, a feminilidade à passividade e ao masoquismo e, por outro, a masculinidade à atividade e ao sadismo.

Mesmo que essa leitura seja pertinente, optei nesta pesquisa por realçar o aspecto transgressivo das práticas da dominadora ao invés do aspecto reiterativo dos papéis cristalizados de gênero que elas podem representar. Essa decisão, que não deixa de ser uma decisão política, decorre, principalmente, de minha experiência biográfica. Nascida em uma cidadezinha do interior de São Paulo e criada com valores conservadores, até adentrar na universidade eu jamais imaginaria possível que um homem trajasse vestes e acessórios femininos, e muito menos que tivesse seu corpo penetrado e castigado por uma mulher. Os enrijecidos papéis de gênero e sexualidade que eu aprendera em minha cidade natal nunca me permitiriam vislumbrar alternativas outras à conformação de homem e mulher a uma suposta "ordem natural" dos desejos e prazeres. Nesse sentido, a opção por enquadrar as práticas sexuais da dominadora Rainha Frágil como transgressoras advém de minha experiência pessoal de grande surpresa diante do descobrimento do BDSM e da flexibilização ou mesmo inversão das dinâmicas de poder entre os gêneros que ele proporciona.

Procurando despatologizar e humanizar as práticas sexuais não-normativas e aqueles que as realizam, procurei destacar as facetas mais subversivas e insurgentes da subcultura do BDSM e, em especial, da Dominação Feminina. Esse recorte não exclui, contudo, as críticas que podem ser tecidas às práticas sadomasoquistas que buscam somente inverter de maneira irrefletida os lugares da

mulher e do homem nas estruturas de poder de nossa sociedade. Nesse sentido, mais do que articular um endossamento imponderado dessas práticas, procurei dar visibilidade e dignidade às identidades dos adeptos do BDSM, enfocando os escritos íntimos de uma mulher que ousa vivenciar sua sexualidade de maneira distinta do que ditam as normatizações sociais.

Tendo em vista minha escolha como pesquisadora de evidenciar as facetas transgressivas das práticas fetichistas descritas na narrativas de memória de E. A., é possível concluir, por meio da análise dos trechos dos *sites* e *blogs* da dominatrix, que suas atividades eróticas encontram-se em não-conformidade com algumas das teorizações da psiquiatria e da psicanálise a respeito da sexualidade feminina. Negando-se a cercar seu prazer à prática do coito vaginal, a dominadora conta não gostar de ser penetrada, atingindo o clímax por meio de práticas outras como a masturbação, a inversão de papéis e o sadismo. Subvertendo os papéis sexuais de gênero, ela veste seus submissos com roupas femininas e os categoriza como 'mulheres, colocando até mesmo a heterossexualidade mandatária em xeque.

Não é incomum que os adeptos do BDSM pareçam contradizer as bases da psiquiatria do século XIX e da psicanálise freudiana. Segundo Gregori (2015), “muito do que é praticado nas experiências SM apresenta um diálogo crítico e, em forma de paródia, tendo como referências Freud e, mais precisamente, Richard von Krafft-Ebing — sexólogo a cunhar, no final do século XIX, o sadismo e o masoquismo como psicopatologias” (GREGORI, 2015, p. 250). Nessa perspectiva, é possível sustentar que a dominatrix Rainha Frágil apresenta, em suas narrativas de memória, um dialogismo paródico e crítico em relação às obras médicas e psicanalíticas do século XIX a respeito das perversões sexuais.

CAPÍTULO III

As possibilidades de representação identitária proporcionadas pela Internet: a formação e publicação de arquivos de si de autoria feminina

Quero este blog para as mazelas mesmo. Como aqueles diários que eu escrevia quando era menina. Um dia queimei mais de 15 cadernos de uma vez... Não dava pra carregar tudo aquilo pra sempre né? Mas eu gostava de voltar e reler vez ou outra. Eu gostava de ver como eu havia mudado, então. Claro que era adolescência quando tudo muda radicalmente todo os dias... (Rainha Frágil)

3.1. Um (breve) percurso histórico da narrativa autobiográfica e da escrita erótica feminina

O ato de contar histórias é quase tão antigo quanto a própria humanidade. A narração e rememoração de eventos e acontecimentos pode ser observada em produções orais e escritas desde os primórdios da linguagem humana (PIMENTEL, 2011). No entanto, conforme se evidenciou no Capítulo I, foi apenas no século XVIII com o estabelecimento dos ideais individualistas burgueses que o discurso íntimo e as narrativas autobiográficas começaram a se manifestar na literatura ocidental. No início do século XIX, a popularidade desses escritos aumentou significativamente com a publicação de diários íntimos.

Com a facilitação do acesso ao computador e à Internet no final do século XX, o discurso íntimo também passou a ser produzido no ciberespaço. Segundo Pimentel (2011), foi a partir de 1994, com a disseminação de *sites* e *blogs* pessoais, que a produção autobiográfica adentrou de fato o espaço virtual.

Tendo em vista as novas possibilidades que os domínios virtuais apresentam para as narrativas autobiográficas, este capítulo pretende analisar as especificidades que esse tipo de narrativa assume nos suportes digitais e, especificamente, em *sites* e *blogs* pessoais. Para tanto, apoia-se na materialidade dos *blogs* e *sites* pessoais da dominadora Rainha Frágil, de forma a traçar as continuidades e descontinuidades entre as narrativas autobiográficas produzidas no papel e aquelas desenvolvidas em suportes digitais.

Nesse sentido, considerando que o entendimento das questões de gênero que acompanham a autoria feminina são de grande importância para a compreensão da escrita de si da dominadora, é preciso, inicialmente, traçar um panorama histórico do estatuto atribuído à escrita feminina e, especificamente, às produções íntimas e confessionais de mulheres ao longo dos últimos séculos. Nessa perspectiva, perscrutando a escrita de autoria feminina na composição de arquivos históricos, Perrot (2006) constata que as produções de mulheres são mais facilmente encontradas em arquivos privados, nos quais predomina a escrita íntima, do que em arquivos públicos. Segundo a autora, o arquivo francês de “escritas da vida cotidiana” composto por mais de duas mil autobiografias, cartas e diários organizado por Philippe Lejeune, em 1993, tinha metade de seus documentos escritos por mulheres. Conforme assinala Palma (2017), essa igualdade de gênero na representação autoral é incomum se comparada a acervos de outras naturezas, nos quais predominam autores do sexo masculino.

Tendo em vista a proporção incomum da autoria feminina desses escritos íntimos, Perrot (2006) afirma que a “correspondência, [o] diário íntimo [e a] autobiografia não são gêneros especificamente femininos, mas se tornam mais adequados às mulheres justamente por seu caráter privado” (PERROT, 2006, p. 28). Nessa perspectiva, Palma (2017) observa que os gêneros discursivos restritos ao universo doméstico, incluindo as narrativas autobiográficas e os diários,

têm um longo histórico vinculado ao universo íntimo de mulheres letradas. Avalia-se que eles ajudaram a traçar espaços de autodefinição feminina, ao permitir que suas autoras se afirmassem como “eu”, podendo, logo, elaborar a si mesmas a partir de uma perspectiva subjetivada (PALMA, 2017, p. 11).

Talvez justamente por seu potencial de subjetivação e de autoafirmação a escrita íntima das mulheres tenha se mantido tão popular mas, paradoxalmente, tão pouco publicada. Aliás, segundo Perrot (2006), não é raro que os escritos íntimos de mulheres sejam destruídos, ao final de suas vidas, por elas mesmas ou por seus descendentes. Conforme a autora observa, o ato de arquivamento pessoal é carregado de poder, e, portanto, geralmente reservado aos patriarcas e chefes de família. Nesse contexto, os escritos femininos são, muitas vezes, tidos como desimportantes e, por isso, descartáveis. Explica-se, dessa forma, a escassez de arquivos pessoais de mulheres pelo fato de que o próprio ato de organizar arquivos, conservá-los e guardá-los “supõe uma certa relação consigo mesma, com sua vida, com sua memória. Pela força das coisas, é um ato pouco feminino” (PERROT, 2006, p. 30).

Outra questão fundamental para o entendimento do arquivamento da escrita feminina é a noção de que, além da capacidade de definir-se como um sujeito histórico, aquele que procura manter um arquivo de si deve possuir as condições materiais para o acúmulo de documentos. Nesse sentido, os suportes digitais podem agir como facilitadores da produção de arquivos pessoais, não só de mulheres, mas de grupos historicamente subalternizados em geral, já que oferecem um espaço virtual praticamente ilimitado para armazenamento de informações. Sem as restrições do espaço físico, o ciberespaço possibilita que qualquer pessoa com acesso a um computador e à Internet crie e distribua conteúdo para todo o mundo.

Nessa linha de pensamento, Pierre Lévy (1999b) defende que o ciberespaço pode proporcionar uma sociedade mais democrática, pois possibilita uma comunicação “de todos para todos”. Em contraste, a imprensa tradicional, a edição, o rádio e a televisão

funcionariam segundo um esquema de estrela ou “de um para todos”, enquanto que o correio e o telefone desenhariam um esquema em rede, ou seja, “de um para um”. Nesse ponto de vista, os meios de comunicação impressa e, principalmente, as editoras, apresentam-se como disseminadores de informação que possuíam, até o advento da Internet, o monopólio de decisão sobre o que era e o que não era publicado.

Esses meios de comunicação tradicionais, considerando as narrativas autobiográficas de mulheres como desinteressantes ou desimportantes (PERROT, 2006), davam e ainda dão preferência às obras produzidas por homens. Entretanto, com a popularização do ciberespaço, observa-se um processo de *desintermediação*, ou seja, a eliminação dos intermediários entre os produtores de conteúdo e seus consumidores. Nas palavras de Lévy (1999b),

até agora, o espaço público de comunicação era controlado através de intermediários institucionais que preenchiam uma função de filtragem e de difusão entre os autores e os consumidores de informação: estações de televisão, de rádio, jornais, editoras, gravadoras, escolas, etc. Ora, o surgimento do ciberespaço cria uma situação de *desintermediação*, cujas implicações políticas e culturais ainda não terminamos de avaliar. Quase todo mundo pode publicar um texto sem passar por uma editora nem pela redação de um jornal (LÉVY, 1999b, p. 45).

Esse processo, segundo o autor, possibilitaria uma liberdade de expressão sem precedentes, ainda que, nos casos de narrativas autobiográficas, e, especialmente, daquelas de cunho erótico, haja uma limitação do que é possível postar no ciberespaço devido às repercussões sociais que a publicação desses materiais poderia originar. Nesse sentido, ainda que a liberdade de expressão proporcionada pelo ciberespaço não seja plena, é evidente que os conteúdos eróticos, tão censurados e filtrados nas mídias de comunicação tradicionais, são facilmente acessados na Internet. No caso específico dos *blogs* pessoais criados por dominatrixes, que são o foco desta pesquisa, observa-se que a desintermediação permite

que uma temática que ainda é tratada como tabu social, as relações BDSM, seja abordada sem impedimentos editoriais ou morais.

A relativa liberdade de expressão propiciada pela desintermediação é ainda mais decisiva para as produções eróticas sadomasoquistas de autoria feminina. As narrativas produzidas por mulheres enfrentam, por si só, dificuldades de publicação nas mídias impressas tradicionais, de modo que as textualidades eróticas de autoria feminina são ainda incipientes diante de cânones literários e mercados editoriais majoritariamente masculinos e regidos por ressalvas morais a respeito da sexualidade. Nesse cenário, as narrativas eróticas da dominatrix Rainha Frágil, que retratam atividades que desestabilizam as relações sociais de poder entre homens e mulheres, mostram-se como produções de difícil penetração da imprensa tradicional.

É importante notar também que, mesmo quando as produções eróticas de autoria feminina são publicadas por editoras ou por outros veículos de informação de massa, passam sempre por revisões e edições, que, muitas vezes, buscam tornar os textos mais vendáveis ou palatáveis ao público. Nesse sentido, Palma (2017) afirma que as produções autobiográficas publicadas pelas mídias tradicionais são sempre “expressão da movimentação de uma língua que foi parcialmente domada pelas dinâmicas editoriais e tradutórias” (PALMA, 2017. p. 21). Em outras palavras, “o diário-livro não é o diário-arquivo, passou por um processo de amansamento de linguagem. Na ação de outrem, os textos foram mutilados, compilados, alterados, linearizados, submetidos a encadeamentos de traduções e a transposições de suportes” (Idem).

Tendo em vista que a edição e o amansamento do texto são pré-requisitos para a publicação no suporte de papel, o ciberespaço desintermediado apresenta-se como um espaço “muito mais inclusivo do que todos os meios de comunicação anteriores” (LÉVY, 2012, p. 375), no qual a dominadora, assim como outros sujeitos praticantes de atividades eróticas não-normativas, podem postar suas narrativas autobiográficas sem qualquer censura prévia ou alteração editorial. Por permitir “a expressão pública a todos os

indivíduos, grupos, instituições e comunidades” (Idem), a Internet faz com que “as trancas do acesso à esfera pública”(Idem) rompam-se “umas depois das outras” (Idem). Nesse sentido,

nem os editores, nem os redatores-chefes de revistas ou jornais, nem os produtores de rádio ou televisão, nem os responsáveis por museus, nem os professores, nem os Estados, nem os grandes grupos de comunicação podem mais controlar as informações e mensagens de todos os tipos que circulam na nova esfera pública (LÉVY, 2012, p. 371).

Ainda que o otimismo de Lévy (2012) em relação ao ciberespaço e à desintermediação que ele propicia possa ser considerado utópico, as ponderações do autor servem a esta pesquisa no sentido em que apontam para a possibilidade de mobilização da Internet para a expressão de minorias sociais, que encontram nessa plataforma maior facilidade para tornar públicos os seus escritos. Diante dessa relativa liberdade de expressão propiciada pelo ciberespaço, questiona-se, então, como a Internet transforma as narrativas autobiográficas, e como essas narrativas produzidas e publicadas na rede aproximam-se ou distanciam-se das narrativas tradicionais, redigidas sobre o papel. Para tanto, é preciso compreender o conceito de suporte (LIMA-LOPES, 2018) e como ele influencia na produção de textualidades.

3.2. A noção de suporte

Inicialmente relacionada, na área da comunicação, às diferentes materialidades utilizadas nas produções artísticas, a noção de suporte diz respeito às potencialidades técnicas dos meios que influenciam na criação de conteúdo. Nesse sentido, considerando as diferentes possibilidades e linguagens suportadas por cada mídia, Lima-Lopes (2018) considera que as produções textuais são “fruto das potencialidades do suporte e do uso social da tecnologia” (LIMA-LOPES, 2018, p. 15). Dessa forma, “os processos tecnológicos não modificam as práticas comunicacionais

simplesmente, mas são parte integrante de nossa percepção da linguagem e do mundo” (Idem).

Inspirando-se na máxima de McLuhan (2003) *o meio é a mensagem*, Lima-Lopes (2018) concebe uma noção de suporte que se assemelha à noção mcLuhiana de *meio*. Assim sendo, os suportes podem ser compreendidos como potenciais materiais que regulam as possibilidades comunicacionais. Sendo o suporte determinante para a produção da mensagem, é razoável considerar que, com o desenvolvimento e disseminação da Internet no final do século XX e, principalmente, a partir da popularização dos *blogs* pessoais a partir de 1994, a escrita autobiográfica realizada em suportes digitais difere de maneira significativa daquela produzida no suporte de papel.

Para compreender o processo de informatização da cultura empreendido nas últimas décadas, bem como seus efeitos nos suportes e nas produções textuais por eles determinadas, Lima-Lopes (2018) evoca o pensamento de Manovich (2001). Segundo esse autor, uma das consequências da informatização da sociedade é a equiparação, nos meios digitais, dos suportes midiáticos, uma vez que o computador processa todas as informações como 0 ou 1. Assim sendo, Lima-Lopes (2018) argumenta que “aquilo que Manovich (2001) chama de representação numérica acaba por universalizar os suportes; a binariedade iguala as diferentes mídias em um nível de constituição profunda daquilo que vemos na tela de um computador ou de um celular” (LIMA-LOPES, 2018, p. 23).

Tal equiparação dos suportes nos meios digitais, por sua vez, leva os meios digitais “a serem modulares, já que neles podem ser encaixados diferentes textos, modos e linguagens” (Idem). Ainda sustentando-se na teoria de Manovich (2001), Lima-Lopes (2018) afirma que “o exemplo mais claro, e talvez mais banal, dessa realidade, são os *templates* de *blogs* e sítios de internet, que nos permitem inserir diferentes conjuntos de dados, combinando-os de acordo com seu potencial técnico e nossa capacidade operar tais mídias” (Idem). Constata-se, nessas afirmações, uma diferença fundamental entre os suportes de papel e os digitais: estes são

regidos pelas lógicas da modularidade e da equiparação de diferentes suportes midiáticos, enquanto que aqueles não são.

Tendo em vista as especificidades e possibilidades dos suportes digitais, busca-se compreender como essas potencialidades transformam as produções textuais de cunho autobiográfico de autoria feminina. Para tanto, é preciso estudar as características das materialidades que suportam tais narrativas no *corpus* desta pesquisa: os *sites* e *blogs*, que nada mais são que domínios virtuais formados por múltiplas páginas *web*.

3.3. A página *web* e as possibilidades dos suportes digitais

Segundo Pimentel (2011), “*blogs* são diários eletrônicos ou diários virtuais divulgados na Internet. O termo é uma corruptela de WEBLOG (WEB – a rede de computadores mundial – e LOG – tipo de diário de bordo)” (PIMENTEL, 2011, p. 9). Se o *blog* é um diário virtual, ele pode ser compreendido como composto por diferentes páginas *web*, assim como o diário de papel é constituído por folhas de celulose preenchidas por textos verbais e não-verbais. Essa diferença de suporte já marca contrastes significativos entre as narrativas de cunho autobiográfico produzidas no papel e aquelas publicadas em *blogs*.

Uma das características mais reiteradas da página *web* é sua multimodalidade. Segundo Lemke (2006), “multimodalidade refere-se à combinação ou integração de vários sistemas de signos ou sistemas de recursos semióticos como linguagem, representação, gestos, matemática, música, etc.” (LEMKE, 2006, p. 3). O autor também ressalta que a realidade material da comunicação é inerentemente multimodal, já que todo meio físico carrega signos abstratos que podem ser interpretados por meio de outros sistemas de significado. Em outras palavras, é impossível criar significado por meio de um único sistema de recursos semióticos (LEMKE, 2002). Nessa perspectiva, tanto a página *web* que constitui os *blogs* quanto a página de papel que sustenta as narrativas autobiográficas tradicionais podem proporcionar uma

comunicação multimídia e multimodal. Nesse sentido, uma das maiores diferenças entre esses dois tipos de página são as mídias que elas suportam: a página *web* suporta não só textos escritos e imagens estáticas, tal qual a página de papel, mas também imagens em movimento (gifs e vídeos) e sons.

Na página de papel, a multimodalidade pode ser observada por meio da própria escrita, uma vez que a caligrafia ou a escolha de uma fonte, de um tamanho e de uma cor de texto específicos sempre carrega significados visuais. Além disso, conforme aponta Pimentel (2011), as produções em papel de cunho autobiográfico não são restritas à linguagem verbal. As agendas, popularizadas na década de 1980 e semelhantes aos diários, eram constituídas não só por textos escritos, mas também “por imagens, fotografias, papéis de bombom, ingressos de cinema ou teatro e outros pequenos objetos repletos de recordação” (PIMENTEL, 2011, p. 6).

De forma semelhante, a página *web* pode ser definida como “uma lista sequencial de elementos separados – blocos de texto, imagens, vídeos digitais e links para outras páginas” (MANOVICH, 1999, p. 3). Nas páginas *web* que constituem os *blogs* e *sites* pessoais da dominatrix Rainha Frágil, especificamente, observa-se a presença tanto de textos verbais quanto de imagens retiradas da Internet e de fotografias²² tiradas pela própria autora. Essas fotos muitas vezes retratam os homens submissos com os quais a dominadora se relaciona sexualmente.

Nesse sentido, as fotografias publicadas nos *blogs* e *sites* da dominatrix obedecem, muitas vezes, a convenções estéticas adotadas na comunidade BDSM, e, mais especificamente, na subcultura do FemDom²³ ou Dominação Feminina, de forma que

²² Neste capítulo faço uma breve análise dessas fotografias com o intuito de compreender sua relação com as potencialidades proporcionadas pelos suportes digitais para a formação de arquivos de si. As fotografias serão analisadas mais detidamente no Capítulo IV.

²³ De acordo com Ferreira (2020), “FemDom (Female Domination) é uma abreviação de origem inglesa que significa Dominação Feminina, indicando que dentro de determinada relação BDSM o papel do Top, também chamado de

os sujeitos fotografados são, comumente, homens nus ou vestidos com *lingeries* e fantasias eróticas consideradas femininas, como vestidos e calcinhas de renda. Na maioria das vezes amarrados por cordas ou por fitas adesivas, esses sujeitos são retratados em poses que expõem suas nádegas e pernas depiladas, normalmente marcadas por feridas de chicote ou outros instrumentos de punição utilizados no meio BDSM.

Outra característica dessas fotografias é que elas raramente retratam as faces dos sujeitos representados, que normalmente aparecem de costas para a câmera ou têm seus rostos cortados pelo enquadramento da foto, preservando seu anonimato. Propõe-se que essa tentativa de manter anônimos os sujeitos fotografados deva-se ao estigma social que ainda envolve as práticas BDSM e, principalmente, a figura do homem submisso e masoquista, que não corresponde às expectativas sociais que recaem sobre a sexualidade masculina.

Além das possíveis edições que cortam as faces dos sujeitos fotografados, as fotos são comumente editadas por meio da adição de textos, que funcionam como marcas d'água que asseguram os direitos da autora sobre as imagens postadas. Além de garantir o reconhecimento da origem das fotos, evitando, assim, que elas sejam apropriadas por outras dominatrixes, as marcações de texto sobrepostas às imagens podem ser interpretadas como uma demonstração de poder: marcando as fotos de seus submissos com seus nomes, a dominadora garante, simbolicamente, a posse sobre seus corpos.

Exemplos de fotografias postadas nos *blogs* e *sites* analisados podem ser observados nas Figuras 5 e 6 retiradas, respectivamente, do *Blog* 4 e do *Site* 1.

Dominante ou Dominador, é ocupado por uma mulher. O oposto é denominado MaleDom (Dominação Masculina). O gênero do bottom (ou submisso), nessas siglas é indiferente, isto é, uma relação FemDom pode ocorrer tanto com uma submissa quanto com um submisso" (FERREIRA, 2020, p. 89-90).



Figura 5: Recorte do texto *Bethina* do blog *Frágil Reino*



Figura 6: Captura de tela da página *ideiafix [S]: O escravo-namorado, amado!*, do blog *Samia, Rainha Frágil*

É possível observar, na Figura 5, retirada do *blog* atual da dominadora, o *Blog 4*, a fotografia de um sujeito do sexo masculino, referido pela autora como Bethina, deitado em uma cama e amarrado por fita adesiva. Embora não seja possível ver seu rosto, compreende-se que se trata de um sujeito do sexo masculino porque, de acordo com as narrativas de memória de E. A., todos os submissos com os quais se relaciona são homens. Além disso, nas

práticas da subcultura do FemDom, é comum que submissos homens se feminizem, ou seja, apresentem-se com vestimentas, acessórios e aparência femininas, de modo que se pode afirmar com propriedade tratar-se de um sujeito do sexo masculino. O enquadramento da fotografia foca as nádegas desse sujeito, revelando também parte de suas pernas, ambas totalmente depiladas. Com uma das alças ainda posicionadas sobre sua pele, uma calcinha de renda cor-de-rosa escorrega por suas nádegas e derrama-se sobre os lençóis floridos da cama, evocando uma cena de desnudamento. Ainda sobre os glúteos do submisso leem-se as palavras *Frágil Reino*, que simbolizam a posse da autora tanto sobre a imagem postada quanto sobre o próprio corpo que ela retrata.

De modo semelhante, a Figura 6, retirada do primeiro *site* da dominatrix, *Samia, Rainha Frágil*, aqui chamado de *Site 1*, apresenta quatro fotos do submisso de Rainha Frágil, ideiafix, feminizado e fotografado em poses sexualmente sugestivas. Na primeira foto, localizada no canto superior esquerdo da tela, observa-se que o homem retratado veste uma touca de renda e encontra-se vendado e amordaçado. Na segunda fotografia, localizada no canto superior direito, o sujeito encontra-se virado de costas, trajado em uma camiseta e saia e com as mãos e pernas amarradas por uma corda branca.

Já a terceira foto, no canto inferior esquerdo, enquadra área da cintura e das pernas de ideiafix, mostrando em detalhes as vestimentas femininas que usa e suas coxas depiladas. A saia encontra-se levantada, de forma a revelar a calcinha que veste por baixo, enquanto nos pés é possível ver meias e sapatos de salto pretos. Suas pernas estão amarradas por uma corda. Por fim, na última fotografia, que se encontra no canto inferior direito da tela, o sujeito retratado encontra-se montado sobre um instrumento de tortura chamado de pônei de madeira ou burro espanhol, que consiste de um pedaço de madeira serrado de forma a criar uma estrutura triangular sobre a qual o sujeito torturado é posicionado. Vestindo um *collant* vermelho e botas de cano longo da mesma cor, além de amordaçado e vendado, o sujeito fotografado tem as mãos

amarradas para trás. Todas as fotografias apresentadas na Figura 6 são marcadas pelos dizeres *Rainha Frágil* em uma coloração branca de bordas azuis e pelo endereço do *Site 1* na coloração preta.

Observa-se, dessa forma, por meio da feminização do sujeito retratado, da ausência de pelos em suas pernas, da amarração de seu corpo por meio de cordas e da utilização de apetrechos relacionados ao universo fetichista como a venda, a mordança e o equipamento de tortura que essa coleção de fotografias insere-se em um âmbito que não é apenas o do erótico, mas de um tipo específico de erotismo, situado nos moldes do sadomasoquismo e da subcultura do FemDom ou Dominação Feminina.

Por meio da breve análise das fotografias retratadas nas Figuras 5 e 6, é possível afirmar que os *blogs* e *sites* da dominadora funcionam, pragmaticamente, não só como arquivos de narrativas de memórias, mas também como arquivos eróticos multimodais. Armazenando fotos de nus masculinos por ela produzidas e que obedecem a convenções fetichistas de representação, os *blogs* e *sites* possibilitam, em última instância, a formação, a publicação e a disseminação de pornografia de autoria feminina.

A análise das Figuras ilustra também outra característica da página *web* que a difere da página de papel: a modularidade, ou seja, a capacidade de uma mídia de separar e recombinar seus componentes. Nesse sentido, segundo Manovich (2001), a Internet é completamente modular, já que consiste de numerosas páginas *web* que são elas mesmas compostas por elementos de mídia diversos e separados entre si.

Ainda conforme o autor, a própria estrutura do documento HTML, linguagem de marcação utilizada na construção de páginas *web*, é um exemplo de modularidade, já que “consiste de um número de objetos separados — imagens GIF e JPEG, clipes de mídia, cenas em Linguagem para Modelagem em Realidade Virtual (VRML), filmes em Shockwave e Flash — que são armazenados independente e localmente, e/ou em rede” (MANOVICH, 2001, p. 30-31). É possível dizer, assim, que as páginas *web* são caracterizadas pela modularidade porque são

compostas por vários módulos separados e autossuficientes que podem atuar de forma independente ou em sincronização para a produção desse objeto de mídia.

Nessa perspectiva, é possível observar, por meio das Figuras 5 e 6, a modularidade dos *blogs* e *sites* analisados. O caráter modular dessas páginas *web* se explicita não só pelo conteúdo principal ao centro, constituído tanto por módulos de texto escrito quanto por módulos de imagens, mas também pelas colunas verticais que acompanham esse conteúdo. Assim, verifica-se a presença de colunas ou barras laterais à direita e à esquerda do conteúdo principal na Figura 5, enquanto que, na Figura 6, constata-se a existência de apenas uma coluna vertical à esquerda do conteúdo principal.

Na Figura 5, observa-se na barra lateral da esquerda uma seção denominada *read next*, constituída de módulos compostos por imagens miniaturizadas e hiperlinks que direcionam o usuário para outros textos do *blog*. Nessa Figura específica, os textos sugeridos para leitura são *Outros brinquedos...* e *Meninas bla bla bla...*, publicados na categoria *Adestramento*, além do texto *Eu nos portais...*, disponibilizado na categoria *A masmorra*. Na coluna vertical situada do lado direito do conteúdo principal da página, por sua vez, encontram-se duas seções compostas por conjuntos de hiperlinks: a seção *visite também* e a seção *blogs amigos*. Na primeira seção, os links redirecionam o usuário para a página do Facebook da dominatrix e para o *site* da Via Libido Sex Shop, loja de produtos eróticos por ela administrada. Já os links da segunda seção ligam o *blog Frágil Reino* a outros *blogs* de temática BDSM, a saber: *A Vida de uma Domme*, *Brenno Furrier*, *Castidade CE* e *LordeEstevão*.

De maneira semelhante, na Figura 6, verifica-se que a coluna vertical situada à esquerda do conteúdo principal da página é composta pelas seções *Menu Rápido*, *Novidades*, *A Rainha Frágil*, *Meu Diário*, *Sala de Estar*, *Internet*, *Biblioteca*, *Senzala*, *Encontros Reais*, *Comunidade*, *Revista Ínfimo* e *Sex Shop*. Elencando links importantes para outras partes do *site*, as seções *Menu Rápido* e *Novidades* facilitam a navegação por parte dos internautas. Já as seções *Meu*

Diário e *Sex Shop* transportam o usuário para outros *sites* externos ao *Site 1*. Nesse sentido, a seção *Meu Diário* leva o internauta ao *Blog 1*, também de autoria da dominadora, enquanto a seção *Sex Shop* redireciona o usuário para o *site* da loja de produtos eróticos da qual a dominatrix é proprietária. Por fim, as demais seções redirecionam o internauta a repartições temáticas do *site*, que serão analisadas mais detidamente no Capítulo IV.

Não somente de seções, no entanto, é constituída a barra lateral do *Site 1*. No final da listagem de seções, na extremidade inferior da barra, é possível observar três ícones. Embora os dois primeiros da esquerda para a direita não estejam funcionando, o terceiro ícone, intitulado *Formulário*, redireciona o internauta para uma página de contato, que possibilita enviar mensagens à Rainha Frágil, conforme é possível observar na Figura 7.

Figura 7: Captura de tela da página *Formulário* do site *Samia, Rainha Frágil*

Antes do formulário em si, que pode ser preenchido pelo internauta, leem-se os dizeres “Olá! Deixe deixo recado! =]”. Em seguida, encontram-se espaços a serem preenchidos com o nome, o e-mail, o assunto e a mensagem que o leitor deseja mandar à dominatrix. Apresentam-se, então, dois botões nos quais o internauta pode clicar: enviar e apagar. Além da opção de preencher

o formulário no próprio *site*, é dada ao usuário a opção de enviar um e-mail diretamente ao endereço da dominadora. Estimulando seus leitores a contatá-la, a Rainha Frágil indica: “Se quiser me escrever mais tarde, envie um e-mail para: rainhafragil@yahoo.com.br”. A página *Formulário*, nesse sentido, ilustra o caráter comunicativo entre produtor e consumidor de conteúdo nos suportes digitais, relativamente ausente nos diários de papel.

Embora a comunicação entre produtor e consumidor de conteúdo seja possível nas narrativas de memória produzidas em suportes de papel, é importante notar que a maior parte dos diários e escritos íntimos não chegam a ser publicados e, portanto, não poderia haver interação com um público leitor que não teve acesso à obra original. Ademais, mesmo quando essas narrativas são publicadas, o contato entre autor e leitores se dá por meio de mídias e plataformas externas à obra e que não se inscrevem em sua materialidade, como e-mails, cartas, telefonemas, etc. No caso das textualidades publicadas em *sites* e *blogs*, no entanto, a comunicação entre produtor e consumidor de conteúdo é pressuposta e viabilizada pela própria página *web*, que não raro traz a caixa de comentários imbricada em seu código HTML.

Assim sendo, por meio da análise das Figuras 5, 6 e 7 constata-se duas possibilidades dos suportes digitais das quais os suportes de papel carecem ou executam de maneira limitada: a vinculação direta com outras produções autobiográficas por meio de hiperlinks e a interação entre produtor e consumidor de conteúdo. Nesse sentido, examinar-se-ão, inicialmente, as especificidades do suporte digital relacionadas ao uso de hiperlinks para, em seguida, considerar as maneiras como a relação entre autor e leitor modifica-se na Internet.

Segundo Lemke (2002), o tipo de relação construída por hiperlinks é, essencialmente, de intertextualidade e, como se sabe, as relações interdiscursivas e intertextuais não são exclusivas dos suportes digitais. Diários e autobiografias de papel costumam estar repletos de intertextualidade, por meio de menções e citações de outros textos, livros, poemas, letras de músicas, produções

cinematográficas, etc. As colagens de jornais e revistas, comuns na constituição de agendas, também produzem relações intertextuais.

As diferenças entre a intertextualidade possibilitada pelo suporte de papel e aquela criada por meio de hiperlinks no suporte digital residem principalmente no fato de que, ao contrário da folha de celulose, comumente regida pela lógica da narrativa, a *web* funciona como um banco de dados (MANOVICH, 1999). Nesse grande banco de informações, que podem ser acessadas em qualquer ordem e sem a necessidade de seguimento de uma narrativa linear, a trajetória traçada pelo usuário concretiza-se por meio de uma sequência de cliques em links. Por essa razão, os hiperlinks não apenas proporcionam ligações diretas entre diferentes páginas *web*, mas também dão coesão às hipernarrativas produzidas pelos usuários ao navegar pela Internet.

Em outras palavras, em meio ao grande volume de dados disponibilizados na *web*, as relações produzidas pelos hiperlinks propiciam a formação de redes de informação. Essas redes, por sua vez, possibilitam a interação e comunicação entre usuários que possuem interesses em comum, ou seja, que clicam nos mesmos links. Aí reside uma das maiores diferenças dos suportes digitais sobre os suportes de papel: a facilidade da criação de conexões entre indivíduos que compartilham de gostos e inclinações semelhantes.

Assim sendo, os links que vinculam os *blogs* e *sites* de Rainha Frágil a outros *blogs* de temática fetichista representam não só uma tendência observada em *blogs* e *sites*, já que, na Internet, “difícilmente há um website sem pelo menos uma dúzia de links para outros sites” (MANOVICH, 1999, p. 85), mas também o esboço para a formação de uma comunidade virtual²⁴ de BDSM. Tal

²⁴Nesta pesquisa, utiliza-se o conceito de comunidade virtual de acordo com a definição dada a este termo por Lévy (2007). Segundo o autor, comunidades virtuais podem ser definidas como grupos de participantes que se organizam “sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos” (LÉVY, 2007, p. 9). Em outras palavras, as comunidades virtuais são compostas de membros que se reúnem em núcleos de interesses em comum, mas

esforço de criação de uma rede virtual de sadomasoquismo, que é observável não só nos *blogs* e *sites* de Rainha Frágil, mas também em outros domínios virtuais de caráter semelhante, sustenta-se não só pelo desejo de encontrar pessoas com interesses em comum na Internet, mas principalmente pela possibilidade criada pela *web* de exploração de um estilo de vida que não é socialmente aceito com relativo anonimato e discrição.

A importância do anonimato possibilitado pelo ciberespaço para a formação de uma comunidade virtual de BDSM explicita-se pelo já referido enquadramento das fotos dos submissos sexuais, que esconde suas faces, e pela utilização de pseudônimos, tanto pela autora, que não assina os textos com seu nome de nascença, mas com o nome Rainha Frágil, quanto por seus leitores. Além dos caracteres performativo e de representação identitária inerentes a essa prática, a escolha de um nome específico para o universo fetichista indica a preferência pela discrição e pela separação entre a vida pessoal e a vivência sadomasoquista, ainda que essa vivência seja, contraditoriamente, exposta publicamente na Internet.

Nessa perspectiva, muitos dos comentários deixados nos *sites* e *blogs* da dominatrix são anônimos ou assinados por pseudônimos ou siglas, o que reforça a preocupação dos usuários de manter sigilosas suas identidades, conforme é possível observar na Figura 8:

que podem encontrar-se geograficamente dispersos: “a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção” (Ibidem).

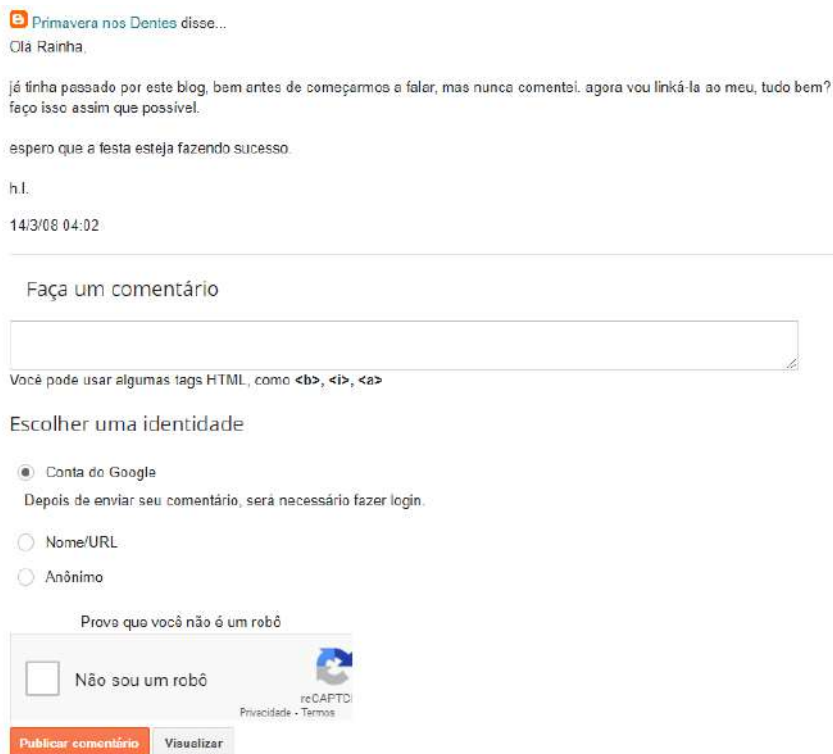


Figura 8: Captura de tela da seção de comentários do *blog Frágil Reino*

Retratando a seção de comentários de uma das postagens do *Blog 3*, a Figura 8 mostra que a página é dividida em dois módulos distintos: o módulo em que os comentários enviados são exibidos, no qual figura um único comentário, e o módulo que traz o formulário a ser preenchido por internautas que tencionam comentar também. No primeiro módulo, observa-se o comentário de um internauta que assina com a sigla h.l., sem explicitar seu verdadeiro nome. O nome de sua conta no Google, Primavera nos Dentes, à qual ele estava conectado quando postou o comentário, também é um nome fictício que não possibilita sua identificação.

Apesar de não poder ser identificado pelos leitores do *blog*, fica claro que a Rainha Frágil sabe a real identidade do comentarista, uma vez que ele afirma conhecê-la, como denota o trecho “já tinha passado por este *blog*, bem antes de começarmos a falar”. Fica

implícito, também, que o *blog* agiu como um conector entre o comentarista e a dominatrix, uma vez que ele já conhecia as publicações da dominadora antes de conversar com ela pela primeira vez.

No segundo módulo, por sua vez, é possível identificar a caixa de comentários, introduzida pelo texto “Faça um comentário”, além de um questionário intitulado “Escolher uma identidade”. Identificando-se por meio de uma das opções disponíveis, o comentarista pode assinalar a opção *Conta do Google*, que fará com que seu comentário seja atribuído a seu endereço de e-mail do Google, a opção *Nome/URL*, em que é possível assinar o comentário com um nome qualquer e deixar o endereço de seu *site* ou *blog* para que a autora do *blog* o visite, e a opção *Anônimo*, que, como próprio nome indica, atribui o comentário a uma pessoa anônima.

É curioso notar, ainda nessa página, a caixa de diálogo intitulada “Prove que você não é um robô”, em que o comentarista precisa assinalar a opção *Não sou um robô* para poder prosseguir com o comentário. Diferentemente do diário de papel, que só pode ser lido por seres humanos, os *blogs* e *sites* publicados na Internet podem ser lidos por algoritmos ou inteligências artificiais. Uma vez assinalada a caixa de diálogo, apresentam-se duas possibilidades ao internauta: *Publicar comentário* e *Visualizar*. Acentuando o caráter público dos comentários postados na Internet, a opção *Visualizar* proporciona ao usuário a oportunidade de observar uma prévia de seu comentário e revisá-lo, podendo assim repensar se realmente deseja publicar o que escreveu.

Além de explicitar uma vez mais a importância da modularidade na construção dos *blogs* pessoais, a Figura 8 demonstra as possibilidades de interação anônima propiciadas pelos suportes digitais. Conforme implicitado pelo comentário analisado, os *sites* e *blogs* de temática fetichista muitas vezes aproximam sujeitos que compartilham dos mesmos desejos sexuais não-normativos, possibilitando que essas pessoas se conheçam e possam concretizar suas fantasias inclusive de maneira física. Essa mobilização das ferramentas disponibilizadas pelos suportes

digitais para a procura de parceiros sexuais evidencia-se em alguns dos comentários que as postagens da dominadora recebem, conforme é possível observar na Figura 9:



Figura 9: Captura de tela da seção de comentários do texto *Inversão de papéis* do blog *Frágil Reino*

Explicitam-se, nessa Figura, retirada do *Blog 4*, dois módulos: o primeiro, em que figuram dois comentários, que mais parecem anúncios de classificados com a intenção de encontro de parceiros sexuais, e o segundo, no qual figura a caixa de comentários. No primeiro comentário, um internauta que assina como homemcalcinhasorocaba deixa seu e-mail para que mulheres com

interesse em praticar com ele os fetiches da inversão de papéis e da feminização o contatem.

No segundo comentário, de maneira semelhante, o usuário chamado Orlando também deixa seu endereço de e-mail e afirma estar à procura de uma mulher que deseje penetrá-lo. No segundo módulo observado na Figura 9, por sua vez, encontra-se uma caixa de comentários mais simples do que a observada no *Blog 3*, mas que desempenha a mesma função: conectar pessoas com interesses em comum.

A busca por potenciais parceiros na Internet é comum em comunidades de BDSM, de forma que a própria dominatrix Rainha Frágil explicita em seus textos o desejo de conhecer e comunicar-se com novos submissos. Isso pode ser verificado no texto *Procuro escravo*, postado no *Blog 4*, no qual a dominadora expressa o desejo de encontrar novos parceiros por meio de seu *blog*, conforme é possível observar no Exemplo 08:

Ex 08 (*Blog 4*, 2008): Sempre há vagas. Gostaria que morasse aqui ou em região próxima, ou que fosse bem rico pra me visitar pelo menos 2 vezes por mês. Não tenho problemas com idade. Apenas que seja maior de 21 anos. (...) E não vou fazer nada que eu não queira. Veja o que eu escrevo, pense sobre se vc serve para o que eu gosto de fazer. Voce é o submisso. E esses papéis não vão mudar em nenhum momento.

Nesse trecho, a autora deixa clara sua intenção de conhecer submissos em potencial por meio da interatividade propiciada pelo suporte digital. A comunicação virtual, assim, abre portas para relacionamentos “reais”, ou seja, calcados na corporalidade e na materialidade do mundo *offline*. Essa intenção de vivência material das fantasias descobertas e expressas *on-line* fica evidente pelos comentários deixados na página em que o texto foi postado. Nesses comentários, vários usuários respondem ao anúncio de Rainha Frágil, explicitando seus interesses fetichistas e escrevendo seus e-

mails para que a dominatrix possa contatá-los, conforme é possível verificar na Figura 10:



Figura 10: Captura de tela da seção de comentários do texto *Procuo escravo* do blog *Frágil Reino*

Nessa Figura, é possível observar o diálogo entre o comentarista que assina com o nome *EscravoJuizforano* e a dominadora *Rainha Frágil*. Respondendo ao anúncio feito pela dominatrix, o internauta deixa, ao final do comentário, o e-mail falso que criou com o intuito de conversar particularmente com a *Rainha Frágil*, ao que a dominadora responde “Vou escrever para você”. A necessidade de criar *nicknames* e e-mails falsos exclusivos para as atividades relacionadas ao fetichismo, exemplificada pela Figura 10, evidencia uma das contradições da experiência de participar de comunidades virtuais de BDSM: embora a maioria

dos frequentadores dos *sites* e *blogs* de sadomasoquista tenham o objetivo comum de conhecer outros adeptos dessas práticas eróticas, a publicação de materiais e a comunicação entre os membros da comunidade se dá de maneira extremamente sigilosa e discreta.

A própria dominatrix Rainha Frágil, nesse sentido, já foi alertada por amigos próximos a respeito dos riscos da exposição de sua vida pessoal em seus *sites* e *blogs*, conforme é possível observar no Exemplo 09:

Ex 09 (*Blog 1*, 2002): Tive pesadelos. Foi uma soma das coisas... sei disso. Um mail lindo que recebi talvez tenha desencadeado tudo isso. k. escreveu palavras de profundo afeto, mas pareceu nas entrelinhas que queria dizer: por amor, se cuida! Porque falo demais. Porque me exponho demais. Depois n. havia feito o mesmo alerta.

A preocupação com a segurança de E. A. por parte de seus amigos próximos, assim como a cautela que a própria dominadora tem ao postar conteúdos em seus domínios virtuais, de forma a não identificar seus submissos, demonstram o paradoxo em que a autora vive: enquanto dominatrix, ela governa como rainha absoluta dentro dos limites e fronteiras de seu reino, seja ele uma representação do espaço físico de sua casa, do espaço virtual de seu *blog* ou uma referência abstrata a suas relações com submissos; esse governo, porém, é mantido em segredo do mundo exterior. Trata-se, assim, de um reinado silencioso, que se dá somente sobre os servos iniciados no mundo do fetichismo, sob a condição de não interferir em suas vidas públicas.

Nesse contexto, a interatividade anônima e a manutenção de comunidades relativamente fechadas propiciadas pela Internet permitem a conciliação de dois desejos da autora que se encontram, aparentemente, em conflito: a vontade de tornar públicos seus escritos e a necessidade de manter uma vida discreta. Nesse sentido, as ferramentas disponibilizadas pela plataforma do *blog*

para interação entre usuários materializam esses quereres conflitantes.

Nessa perspectiva, a caixa de comentários, possibilidade de contato direto entre autor e leitor imbricada no próprio código da página, permite maior ou menor discrição por parte do usuário, já que este pode escolher entre assumir seu nome real, um pseudônimo ou manter-se anônimo. De forma semelhante, a possibilidade de compartilhamento dos conteúdos dos *blogs* e *sites* em redes sociais, apesar de potencializar uma rápida disseminação desse domínio virtual, dificilmente será utilizada para externalizar a comunidade BDSM para não-praticantes, devido ao estigma social que ronda essas práticas. Os hiperlinks que direcionam os usuários para os *blogs* de dominatrixes e de outros adeptos do fetichismo circulam, provavelmente, somente entre aqueles que já possuem algum interesse ou inserção na comunidade.

É inegável que a possibilidade de interação rápida e direta entre autor e leitor, representada nos *sites* e *blogs* pela divulgação das redes sociais e de e-mails da dominatrix e pela seção de comentários, empreende uma transformação nas textualidades autobiográficas. Nesse sentido, os textos publicados nos *sites* e *blogs*, que já não são privados, mas que também não são disseminados em larga escala, são produzidos em interlocução com um público leitor específico, de adeptos ou interessados pelo mundo do BDSM.

Embora a escrita de si seja sempre performativa, mesmo quando mantida em arquivos privados, a pressuposição da leitura das narrativas autobiográficas por um *outro* aumenta o grau de performatividade envolvido nesses processos de produção textual. Ao dirigir-se a seus leitores ocasionalmente como *submissos*, conforme demonstra o Exemplo 08, utilizando-se de um tom dominante e postando fotos de suas atividades sexuais que beiram o pornográfico, a autora transforma suas produções autobiográficas multimodais em uma espécie de espetáculo fetichista virtual, em que ela performa o papel de dominadora e, seu público, de dominado.

Essa faceta performativa da publicação da escrita íntima na Internet pode ser visualizada na Figura 10. No comentário deixado pelo usuário EscravoJuizforano, é possível observar que o internauta performa um papel de submissão à dominadora em seu texto, chamando-a pelo pronome de tratamento *senhora* e pedindo pela *honra* de ter uma chance de relacionar-se com ela, acrescentando que está *a seus pés pra lamber de joelhos ainda*.

Além da facilitação da interação entre autor e leitor, ricamente explorada pela dominatrix em seus *sites* e *blogs*, os suportes digitais trazem uma outra potencialidade: a possibilidade de edição textual, mesmo após a publicação. Segundo Bolter e Grusin (2000), os suportes digitais são caracterizados pela possibilidade de substituição de um conteúdo por outro, já que as produções postadas na Internet podem ser excluídas e apagadas da rede em um clique. Em contraste, as textualidades impressas em suportes de papel raramente são substituídas por versões mais atualizadas, já que as cópias físicas de versões anteriores coexistem com a versão corrente até que sua materialidade seja destruída. Nesse sentido, os autores afirmam, em citação do pensamento de Michael Joyce (1995), que “a substituição é a essência do hipertexto e, em certo sentido, toda a World Wide Web é um exercício de substituição: ‘A impressão permanece ela mesma; o texto eletrônico se substitui’” (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 45).

Ilustrando essa potencialidade do hipertexto, o texto *Vamos foder, então!*, publicado no *Blog 4*, narra a situação em que um comentário previamente postado no *blog* da dominadora simplesmente desapareceu, conforme é possível observar no Exemplo 10.

Ex 10 (*Blog 4*, 2015): Caríssimo, eu não sei onde foi parar seu comentário. Sei que o aprovei. Será que se tocou e você mesmo o apagou? Que bom! No céu um anjo disse “amém”.

Representando, provavelmente, um comentarista que se arrependeu de seus escritos, o sumiço da mensagem assegura que

o usuário pode excluir seu comentário por completo do *blog*, sem deixar qualquer rastro dessa remoção de conteúdo, à exceção da impressão que deixou na memória da Rainha Frágil. O mesmo ocorre com as narrativas autobiográficas publicadas pela dominatrix em seus *sites* e *blogs*, que podem ser editadas à vontade. Adicionando, modificando ou excluindo textualidades de seus domínios virtuais, ela pode, assim, criar espaços virtuais que representem e acompanhem as mudanças em suas crenças, personalidades, representações identitárias e preferências estéticas que ocorrem ao longo do tempo.

Exemplificando a possibilidade de edição e substituição constante dos conteúdos postados nos suportes digitais, o Exemplo 11 mostra a indecisão da dominadora Rainha Frágil em editar ou não uma postagem de seu *blog*:

Ex 11 (*Blog 1*, 2002): Fiquei com vontade de editar o texto Felicidade Realista com a correção feita por A. Mas daí vai ficar estranho e então eu ia ter que apagar também o comentário dela. não gosto de apagar mensagens. Mas Só pra lembrar que o texto então é de Martha Medeiros e não de Mario Quintana como eu havia informado.

Apesar da decisão da autora de não editar a postagem e de não excluir o comentário da internauta, o Exemplo 11 demonstra a possibilidade de apagar e modificar os textos postados em *sites* e *blogs*, característica que se deve, em parte, à modularidade do ciberespaço, uma vez que é possível editar módulos específicos de uma página *web*, mantendo os módulos outros intactos.

Compreende-se, nesse sentido, que a materialidade dos suportes digitais e da página *web*, caracterizada pela multimodalidade, pela modularidade, pela interatividade e pela presença de hiperlinks para outros domínios da Internet, empreende profundas transformações no processo de produção de narrativas autobiográficas, que tornam-se mais interativas,

mutáveis e explicitamente performativas que aquelas produzidas em suportes de papel.

3.4. O erotismo de autoria feminina no ciberespaço

As análises das narrativas autobiográficas dos *blogs* e *sites* da dominadora Rainha Frágil demonstram que existem continuidades e descontinuidades entre as potencialidades proporcionadas pelos suportes digitais e de papel. Nesse sentido, as principais características observadas tanto nos textos de cunho autobiográfico produzidos nos suportes digitais dos *blogs* e *sites* quanto no suporte de papel do diário são: 1) a exploração dos recursos da intertextualidade e da multimodalidade e 2) sua relativa conformidade às delimitações sociais da escrita feminina, que, em ambos os suportes, encontra-se circunscrita a produções textuais de caráter íntimo e confessional.

Entretanto, as semelhanças constatadas entre as potencialidades de ambos os suportes não se materializam da mesma forma nas produções textuais. Nessa perspectiva, verifica-se que, embora os diários, agendas e outros textos autobiográficos produzam relações intertextuais e multimodais no suporte de papel, no ciberespaço essas possibilidades são expandidas pela imediatez das relações traçadas pelos hiperlinks e pelo suporte a mídias auditivas (sons) e a mídias visuais em movimento (vídeos e GIFs), que não existe na página de papel.

De maneira semelhante, a conformidade às restrições sociais impostas à escrita feminina ocorre nos suportes digitais apenas de modo parcial. Por um lado, é possível afirmar que as narrativas autobiográficas postadas nos *sites* e *blogs* da dominatrix resignam-se a discursar sobre acontecimentos ocorridos nas esferas doméstica e íntima da autora, seguindo a tradição literária ocidental que constrange as produções textuais femininas aos gêneros confessionais. O conteúdo dessas narrativas pessoais, entretanto, é largamente disruptivo em relação às expectativas sociais que recaem sobre a escrita das mulheres.

Além de exibirem relatos que descrevem práticas eróticas dissidentes da “normalidade”, os *blogs* e *sites* pessoais da dominadora Rainha Frágil funcionam como arquivos de fotografias que transitam entre o nu e o pornográfico. É possível, nesse sentido, sustentar que a autora está produzindo não só conteúdo confessional de cunho erótico, mas também pornografia de autoria feminina.

Nessa perspectiva, as textualidades publicadas nos *blogs* podem ser interpretadas como subversivas, pois desestabilizam a noção de que é o corpo feminino, necessariamente, aquele fetichizado pelas produções pornográficas. Contrastando com a maioria dos conteúdos eróticos que retratam interações heterossexuais, as fotografias disponibilizadas nos *blogs* e *sites* da dominatrix enquadram o corpo masculino como objeto de desejo, raramente revelando corpos femininos que, mesmo quando fotografados, encontram-se sempre vestidos.

A criação e manutenção desses arquivos pornográficos de autoria feminina é possibilitada, principalmente, pela desintermediação (LÉVY, 1999b) propiciada pelo ciberespaço, que permite que qualquer conteúdo seja publicado sem censura prévia. Os suportes digitais, nesse sentido, possibilitam que essas narrativas autobiográficas de cunho erótico sejam disponibilizadas na Internet na íntegra, sem a edição de terceiros.

O consumo dessa textualidade pornográfica também é distinto daquele efetivado nos suportes não-digitais, uma vez que os leitores dos *sites* e *blogs* podem comunicar-se diretamente com a produtora do conteúdo por meio de redes sociais e pela seção de comentários, imbricada no código desse domínio virtual. A interatividade entre autor e leitor, bem como a presença de hiperlinks que direcionam os usuários para outros *blogs* de temáticas semelhantes, propiciam que se formem, ao redor dos *sites* e *blogs* pessoais da dominatrix, comunidades virtuais de BDSM.

Essas comunidades, por sua vez, possibilitam que usuários não só consumam conteúdo erótico, mas encontrem parceiros sexuais que compartilhem dos mesmos desejos fetichistas. Nesse

sentido, a circulação pública propiciada pelos suportes digitais transforma de maneira significativa as narrativas autobiográficas da dominadora, que deixam de ser conteúdos puramente confessionais e metamorfoseiam-se em verdadeiros espetáculos sadomasoquistas virtuais, nos quais os leitores podem envolver-se em maior ou menor grau, tendo, inclusive, a chance de adentrar os escritos íntimos como os mais novos escravos da dominadora.

Ressalta-se, no entanto, que a circulação desses conteúdos, ainda que pública, restringe-se a nichos específicos e, mesmo com essa restrição de alcance, muitos usuários sentem a necessidade de manter o anonimato. Desse modo, não são raras a utilização de pseudônimos e a ocultação das faces dos sujeitos retratados nas fotografias eróticas postadas, devido ao estigma social que ainda envolve as práticas BDSM. A própria E. A. demonstra-se cautelosa em revelar informações pessoais em seus *blogs* e *sites*, tendo em vista que qualquer pessoa pode adentrar esses domínios virtuais e descobrir seus segredos mais íntimos e profundos, compartilhados, paradoxalmente, no espaço público da Internet. O anonimato proporcionado pelo ciberespaço, nesse sentido, possibilita que a dominadora publique suas confissões e produza conteúdos pornográficos sem carregar em sua vida pública o estigma social de ser uma mulher cujos desejos sexuais desviam do que é considerado normal.

Conforme o exposto, constata-se que os suportes digitais abrem um leque de possibilidades para a construção das narrativas autobiográficas que os suportes de papel fazem apenas de maneira limitada. De fato, como defende Lévy (1999, 2012), o ciberespaço propicia maior liberdade de expressão quando comparado às mídias impressas tradicionais, e, conforme evidenciado neste capítulo, essa liberdade é decisiva para a publicação de conteúdos eróticos e relacionados a sexualidades dissidentes.

É preciso considerar, contudo, como aponta Lima-Lopes (2018), que as produções textuais são condicionadas não só pela materialidade de seus suportes, mas pelos usos sociais dessas tecnologias. Nesse contexto, os *blogs* e *sites* pessoais da dominatrix,

apesar de possibilitarem a produção e publicação de arquivos íntimos e pornográficos de autoria feminina, ainda se encontram inseridos em uma sociedade que patologiza as relações sexuais sadomasoquistas (MARQUES DA SILVA, 2017) e desvaloriza as produções textuais de mulheres (PERROT, 2006), de modo que seu conteúdo, ainda que subversivo, encontra-se circunscrito a uma rede de adeptos ou simpatizantes do BDSM. Compreende-se, dessa forma, que as múltiplas potencialidades dos suportes digitais têm sua circulação e impacto restringidas por sua inserção em práticas sociais mais amplas.

CAPÍTULO IV

O reino como ciberespaço

O sadomasoquista é um exibicionista. Essas fotos que compartilhamos com quem nos visita é a nossa forma de mostrar de um lado a submissão de *ideiafix{S}* e de outro Meu Poder sobre ele. Os elementos presentes são a humilhação e a dor. Para o submisso é uma honra servir aos caprichos de sua Senhora, e Esta, por sua vez, excita-se ao apreciar o poder que tem sobre aquele, destituindo o submisso de suas vaidades. (Rainha Frágil)

4.1. O ciberespaço e a multimodalidade

A partir do estudo das particularidades do suporte de papel e dos suportes digitais, o capítulo anterior atestou as potencialidades da página *web* e do ciberespaço para o exercício de autoelaboração por meio da escrita e da produção de arquivos de si. Compreendeu-se, assim, que esse espaço virtual modular, intermediático e desintermediado apresenta-se como um terreno propício para a construção do Frágil Reino da dominatrix Rainha Frágil.

Tendo em vista tais discussões empreendidas no Capítulo III — e, especialmente, a inerente multimodalidade da *web* e das mídias de comunicação como um todo (LEMKE, 2006) —, este capítulo buscou analisar a materialidade dos *sites* e *blogs* da Rainha Frágil perscrutando não só a linguagem verbal neles utilizada, mas principalmente a linguagem não-verbal. Nesse sentido, a análise focou-se na descrição e comparação de diferentes escolhas estéticas que nortearam as composições dos *sites* e *blogs* da autora, dando especial atenção à formatação das fontes utilizadas nos textos, às paletas de cores e à organização da página *web* de uma forma geral.

Além disso, analisaram-se as imagens e fotografias — muitas delas de caráter pornográfico e produzidas pela própria autora — veiculadas junto aos textos verbais constituintes dos domínios virtuais da dominadora.

Procurou-se compreender, assim, como a performance identitária da autora como Rainha Frágil relaciona-se às escolhas estéticas de criação e personalização de seus *sites* e *blogs*, encarnações virtuais de seu Frágil Reino.

4.2. A estética do Frágil Reino

A análise da linguagem não-verbal empregada nos domínios virtuais da dominatrix revelou que a liberdade de criação e personalização proporcionada pelas ferramentas de construção de *sites* e *blogs* disponibilizadas no ciberespaço desempenhou um papel de grande importância para a fundação do Frágil Reino, o espaço o qual a Rainha Frágil comanda.

Nesse contexto, é importante pontuar que os processos de nomeação dos *sites* e *blogs*, de sua formatação segundo preferências estéticas e sua organização por meio da criação de seções e subdivisões não devem ser reduzidos a um processo de personalização meramente cosmético. Considerando o poder performativo da linguagem (AUSTIN, 1990), a produção de uma determinada aparência para os *sites* e *blogs* pode ser considerada parte de um processo maior, de elaboração subjetiva da autora. Ao estruturar sua escrita de si em uma espacialidade virtual, que pode ser moldada de acordo com sua vontade, a dominadora (re)interpreta e (re)constrói as representações de sua identidade, ao mesmo tempo em que produz espaços nos quais faz valer suas regras e desejos.

Nesse sentido, considerando o eixo de coordenadas proposto por Lejeune (2008) sobre o qual se estruturou o *corpus* desta pesquisa, constatou-se que, de acordo com variações no eixo cronológico (ou seja, com o passar do tempo), foi possível observar mudanças qualitativas no eixo espacial, representado pelas

especialidades dos *blogs* e *sites* da dominatrix. Em outras palavras, no decorrer de suas duas décadas como blogueira, a dominadora mudou diversas vezes as maneiras de performar sua identidade como Rainha Frágil, e as escolhas estéticas de caracterização de seus *blogs* e *sites* acompanharam essas transformações.

4.2.1. O castelo de Samia, Rainha Frágil

As relações entre a espacialidade do *blog*, a espacialidade do reino e a representação performativa da identidade de E. A. como Rainha Frágil podem ser observadas já em seu primeiro *site*, *Samia, Rainha Frágil*, posteriormente referido neste artigo como *Site 1*. Conforme enunciado no Capítulo I, este *site* se manteve ativo durante os anos de 2001 e 2002. Quando acessado, o *site* exibia um aviso que pedia ao internauta que confirmasse ser simpatizante do BDSM e ter mais de 21 anos, conforme demonstra a Figura 11:



Figura 11: Captura de tela do aviso sobre a natureza erótica do *site Samia, Rainha Frágil*

Comuns na Internet do início dos anos 2000, avisos como esse figuravam na maioria dos *sites* e *blogs* de caráter erótico ou pornográfico e buscavam garantir que menores de idade e pessoas que pudessem achar os conteúdos ofensivos não acessassem esses domínios virtuais. No caso do *Site 1*, observa-se que não é apenas o

fato de o *site* ser dedicado ao BDSM que poderia gerar incômodo no internauta, mas também o fato de essa temática fetichista envolver a Dominação Feminina. Nesse sentido, pode-se interpretar que o aviso não se restringe a menores de idade e a curiosos do mundo “baunilha”, mas também à adeptos do BDSM que não simpatizam com a Dominação Feminina, como adeptos do MaleDom ou Dominação Masculina.

No que diz respeito às escolhas estéticas que nortearam a personalização desse aviso, a coloração de fundo preta é um dos elementos que mais se destaca ao olhar. Corroborando com o texto que informa sobre a natureza erótica do *site*, o plano de fundo preto auxilia na construção dos sentidos relacionados à seriedade e até mesmo à proibição, sugerindo que o conteúdo desse domínio virtual é direcionado ao público adulto. A rosa vermelha, que decora tanto o canto direito do plano de fundo quanto o nome *Samia*, adiciona sentidos de eroticismo e paixão a essa página, tendo em vista a associação dessa flor a temáticas relacionadas ao amor e à sedução.

Após dar o aceite na opção *ENTRAR*, o internauta é direcionado ao *Site 1*. Organizado à semelhança de um espaço físico por meio de ferramentas de edição, esse espaço virtual auxilia a dominadora na construção de seu Frágil Reino, conforme é possível observar na Figura 12.



Figura 12: Captura de tela do *site Samia, Rainha Frágil (II)*

A análise das diversas páginas que constituem o *Site 1* revela que várias das fontes ou tipografias utilizadas pela autora são rebuscadas e enfeitadas, muitas vezes imitando letras cursivas com iniciais capitulares, como demonstra o título *a Rainha Frágil* na Figura 12, formatado na fonte *Engrossing*. Em sua página no *site My Fonts*, a empresa Scriptorium, desenvolvedora da fonte, afirma oferecer fontes “decorativas e caligráficas, com base em fontes históricas e folclóricas” (MY FONTS, 2021). Fica evidente, nesse sentido, que a opção da dominatrix pela fonte *Engrossing* para a formatação do título da página *A Rainha Frágil* procura emular um estilo de caligrafia antigo, que poderia ser utilizado por uma rainha. De modo semelhante, o logotipo do *site*, em que se lê *Samia: Rainha Frágil*, é formado por duas fontes diferentes, sendo a primeira delas adornada com o desenho de uma rosa.

Ainda na Figura 12, que retrata a página *A Rainha Frágil*, os tons de vermelho-claro da fonte e de vermelho-escuro do plano de fundo evocam sentidos de sensualidade associados a essa coloração. A textura de mármore branco do plano de fundo da barra lateral, por sua vez, remete a sentidos de riqueza e nobreza, na medida em que poderia simbolizar o revestimento ou até mesmo os blocos de pedra constituintes do castelo em que a Rainha Frágil reside.

Outro elemento de destaque da página, o texto que acompanha a fotografia da dominadora estabelece uma relação entre o *nickname* de dominatrix escolhido por E. A., Rainha Frágil, e as figuras de rosas utilizadas por ela no logotipo de seu *site* e no aviso exibido na Figura 12. No texto lê-se: “A rosa é a RAINHA das flores, porém, sabe-se tão efêmera e FRÁGIL como a mais simples de suas companheiras”. Paráfrase de um texto em prosa de Feliciano de Castilho de nome *A rosa*²⁵, a frase traz em caixa alta os

²⁵No texto original de Feliciano de Castilho lê-se: “É a rosa a rainha das flores; distingue-se pela forma graciosa, pela distribuição e abundância das folhas, pela ordem e harmonia do seu todo: o aroma, as cores lhe dão realce; mas ah! quanto é transitório e frágil entre as suas companheiras” (CLEMENTE PINTO, 1980).

termos *RAINHA* e *FRÁGIL*, sugerindo que, como a rosa que é ao mesmo tempo rainha das flores e tão frágil quanto as demais, a dominatrix Rainha Frágil é superior às outras mulheres, porém tão frágil quanto todas elas. Nesse sentido, ao decorar o logotipo de seu *site* com a figura de uma rosa, a dominadora estaria reafirmando sua nobreza e sua fragilidade, atributos que ela reconhece na flor.

Compreende-se, portanto, que por meio das escolhas de design do *Site 1*, a dominatrix reforça a representação de sua identidade como Rainha Frágil, uma vez que mobiliza elementos estéticos convencionalmente relacionados à aristocracia, como as fontes decoradas, as cores fortes, a textura de mármore e a figura da rosa, caracterizada como a rainha das flores. Utilizando-se dos recursos virtuais de construção de páginas na Internet, a dominadora emula a decoração de um palácio, construindo, assim, seu Frágil Reino situado no ciberespaço.

Além da decoração, o *Site 1* assemelha-se a um castelo ou palácio na medida em que é constituído por páginas nomeadas como cômodos de uma habitação, que podem ser acessadas pela barra lateral do *site*. Dentre as seções em que o *site* é dividido que se destacam por serem nomeadas a partir de espaços do mundo físico encontram-se a *Sala de Estar*, a *Biblioteca*, a *Senzala* e a *Sex Shop*, além da própria seção *Internet*, que poderia fazer referência a uma Sala de Internet. Cada uma dessas páginas, desse modo, comporta-se como uma espacialidade própria, podendo ser interpretada como uma subdivisão do Frágil Reino.

Nesse sentido, a *Sala de Estar* consiste de uma página arquivadora e redirecionadora de links para outras páginas, nas quais a dominadora apresenta seus amigos do mundo do BDSM, conforme é possível observar na Figura 13:



Figura 13: Captura de tela da seção *Sala de Estar* do site *Samia, Rainha Frágil*

É interessante notar que a página *Sala de Estar* é constituída por imagens e fotografias de amigas e amigos da dominadora que funcionam como hiperlinks para páginas individuais dedicadas a cada um desses sujeitos. Observa-se também que essas imagens encontram-se dispostas segundo uma ordenação específica: na porção superior da página estão as amigas mulheres da dominatrix, enquanto os homens são alocados na porção inferior. Acima de todas e todos, encontra-se a dominadora Helga Vanny Freya. Em seguida, no segundo nível da hierarquia da *Sala de Estar* ilustrada pela colocação das imagens na página, observam-se as *Switchers*²⁶ hannie e vampira. No terceiro nível, estabelece-se sissymaid, um amigo submisso de Rainha Frágil adepto da prática da feminização e que se apresenta vestido de empregada doméstica²⁷. No quarto e no quinto níveis, por sua vez, encontram-se os submissos servo68, zepierre{HVF}, Dumuz e Arabian Knight.

Estabelece-se, assim, por meio do posicionamento das imagens e dos links para as páginas individuais de cada um dos

²⁶Na hierarquia do BDSM, o *Switcher* é aquele que pode adotar tanto uma posição de dominante quanto de submisso a depender do parceiro com que está se relacionando.

²⁷Um estudo mais aprofundado a respeito das práticas sado-fetichistas que envolvem a figura da submissa *sissy* e os fetiches da inversão e da feminização masculina pode ser encontrado em Silva (2015).

amigos e amigas da dominatrix a hierarquia do Frágil Reino: as mulheres ocupam uma posição de superioridade em relação aos homens, e dentre as mulheres aquelas em posições de dominação encontram-se acima daquelas que ocupam posições de submissão. Nota-se, também, que dentre os homens submissos aqueles que se feminizam são colocados em uma posição de superioridade em relação aos que não se feminizam, talvez por possuírem características consideradas femininas e, portanto, superiores na lógica da Dominação Feminina.

Além de ilustrar a hierarquia da subcultura da Dominação Feminina, a seção *Sala de Estar* também pode ser interpretada como um espaço virtual no qual a dominatrix recebe e hospeda seus amigos fetichistas, conforme é possível observar na descrição que ela mesma dá dessa página, expressa no Exemplo 12:

Ex 12 (*Site 1*, 2001): Esta sala é um brinde aos amigos e às pessoas que admiro. Entre e fique a vontade. Sirva-se de algo. Temos uma mesa farta. E todas as forças do Bem abençoam esta casa.

O funcionamento performativo da página *Sala de Estar* como uma espacialidade que emula o espaço físico de uma habitação é ressaltado pela expressão “entre e fique à vontade”, geralmente proferida pelo anfitrião que recebe visitas em sua casa. Da mesma forma, o convite “sirva-se de algo” e a constatação “temos uma mesa farta” apresentam-se como dizeres típicos de uma interação no mundo físico, empregadas performativamente na espacialidade virtual do *site*. Também é importante notar que a dominadora refere-se à espacialidade do *Site 1* como uma casa, conforme indica a sentença “e todas as forças do Bem abençoam esta casa”. Desse modo, a página *Sala de Estar* representaria um cômodo da casa da dominadora Rainha Frágil, o *Site 1*.

Com um funcionamento semelhante, a seção *Biblioteca* indexa links para páginas que contêm textos de amigos da dominadora, conforme pode ser observado na Figura 14 a seguir:



Figura 14: Captura de tela da seção *Biblioteca* do site *Samia, Rainha Frágil*

Constituída por uma fotografia principal que retrata a Rainha Frágil deitada em uma cama a ler um livro e por uma poesia da autora Pat Clemente que a enquadra, a seção *Biblioteca* possui um segundo nome: *Sala Marcos Paes*. A expressão latina *in memorium* entre parênteses indica que a nomeação da Biblioteca a partir do nome de Marcos Paes se deu como uma homenagem póstuma. Observa-se, nesse sentido, que a ação de nomear a seção *Biblioteca* de *Sala Marcos Paes* possui um caráter performativo, uma vez que a homenagem ao falecido investe esse ato de um sentido de solenidade característico a cerimônias de nomeação de bibliotecas físicas.

Nas prateleiras virtuais dessa *Biblioteca*, encontram-se hiperlinks que redirecionam o internauta a outras páginas do Site 1, a saber: a página *Mais poemas de Pat Clemente*, em que se encontram outras poesias da autora, *Poemas de Dumuz*, em que a dominadora seleciona e reproduz poemas de caráter erótico de seu amigo Dumuz, também praticante do BDSM, e *Artigo: Os Estorvos da Masculinidade*, que direciona o leitor a um ensaio acadêmico de autoria de Marcelo Augusto Veloso a respeito da construção social da sexualidade masculina e das disparidades de poder entre homens e mulheres na sociedade.

A seleção dos textos que compõem a seção *Biblioteca* demonstra que esse aposento do castelo da dominatrix não arquiva livros quaisquer, mas sim escritos relacionados ao universo do fetichismo,

da Dominação Feminina e da crítica social feminista. Como curadora dessa *Biblioteca* virtual, a Rainha Frágil apenas permite que entrem em seu Frágil Reino escritos que corroborem com uma visão de mundo contestatória das estruturas do patriarcado e inclinadas à defesa da superioridade da mulher sobre o homem.

De forma similar, a página *Internet* indexa links para listas de discussão da temática da Dominação Feminina, conforme é possível observar na Figura 15:



Figura 15: Captura de tela da seção *Internet* do site *Samia, Rainha Frágil*

Contendo a imagem de uma cidade noturna, uma citação de Vinícius de Moraes, um link para listas de discussão de temática fetichista, um link para uma página chamada *Meus Links preferidos* e um link para a página *femdom_brasil* no *Yahoo! Grupos*²⁸, a seção *Internet* funciona como um aglomerado de hiperlinks que redirecionam o internauta para domínios virtuais em que é possível interagir com outros adeptos do BDSM. Dentre as páginas linkadas à seção *Internet*, a página *Meus Links preferidos*, em especial, serve como um índice para diversos *blogs* e *sites* que abordam o tema do BDSM, como o *site* da dominadora Helga Vany Freyja; o *site* *BDSM: Um Estilo de Vida*, que traz informações a respeito de práticas sadomasoquistas; o *site* *Clube Amor com Podólatras*, que hospeda

²⁸*Yahoo! Grupos* foi um gerenciador de lista de discussão pertencente ao *Yahoo!* lançado em 1998 e descontinuado em 15 de dezembro de 2020.

uma lista de discussão a respeito do fetiche da podolatria; o *site Lista de Discussão BDSM Nordeste*, dentre outros. A título de ilustração, as Figuras 16 a 21 apresentam capturas de tela de alguns desses *sites e blogs*:

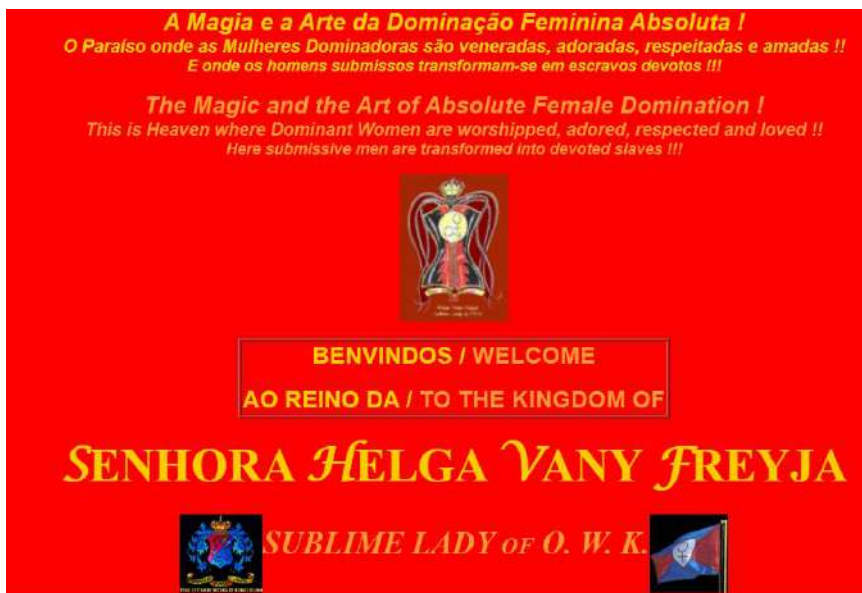


Figura 16: Captura de tela da página inicial do *site Helga Vany Freyja*



Figura 17: Captura de tela da página *A Rainha* do *site Helga Vany Freyja*



Figura 18: Captura de tela da página inicial do blog Castelo da Luxúria



Figura 19: Captura de tela da página inicial do site Desejo Secreto



Figura 20: Captura de tela da página inicial do site *Sir Ganon*



Figura 21: Captura de tela da página inicial do blog *Violeta Loves Needles 2*

O ato de linkar *sites* e *blogs* de amigos do universo fetichista demonstra a importância que esses domínios virtuais desempenharam no início dos anos 2000 para a criação e manutenção da comunidade BDSM no Brasil. Segundo Gregori (2015), o advento da Internet foi “um fator decisivo na difusão dessa forma de erotismo em nosso país, sobretudo nas interações entre adeptos e a criação de suas comunidades” (GREGORI, 2015, p. 253).

Conforme explica a autora, no Brasil, “até a década de 1990, o acesso a informações sobre as técnicas, os objetos e as possibilidades de encontrar pessoas interessadas nessas práticas era bastante reduzido” (Idem), de forma que os adeptos do BDSM recorriam a anúncios classificados em jornais ou revistas eróticas para estabelecer contato com outros membros da comunidade. Com a popularização da Internet, o contato entre adeptos do BDSM migrou dos meios de comunicação impressos para o meio digital, de modo que os *sites* e *blogs* pessoais assumiram um papel de grande importância para a discussão de práticas fetichistas.

Nesse contexto, é interessante notar que a maioria dos *sites* e *blogs* linkados na página *Meus Links preferidos* também possuem suas respectivas seções de links de domínios virtuais recomendados, nas quais figuram *sites* e *blogs* de outros membros da comunidade BDSM. Não é raro encontrar os *sites* e *blogs* da dominadora Rainha Frágil dentre os domínios virtuais recomendados, conforme é possível observar nas Figuras 22 e 23.



Figura 22: Captura de tela da seção *links* do blog *Tualisi*



Figura 23: Captura de tela da página inicial do blog *Sindsub*

Exibindo uma captura de tela do site *Tualisi*, dedicado à armazenagem de contos eróticos de temática FemDom, a Figura 22 apresenta uma listagem de sites e blogs recomendados pelos administradores desse domínio virtual. Dentre os sites e blogs indicados, observa-se os logotipos dos domínios virtuais das dominadoras Elen Rainha, Rainha Tata, Sadic Queen, Loba Rainha, Rainha Helga Vany, Lua Rainha e Rainha Lilith Dumm, além do logotipo do site *Samia, Rainha Frágil*.

De modo semelhante, na Figura 23, observa-se uma captura de tela do blog *Sindsub*, descrito como *Sindicato dos escravos, servos e submissos em geral*. Na coluna situada à direita do conteúdo principal da página, identifica-se uma lista de blogs recomendados, sendo o primeiro deles o blog *Frágil Reino*, domínio virtual da Rainha Frágil. Observa-se, nesse sentido, a formação de uma rede de sites e blogs que, citando-se mutuamente por meio de hiperlinks, estruturam uma comunidade virtual fetichista.

Nesse sentido, a página *Internet* do Site 1 ilustra o papel coesivo do ciberespaço para a comunidade BDSM. Observando a descrição dessa página, reproduzida no Exemplo 13, compreende-se que a dominatrix considera a Internet como uma espacialidade tão concreta quanto os espaços do bar, do cinema e da livraria, e igualmente propícia para o encontro de pessoas com interesses afins.

Ex 13 (*Site 1*, 2001): Havia que se abrir um espaço especial para a Internet. Por que eu adoro isso aqui. (...) E é um universo tão rico em diferenças e contrastes que em algum lugar, neste cyber espaço, voce encontrará seus pares. (...) Gosto também da liberdade que temos de IR e VIR. Me lembra a época dos barzinhos em Sampa. Onde eu tinha no canto de cá uma paquerinha. No bar ao lado, um desafeto. Ali o cinema.. Do outro lado, uma livraria. A Internet é a paulicéia desvairada da minha adolescência !!

Reforçando a noção de que a espacialidade do *blog* inspira-se em espaços do mundo físico, o Exemplo 13 reafirma a importância das espacialidades virtuais para a construção não só do Frágil Reino da dominadora, mas também da comunidade BDSM como um todo. Sendo tão real e concreto quanto a própria cidade de São Paulo, onde a dominadora morou quando criança e jovem adulta, o ciberespaço é caracterizado pela dominatrix como um espaço multifacetado, repleto de subdivisões que se pode visitar à vontade e nas quais se pode conhecer pessoas que compartilham dos mesmos desejos. O próprio título da descrição dessa seção, *Paulicéia desvairada*, nomeada a partir do livro de poesias de Mário de Andrade, faz referência à cidade de São Paulo, reforçando a metáfora da Internet como uma cidade cosmopolita em que os mais diversos tipos de pessoas transitam.

A noção de ciberespaço como uma metrópole também é reafirmada pela imagem da cidade noturna alocada no canto superior esquerdo da página. Retratando um cenário futurístico com prédios iluminados e uma espécie de trem-bala que passa sobre uma ponte, a imagem escolhida pela Rainha Frágil para decorar a seção *Internet* explicita qual seria a aparência dessa Paulicéia desvairada do ciberespaço.

Outro importante aspecto dessa seção, que se estende para o *Site 1* como um todo, é a mobilização de citações e menções a poetas e escritores brasileiros. Povoando seu domínio virtual com versos e referências a autores consagrados como Vinícius de Moraes e Mário de Andrade, a Rainha Frágil representa a si mesma como

uma mulher letrada e culta, tal qual uma rainha deveria ser. De maneira semelhante, ao preencher seu *site* com poesias e contos eróticos de seus amigos e amigas, a dominadora se representa como uma amadora das letras e das artes, e, em especial, das manifestações culturais que tangem o erotismo.

A seu turno, a seção *Senzala*, nomeada a partir das espacialidades em que se mantinham presos os escravos no Brasil colonial, reúne links para páginas que descrevem os tipos de submissos que servem a dominatrix, conforme se pode observar na Figura 24:



Figura 24: Captura de tela da seção *Senzala* do site *Samia, Rainha Frágil*

De acordo com a seção *Senzala*, são três os tipos de escravos que servem a Rainha Frágil: *ideiafix (S)*: *O escravo-namorado, amado!*, seu namorado de longa data e futuro marido; os *escravos virtuais*, com quem se relaciona por meio de telefonemas, *chats* e listas de discussão na Internet; e, por fim, os *escravos casados*, homens comprometidos com mulheres que não vivenciam o BDSM mas que desejam explorar seus fetiches com uma dominadora.

Acima dos hiperlinks que redirecionam o internauta às páginas individuais de cada um desses tipos de escravos, encontra-se uma imagem retirada da Internet em que um rapaz de joelhos e de coleira está prestes a ser punido fisicamente por uma mulher que segura uma palmatória. (Re)encenações de práticas

fetichistas como essa abundam nos *sites* e *blogs* da dominatrix, especialmente por meio de fotografias eróticas ou pornográficas que retratam os submissos da Rainha Frágil. No *Site 1*, essas fotografias podem ser encontradas, principalmente, na seção *Senzala*, na seção *Revista Ínfimo* e na seção *Novidades*.

Na seção *Novidades*, a dominatrix posta sessões de fotografias que realiza com amigas e submissos. Dentre essas fotografias, encontra-se a sessão de fotos *Recanto*, que mostra uma passeio rural feita pela dominatrix, seu submisso *ideiafix*, amigas dominadoras e seus submissos, conforme pode ser observado nas Figuras 25 e 26:



Figura 25: Fotografia de submisso nu retirada do *site Samia, Rainha Frágil*



Figura 26: Fotografia de submisso nu puxando riquixá de dominadora, retirada do site *Samia, Rainha Frágil*

Fotografias como as representadas pelas Figuras 25 e 26 acentuam a noção de que os escravos da Rainha Frágil recebem essa nomeação não apenas por serem seus servos em um sentido sexual, mas também em sentidos que remetem ao período da colonização e da escravidão no Brasil. Embora o elemento racial não seja determinante para definir quem é a senhora e quem é o escravo nas dinâmicas de dominação e submissão — haja vista que os submissos retratados nas fotografias são brancos —, é possível argumentar que o fetiche da servidão retratado nas fotos empresta elementos visuais do período escravocrata brasileiro.

Na Figura 25, a nudez do submisso e a posição em que se encontra imobilizado, com as mãos amarradas no teto de madeira por uma fina corrente, evocam, ao menos de maneira sutil, os

castigos físicos infligidos sobre os corpos negros no período da escravidão. De maneira mais explícita, a Figura 26 retrata o submisso ideiafix nu, com uma espécie de mordança ou rédea na boca e puxando um veículo movido a tração humana semelhante ao riquixá. A disposição dos corpos da dominadora e do submisso nessa fotografia simula representações comuns do período colonial, em que senhores brancos posavam com negros escravizados a fim de demonstrar o poder que exerciam sobre seus corpos, conforme demonstra a fotografia exibida na Figura 27:



Figura 27: “Escravos transportando homem numa liteira”²⁹, fotografia de Alberto Henschel, Bahia, 1869.

Na Figura 27, observam-se dois negros escravizados levando um homem branco em uma liteira. Embora os contextos das fotografias sejam completamente distintos — a Figura 26

²⁹ Disponível em: <<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/4509>>. Acesso em 10 de novembro de 2021.

representa uma relação consensual entre sujeitos livres e a Figura 27 retrata uma relação de opressão e desumanização —, ambas as fotos assemelham-se na medida em que registram relações de poder entre seres humanos. Nesse sentido, as duas fotografias retratam rígidas hierarquias sociais, em que os corpos considerados inferiores são utilizados como propulsão para os veículos que carregam os corpos considerados superiores.

Não são apenas as relações entre senhores e escravizados do período colonial, no entanto, as relações de poder parodiadas pelas fotografias postadas no *Site 1*. Outro desequilíbrio de poder comumente evocado e subvertido pelas fotos eróticas produzidas pela Rainha Frágil é a desigualdade de gênero entre mulheres e homens. Nesse sentido, várias das fotografias postadas pela dominadora retratam cenas e situações em que os papéis sociais e sexuais tradicionalmente considerados femininos e masculinos são invertidos ou deslocados. Uma das tentativas mais claras de subversão de papéis de gênero expressas no *Site 1* pode ser encontrada na seção *Revista Ínfimo*, na qual a dominatrix posta os número de uma revista fictícia chamada *íNfimO: A revista do NOVO homem*, que pode ser observada na Figura 28:



CAPA

A importância das **surras** no adestramento dos novos machos

MODA

cintos de **castidade** viram a coqueluxe das Dominadoras

CASA

Aprenda a **lavar as calcinhas dela**. dicas e truques para tirar manchas.

ETIQUETA PESSOAL

Lavagem anal sempre pronto para servi-la!!

Figura 28: Capa do primeiro número da revista *iNfimO: A revista do NOVO homem*, retirada do site *Samia, Rainha Frágil*

Parodiando revistas direcionadas ao público feminino como *Claudia*, *Marie Claire*, *Nova* e *Cosmopolitan*, a revista *iNfimO* apresenta-se como um periódico voltado ao público masculino em um mundo em que as relações de gênero fossem invertidas em relação à sociedade patriarcal em que vivemos. Nesse sentido, as seções em que a revista é dividida, *Capa*, *Moda*, *Casa* e *Etiqueta Pessoal*, fazem referência às temáticas comumente abordadas pelas revistas femininas. O aspecto subversivo da revista *iNfimO* explicita-se, porém, nos textos das manchetes de cada uma dessas seções, que fazem referência ao universo do sadomasoquismo e,

mais especificamente, da Dominação Feminina. Assim, compreende-se que o público leitor pressuposto da revista é não só um homem, mas um homem submisso que performa os papéis tradicionalmente associados às mulheres em nossa sociedade patriarcal.

Além das manchetes, a inversão das performances de gênero é expressa pela fotografia que figura abaixo do título da revista. Retratando a dominadora Rainha Frágil sentada em uma cadeira e surrando as nádegas nuas de seu submisso feminizado ideiafix, que se encontra deitado sobre os joelhos dela, a foto referencia e parodia as punições corporais socialmente aceitas às quais as mulheres eram submetidas por seus maridos em um passado pouco distante.

A respeito dos castigos físicos impostos ao corpo feminino ao longo da história brasileira, Sasse e Westin (2013) apontam que

na Colônia, no Império e até nos primórdios da República, a função jurídica da mulher era ser subserviente ao marido. Da mesma forma que era dono da fazenda e dos escravos, o homem era dono da mulher. Se ela não o obedecia, sofria as sanções. As sanções eram pesadíssimas. Os arquivos paroquiais dos séculos 18 e 19 estão repletos de relatos de senhoras que apanhavam com varas cravejadas de espinhos, que eram obrigadas a dormir ao relento, que ficavam proibidas de comer por vários dias e até que eram amarradas ao pé da cama enquanto o marido, no mesmo aposento, deitava-se com a amante. As esposas eram tão brutalizadas que os bispos, em certos casos, atendiam-lhes as súplicas e concediam a separação de corpos (SASSE; WESTIN, 2013, s/p).

Tendo em vista esse contexto histórico de normalização da violência contra a mulher no matrimônio, evidencia-se o caráter paródico da revista *INfimO* como um todo e, mais especificamente, da fotografia exibida em sua capa. Paródias satíricas como essa, que invertem os papéis ocupados por homens e mulheres em peças publicitárias, pôsteres de filmes e fotografias não são raras e podem ser encontradas em representações artísticas diversas, como demonstra a Figura 29:



Figura 29: Reprodução de propaganda de café da marca Chase & Sanborn Cofee, de 1952 (à esquerda), e paródia da propaganda, de 2018³⁰ (à direita)

De uma forma geral, paródias como a apresentada na Figura 29, que buscam evidenciar as discrepâncias entre as representações midiáticas de homens e mulheres, recorrem ao procedimento descrito por Berger (1999) em *Modos de ver*. Ao final de sua análise de pinturas de nus femininos europeus, o autor sugere a seu leitor que

faça a seguinte experiência. Escolha deste livro uma imagem de um nu tradicional. Transforme a mulher num homem. Ou no olhar da mente, ou desenhando na reprodução. Em seguida observe a violência que essa transformação faz. Não à imagem, mas às expectativas de um possível espectador (BERGER, 1999, p. 66).

É possível depreender da sugestão de Berger (1999) que o exercício de inversão dos papéis ocupados por homens e mulheres em representações artísticas é, por si só, subversivo, na medida em

³⁰Disponível em: <<https://www.wefashiontrends.com/fotografo-troca-mulheres-por-homens-em-propagandas-machistas-e-o-resultado-e-maravilhoso/>>. Acesso em 10 de novembro de 2021.

que explicita os contrastes nas convenções de representação dos corpos femininos e masculinos forjados pela cultura ocidental. É importante notar, no entanto, que “a paródia não é subversiva em si mesma, e deve haver um meio de compreender o que torna certos tipos de repetição parodística efetivamente disruptivos, verdadeiramente perturbadores, e que repetições são domesticadas e redifundidas como instrumentos da hegemonia cultural” (BUTLER, 2003, p. 198).

Nesse sentido, é preciso ponderar se as paródias das relações sociais entre mulheres e homens expressas pela revista *iNfimO* e pelas fotografias eróticas dos corpos de submissos postadas no *Site 1* inscrevem-se no âmbito da reiteração ou da disrupção da hegemonia cultural. Nesse contexto, mostra-se relevante o estudo de Attias e Šuka (2017) a respeito do lugar ocupado pelas práticas de Dominação Feminina ou Femdom na contestação da hegemonia patriarcal. Segundo os autores,

as práticas de BDSM frequentemente buscam a transgressão da norma, e o BDSM Femdom em particular transgride a dominação masculina de forma bastante explícita. Quer se possa ou não concluir que o Femdom funcione de alguma forma como uma prática feminista, ele certamente permite que os praticantes imaginem, pelo menos temporariamente, relações alternativas entre gênero, poder e violência; elas [essas práticas] funcionam, mesmo que apenas momentaneamente, como heterotopias que representam um arranjo social alternativo (às vezes ao ponto da paródia). Tem emergido em algumas culturas do BDSM uma ideologia ainda mais explícita da supremacia feminina que explica as práticas sexuais de Femdom não apenas como um desafio temporário às normas de gênero dominantes, mas como um ataque político ativo contra a supremacia masculina (ATTIAS; ŠUKA, 2017, p. 214).

Nesse sentido, é possível argumentar que o tipo de paródia mobilizado pela dominadora Rainha Frágil na produção da revista *iNfimO* e das fotografias fetichistas postadas em seus *sites* e *blogs* compõem a tentativa de fundar uma espacialidade na qual os papéis sociais e sexuais de gênero invertem-se, de acordo com a ideologia da Supremacia Feminina. Nessa perspectiva, a dominadora utiliza-se dos recursos de produção e edição de

domínios virtuais disponibilizados na Internet de forma a criar o espaço de seu Frágil Reino e fazer com que nele circulem textos verbais e não-verbais que corroboram com os ideais da Dominação Feminina.

Conforme evidenciado pela análise da estrutura do *site* e das escolhas estéticas referentes à tipografia e à paleta de cores, fica claro que o *Site 1* possui características de uma época inaugural da Internet, na qual os *blogs* eram, em sua maior parte, páginas estáticas povoadas de hiperlinks, e de edição restrita a indivíduos com algum nível de conhecimento de programação. Segundo Blood (2000), “os weblogs originais eram sites dirigidos por links. Cada um era uma mistura de proporções únicas de links, comentários, pensamentos e ensaios pessoais. Weblogs só poderiam ser criados por pessoas que já sabiam fazer um site” (BLOOD, 2000, p. 1).

Talvez devido a essa necessidade de edição manual, os produtores de *sites* e *blogs* dessa época inaugural da Internet possuíam grande liberdade de produção e personalização dos domínios virtuais. Essa característica dos primeiros *websites* propiciava a criação de designs visualmente carregados, em que os *webdesigners* utilizavam-se de quase todos os recursos semióticos disponíveis para produzir os efeitos de sentido desejados, beirando uma estética do exagero (THORLACIUS, 2007).

Devido às dificuldades de acessibilidade e usabilidade desses *sites*, no início do século XXI estabeleceu-se uma nova tendência no *webdesign* que favorecia “sites hiperfuncionais sem nenhuma estética supérflua” (THORLACIUS, 2007, p. 65). Tendo em vista essa tendência, é possível verificar que os *sites* e *blogs* mais antigos da dominadora, como o *Site 1* e o *Blog 2*, apresentam forte influência de um primeiro momento do *webdesign*, em que não havia tantas regras e os designers podiam exercer a criatividade livremente, enquanto que os *Blogs 3* e *4* parecem seguir a nova tendência de simplificação das páginas *web*.

4.2.2. O diário de Samia, a Rainha Frágil e idéiafix {S}

Situando-se no entremeio entre essas duas tendências, o *Blog 1* apresenta simplicidade de design quando comparado ao *Site 1*, porém mobiliza características típicas dos momentos iniciais da Internet, conforme evidencia a Figura 30:



Figura 30: Captura de tela do blog *Samia, a Rainha Frágil, e idéiafix {S}* (II)

Contrastando com o *Site 1*, o logotipo do *Blog 1*, em que se lê *Samia, a Rainha Frágil, e idéiafix {S}*, é formatado em uma fonte amplamente disponível no ciberespaço, a *Times New Roman Pro Bold*. Criada pela empresa Monotype, a família tipográfica serifada *Times New Roman* foi desenvolvida em 1931 para ser utilizada pelo jornal *The Times of London*. Unindo o “desejo de uma conexão com a história” a um design “nítido e moderno” (MONOTYPE, 2021), a fonte *Times New Roman* oferece uma releitura de tipografias clássicas. Segundo Lawson (1990), “de todas as fontes desenvolvidas durante os últimos 70 anos, a *Times Roman* é a mais

frequentemente apontada como tipificante do século XX” (LAWSON, 1990, p. 270).

A opção da dominadora por uma fonte característica do século XX, serifada e que evoca tipografias clássicas para a composição do logotipo pode ser interpretada como uma característica de seu pertencimento a um primeiro momento da cibercultura. Posteriormente, no *Blog 4*, a dominatrix optará por uma fonte mais moderna, não serifada e criada nos anos 2010, contrastando, assim, com a decenária fonte *Times New Roman* utilizada no *Blog 1*. Outra informação importante depreendida do logotipo é que o *blog* pertence tanto à Rainha Frágil quanto a seu submisso *idéiafix{S}*, haja vista o título *Samia, a Rainha Frágil, e idéiafix{S}*. O tamanho das fontes utilizadas no logotipo, no entanto, revela que a posse sobre o *blog* recai muito mais sobre a dominatrix do que sobre seu submisso, uma vez que o nome *Samia, a Rainha Frágil* encontra-se formatado em tamanho maior que o nome *idéiafix{S}*.

A mescla de simplicidade e detalhismo que compõe o *Blog 1* também pode ser observada no plano de fundo desse espaço virtual, composto por dois tons de azul e um tom pastel de verde-oliva. Apesar da aparente crueza de design, o *blog* traz em sua barra lateral direita uma imagem constituída pelos desenhos de dois cachorros e de uma trilha de pegadas. A opção pela ilustração de cães, à primeira vista, pode parecer despropositada. Porém, sob uma inspeção mais detida, é possível constatar que a figura do cão é largamente mobilizada pela dominadora em suas narrativas de memória³¹, fazendo referência tanto aos animais que criava quando vivia na pousada à beira-mar quanto aos homens submissos que a servem. Nessa perspectiva, as pegadas dos cachorros podem fazer referência às pegadas deixadas pelos cães de E. A. na areia da praia, já que a dominadora conta que costumava levar os animais todas as manhãs para correrem no litoral.

³¹A importância assumida pela figura do cão nas narrativas de memória de E. A. será retomada e aprofundada no Capítulo V.

Além dos significados pessoais que a ilustração possa evocar para a dominatrix, a imagem dos cachorros possui um sentido mais geral. Assemelhando-se a um esboço à lápis feito por uma criança ou adolescente, o desenho produz uma estética infantil, associando-se assim a significados de inocência e brincadeira, que pouco se relacionam à representação da identidade da autora como dominadora. A evocação dessa estética infantilizada e caseira por meio de ilustrações que parecem ser feitas à mão assemelha-se aos diários ou agendas popularizadas na década de 1980 (PIMENTEL, 2011) entre jovens do sexo feminino, que frequentemente traziam elementos não-verbais decorativos como fotografias, desenhos, rabiscos, colagens, etc., conforme é possível observar na Figura 31:

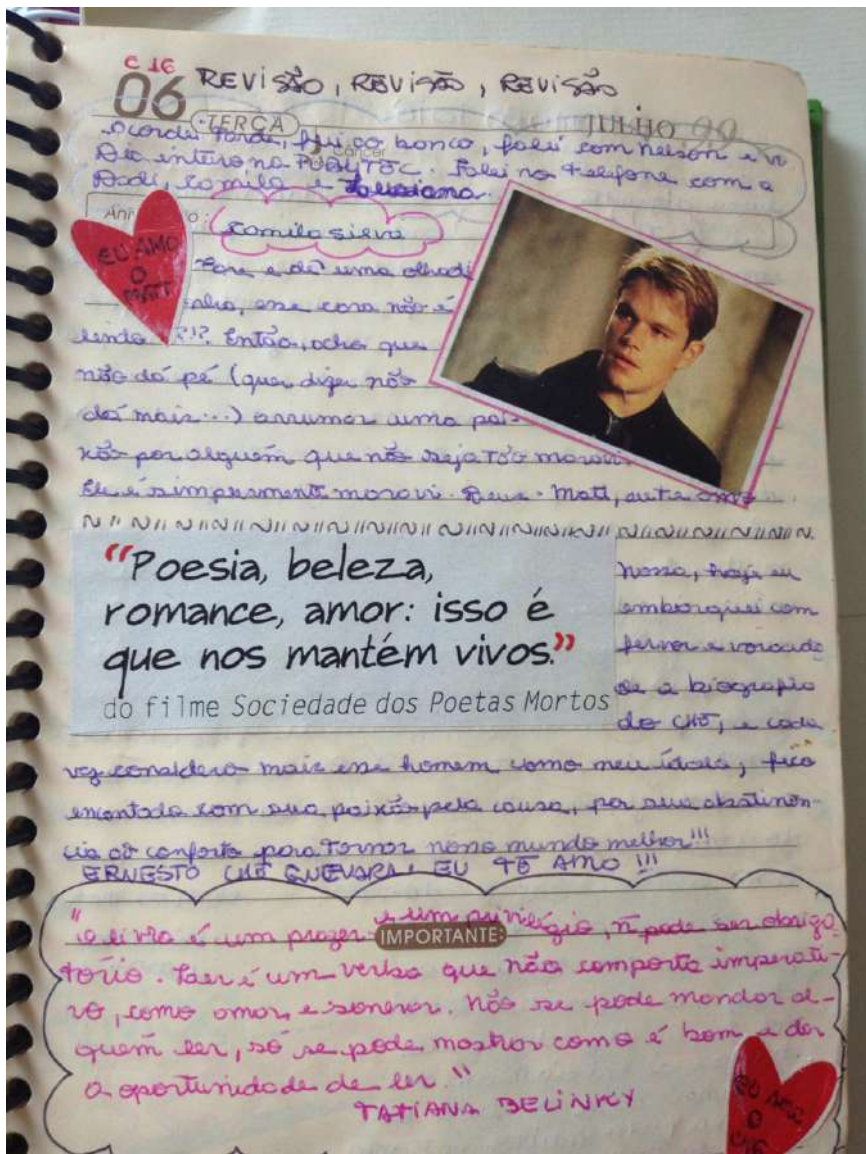


Figura 31: Fotografia de agenda típica dos anos 1990³²

³²Disponível em: <<https://agendas90s.tumblr.com/>>. Acesso em 23 de fevereiro de 2022.

Exemplificando as agendas popularizadas nas décadas de 1980 e 1990, a Figura 31 apresenta a fotografia de uma folha de caderno preenchida por textos verbais, como confissões e citações, e textos não-verbais, como a fotografia de um ator de cinema, nuvens coloridas e corações desenhados à mão. Verifica-se, assim, a aproximação estética do *Blog 1* com as agendas e diários íntimos, visto que ambos trazem ilustrações infantilizadas que acompanham as confissões de seus autores.

A similitude entre o *Blog 1* e os diários e agendas é reforçada pelas seções constituintes de sua barra lateral esquerda. Uma dessas seções, nomeada *Contato*, traz a mensagem *Gostou do nosso diário? =)*, que indica que a dominadora considera o *Blog 1* como um diário virtual em que ela e seu submisso escrevem. Além da seção *Contato*, a barra lateral do *blog* também é constituída pelas seções *Sitemeter*, *Os Fatos Até Agora...* e *Nós Visitamos*, que por sua vez se divide nas subseções *Sites* e *Blogs*, conforme é possível observar nas Figuras 32 e 33:

Contato

[Gostou do nosso diário? =>](#)





visitas desde maio/2002

Os Fatos Até Agora...

- [04/28/2002 - 05/04/2002](#)
- [05/05/2002 - 05/11/2002](#)
- [05/12/2002 - 05/18/2002](#)
- [05/19/2002 - 05/25/2002](#)
- [05/26/2002 - 06/01/2002](#)
- [06/02/2002 - 06/08/2002](#)
- [06/16/2002 - 06/22/2002](#)
- [06/30/2002 - 07/06/2002](#)
- [07/07/2002 - 07/13/2002](#)
- [07/14/2002 - 07/20/2002](#)
- [08/25/2002 - 08/31/2002](#)
- [10/20/2002 - 10/26/2002](#)
- [11/03/2002 - 11/09/2002](#)
- [11/10/2002 - 11/16/2002](#)
- [11/24/2002 - 11/30/2002](#)
- [12/01/2002 - 12/07/2002](#)
- [12/08/2002 - 12/14/2002](#)
- [12/15/2002 - 12/21/2002](#)
- [12/22/2002 - 12/28/2002](#)

Nós Visitamos

Sites

- [Rainha Helga Vany](#)
- [Desejo Secreto](#)
- [Maira Sévdah](#)
- [Artes BDSM](#)
- [Domos Wish](#)
- [Immortal Shibari](#)
- [Tualisi](#)
- [Hedoné](#)
- [Angel Club](#)
- [Companhia do Desejo](#)
- [Shadow Queen Fashion](#)
- [Via Libido Sex Shop](#)

Blogs

- [përsëfonë](#)
- [Bad Violeta Loves Needles](#)
- [Castelo da Luxúria](#)
- [Crônicas de Um Sex Shop](#)




Figuras 32 e 33: Capturas de tela da barra lateral esquerda do blog *Samia, a Rainha Frágil, e idéiafix{S}*

Conforme evidencia a Figura 32, na seção *Sitemeter* é possível observar um contador de acessos que constata que o *Blog 1* teve 6377 visitas desde maio de 2002. O termo *visitas*, mobilizado por esse texto, indica que os internautas que acessam esse domínio virtual são considerados visitantes, sendo a Rainha Frágil e idéiafix{S}, portanto, seus anfitriões. A utilização do termo *visitas*, dessa forma, caracteriza o espaço do *Blog 1* como uma localidade

física do mundo, emulando a espacialidade de uma casa ou de uma propriedade em que a dominatrix e seu submisso recebem seus visitantes.

A metáfora do acesso a *sites* e *blogs* como um ato de visitação também é observada na seção *Nós visitamos*, retratada da Figura 33, na qual são elencados links que direcionam os usuários para diversos domínios virtuais de temática fetichista recomendados pela Rainha Frágil e idéiafix{S}. Dentre os *sites* e *blogs* recomendados, encontram-se o *site Artes BDSM*, que procura propiciar o encontro de “pessoas que vivem e fazem do BDSM uma Arte, um estilo de vida”; o *site Hedoné*, administrado pelo dominador Mr. Cruel e sua submissa, lan@ {MC}; e o *site Shadow Queen Fashion*, dedicado à venda de artigos sadomasoquistas, em especial chicotes. Ao se referir ao acesso a esses domínios virtuais como um ato de visitação, a dominadora significa discursivamente os *sites* e *blogs* de seus amigos e conhecidos como espacialidades nas quais fetichistas e curiosos circulam e confraternizam, reforçando sua caracterização como espacialidades físicas.

A seção *Os Fatos Até Agora...*, por sua vez, é constituída por hiperlinks que arquivam e organizam por data as páginas constituintes do *Blog 1*, conforme é possível observar na Figura 32. Cada um desses links contém um intervalo de aproximadamente um mês de publicações no *blog*, abrangendo um período de abril a dezembro de 2002. Verifica-se, nessa seção, uma expressão do desejo de criação e manutenção de um arquivo de si por parte da autora, que procura manter o registro das páginas anteriores de seu diário virtual.

Além de ilustrar a vontade de arquivamento de escritos autobiográficos, os diversos hiperlinks observados na seção *Os Fatos Até Agora...* ilustram uma das características-chave do início do *webdesign* apontadas por Blood (2000), a abundância de links para outras páginas *web*, de modo que *Blog 1* se resume a uma página principal, em que a dominadora posta seus escritos íntimos, e aglomerados de links que direcionam os internautas a outras partes do *blog* ou para outros domínios da Internet.

Tendo em vista a paleta de cores e o plano de fundo escolhidos pela dominatrix, além das seções em que o *Blog 1* é dividido, apreende-se que as escolhas estéticas de personalização desse *blog* não produzem a performance identitária de uma rainha que vive em um castelo, como ocorre no *Site 1*, mas de uma jovem mulher que escreve diariamente em sua agenda íntima, recebe visitantes em sua casa e frequentemente visita as casas de seus amigos fetichistas.

Nesse contexto, a paleta de cores azul-esverdeada e a decoração com as imagens de cães e de pegadas auxiliam na criação de uma espacialidade de caráter acolhedor e intimista, que, ao emular a estética de um diário de papel, projeta sentidos relacionados ao espaço doméstico. Assemelhando-se à espacialidade da casa, o *Blog 1* apresenta-se, assim, como um espaço convidativo em que a autora recebe visitantes e armazena seus escritos de si.

4.2.3. O Frágil Reino de uma vampiresa sádica

Contrastando com o *Blog 1*, os dois *blogs* criados em seguida pela dominadora, ambos intitulados *Frágil Reino* e referidos pelas siglas *Blog 2* e *Blog 3*, possuem estruturas e *designs* bastante semelhantes entre si, apresentando paletas de cores escuras e logotipos produzidos com fontes elaboradas. O primeiro deles, o *Blog 2*, pode ser observado na Figura 34:



Figura 34: Captura de tela do *blog Frágil Reino* (III)

De modo semelhante ao que se pode observar no *Site 1* e no *Blog 1*, o *Blog 2* possui um logotipo com os dizeres *Frágil Reino: Uma Rainha e seu escravo, dentro e fora do Palácio. BDSM e coisas da vida*. Formatado na fonte *Blackminster italic* e na coloração vermelha, o logotipo contrasta com o fundo de coloração preta, criando uma estética visual impactante. Segundo seu próprio criador, a fonte *Blackminster* “é uma fonte Gótica, inspirada por um conjunto de letras manuscritas” encontrado em “um livro de 1916 sobre letras” (HANODED, 2021). Nesse sentido, o criador da fonte recomenda que ela seja utilizada em capas de álbuns de Heavy Metal, além de “skates e bicicletas de montanha de downhill” (Idem).

A escolha de um logotipo com fonte gótica em coloração vermelha, aliada ao plano de fundo preto, produzem no *Blog 2* uma estética intimidadora. Nesse sentido, a tonalidade vermelha da fonte do logotipo evoca tanto o sangue — reforçando assim o sadismo da Rainha Frágil — quanto a sensualidade, uma vez que essa cor é associada, no senso comum, à paixão, ao amor e à luxúria. Por meio dessas escolhas estéticas, que remetem ao vampiresco, ao paganismo e à bruxaria, a dominadora comunica imediatamente aos internautas que seu *blog* relaciona-se a conteúdos adultos.

A evocação de sentidos ligados ao universo do gótico, da nobreza e do vampirismo é reforçada pela divisão do *Blog 2* em seções que podem ser acessadas por meio de links na barra lateral. Alguns dos títulos dessas seções retomam significados relacionados a um passado histórico aristocrático, como *Livro de Visitas, Palácio, Eras Passadas, Antigo Blog, Reinos BDSM&Afins* e *Arredores*, enquanto outros fazem alusão ao universo do ocultismo e da feitiçaria, como *Rituais* e *Escritos*.

Da mesma forma que o *Site 1* organiza suas seções de forma a fazer referência aos cômodos de um castelo e o *Blog 1* parece evocar o espaço de uma casa, o *Blog 2* ordena seus links de maneira a emular a estrutura de um reino, que possui em seu centro um palácio governado pela Rainha Frágil. As seções em que o *Blog 2* é dividido podem ser observadas nas Figuras 35 a 39, que representam capturas de tela de trechos da longa barra lateral esquerda desse domínio virtual.

Via Libido
sex shop

visitantes desde 30.12.02

usuários on-line



adicionar "Frágil Reino"
aos favoritos



tornar "Frágil Reino"
sua página inicial

Rainha Frágil

a.k.a: Samia

41 anos
Virginiana
Dominadora
Fortaleza - CE

idéiafix{RF}

a.k.a: pequena kelly{RF}

24 anos
ariano
escravo
(há quatro anos)
Fortaleza-CE

Livro de Visitas

assinar | ler

Palácio

Samia, Rainha Frágil

Rituais

(31.12.2002)

Açoitamentos
Buttfacing
Controle de Castidade
CBT
Dogplay
Feminização
Humilhação
Imobilização
Inversão de Papéis
Equitação
Palmas
Pisoteamento
Podolatria
Wax Play

Escritos

Rainha Frágil
Coisas da Vida
Começando
Crescer a Partir do
Não-Julgamento
Feminização Forçada
Inversão de Papéis
Nascer Rainha
Os Donos da Bola

idéiafix{RF}

Confusão

Dicionário Nordestindo das
Buliçagens BDSM
Diversão
Empenho
Estranho no Ninho
Nós
O Amigo Especial
O Homem Perfeito
Olha Só
Rapidinha
Respeito
Tesão
Uma Nova Vida

Enquete

Hedoné

Para você, a utilização de liturgias e dogmas dentro de uma relação BDSM é necessária, desnecessária ou eventual?

Reinos BDSM & Afins




Blogs

jãrsifonê
Bad Violeta Loves Needles
Sindsub
Contos da Camaleoa
Saborosa Submissão
Bastidores de Diva
ArtErotika
Paixão pelo Sexo
Nuvenzinha
Castelo da Luxúria
As descontroladas, perturbadas e sem noção, perdidas no inferno!!!

Sites

Rainha Helga Vany
Desejo Secreto
Maira Sévdah
Artes BDSM
Domos Wish
Immortal Shibari
Tualisi
Hedoné
Angel Club
BDSM Nordeste
Companhia do Desejo
Shadow Queen Fashion
Via Libido Sex Shop
Akasha 's Web
Fictionmania

Canais IRC

#bdsm_nordeste (BRASnet)
#femdom (BRASnet)
#deusas_dominadoras (PTnet)

Grupos de Discussão

Amor com Podólatras
Artes BDSM
Desejo Secreto
Deusas Dominadoras
Estilo SM
O Tronco
Femdom Brasil
Imagens Femdom Brasil

**Inscreva-se no grupo
Femdom Brasil!**

Seu e-mail



Arredores

Blogs

Familia de Laura
Vida de Redatora
Um Mundo de Opiniões
Crônicas de Um Sex Shop

Sites

Animation Express
Freemind
Getty One
Joe Cartoon
Juro que Vi
Omelete
O Recife Mal-Assombrado
Super Downloads
Tã No Meio
Under Web
Usina do Som
Webmasters On Line

Figuras 35 a 38: Capturas de tela da barra lateral esquerda do blog *Frágil Reino*

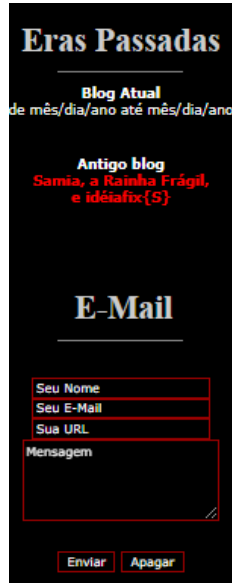


Figura 39: Captura de tela da barra lateral esquerda do *blog Frágil Reino*

Nas Figuras 35 a 39, é possível observar as inúmeras seções nas quais o *Blog 2* se divide. Uma dessas seções é o *Livro de Visitas*, em que os internautas, percebidos como visitantes do Frágil Reino, podem deixar suas mensagens e assinaturas. Assim, ao clicar sobre o nome da seção *Livro de Visitas*, o internauta é redirecionado para uma nova página que requisita seu nome ou nickname, seu e-mail, o endereço de seu *site* ou *blog*, sua cidade e sua mensagem para a Rainha Frágil, conforme se pode observar na Figura 40:

Frágil Reino

Livro de Visitas

Please enter your message below.
Questions and answers left blank
will not appear in the guestbook.

Seu nome ou apelido("nickname")

Seu e-mail:

Sua URL:

Cidade / Estado - País

Sua mensagem:

Disable Smilies  [More Smilies >>](#)

Figura 40: Captura de tela da página *Livro de Visitas*, retirada do blog *Frágil Reino*

As informações requeridas para o preenchimento do *Livro de Visitas* apresentam pistas para a compreensão do funcionamento da comunidade BDSM no ciberespaço no início dos anos 2000. A possibilidade de assinar o *Livro de Visitas* com um apelido ou nickname ao invés do nome real demonstra a importância do sigilo e da discrição para essa comunidade, da mesma forma que o campo de preenchimento da URL indica a centralidade dos *sites* e *blogs* pessoais para a comunicação e interação entre os adeptos do fetichismo nessa época. Na parte inferior da página, após a caixa de diálogo em que o visitante deve deixar sua mensagem, a seleção de *smilies* disponíveis para a expressão de emoções no texto também remete a um primeiro momento da cibercultura, em que o uso dos *emoticons* se popularizava.

Além de um *Livro de Visitas*, o *Blog 2* possui uma seção denominada *Palácio*, conforme evidencia a Figura 36. Nessa seção observa-se um link com o nome *Samia, a Rainha Frágil*, que redireciona os internautas ao *Site 1* e que evidencia a importância da dominatrix para a construção discursiva do reino: o *Palácio*, centro do Frágil Reino, é onde habita a Rainha Frágil. As fronteiras virtuais desse reino são delimitadas pelas seções *Reinos BDSM&Afins* e *Arredores*, que podem ser observadas na Figura 37 e nas quais se agrupam links de redirecionamento para outros *sites* e *blogs*. Apresentando links para outros domínios da Internet que tratam da temática do BDSM, a seção *Reinos BDSM&Afins* apresenta os *blogs* pessoais de outras dominadoras, dominadores, submissos e submissas, a exemplo do *blog Castelo da Luxúria*, descrito como o “precioso diário de Lord Ruthwen e sua escrava Colombina{LR}”³³, do *blog þërsëfönë*, caracterizado como “o dia-a-dia e as reflexões de uma escrava” e do *site Moira Sévdah*, descrito como “Site da Dominadora residente em Curitiba com delicada abordagem do tema Dominação Feminina”.

A seu turno, a seção *Arredores*, que aparece na Figura 38, é dividida nas subseções *Blogs* e *Sites* e exibe as fronteiras do Frágil Reino com o universo “baunilha”, ou seja, aquele que se encontra fora das práticas fetichistas. Nesse sentido, encontram-se, nessa seção,

³³A associação entre as práticas de BDSM e o vampirismo é reforçada pela escolha do *nickname* Lord Ruthwen pelo autor do *blog Castelo da Luxúria*. Fazendo referência ao vampiro ficcional Lord Ruthven, personagem central da obra *The Vampyre*, publicada por John William Polidori em 1819, o *nickname* atribui discursivamente ao blogueiro as características do personagem, descrito como “um aristocrata dominador e sedutor, que muitos críticos consideram ter sido inspirado no próprio Byron” (LAGARTO, 2008, p. 30). Ainda de acordo com Lagarto (2008), Lord Ruthven é um dos primeiros vampiros da literatura moderna associados ao erotismo, uma vez que “Polidori retrata um vampiro bem sucedido, com um enorme apetite sexual, luxúria e *sex appeal*. Ruthven ama as suas vítimas e, de seguida, mata-as, sugando-lhes o sangue. Ele tem um prazer cruel em magoar aqueles que o rodeiam, personificando o anti-herói romântico e é em troca das vidas das mulheres que ama que prolongará para sempre a sua vida terrena” (Ibidem).

links para outros domínios virtuais que interessam à dominadora, mas que não têm necessariamente relação com o BDSM.

Além de possuir um Palácio, um Livro de Visitas e fronteiras, o Frágil Reino possui também sua história documentada nas seções *Era Passadas* e *Antigo Blog*, que podem ser identificadas na Figura 39 e nas quais figuram, respectivamente, links para páginas arquivadas do *Blog 2* indexadas por data e links para o *Blog 1*. Constrói-se, assim, uma espécie de periodização do Frágil Reino, em que as versões anteriores do *Blog 2* e o próprio *Blog 1* funcionam como documentos históricos a serem consultados por seus visitantes.

A construção discursiva do Frágil Reino não se limita, no entanto, à criação de uma história e de uma geografia próprias a essa espacialidade, mas envolve também a produção de uma mitologia específica. Isso pode ser exemplificado pelas seções *Escritos* e *Rituais*, em que a dominadora arquivava suas narrativas de memória, canonizando-as como escrituras sagradas do Frágil Reino, e lista as práticas fetichistas que costuma empregar em suas sessões de BDSM, respectivamente. Dentre os rituais listados, encontram-se Açoitamentos, *Buttfacing*, Controle de Castidade, CBT, *Dogplay*, Feminização, Humilhação, Imobilização, Inversão de Papéis, Equitação, Palmadas, Pisotemamento, Podolatria e *Wax Play*.

Ao colocar o cursor sobre o nome de cada uma dessas práticas, uma caixa de diálogo aparece, trazendo sua descrição. Desse modo, a prática de *Buttfacing* é descrita como “Prática em que a Domme utiliza o rosto do sub como um banquinho”, enquanto a prática de CBT é caracterizada como “Cock & Ball Torture: Tortura dos órgãos genitais do sub masculino” e a prática do *Wax Play* é definida como “Prática de provocar dor e/ou prazer através de pingos de vela (parafina) derretida”, e assim por diante.

Além das descrições, cada uma das práticas fetichistas listadas na seção *Rituais* é vinculada a uma imagem por meio de um hiperlink. Assim, ao se clicar sobre o nome de cada prática, uma nova página com uma imagem ilustrativa se abre. Exemplos dessas imagens ilustrativas podem ser observados nas Figuras 41 a 44:



Figuras 41 e 42: Imagens ilustrativas das práticas de Inversão de Papéis (à esquerda) e Equitação (à direita), retiradas do *blog Frágil Reino*



Figuras 43 e 44: Imagens ilustrativas das práticas de Açoitamentos (à esquerda) e Imobilização (à direita), retiradas do *blog Frágil Reino*

Retiradas das Internet, provavelmente de *sites* e *blogs* pessoais de outras dominatrizes, as fotografias retratadas nas Figuras 41 a 44 auxiliam na construção da representação da Rainha Frágil enquanto uma dominadora sádica e impiedosa na medida em que preenchem o Frágil Reino com os corpos flagelados de homens submissos. Nesse sentido, a apropriação das fotos de sessões fetichistas de outras dominadoras pela Rainha Frágil para ilustrar seus Rituais funciona performativamente como uma promessa a

seus leitores: ao utilizar imagens de terceiros para ilustrar seus fetiches, a dominatrix se compromete a realizar práticas tão intensas e sádicas quanto aquelas retratadas nas fotografias.

A mobilização dessas fotos pornográficas, nesse contexto, funciona como uma ameaça — ou tentação, dependendo do ponto de vista — a seus leitores, especialmente os do sexo masculino. Ao exibir em seu *blog* os corpos feminizados, espancados, humilhados, amordaçados, imobilizados e cobertos de sangue de homens anônimos, a autora representa a si mesma como uma dominadora capaz de infligir essa mesma dor e prazer aos visitantes de seu domínio virtual, performando e representando, assim, sua identidade enquanto dominatrix sadista e cruel.

De maneira semelhante, a postagem de fotografias eróticas de autoria da própria Rainha Frágil também parece funcionar como uma comprovação da veracidade de seus relatos e como uma maneira de performar sua identidade enquanto dominadora sádica, conforme demonstram as Figuras 45 a 47:



Figuras 45 e 46: Capturas de tela de postagens que exibem as nádegas (à esquerda) e o corpo (à direita) do submisso ideiafix, retiradas do *blog Frágil Reino*



Hummm.. assim minha criança...
Eu acho esse exercício interessante por dois motivos..
Primeiro quebra aquela coisa do sujeito pensar que é macho prá c* ...
É ! Mexe com demais com o orgulho desses jovens..
Está pensando talvez nas vezes em que forçou a namorada a fazer sexo oral.
E também acho importante que aprendam a ser limpinhos...
Limpendo sempre a "porcaria" que fazem né?

Figura 47: Captura de tela de postagem que exhibe submisso ingerindo o próprio sêmen, retirada do *blog Frágil Reino*

Retratando as sessões de BDSM vivenciadas pela dominadora Rainha Frágil e seu submisso ideiafix, as postagens reproduzidas por meio das Figuras 45 a 47 intercalam-se com *posts* que versam a respeito da vida cotidiana da dominatrix. Da mesma forma que as postagens de temáticas do dia a dia, as legendas que compõem esses *posts* emolduram as fotografias de caráter sexual, inscrevendo-as no âmbito do ordinário e do rotineiro. Nessa perspectiva, as Figuras 45 e 46, principalmente, assemelham-se a recortes de páginas de diários íntimos, em que a autora escreve suas recordações e as ilustra com fotografias.

Ao compartilhar com os leitores de seu *blog*, sem qualquer pudor, a "bundinha linda" de sua "pequena", conforme mostra a

Figura 45, e o “Album de Fotografia” do aniversário de Kelly³⁴, na Figura 46, a dominadora inscreve essas fotografias fetichistas — e, por extensão, os fetiches que elas retratam — na ordem do banal e do corriqueiro, de modo a naturalizar a vivência dessas práticas eróticas não-normativas. De forma semelhante, a fotografia do submisso engolindo o próprio sêmen apresentada na Figura 47, acompanhada da legenda “acho importante que aprendam a ser limpinhos... Limpando sempre a ‘porcaria’ que fazem”, recontextualiza de maneira satírica essa prática fetichista, ressignificando-a como higiene pessoal masculina.

Verifica-se, assim, que os recursos semióticos disponibilizados pela plataforma do *Blogger* são utilizados pela dominatrix para a construção de uma estética que evoca as temáticas do ocultismo, do paganismo, do vampirismo e do sadismo para a constituição do Blog 2. Contrastando um logotipo vermelho em fonte gótica com um plano de fundo preto, dividindo o *blog* em seções nomeadas a partir de partes de um reino antigo e povoando-as com fotografias que retratam submissos sendo humilhados e torturados como prática cotidiana, a Rainha Frágil representa a si mesma como uma dominadora sanguinária e cruel, que, transitando entre vampiresa e bruxa, deve ser admirada e temida pelos leitores de seu domínio virtual.

4.2.4. O calabouço moderno

De maneira semelhante ao *Site 1*, o *Blog 3* é antecedido por uma página de aviso, conforme se pode observar na Figura 48:

³⁴O *nickname* “pequena Kelly” faz referência a uma *persona* feminina adotada e performada pelo submisso ideiafix de maneira eventual e esparsa durante os anos de 2001 a 2004.



Figura 48: Captura de tela do aviso sobre a natureza confidencial do conteúdo do site *Frágil Reino*

Informando que “não revisa nem endossa” o conteúdo do Blog 3, o aviso de conteúdo confidencial da plataforma *Blogger* tem o objetivo de alertar os internautas a respeito da natureza sexual das postagens que compõem esse domínio virtual. Segundo as políticas de conteúdo da plataforma, é permitida a publicação de “conteúdo adulto no Blogger, inclusive imagens ou vídeos com nudez ou atividade sexual” (BLOGGER, 2021, s/p). Nesse sentido, a plataforma instrui: “se o blog tiver conteúdo sexual, marque-o como ‘adulto’ nas configurações do seu Blogger” (Idem). A plataforma ainda informa que “todos os blogs marcados assim terão um aviso intersticial de ‘conteúdo adulto’” e que esse tipo de aviso “existe para a proteção de todos” (Idem).

Em conformidade com as políticas de conteúdo do *Blogger*, após o clique no botão “ESTOU CIENTE E QUERO CONTINUAR” uma página em branco se abre, sobreposta por mais um aviso a respeito do conteúdo adulto do *Blog 3*, conforme ilustra a Figura 49:

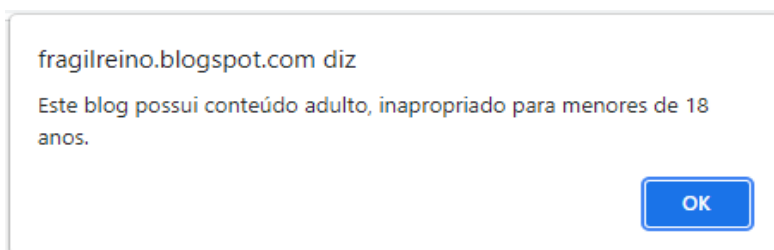


Figura 49: Captura de tela do aviso sobre a natureza adulta do site *Frágil Reino*

Após o clique no botão “OK” o *Blog 3* finalmente se abre e pode ser acessado. Assemelhando-se ao ao *Blog 2*, o *Blog 3* possui o mesmo logotipo na fonte *Blackminster italic* e na coloração vermelha do *blog* anterior, conforme é possível observar na Figura 50.



Figura 50: Captura de tela do *blog Frágil Reino* (IV)

A maior diferença do *Blog 3* em relação ao *Blog 2* encontra-se na cor do plano de fundo, que deixa de ser preta para possuir uma gama de outros tons, dentre eles o cinza e três tonalidades de vermelho. Nesse sentido, a coloração cinza escolhida para compor o plano de fundo, em um tom pastel, pode ser interpretada como uma atenuação em relação à coloração preta do *Blog 2*, que criava um contraste gritante com o vermelho do logotipo.

De uma forma semelhante, a coloração vermelha que também compõe o plano de fundo pode igualmente ser considerada como uma suavização em relação ao preto do *Blog 2*, já que não chega a ser tão escura quanto a coloração do *blog* anterior, criando assim menos contraste com o texto de cor branca. Por outro lado, realçam-se os sentidos evocados pela cor vermelha, muito mais presente nesse *blog*, como a sedução, a paixão e a sensualidade.

Esse abrandamento do visual impactante do *Blog 2* é acompanhado, no *Blog 3*, por uma simplificação nas nomeações das seções nas quais é dividido. Os nomes das seções, assim como das

subseções, podem ser observados nas Figuras 51 a 53, constituídas por capturas de tela da barra lateral esquerda do *blog*.

Brinquedo de Gente Grande

visitantes desde 30.12.02

> usuários on-line

> Adicionar "Frágil Reino" aos favoritos

> Tornar "Frágil Reino" sua página inicial

Últimas

> cotinuando o Contão (especial pra um meninozinho da femdom)

> Declaração de Amor às Mulheres

> Cazuza bem que poderia estar errado...

> Arquitetura X Fetichismo?

> Continuação do Contão

> Cio

> Sensual combinação

> E Já Fomos Nós!

> E Lá VAMOS Nós!

> Aff...

Rainha Frágil

a.k.a: Samia
Página: Samia, Rainha Frágil
> 43 anos
> Virginiana
> Dominadora
> Fortaleza - CE

idéiafix{RF}

a.k.a: pequena kelly{RF}
> 25 anos
> ariano
> escravo (há cinco anos)
> Fortaleza - CE

Livro de Visitas

> Ler Livro de Visitas
> Assinar Livro de visitas

Textos

Rainha Frágil
> Coisas da Vida
> Começando
> Crescer a Partir do Não-Julgamento
> Feminização Forçada
> Inversão de Papéis
> Nascer Rainha
> Os Donos da Bola

idéiafix{RF}
> Confusão
> Dicionário Nordeste das Bulçagens BDSM
> Diversão
> Empenho
> Estranho no Ninho
> Nós
> O Amigo Especial
> O Homem Perfeito
> Olha Só
> Rapidinha
> Respeito
> Tesão
> Uma Nova Vida

BDSM & Afins

Blogs
> No Hospício da Normalidade
> Perséfone
> CannibalCafé
> Um Labirinto Feito de Espinhos
> AlienYZada
> Sinsub
> A Verdade é o Sexo, o Sexo a Verdade
> Bastidores de DiVa
> Castelo da Luxúria
> Contos da Camaleoa
> Devaneios de uma Vampira **(Novo)**
> Diário de um Dominador AmaDor **(Novo)**
> Diário de uma Sisale
> Escrava Justa **(Novo)**
> Frenesi e Lucidez
> Heresias Consensuais
> Nuvenzinha **(Atualizado)**
> Saborosa Submissão
> Satisfaction
> Violeta Hardcore
> Violeta Hardcore2

Sites
> Femdom Brasil
> BDSM Nordeste
> Via Libido Sex Shop
> Rainha Helga Vany
> Latex Doll House **(Novo)**
> Desejo Secreto
> Artesi BDSM
> B&M; Dungeon Sex Shop
> Akasha's Web
> Castelo da Rainha Má **(Novo)**
> Cecília Heels **(Novo)**
> Companhia do Desejo
> Contos BDSM
> Dons de Jade **(Novo)**
> Immortal Shibarí
> Fictionmania
> Rainha Bya **(Novo)**
> Shadow Queen Fashion
> Sir Ganon **(Novo)**
> Vagina Com Cérebro **(Novo)**
> Tualisi

Figuras 51 a 53: Capturas de tela da barra lateral esquerda do *blog Frágil Reino*

Canais IRC

- > # bdsm_nordeste (BRASnet)
- > # Femdom (BRASnet)
- > # deusas_dominadoras (PTnet)

Grupos de Discussão

- > Amor com Podôlatras
- > Artes BDSM
- > BDSM Paraná
- > Desejo Secreto
- > Deusas Dominadoras
- > Exilados BDSM >Estilo SM
- > Nação BDSM (Novo)
- > O Trengo
- > Femdom Brasil
- > Imagens Femdom Brasil

Inscriva-se no grupo **Femdom Brasil!**

Seu e-mail



Arredores

Blogs

- > Família de Laura
- > Vida de Redatora
- > Um Mundo de Opiniões
- > Crônicas de Um Sex Shop

Sites

- > Animation Express
- > Freemind
- > Getty One
- > Joe Cartoon
- > Juro que Vi
- > Omelete
- > O Redife Mal-Assombrado
- > Super Downloads
- > Tá No Melo
- > Under Web
- > Usina do Som
- > Webmasters On Line

Arquivo

Blog Atual

- > Junho 2004
- > Julho 2004
- > Agosto 2004
- > Setembro 2004
- > Outubro 2004
- > Novembro 2004
- > Dezembro 2004

Antigo Blog

- > Samia, a Rainha Frágil, e idéiafix{S}

Contato

Seu Nome

Seu E-Mail

Sua URL

Mensagem

Enviar
Apagar

Clique!

Figuras 54 e 55: Capturas de tela da barra lateral esquerda da *blog Frágil Reino* (II)

Conforme evidenciam as Figuras 51 a 55, apenas as seções *Livro de Visitas* e *Arredores* mantêm-se inalteradas em relação ao *Blog 2*. Por sua vez, a seção *Reinos BDSM&Afins* é substituída pela nova seção *BDSM & Afins*. Apesar da mudança de nome, essa seção funciona da mesma forma que a seção *Reinos BDSM&Afins* do *Blog 2*, aglomerando hiperlinks que redirecionam o internauta para *sites* e *blogs* de amigos e amigas da dominadora pertencentes à comunidade BDSM. A título de exemplificação, enumera-se alguns dos domínios virtuais linkados pela Rainha Frágil nessa seção, a saber: o *site Castelo da Rainha Má*, em que a dominadora sádica Rainha Má posta seus poemas, fotografias e pensamentos; o *blog Diário de uma Sissie*, no qual o submisso feminizado lizziesub narra seu cotidiano; e o *site Cecília Heels*, dedicado à postagem de textos produzidos pela travesti e dominadora Cecília, dentre outros.

Além da seção *BDSM & Afins*, outra seção cujo nome muda do *Blog 2* para o *Blog 3* é a seção *Escritos*, que dá lugar à nova seção *Textos*, enquanto que a seção *Eras Passadas* cede seu lugar à seção *Arquivo*. Por fim, a seção *Palácio* é dividida nas seções *Rainha Frágil* e *Ideiafix{RF}*, enquanto as seções *Antigo Blog* e *Rituais* desaparecem por completo na transição do *Blog 2* para o *Blog 3*.

Com o desaparecimento da seção *Rituais*, também findam-se as ilustrações dos diversos fetiches da dominadora por meio de fotografias retiradas dos *blogs* de outras dominatrixes. Assim, os corpos marcados e flagelados de submissos que outrora habitavam o *Blog 2* desvanecem-se no *Blog 3*, deixando de residir, figurativamente, no Frágil Reino. As fotografias eróticas de autoria da Rainha Frágil, contudo, continuam sendo postadas nesse domínio virtual, principalmente por seu submisso ideiafix, conforme demonstram as Figuras 56 a 63:

Miau

ideiafix (RF) às 16:31

Minha Senhora ganhou uma máquina digital e, inspirada em um conto publicado no blog *Diário de Uma Sissie* - em que um sujeito é obrigado a ir à praia de tiara e rabinho de gatinha - batemos uma série de fotos.

Ainda estamos pegando o jeito de enquadrar e estudar a luz, mas até que nos divertimos!

Espero que gostem ;)

Clique nas fotos para verem outras de tamanhos maiores.



Figura 56: Captura de tela de postagem que exhibe fotografia de ideiafix fantasiado de gato, retirada do blog *Frágil Reino*



Figura 57: Captura de tela de fotografia de ideiafix fantasiado de gato, retirada do blog *Frágil Reino*

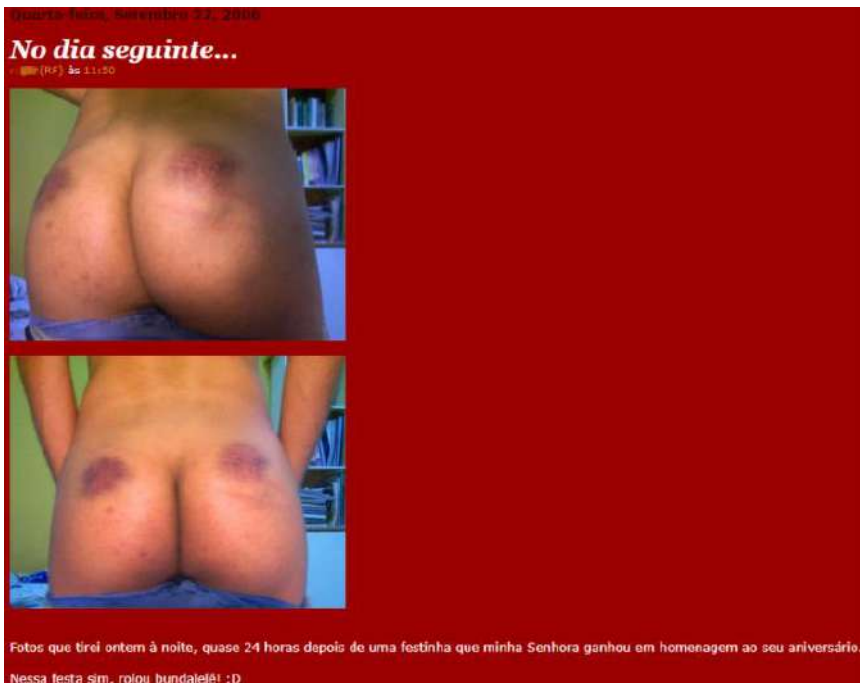


Figura 58: Captura de tela de postagem que exhibe fotografias dos hematomas das nádegas de ideiafix, retirada do *blog Frágil Reino*



Figura 59: Captura de tela de postagem que exhibe fotografias de ideiafix feminizado, retirada do *blog Frágil Reino*



Figuras 60 e 61: Capturas de tela de fotografias de ideiafix feminizado, retiradas do blog *Frágil Reino*



Figuras 62 e 63: Capturas de tela de fotografias de ideiafix feminizado, retiradas do blog *Frágil Reino* (II)

Retratando o submisso ideiafix feminizado, como mostram as Figuras 57 e 59 e 60 a 63, ou nu, como evidencia a Figura 58, as

fotografias produzidas pela Rainha Frágil oscilam entre o erótico e o pornográfico. De acordo com o escritor e crítico de arte John Berger (1999), as fronteiras entre o erotismo artístico e a pornografia são, no melhor dos casos, tênues. Segundo o autor, as convenções de representação da mulher que regiam os nus femininos na tradição europeia de pintura a óleo persistem até hoje na maneira como o corpo feminino é enquadrado em fotografias e filmes pornográficos.

Diante das fotografias de caráter erótico publicadas no *Blog 3*, é possível argumentar que os corpos masculinos vestidos e estilizados de forma convencionalmente feminina nelas apresentados também enquadram-se nesses modelos de representação da mulher. Nesse sentido, uma das características que marca os corpos femininos retratados tanto nos nus artísticos quanto nas fotografias pornográficas é a ausência de pelos corporais. Segundo Berger (1999), essa convenção decorre da ideia de que “o cabelo está associado com potência sexual, com paixão” (BERGER, 1999, p. 57). Assim sendo, “a paixão sexual da mulher precisa ser minimizada para que o espectador possa sentir que ele tem o monopólio dessa paixão” (Idem), de modo que as mulheres são tradicionalmente pintadas e fotografadas sem pelos no corpo. Em suma: “a mulher está ali para alimentar um apetite, e não para ter um apetite próprio” (Idem) e, dessa forma, os corpos exibidos nessas obras artísticas geralmente retratam mulheres depiladas, sem pelos nos genitais, nas pernas, nas axilas, no buço, nos braços, etc.

Essa convenção da representação do corpo feminino é adotada na produção das fotografias postadas no *Blog 3*, conforme é possível observar nas Figuras 56 a 63. Em todas elas, é possível verificar a ausência de pelos no tronco, genitais, nádegas, pernas e braços do submisso ideiafix. Nesse contexto, é importante observar que a pele sem pelos do submisso retratada nas fotografias de Rainha Frágil não é uma eventualidade. A depilação masculina é uma prática comum no universo da Dominação Feminina, sendo adotada especialmente pelos submissos que praticam o fetiche da feminização. Nessa perspectiva, essa estilização corporal é, muitas

vezes, um pré-requisito para que uma dominatrix aceite um escravo em seu reino ou masmorra.

A importância da estilização corporal da depilação para as práticas de dominação e submissão é exemplificada diversas vezes nas narrativas de memória da dominatrix Rainha Frágil, conforme é possível observar nos Exemplos 14 e 15:

Ex 14 (*Blog 1*, 2002): Combinamos que [ideiafix] ia se depilar e ia ficar com a bundinha bem lisinha para estrear uma calcinha nova. É lindo quando os meninos vestem calcinhas... As bem apertadas que espremem o pênis. E elas (!) aprendem rápido a andar nos saltos.. risos.

Ex 15 (*Blog 4*, 2015): Eu falo sobre determinação porque muitos homens querem viver essa experiência e soltar todo esse lado [feminino] mas não se determinam. A questão da barba por exemplo requer atenção contínua, os cabelos também. É preciso coragem. No caso o homem muito peludo precisa ir um dia a uma esteticista e buscar tratamentos para que os pelos não cresçam tanto. Investimento, vontade. Não tem outro jeito, J.. E coragem, né? Aline sempre cuidou dos cabelos, por exemplo. Sempre cuidou de se depilar.

No Exemplo 14, a dominadora narra seu combinado com o submisso ideiafix: ele se depilaria para uma sessão de feminização. Mais especificamente, ele deveria manter as nádegas lisas para vestir uma calcinha nova. A centralidade da depilação dessa parte do corpo para a dominadora Rainha Frágil é explicitada pelas Figuras 56 a 58, que apresentam as nádegas dos submissos como elemento central em suas fotografias fetichistas. A necessidade da depilação corporal para a submissão do homem no universo da Dominação Feminina também é ressaltada pela dominatrix no Exemplo 15, em que ela explica a uma leitora de seu *blog* que os homens que desejam ser submissos e expressar seu lado feminino devem procurar tratamentos estéticos para evitar o crescimento de pelos.

A conformação dos corpos masculinos fotografados e tornados públicos no *Blog 3* à tradição de representação do corpo da mulher no nu e na pornografia auxilia, da mesma forma que a revista *iNfimO* no *Site 1*, na construção e manutenção lúdica de uma espécie de matriarcado imaginário no qual o Frágil Reino se situa. A produção discursiva dessa sociedade matriarcal em que a Dominação Feminina é normalizada como estilo de vida se acentua, no *Blog 3*, com a publicação de um longo conto que mescla realidade e ficção. Situada em um vilarejo governado por mulheres, a trama de cunho erótico segue as aventuras de Liana, uma dominadora que mantém relações com variados escravos, todos do sexo masculino, mas estética e psicologicamente feminizados.

As relações de poder entre mulheres e homens e o tom geral do conto podem ser observados no Exemplo 16:

Ex 16 (*Blog 3*, 2005): Vivemos em um matriarcado com regras muito rígidas a respeito dos machos. Os primogênitos são sempre castrados e treinados para os serviços domésticos. [...] Não é uma regra que sejam feminizados, mas isso sempre foi um jogo muito excitante para as Mulheres do reino. E tudo que é excitante para as Mulheres é muito bem visto em nossa sociedade. Não transformamos homens em mulheres mas, apenas, por pura diversão, aprisionamos homens em corpos femininos.

Os rituais de feminização que governam os corpos dos submissos da Rainha Frágil, nesse sentido, podem ser interpretados como ilustrações dos processos de subjugação aos quais os homens são submetidos nessa utopia matriarcal. Complementando-se, fotografias pornográficas, relatos pessoais, textos de ficção e de autoficção constituem assim, em um exercício de exploração de fantasias e desejos, as diversas facetas do Frágil Reino.

Tal mescla de modalidades para a produção de sentido pode ser observada na Figura 64, que apresenta a captura de tela de uma postagem do *Blog 3* composta pela combinação do texto verbal do conto com uma fotografia erótica.

Ela analisava aquelas mulheres ágeas. Todas as noites os queriam para perto delas naquela noite. Os guardiões cobriam suas mãos e pés, ofereciam-lhes perfume caro e perfume doce em sacrifício. Os seus braços arrastavam-se pelo chão, lambendo carinhosamente seus pés. Outros se inclinavam ao banheiro na esperança de ser circo, ao menos como servidas. A partir das oito horas parecia congelar todo o reino.

Ela fez sinal para o marido. E todo o reino compreendeu que ele seria o escolhido daquela noite. Ele banhou-se. Verificou se o corpo todo estava liso. Ela odiava pêlos. Passou cremes pelo corpo.

Sempre vestia-se como mulher porque era essa a lei para os maridos. Feminizados desde a adolescência, mas queria agradá-la especialmente hoje. Espartilho preto, meias de seda 7/8, e também a saia nova preta, que ela trouxera para ele de sua última viagem. Vestiu botas de cano longo. Maquiou-se cuidadosamente. A boca vermelha beijou o espaço. Olhou-se novamente no espelho e prometeu a si mesma que a faria sorrir.

Então de quatro levanteu o corpo e colocou uma bandeja com o pé e os quadris que ele mesmo daria e que ela tanto apreciava.

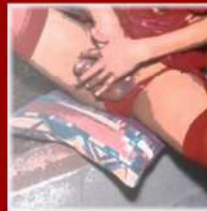


Figura 64: Captura de tela de postagem composta por texto e fotografia erótica, retirada do blog *Frágil Reino*

Descrevendo uma relação sexual entre uma das dominadoras de seu conto e seu marido, o texto detalha as desigualdades de poder entre os homens e as mulheres na sociedade matriarcal imaginada pela Rainha Frágil. Aos homens, escravizados, cabe servir a suas senhoras oferecendo-lhes seus corpos para punições físicas, lambendo-lhes os pés e postando-se como privadas humanas nos banheiros. Os maridos, em especial, devem feminizar-se com banhos de beleza, lingerie e maquiagens, de forma a agradar suas esposas, conforme evidencia o Exemplo 17, que traz um trecho selecionado do conto.

Ex 17 (*Blog 3*, 2008): Ela fez sinal para o marido. E todo o reino compreendeu que ele seria o escolhido daquela noite. Ele banhou-se. Verificou se o corpo todo estava liso. Ela odiava pêlos. Passou cremes pelo corpo. Sempre vestia-se como mulher porque era essa a lei para os maridos, feminizados desde a adolescência, mas queria agradá-la especialmente hoje. Espartilho preto, meias de seda 7/8, e também a saia nova preta, que ela trouxera para ele de sua última viagem. Vestiu botas de cano longo. Maquiou-se cuidadosamente. A boca vermelha beijou o espaço. Olhou-se novamente no espelho e prometeu a si mesma que a faria sorrir.

Produzindo sentido em conjunto com o texto verbal, a fotografia escolhida pela dominadora para acompanhar o conto

funciona como uma ilustração da aparência do marido da protagonista. De meias 7/8, calcinha e espartilho vermelhos, o sujeito retratado na foto assemelha-se ao personagem descrito por Rainha Frágil, que usa essas mesmas vestimentas na cor preta. De forma semelhante, vários outros *posts* que povoam o *Blog 3* mobilizam composições de textos verbais e imagens para a criação de semiose, conforme ilustra a Figura 65:



Figura 65: Captura de tela de postagem composta por poesia e fotografia, retirada do *blog Frágil Reino*

Constituída pelo poema *Eu quero ser um sábio* de Bertholt Brecht e pela fotografia de uma mulher retirada da Internet, a postagem retratada na Figura 65 ilustra grande parte dos *posts* que podem ser encontrados no *Blog 3*. Intercalando-se às publicações de caráter erótico, postagens como essa inserem a literatura e a vida cotidiana no contexto do fetichismo e vice-versa, fazendo juz ao subtítulo do blog: *uma rainha e seu escravo, dentro e fora do Palácio*.

Tendo em vista a análise empreendida do *Blog 3*, verifica-se uma simplificação estética em relação ao *Blog 2*, de forma que a performance identitária da Rainha Frágil nesse *blog* também muda: ela passa de uma vampiresa sádica que mora em um reino antigo para uma dominadora que vive em um mundo moderno. Encontrando e tecendo brechas na sociedade patriarcal por meio da mobilização de recursos semióticos de seu *blog*, a dominatrix

fantasia relações de matriz matriarcal não mais em um passado longínquo e imemorial, mas nos tempos atuais.

Nesse contexto, embora ela ainda se refira a si mesma como Rainha Frágil, não é mais tão fácil traçar paralelos entre as nomeações das seções do *Blog 3* e os cômodos de um castelo ou as partes de um reino. O *Livro de Visitas*, os *Arredores* com o qual o reino faz fronteira e o *Arquivo* que guarda suas histórias permanecem como indicadores da relação entre as espacialidades do *blog* e do Frágil Reino, embora essa relação não seja tão íntima quanto costumava ser no *Site 1* e no *Blog 2*.

4.2.5. Crônicas da vida: as memórias de uma dominatrix experiente

Por fim, o *blog* mais recente da autora, posteriormente chamado de *Blog 4*, contrasta com todos os *sites* e *blogs* anteriores devido a sua simplicidade de design. Com uma paleta de cores pastéis que vão do marrom claro do cabeçalho ao cinza da barra lateral e ao branco do plano de fundo da página principal, o *blog* não traz em sua estética qualquer evocação da temática do BDSM, conforme é possível observar na Figura 66.



Figura 66: Captura de tela do *blog Frágil Reino* (V)

Esse distanciamento da estética fetichista também pode ser constatado no logotipo do *blog*, em que se lê o título *Frágil Reino: Crônicas da vida. Mulher de 60!! E Dominatrix e empreendedora*. Diferentemente dos logotipos dos *sites* e *blogs* anteriores da autora, que enfatizavam sua performance identitária como Rainha Frágil, esse logotipo cita a temática da dominação quase que de forma incidental. Mais relevante do que sua performance como dominatrix, parece tornar-se central no *Blog 4* a identificação de E. A. como mulher idosa, conforme indicam as predicções *crônicas da vida e mulher de 60*, atribuídas ao Frágil Reino por meio do logotipo.

A valorização da velhice e da experiência de vida, que se refletem na mobilização de uma paleta de cores sóbrias, também é evocada pelas fontes utilizadas pela autora na formatação do logotipo. De coloração cinza-escuro, ambas as fontes são muito mais simplistas e minimalistas que as fontes anteriormente escolhidas pela dominadora para seus logotipos.

Para o título *Frágil Reino* a dominatrix optou pela fonte *Lato Black*. Segundo o *site Fonts 2 U*, *Lato Black* é uma fonte que “deve parecer bastante ‘transparente’ quando usada no corpo do texto” (FONTS 2 U, 2021). Nesse sentido, “seu elegante visual sem serifa deixa evidente o fato de que *Lato* foi desenhado em 2010” (Idem), enquanto sua “estrutura forte proporciona estabilidade e seriedade” (Idem). Evidenciam-se, nessa descrição, a legibilidade, a simplicidade, as bordas retas e o caráter moderno dessa fonte, que contrastam com as bordas arredondadas das outras fontes utilizadas nos logotipos da dominatrix, que emulavam uma escrita de época. Nesse sentido, ao invés de passar a impressão de uma letra antiga, a fonte *Lato* é, caracteristicamente, uma fonte dos anos 2010, trazendo um design atual e voltado à acessibilidade na Internet.

A segunda fonte utilizada no logotipo, por sua vez, é a *Merriweather*, descrita pelo *site Mais Fontes* como uma fonte “projetada para ser uma face de texto agradável de ler nas telas” (MAIS FONTES, 2021). Trata-se, portanto, de uma fonte sem ornamentação e de fácil leitura, que busca adequar-se às novas demandas dos meios digitais.

A escolha dessas duas fontes para a composição do logotipo do *blog* é sintomática de um novo ideário que atualmente permeia o design das páginas *web*. Privilegiando a compreensão, a condensação de informações e a rapidez de leitura, a tipografia do novo *webdesign* deve seguir os seguintes princípios, elencados por Joel Sklar em *Principles of Web Design* (2012): utilização de menos fontes e tamanhos; uso de fontes disponíveis; design para legibilidade; e evitamento do uso de textos gráficos (SKLAR, 2012, p. 192).

A respeito da utilização de fontes que favoreçam a legibilidade, Sklar (2012) sugere ao *webdesigner* que “pense em termos de famílias de fontes, como fontes *serif* e *sans-serif*, em vez de estilos específicos” (Idem, p. 194). Fica evidente, nesse sentido, a adesão do design do *Blog 3* a esse novo modelo de tipografia, tendo em vista a opção por uma fonte sem serifas (pertencente à família *sans-serif*) para a formatação do título do logotipo, e a escolha de uma letra de fácil legibilidade para a formatação do subtítulo.

A opção por um logotipo mais simplista, no caso do *Blog 4*, implica também no abandono daquilo que Sklar (2012) chama, em uma tradução literal, de textos gráficos. Tratam-se, em realidade, de imagens que trazem textos estilizados, comumente utilizadas em títulos e *banners* nos primeiros *blogs* da Internet. Os logotipos do *Site 1* e dos *Blogs 2* e *3* são textos gráficos, enquanto que os logotipos dos *Blogs 1* e *4* não são. Situando a utilização de textos gráficos em diferentes eras da Internet, Sklar (2012) afirma que atualmente

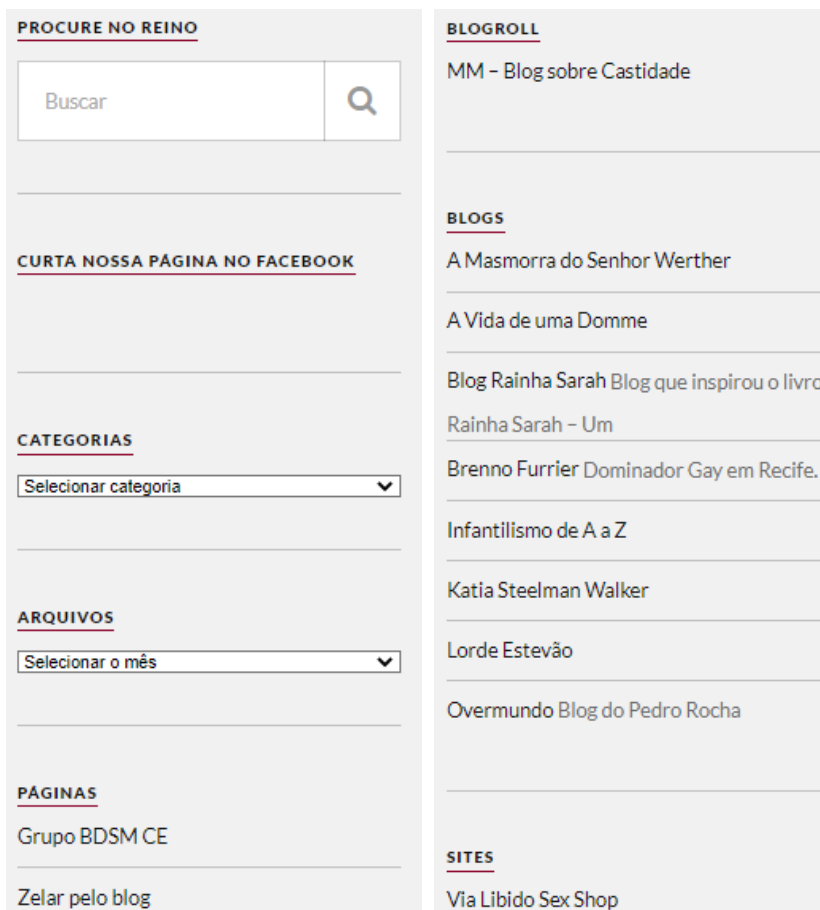
o aumento do número de fontes comuns e a disponibilidade de fontes especiais significa que menos designers da Web devem recorrer a criar gráficos simplesmente para apresentar texto. Esta técnica costumava ser comum nos primeiros dias do design da Web, quando as opções de fontes eram mais restritas. Ainda assim, a maioria dos sites usa gráficos de texto em uma forma ou outra, seja para um logotipo principal, *banner* ou anúncio (SKLAR, 2012, p. 197).

A adoção dos princípios do novo *webdesign* na personalização do *Blog 4*, expressa pela opção por uma paleta de cores pastéis e de

um logotipo com fontes simples e de fácil leitura, pode ser interpretada como uma adaptação necessária para a sobrevivência da plataforma do *blog* nos dias atuais. A popularização do *microblogging*, “nova forma de comunicação na qual os usuários podem descrever seu status atual em postagens curtas” (JAVA et al, 2007, p. 56), representada principalmente pelo uso de redes sociais como Twitter, Facebook e Instagram, atende à demanda por “um modo de comunicação ainda mais rápido” (Idem, p. 57). Para tentar competir com esse novo modelo de comunicação, os blogs tendem a adotar uma estética e estrutura simplista, facilitando a apreensão da informação no menor tempo possível.

Também é interessante observar que, à exceção do *Site 1*, hospedado na plataforma *Yahoo! GeoCities*, todos os *blogs* da dominadora anteriores ao *Blog 4* hospedaram-se em plataformas do *Google*, como *Blogspot* e *Blogger*. O *Blog 4*, por sua vez, é gerenciado por meio da ferramenta *WordPress*, um sistema de código aberto. Nesse sentido, a discrepância estética entre o *Blog 3* e o *Blog 4* também pode ser atribuída, em parte, à mudança de plataforma, uma vez que diferentes serviços de hospedagem e gestão de domínios virtuais oferecem recursos de personalização estética distintos.

Seja devido a um novo modelo de comunicação promovido pelos *microblogs* ou pela mudança de plataforma, a preferência por uma estética neutra e simples também pode ser observada nas seções da barra lateral do *Blog 4*, com títulos menos relacionados ao universo fetichista que as seções dos *sites* e *blogs* anteriores. Os nomes das seções e subseções podem ser observados nas Figuras 67 e 68, que exibem capturas de tela da barra lateral direita do *blog*.



Figuras 67 e 68: Capturas de tela da barra lateral direita do *blog Frágil Reino*

Conforme é possível observar na Figura 67, a primeira seção consiste de uma barra de busca nomeada *Procure no Reino* e permite que os internautas pesquisem textos do *blog* por meio de palavras-chave. Verifica-se assim, por meio do título atribuído a essa ferramenta, uma aproximação dos sentidos de *blog* e reino, uma vez que procurar por uma palavra no *blog* equivale a procurar por ela no Frágil Reino.

Além da seção *Procure no Reino*, constituem a barra lateral do *Blog 4* as seções *Categorias*, *Arquivos*, *Páginas*, *Blogs* e *Sites*. A seção *Categorias* possibilita que o internauta encontre uma página por

meio de sua categorização em subseções, conforme é possível observar na Figura 69:



Figura 69: Captura de tela da seção *Categorias*, retirada do blog *Frágil Reino*

Dentre as subseções que constituem a seção *Categorias*, aquelas que merecem maior atenção são as subseções *A Masmorra*, *Canil*, *Galeria*, *Sala de Leitura* e *Arquivo*, cujos títulos são topônimos e fazem alusões a espacialidades constituintes do Frágil Reino.

É principalmente sob a marcação das subseções *A Masmorra* e *Canil* que encontram-se os relatos nos quais a Rainha Frágil apresenta os escravos que a servem, narrando as relações sexuais que mantém com eles. Capturas de tela dessas subseções podem ser observadas nas Figuras 70 e 71 reproduzidas a seguir.

ADESTRAMENTO, CANIL, COMUNIDADE

Se acaba, acaba. Pronto.

21 de janeiro de 2020 — 1 comentário

ADESTRAMENTO, PENSAR

Tô brava, não! :)

21 de janeiro de 2020 — 0 Comentários

ADESTRAMENTO, EAD

EAD: (fábio) Emoções...

16 de janeiro de 2020 — 0 Comentários



ADESTRAMENTO, COMUNIDADE, GALERIA

Outros brinquedos...

14 de janeiro de 2020 — 3 Comentários



CANIL, EAD

EAD – Cartas

22 de dezembro de 2019 — 0 Comentários

COMUNIDADE, GALERIA

Um domingo qualquer...

13 de janeiro de 2020 — 1 comentário

Figura 70: Captura de tela da subseção *A Masmorra* do blog *Frágil Reino*

ADESTRAMENTO, CANIL, COMUNIDADE

Se acaba, acaba. Pronto.

21 de janeiro de 2020 – 1 comentário

CANIL, EAD

EAD – Cartas

22 de dezembro de 2019 – 0 Comentários

CANIL

Sigo vaidosa

6 de dezembro de 2019 – 2 Comentários

CANIL

Saibam cumprir ordens!

10 de outubro de 2019 – 0 Comentários

CANIL

ATENÇÃO: o questionário será encerrado amanhã, dia 20.

7 de outubro de 2019 – 2 Comentários



A MASMORRA, ADESTRAMENTO, CANIL

Bethina

24 de agosto de 2019 – 7 Comentários



A MASMORRA, ADESTRAMENTO, CANIL

Eu nos portais...

16 de agosto de 2019 – 7 Comentários



CANIL

Construir confiança

19 de julho de 2019 – 0 Comentários

Figura 71: Captura de tela da subseção *Canil* do blog *Frágil Reino*

De maneira semelhante às subseções *A Masmorra* e *Canil*, a subseção *Galeria*, cujo nome faz referência ao local em que se expõem quadros e outras obras de arte, exibe fotografias de cunho erótico de autoria de Rainha Frágil. A título de exemplificação, algumas dessas fotografias podem ser observadas na Figura 72.



ADESTRAMENTO, COMUNIDADE, GALERIA

Outros brinquedos...

14 de janeiro de 2020 – 3 Comentários



COMUNIDADE, GALERIA

Um domingo qualquer...

13 de janeiro de 2020 – 1 comentário



COMUNIDADE, EVENTOS, GALERIA

Mais uma festa linda...

18 de outubro de 2018 – 0 Comentários



COMUNIDADE, EVENTOS, GALERIA

Sobre o Dominatrix...

16 de agosto de 2018 – 0 Comentários



COMUNIDADE, EVENTOS, GALERIA

Crônicas do Sol da Meia Noite II

14 de novembro de 2017 – 1 comentário



COMUNIDADE, EVENTOS, GALERIA

Festa Halloween BDSM

CE 04/11/2017

9 de novembro de 2017 – 2 Comentários

Figura 72: Captura de tela da subseção *Galeria* do blog *Frágil Reino*

Conforme demonstram as Figuras 70 a 72, grande parte das postagens do *Blog 4* são acompanhadas por fotografias, de modo que nos deteremos, por um momento, sobre as significações produzidas pela publicação dessas fotos no domínio virtual da dominatrix Rainha Frágil. Nesse sentido, o exame das Figuras 70 a

72 revela que grande parte das fotografias publicadas no *Blog 4* retratam cenas fetichistas das quais a dominadora participa. Mais especificamente, as fotografias capturam imagens dos corpos nus ou seminus dos submissos da dominadora, que muitas vezes se encontram amarrados e cobertos por marcas vermelhas, conforme ilustram as Figuras 73 e 74.



Figura 73: Fotografia de ideiafix feminizado, retirada do blog *Frágil Reino*



Figura 74: Fotografia de submisso nu e amarrado, retirada do blog *Frágil Reino*

Além da ausência de pelos corporais, os sujeitos masculinos fotografados nas Figuras 73 e 74 compartilham outra característica com a tradição de representação do corpo feminino dos nus europeus: a disposição de seus corpos. De acordo com Berger (1999), tanto na pornografia quanto no nu artístico o corpo feminino é tipicamente posicionado de maneira a aprazer o verdadeiro protagonista desses retratos: o espectador. Nesse sentido, o autor argumenta que

na maioria das pinturas a óleo europeias do nu, o protagonista principal nunca é pintado. Ele é o espectador diante do quadro e presume-se que seja um homem. Tudo é a ele dirigido. Tudo deve parecer como sendo o resultado dele estar ali. É para ele que as figuras assumiram a sua nudez. Porém, ele é, por definição, um estranho – vestindo ainda suas roupas (BERGER, 1999, p. 56).

Amarrados e com os corpos meticulosamente retorcidos de maneira a exibir suas nádegas para a câmera, os sujeitos retratados nas Figuras 73 e 74 são posicionados de maneira a aprazer sua espectadora, a Rainha Frágil. É interessante notar, nesse sentido, que em muitas das fotografias eróticas postadas em seus *sites e blogs* a dominatrix não posa junto a seus submissos. Ela não posa com eles porque se encontra atrás das lentes da câmera, orquestrando a colocação e a estilização de seus corpos em um enquadramento que lhe seja aprazível.

Essa colocação dos corpos produzida pela dominadora, no entanto, difere da tradição europeia do nu em uma de suas características centrais: o olhar do sujeito retratado. Nas convenções da pintura a óleo do nu feminino, argumenta Berger (1999), o olhar da mulher retratada é essencial para a produção de seu sentido de pertencimento e submissão ao espectador masculino. Em grande parte das fotografias postadas no *Blog 4*, no entanto, os olhos dos submissos não estão visíveis, uma vez que seus rostos encontram-se encobertos ou fora do enquadramento da fotografia, conforme expressam as Figuras 73 e 74, ou mesmo ocultados por máscaras.

De acordo com Butler (2015), o enquadramento media a relação entre o fotógrafo e o fotografado e controla o perceptível. Exercendo uma função delimitadora, o enquadramento coloca “uma imagem em foco, com a condição de que uma porção do campo visual seja excluída” (BUTLER, 2015, p. 115). Nesse sentido, o ocultamento das faces dos submissos pode ter inúmeras razões e produzir sentidos variados. Ao estudar as fotografias de tortura dos prisioneiros de Abu Ghraib em *Quadros de guerra*, Judith Butler (2015) aponta que o apagamento dos rostos de sujeitos fotografados

pode mobilizar sentidos tanto de humanização quanto de desumanização desses sujeitos. A faceta desumanizadora do enquadramento que exclui da fotografia as faces dos submissos pode ser explicada pela relação entre o rosto humano e a ética. Nesse sentido, a autora aponta que

se, como o filósofo Emmanuel Levinas assegura, é a face do outro que exige de nós uma resposta ética, parece então que as normas que determinariam quem é e quem não é humano nos chegam sob uma forma visual. Essas normas atuam para *mostrar um rosto* e para *apagar esse rosto* (BUTLER, 2015, p. 118).

Considerando que a face do outro o determina como humano, é possível sugerir que os enquadramentos das fotografias postadas no *Blog 4* que apagam os rostos dos submissos da Rainha Frágil produzem o efeito de desumanização desses sujeitos. Nesse sentido, ao terem suas faces cobertas por máscaras ou excluídas do campo do representável pelo enquadramento da câmera, os submissos passariam a representar não mais seres humanos, mas objetos à disposição da dominadora.

Por outro lado, a substituição dos nomes dos submissos por *nicknames* e a ocultação de seus rostos também podem produzir efeitos de humanização sobre esses sujeitos, uma vez que esses procedimentos de anonimização preservam suas reais identidades. Nessa perspectiva, Butler (2015) pondera:

Será que poderemos, não obstante, afirmar que o rosto obscurecido e a ausência do nome funcionam como rastro visual — mesmo que sejam uma lacuna no campo visível — da própria marca da humanidade? [...] Devemos lamentar a ausência de nomes? Sim e não. Conhecê-los é e não é direito nosso. Poderíamos pensar que nossas normas de humanização exigem um nome e um rosto, mas talvez o “rosto” atue sobre nós precisamente através daquilo que o encobre, ou como aquilo que o encobre; nas e através das formas pelas quais é subsequentemente obscurecido. Nesse sentido, não nos cabe conhecer o rosto e o nome, e afirmar esse limite cognitivo é uma maneira de afirmar a humanidade que escapou ao controle visual da fotografia (BUTLER, 2015, p. 142).

O ocultamento dos nomes e dos rostos dos submissos, nesse sentido, pode funcionar tanto como um procedimento humanizador quanto desumanizador desses sujeitos. O sentido desumanizador do apagamento da identidade dos submissos, no entanto, é reforçado nas fotografias em que a dominadora aparece. Posando com seus escravos, a dominatrix revela sua face, apresentando-se assim, em uma perspectiva leviniana, como humana, enquanto a seus submissos essa característica é negada. Esse segundo tipo de fotografia, em que a Rainha Frágil é retratada junto de seus submissos, pode ser exemplificada pelas Figuras 75 a 77³⁵:



Figura 75: Fotografia de Rainha Frágil punindo ideiafix, retirada do *blog Frágil Reino*

³⁵Nas Figuras 75 a 77 o rosto da dominatrix Rainha Frágil foi pixelizado pela pesquisadora de forma a impossibilitar sua identificação e manter seu anonimato.



Figura 76: Fotografia de Rainha Frágil e três submissos, retirada do *blog Frágil Reino*



Figura 77: Fotografia de Rainha Frágil e ideiafix em cenário de correntes, retirada do *blog Frágil Reino*

Retratando a dominatrix Rainha Frágil na companhia de seus submissos, as Figuras 75 a 77 revelam a face da dominadora ao mesmo tempo em que ocultam os rostos dos homens com quem se relaciona. Representando-se como a única a quem é garantido o estatuto de humanidade, a dominatrix é fotografada sorrindo e performando diferentes atividades fetichistas, enquanto seus submissos encontram-se de costas para a câmera, mantendo os rostos ocultos.

Ao descrever as fotografias da prisão de Abu Ghraib, Butler (2015) chama a atenção para semelhante disparidade nos atos de mostrar e apagar os rostos dos sujeitos envolvidos nos episódios de tortura retratados. Segundo a autora, nessas fotografias os torturadores com frequência voltavam-se para a câmera a fim de se certificarem de que seus rostos estavam sendo mostrados, mesmo que os rostos dos torturados estivessem, na maior parte, cobertos (BUTLER, 2015, p. 128). Embora no caso das práticas fetichistas de BDSM não se trate de tortura real, mas de uma encenação consentida, é interessante notar as similitudes entre as fotografias eróticas dos submissos da Rainha Frágil postadas no *Blog 4* e as fotos de situações em que há violação real de Direitos Humanos.

Comparações possíveis entre as fotografias de tortura e crimes de guerra e as fotografias pornográficas de fetiche foram apontadas por Sharlet (2004) no artigo *The mirror and the leash*, em que o autor tece paralelos entre a fotografia em que Lynndie England arrasta um prisioneiro em Abu Ghraib por uma coleira e as fotografias eróticas de Helmut Newton, famoso fotógrafo do século XX obcecado por retratar mulheres em posição de submissão. Nessa perspectiva, Sharlet (2004) coloca lado a lado as fotografias de Abu Ghraib e de Helmut Newton, conforme é possível observar na Figura 78:



Figura 78: Comparação entre fotografia de tortura real em Abu Ghraib e tortura encenada nas fotografias eróticas de Helmut Newton³⁶

Ao analisar a fotografia de Lynndie England e do prisioneiro que ela atormenta, Sharlet (2004) argumenta que

os elementos da fotografia de Newton estão todos lá — nudez, uma coleira, um corpo que não tem identidade. É esse último — o corpo — que ainda mais do que a coleira é a chave para realmente ver essas fotos. A coisa mais notável sobre o corpo em Newton é que a linha da coluna vertebral e as nádegas da mulher refletem a da coleira que a restringe. Na foto à esquerda, o prisioneiro foi feito um acessório em uma reencenação da mesma imagem. England é ao mesmo tempo sujeito e autora deste nu abertamente sexual e nada sexy, tornado ameaçador — como o de Newton — por seus encontros com o fascismo (SHARLET, 2004).

O elo em comum entre as fotografias de fetiche e as fotografias de tortura apontado por Sharlet (2004), a evocação de sentidos relacionados ao autoritarismo e ao poder, é ressaltado pela utilização, nas práticas fetichistas de BDSM, daquilo que McClintock (2003) chama de parafernália do S/M. De acordo com a autora,

³⁶Disponível em: <<https://killingthebuddha.com/mag/icon/the-mirror-and-the-leash/>>. Acesso em 06 de outubro de 2021.

a parafernália do S/M (botas, chicotes, correntes, uniformes) é a parafernália do poder do estado, a punição pública convertida em prazer privado. O S/M faz o poder social andar para trás, encenando visível e ultrajantemente a hierarquia, a diferença e o poder, o irracional, o êxtase ou a alienação do corpo, colocando essas idéias no centro da razão ocidental. O S/M assim revela a lógica imperial do individualismo e o recusa enquanto destino, embora em última análise não se furte ao encanto de seu próprio círculo mágico (MCCLINTOCK, 2003, p. 25).

A parafernália do S/M referida por McClintock (2003) pode ser observada em quase todas as fotografias eróticas publicadas no *Blog 4*. Algemas e correntes podem ser identificadas nas Figuras 76 e 77, enquanto que na Figura 74 são cordas que amarram o corpo do submisso. Nas Figuras 75 e 77, por sua vez, observa-se que a Rainha Frágil empunha uma palmatória, utilizada para infligir dor a seus escravos. Equipamentos de tortura em que os corpos dos submissos são alocados para as punições compõem as Figuras 73 e 76, enquanto que na Figura 77 verifica-se que a dominadora traja vestido e luvas de couro preto.

A relação entre a parafernália do S/M e a parafernália do poder do estado evidencia-se ainda mais pelas fotografias publicadas no *Blog 4* que retratam o fetiche da podolatria, ou seja, da adoração dos pés da senhora por seus escravos. Nessas fotografias, é comum que a dominadora calce botas de couro para que estas sejam lambidas por seus submissos, conforme exemplificam as Figuras 79 e 80:



Figura 79: Fotografia de Rainha Frágil pisando sobre o rosto de ideiafix, retirada do *blog Frágil Reino*

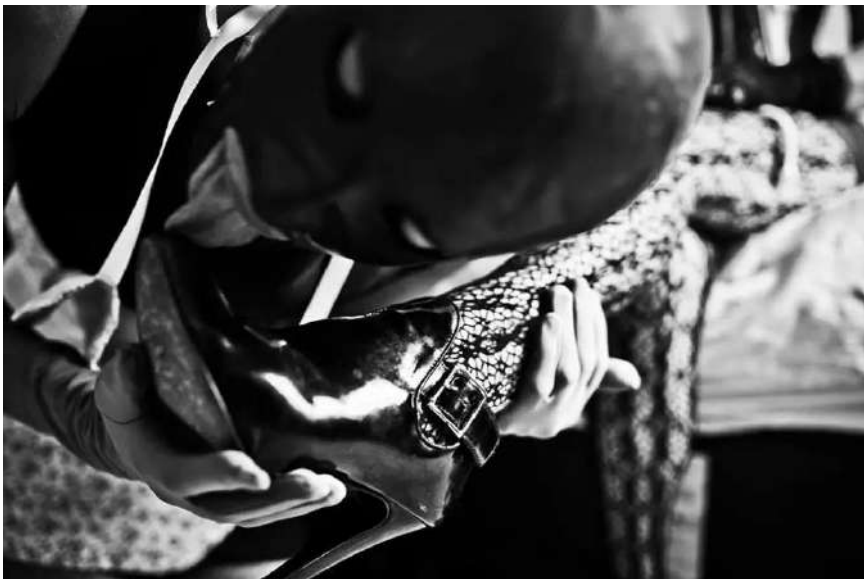


Figura 80: Fotografia de ideiafix lambendo a bota de Rainha Frágil, retirada do *blog Frágil Reino*

O fetichismo do couro e da sujeira evocados pela “lambeção de botas” presente nessas fotografias mostram a servidão e “o rebaixamento do escravo em relação ao senhor” (STANLEY, 1984, p. 14). Nessa perspectiva, McClintock (2003) aponta que “as botinas são objetos liminares, carregando traços das ruas, dos campos e dos mercados para dentro de interiores polidos, confundindo o público com o privado, o trabalho com o lazer, a limpeza com a sujeira e assim adquirindo um poder fetichista especial” (MCCLINTOCK, 2003, p. 69). Nesse sentido, ao produzir e postar no *Blog 4* fotografias que retratam seus submissos limpando suas botas de couro com as próprias línguas e bocas, a Rainha Frágil representa aos homens com quem se relaciona como servos fiéis e devotos, tecendo, ao mesmo tempo, uma representação de si mesma como uma dominadora reverenciada e munida de uma autoridade que evoca ou emula o poder do estado.

De forma semelhante, a parafernália do S/M representada pelas correntes, algemas, aparelhos de tortura e palmatória, somada ao enquadramento que enfatiza as marcas deixadas pela punição física nos corpos dos submissos, conforme é possível observar nas Figuras 74 e 77, possibilitam a E. A. performar e representar a si mesma enquanto dominadora sádica. Nesse sentido, fotografias semelhantes, que enfocam o sangue e os vergões produzidos pelas dominatrix nas nádegas de seus escravos, abundam no *Blog 4*, a exemplo das Figuras 81 e 82:



Figura 81: Fotografia de submisso sangrando após sessão, retirada do *blog Frágil Reino*



Figura 82: Fotografia de submisso lavando a louça, retirada do *blog Frágil Reino*

Fotografias semelhantes às aquelas apresentadas pelas Figuras 81 e 82, que enquadram apenas as nádegas vermelhas ou cobertas de sangue dos submissos, auxiliam na construção discursiva da

representação da Rainha Frágil como uma dominatrix cruel, punitiva e que deve ser temida pelos leitores de seus domínios virtuais.

A própria dominadora, nesse sentido, admite fetichizar cenas ficcionais de violência em livros e filmes, excitando-se com representações de opressão. Essas fantasias sexuais, segundo ela, iniciaram-se a partir da leitura de *Navalha na Carne*, obra de Plínio Marcos. A partir dessa experiência inaugural, E. A. começou a notar as respostas de seu corpo a encenações de abuso e coerção, conforme ilustra o Exemplo 18:

Ex 18 (*Site 1*, 2001): Eu comecei a ler. [...] Embora não compreendesse ainda direito o que aquilo significava, meu corpo estava reagindo. A última página, o diálogo entre o cafetão e a prostituta. Ai, devo ter lido mais de 30 vezes. Era uma emoção nova. [...] Eu lia e relia. E meu corpo respondia. Durante anos convivi com aquela estranha sensação. A lembrança daquele dia repetia-se sempre quando em filmes eu via aquelas cenas de opressão. Eu não sabia nada dessa filosofia e assustavam-me sempre as reações involuntárias do meu corpo. Involuntárias pois que racionalmente eu era e SOU uma pessoa totalmente do bem e contra qualquer tipo de opressão. Imagine uma pessoas cheia de princípios, militante politica de todas as boas intenções do mundo, excitando-se com uma cena num filme classe D de nazismo??

Conforme o Exemplo 18 evidencia, a violência praticada no BDSM diferencia-se da opressão real na medida em que é mais uma performance de tortura que tortura de fato. De acordo com McClintock (2003), as práticas fetichistas de BDSM de uma maneira geral são inerentemente performativas e teatrais. Nessa perspectiva, a autora defende que o S/M, em sua “obediência escravizada às convenções do poder” e “em sua reverência ao ritual formal, é a mais cerimonial e decorosa das práticas” (MCCLINTOCK, 2003, p. 25). O S/M, argumenta McClintock (2003), é “alto teatro”, e, como tal,

toma emprestada a decoração, os objetos e vestimentas (algemas, correntes, cordas, vendas) e suas cenas (quartos de dormir, cozinhas, masmorras, conventos, prisões, império) das culturas cotidianas do poder. Ao mesmo tempo, com sua ênfase exagerada nas vestimentas, roteiro e cena, o S/M revela que a ordem social não é natural, é roteirizada e inventada (Idem, p. 25-26).

Nesse sentido, a autora considera o S/M como “uma subcultura organizada e formada em torno do exercício ritual do risco social e da transformação social. Como teatro de conversão, o S/M reverte e transforma os significados sociais que toma emprestados” (MCCLINTOCK, 2003, p. 24). A economia do S/M, assim, pode ser entendida como uma economia da conversão: “de senhor em escravo, de adulto em criança, de poder em submissão, de homem em mulher, da dor em prazer, de humano em animal e, de novo, ao contrário” (Idem, p. 25).

Nesse íterim, as relações de dominação e submissão entre a dominadora Rainha Frágil e seus submissos podem ser entendidas como exercícios rituais de transformação social: do papel de submissão socialmente atribuído à mulher a Rainha Frágil passa a um papel de dominação e poder, enquanto o inverso ocorre com o submisso. Essa economia da conversão é ainda mais evidente nos rituais de feminização, em que os escravos passam de homens a mulheres ou “*m*”*ulheres*, como são referidas pela dominatrix.

Muitas das fotografias publicadas no *Blog 4*, nesse sentido, parecem utilizar-se da economia de conversão do BDSM para subverter a lógica patriarcal da sociedade ocidental, conforme é possível observar na Figura 83:



Figura 83: Fotografia de submisso vestido como empregada francesa, retirada do *blog Frágil Reino*

Aproximando-se de uma tradição de fotografias fetichistas que erotizam a sujeira, o ato de limpar e o culto da domesticidade, a fotografia retratada na Figura 83 inverte os papéis sociais esperados da mulher e do homem. Vestido de empregada francesa e debruçado sobre a pia, onde realiza a lavagem da louça, o submisso tem suas nádegas nuas acariciadas pela dominadora Rainha Frágil. Ao invés de se dedicar à limpeza da casa, a dominatrix delega essa atividade tipicamente feminina a seu escravo, ocupando, ao invés disso, a posição estereotipicamente masculina daquele que assedia o corpo que limpa e serve.

É interessante notar a semelhança da foto representada na Figura 83 com as fotografias fetichistas vitorianas tiradas por Arthur Munby de sua esposa Hannah Cullwick a lavar o chão, reproduzidas por McClintock (2003) e aqui apresentadas sob as siglas de Figura 84 e Figura 85. Desde a roupa de empregada utilizada pelo submisso até a postura inclinada de seu corpo e a estilização da foto em preto e branco, a fotografia procura imitar ou

emular fotografias antigas de fetiche, nas quais ao corpo feminino é reservado o destino da servidão doméstica.



Figuras 84 e 85: Fotografias *O limiar perigoso: exibição do fetiche da sujeita* (à direita) e *Cullwick lavando o chão* (à esquerda), retiradas de McClintock (2003)

De forma semelhante, as fotografias que mostram os corpos dos submissos sendo penetrados por próteses penianas ou dildos também subvertem papéis sexuais tradicionais de gênero, conforme é possível observar nas Figuras 86 e 87:



Figura 86: Fotografia de submisso penetrado por vibrador, retirada do blog *Frágil Reino*



Figura 87: Fotografia de submisso com a cabeça no vaso sanitário e penetrado por prótese peniana, retirada do *blog Frágil Reino*

Em ambas as Figuras 86 e 87, verifica-se que os sujeitos retratados têm seus corpos penetrados por próteses. A subversão dos papéis de gênero materializada nessas fotografias se dá pelo fato de que são os corpos dos homens aqueles que são penetrados no Frágil Reino, ao contrário do que se dá em nossa sociedade patriarcal, em que, tradicionalmente, são os corpos femininos a serem penetrados.

Os efeitos transgressivos produzidos pelas fotos de corpos masculinos sendo penetrados, no entanto, não se limitam a uma mera inversão de papéis sexuais, podendo mesmo redefinir as próprias fronteiras do corpo do homem. Nessa perspectiva, inspirando-se em *Purity and Danger* ["Pureza e perigo"] de Mary Douglas, Butler (2003) sugere que "o que constitui o limite do corpo nunca é meramente material, mas que a superfície, a pele, é sistemicamente significada por tabus e transgressões antecipadas" (BUTLER, 2003, p. 188), de modo que "as fronteiras do corpo se

tornam os limites do social *per se*” (Idem). Ainda de acordo com Butler (2003),

a construção de contornos corporais estáveis repousa sobre lugares fixos de permeabilidade e impermeabilidade corporais. As práticas sexuais que abrem ou fecham superfícies ou orifícios à significação erótica em ambos os contextos, homossexual e heterossexual, reinscrevem efetivamente as fronteiras do corpo em conformidade com novas linhas culturais. O sexo anal entre homens é um exemplo, assim como o é o remembramento radical do corpo em *The Lesbian Body* de Wittig. [...] Além disso, os ritos de passagem que governam os vários orifícios corporais pressupõem uma construção heterossexual da troca, das posições e das possibilidades eróticas marcadas pelo gênero. A desregulação dessas trocas rompe, conseqüentemente, as próprias fronteiras que determinam o que deve ser um corpo (BUTLER, 2003, p. 190).

Utilizando-se de uma argumentação butleriana, é possível sustentar, nesse sentido, que ao fotografar os corpos de homens sendo penetrados, a dominadora traça novas fronteiras para o corpo masculino, na medida em que abre o orifício anal masculino à significação erótica. As fotos transformam, assim, um orifício estabelecido como impermeável pelo gênero — o ânus masculino — em permeável. Mais do que isso, a manutenção da cena da penetração por meio da fotografia localiza a “penetrabilidade” permanentemente no corpo masculino, que se torna, assim, o único corpo penetrável no Frágil Reino.

Tendo em vista o caráter altamente performativo do BDSM, é necessário ponderar o quanto das atividades representadas nas fotos pornográficas publicadas no *Blog 4* da dominadora é produzido *para* a câmera, e, para tanto, apoiar-nos-emos, novamente, nas reflexões de Butler (2015) sobre as fotografias que retratam os crimes de guerra cometidos em Abu Ghraib.

De acordo com Butler (2015), à medida que uma cena de tortura é fotografada e essas fotografias são publicadas, a tortura passa a ser “dirigida, de certa forma, *para* a câmera; seu objetivo, desde o início, é ser comunicada” (BUTLER, 2015, p. 128-129). Em

outras palavras, o ato de fotografar se torna parte da tortura. Nesse sentido,

se a fotografia não apenas retrata, como também constrói e amplia o acontecimento — pode-se dizer que a fotografia reitera e dá continuidade ao acontecimento —, então, estritamente falando, ela não é posterior ao acontecimento, mas sim se toma crucial para sua produção, sua legibilidade, sua ilegibilidade e seu próprio estatuto como realidade. Talvez a câmera promova uma crueldade festiva: “Ah, que bom, a câmera está aqui: vamos começar com a tortura para que a fotografia possa captar e celebrar nosso ato!” Nesse caso, a fotografia já está em ação, incitando, enquadrando e orquestrando o ato, ao mesmo tempo que capta o ato no momento de sua consumação (BUTLER, 2015, p. 126).

Embora as práticas fetichistas de BDSM sejam consentidas e apenas encenem a tortura, diferenciando-se, assim, das práticas referidas por Butler (2015), é possível estender o pensamento da autora para a compreensão do papel da câmera nas atividades eróticas da Rainha Frágil. Quando a dominatrix fotografa ou se faz fotografar junto a seus submissos, o caráter performático das práticas de BDSM duplica-se: o que já era performance e encenação, a saber, a tortura teatralizada, é mais uma vez encenada quando produzida para a câmera.

Em seu estudo a respeito do fetichismo da fotografia do casal vitoriano Hannah Cullwick e Arthur Munby, McClintock (2003) transcorre sobre a dupla encenação constituinte do ato de fotografar sessões fetichistas de S/M. Nesse sentido, a autora afirma que,

como teatro de signos, o S/M oferece controle temporário sobre o risco social. Ao projetar e controlar o *enquadramento* da representação, em outras palavras, o quadro de controle – o diário, a câmera, a cena teatral – o ator encena a delirante perda de controle numa situação de controle extremo (MCCLINTOCK, 2003, p. 30).

Além de duplicar a encenação e os jogos performáticos de mascaramento, o ato de fotografar as sessões fetichistas pode ser compreendido como uma tentativa de perpetuar a tortura mesmo

após o encerramento desse ato. A esse respeito, Butler (2015) considera que

como ação, tirar uma fotografia não é sempre anterior ao acontecimento nem sempre posterior a ele. A fotografia é uma espécie de promessa de que o acontecimento vai continuar; na verdade, ela é exatamente essa continuação, que produz um equívoco no nível da temporalidade do acontecimento. Essas ações aconteceram? Continuam acontecendo? A fotografia dará continuidade ao acontecimento no futuro? (BUTLER, 2015, p. 127).

Nesse sentido, o ato de fotografar a encenação da tortura pode ser compreendido como uma extensão dessa tortura não só porque as cenas de humilhação são assim registradas e poderão, posteriormente, ser exibidas na Internet, alimentando o sentimento de vergonha e mesmo o prazer do fotografado, mas principalmente porque a temporalidade do acontecimento é alterada pela fotografia.

A compreensão de que a publicação de fotografias e narrativas de memória na Internet imortaliza as práticas fetichistas é expressa pela própria Rainha Frágil, conforme é possível observar no Exemplo 19:

Ex 19 (*Blog 4*, 2019): Geralmente apresento a vocês meus escravos, com algum relato, mas vocês sabem dele apenas um nick. Às vezes uma bunda, às vezes um cotovelo. Uns pintinhos aqui e acolá. Então na verdade meus escravos são para vocês apenas personagens de uma longa história. Imagino assim. Por isso nunca senti necessidade de vir aqui dizer então que uma relação terminou. Aqui registradas, as histórias nunca terminam.

Além de uma promessa de que as sessões de BDSM continuarão e que as histórias por elas contadas jamais terminarão, a fotografia também funciona como prova de que essas práticas eróticas ocorreram. Segundo Ruchatz (2008), as fotografias podem ser interpretadas como traços, vestígios de uma situação material ocorrida. Considerar a fotografia como um traço, nesse sentido,

“significa tomá-la como evidência do que é mostrado nela e reconstruir a situação de sua origem” (RUCHATZ, 2008, p. 370).

De maneira semelhante, Sontag (2004) reconhece a fotografia como rastro, porém lhe atribui um estatuto material que pode inclusive substituir a realidade fotografada. Segundo a autora, “a força das imagens fotográficas provém de serem elas realidades materiais por si mesmas, depósitos fartamente informativos deixados no rastro do que quer que as tenha emitido, meios poderosos de tomar o lugar da realidade” (SONTAG, 2004, p. 99).

Nessa perspectiva, a prática de fotografar os submissos e as sessões de BDSM para postá-las na Internet, comum não só nos *blogs* e *sites* da Rainha Frágil mas em outros *blogs* de dominatrixes, pode representar uma tentativa de garantir a realidade dos atos descritos em suas narrativas de memória, sendo a fotografia rastro e prova material das relações performadas. O ato de fotografar pode funcionar também, pragmática e performaticamente, como uma materialização da posse da Rainha sobre seus escravos. Essa interpretação sustenta-se na afirmação de Sontag (2004) de que “a fotografia é, de várias maneiras, uma aquisição. Em sua forma mais simples, temos numa foto uma posse vicária de uma pessoa ou de uma coisa querida” (Idem, p. 87).

Ainda a respeito da noção do fotografar como tentativa de posse da realidade, a autora afirma que “fotos são um meio de aprisionar a realidade, entendida como recalcitrante, inacessível; de fazê-la parar. Ou ampliam a realidade, tida por encurtada, esvaziada, precível, remota. Não se pode possuir a realidade, mas pode-se possuir imagens” (Idem, p. 91). Propõe-se, nesse sentido, que as fotografias postadas nos domínios virtuais da Rainha Frágil funcionem tanto como rastros da realidade material ocorrida nos limites do Frágil Reino quanto um desejo de aprisionar e possuir essa realidade.

É possível dizer, nesse sentido, que as subseções *A Masmorra*, *Canil* e *Galeria* não só apresentam, mas também aprisionam os habitantes do Frágil Reino, com os quais a Rainha Frágil se relaciona sexualmente. Além dessas subseções, outras duas

localidades que integram o Frágil Reino são o *Arquivo* e a *Sala de Leitura*, subseções nomeadas a partir de espaços físicos reservados ao armazenamento e à leitura de textos. Ordenando por data as publicações da dominatrix, o *Arquivo* organiza as narrativas de memória de E. A., enquanto que a *Sala de Leitura* aparece como uma marcação que agrupa textos selecionados, que vão desde contos até produções de caráter mais ensaístico, conforme exemplifica a Figura 88:

SALA DE LEITURA, SENTIR

Chá de Ayahuasca

7 de agosto de 2018 – 2 Comentários



SALA DE LEITURA

Relacionamento AgePlay

14 de junho de 2017 – 37 Comentários



SALA DE LEITURA

Relacionamento Sugar

13 de abril de 2017 – 5 Comentários



SALA DE LEITURA

X-MEN E O FETICHE (por Mestre Sade)

9 de dezembro de 2016 – 0 Comentários

Figura 88: Captura de tela da subseção *Sala de Leitura*, retirada do blog *Frágil Reino*

Conforme evidencia a Figura 88, na subseção *Sala de Leitura* a dominatrix aborda, em suas postagens, temáticas diversas envolvendo a subcultura do BDSM. Nesse sentido, destacam-se publicações como o conto *Empenho*, escrito pelo submisso ideiafix, em que um garoto é feminizado e torturado pela mãe e pela irmã, ou ensaio *Feminização Forçada, Travestismo e Disforia de Gênero*, no

qual o submisso #dumuz#_RF explica as intersecções e diferenças entre fetiches e identidades de gênero que envolvem o desejo masculino de vestir-se como mulher, e o ensaio *Relacionamento AgePlay*, em que a Rainha Frágil disserta sobre fetiches que envolvem comportamentos infantis.

As demais seções do *Blog 4*, por sua vez, têm títulos simples, que poderiam ser encontrados em *blogs* de temáticas quaisquer. Como o próprio nome sugere, a seção *Páginas* apresenta links para páginas selecionadas do *blog*. A seção *Blogs*, por sua vez, traz links de redirecionamento para *blogs* de temática BDSM recomendados pela autora, enquanto que a seção *Sites* apresenta um *link* para o *site* da *sex shop* da qual a dominadora é proprietária.

É interessante notar que a maioria dos *blogs* relacionados ao universo do fetichismo linkados na seção *Blogs* ou não são atualizados há anos, como é o caso dos *blogs* *Overmundo*, *Infantilismo de A a Z* e *Rainha Sarah*, cujas últimas postagens datam de 2008, 2011 e 2014, respectivamente, ou encontram-se fora do ar, como é o caso dos *blogs* *A Masmorra do Senhor Werther* e *Brenno Furrer*. A descontinuidade ou abandono desses domínios virtuais pode ser explicada pela perda da popularidade dos *blogs* a partir da década de 2010. De acordo com Kottke (2013), “em 1997 adolescentes conectados criaram diários online e em 2004 o *blog* era rei. Hoje, os adolescentes estão tão propensos a começar um *blog* (...) quanto estão dispostos a comprar um CD de música” (KOTTKE, 2013, p. 1). Os *blogs*, completa, “são para pessoas de 40 com filhos” (Idem), uma relíquia de outra geração.

Observa-se, assim, que apesar dos esforços da dominadora de manter uma rede virtual de relações com outros *blogs* e *sites* de temática BDSM, como era comum no início dos anos 2000, esse modelo de interligação entre diferentes domínios virtuais por meio de links já não se sustenta, tendo em vista a diminuição da relevância do *blog* na cibercultura atual. Evidencia-se, desse modo, que a estética e a estrutura do *Blog 4* inscrevem o Frágil Reino e a dominatrix Rainha Frágil em um mundo contemporâneo em que a plataforma do *blog* encontra-se em decadência e se valoriza um

webdesign inspirado nos modelos de comunicação rápida estabelecidos pelos *microblogs*, com pouco espaço para a expressão estética individual.

Diante dessas circunstâncias desfavoráveis para a prática do *blogging*, o fato de E. A. continuar sendo blogueira após o extenso período de duas décadas é memorável. Um dos motivos para a perseverança da dominatrix em postar escritos de si na Internet após tantos anos, sugere-se, é a interdependência existente entre os *sites* e *blogs* da dominadora, a espacialidade do reino e sua identidade como Rainha Frágil. Por meio do ato performativo de escrever em seus domínios virtuais, a autora reafirma para si mesma e para a comunidade BDSM sua identidade enquanto dominadora, reforçando os pilares sobre os quais estrutura seu Frágil Reino.

De forma semelhante, devido à importância desempenhada pelo ciberespaço e, mais especificamente, pelos *blogs* e *sites* pessoais para o estabelecimento da comunidade fetichista no Brasil, acredita-se que a produção de escrita de si e sua postagem em domínios virtuais compoem, ao menos para uma parcela dos adeptos dessas práticas eróticas, a experiência de participar da comunidade BDSM. Nesse sentido, a publicação de narrativas de memória em *sites* e *blogs* da Internet não só produz performativamente a identidade de E. A. como dominatrix, mas também compõe sua experiência como participante da subcultura do BDSM.

4.3. Os períodos da cibercultura e a periodização do Frágil Reino

A análise do *corpus* por meio dos eixos cronológico e espacial (LEJEUNE, 2008) evidencia que as várias escolhas estéticas que envolveram a construção dos *sites* e *blogs* da Rainha Frágil ao longo do tempo acabaram por realçar, a cada momento, aspectos diversos da representação de sua identidade como dominadora.

Nesse sentido, o primeiro *site* da dominadora, o *Site 1*, reitera a representação identitária da autora como Rainha por meio da evocação de sentidos relacionados à nobreza e à realeza. A divisão do

site em seções nomeadas por meio de topônimos que designam cômodos ou partes de um castelo como *Sala de Estar*, *Biblioteca* e *Senzala* transformam esse espaço em um palácio virtual no qual a Rainha Frágil recebe os amigos, aprisiona escravos e arquiva escritos. Decorado com o mármore da barra lateral, revestido de cortinas e tapetes vermelhos, como sugere a coloração do plano de fundo do *site*, e preenchido por documentos escritos em letras cursivas e ornamentadas, esse palácio é um espaço digno de uma Rainha.

Além disso, observa-se que o *Site 1* apresenta características de um momento inicial da Internet, em que os *blogs* eram, em última instância, aglomerados de hiperlinks, e valorizava-se uma estética que prezava pelo excesso de informação visual, por textos estilizados e por cores chamativas. A preponderância dos links também pode ser observada no *Blog 1*, que consiste de uma página principal em que a dominadora escreve seu diário virtual e de uma barra lateral repleta de hiperlinks que direcionam o internauta para outras páginas *web*. Nesse contexto, a adoção de uma estética intimista e acolhedora que remete ao espaço da casa possibilita que E. A. performe a identidade de uma jovem mulher que confessa seus segredos nas páginas de uma agenda ou diário de papel. Por meio de uma paleta de cores azuladas e de desenhos infantis de cachorros na barra lateral, a decoração do *Blog 1* permite à autora representar uma faceta mais frágil de sua identidade, ilustrando sua vulnerabilidade enquanto Rainha Frágil e convidando os usuários a visitar sua casa virtual.

Contrastando com o *Blog 1*, os dois *blogs* criados em seguida pela dominatrix, o *Blog 2* e o *Blog 3*, assemelham-se ao *Site 1* na medida em que adotam uma estética do exagero. Utilizando-se de fontes góticas na coloração vermelha e de um plano de fundo preto, além de uma estrutura que traz seções com títulos como *Livro de Visitas*, *Palácio*, *Eras Passadas*, *Antigo Blog*, *Reinos BDSM&Afins*, *Arredores*, *Rituais* e *Escritos*, o *Blog 2* brinca com as temáticas do vampirismo, do paganismo e do ocultismo. A sugestão do sangue enfatiza a performance da autora como uma dominadora sádica, enquanto que as seções nomeadas a partir de partes de um reino

antigo associam a Rainha Frágil à imagem de uma bruxa ou vampiresa que vive em seu palácio, performa rituais e mantém a história das eras passadas de seu reino em um arquivo.

Com poucas alterações em relação ao *Blog 2*, o *Blog 3* caminha em direção à tendência atual de simplificação do *webdesign*. A substituição da paleta de cores contrastantes do *Blog 2* por uma paleta mais amena e a opção por nomes mais simples para as seções apontam para esse movimento de condensação das informações e consequente facilitação da leitura. Como consequência dessas mudanças na estética do *blog*, aponta-se uma modernização da própria representação da Rainha Frágil como dominatrix, que parece mais viver no mundo atual do que em um período histórico antigo.

Esse processo de simplificação do *webdesign* atinge seu ápice no último *blog* da autora, o *Blog 4*, que traz um logotipo básico em fonte sem serifas e uma paleta de cores pastéis que oscilam entre o cinza, o marrom e o branco. A opção por um plano de fundo majoritariamente branco contrapõe-se diretamente a todos os outros *sites* e *blogs* da dominadora, que sempre tiveram planos de fundo de cores fortes e escuras. Essa estética minimalista, acompanhada da expressão *Mulher de 60!!* que figura no subtítulo do logotipo, auxilia a dominadora a performar a identidade de uma dominatrix sofisticada e experiente, que goza da maturidade e da sobriedade que acompanham a velhice. Após uma longa trajetória de vida, ela não mais sustenta sua performance identitária em uma estética assustadora ou explicitamente erótica, optando por construir uma espacialidade moderna e sóbria para seu Frágil Reino.

Fica evidente, nesse sentido, que os designs dos diferentes *sites* e *blogs* da dominadora Rainha Frágil, além de facilitar ou dificultar determinadas performances identitárias, seguem estilos de *webdesign* específicos, segundo sua popularização ou queda durante determinados períodos da cibercultura.

CAPÍTULO V

O reino como casa

5.1. Espaços habitados

Na Introdução desta dissertação, conceitou-se o reino como a espacialidade governada pela dominatrix e que se estrutura a partir de sua corporalidade. Enquanto o Capítulo IV dedicou-se a descrever o espaço ocupado pela dominatrix na Internet — seus *sites* e *blogs* —, este capítulo debruça-se sobre a compreensão do espaço do reino em suas intersecções com o espaço habitado pelo corpo físico da dominadora. Investiga-se, assim, a representação da identidade de Rainha Frágil a partir de sua relação discursivamente construída com a espacialidade da casa.

Desse modo, neste capítulo são analisados e discutidos os trechos das narrativas de memória nos quais a autora rememora as diferentes casas que habitou ao longo da vida. Debruça-se, nesse sentido, sobre cinco espacialidades específicas, a saber: casa da infância no Planalto Paulista, a pousada de praia em Fortaleza, o apartamento e a casa térrea também localizados em Fortaleza, e o castelo ou casa sonhada (BACHELARD, 1978), o qual a dominadora almeja possuir um dia. A partir desse exame, busca-se compreender como as casas reais ou imaginárias habitadas por E. A. participam da construção discursiva do Frágil Reino e da representação de sua identidade como dominadora.

5.2. Casas da infância e juventude no Planalto Paulista

Em um de seus textos mais antigos, postado no *site Samia, Rainha Frágil* e intitulado “Nascer Rainha”, E. A. tenta encontrar, em sua memória, o momento de sua vida em que se tornou uma

dominadora. A autora não consegue, contudo, lembrar-se de um momento em que não tenha sido dominante, conforme é possível observar no Exemplo 20.

Ex 20 (*Site 1*, 2001): Nascer Rainha. Foi. Comigo foi assim. Mesmo que vasculhando atentamente as minhas memórias, não consigo perceber o momento, a linha divisória entre um tempo antes de ser Dominadora e depois. (...) Menina, eu já gostava de brincar de “Rainha e escravo” e inventava sofisticadas tarefas para os meninos cumprirem. Não havia ali o contexto sexual. E eu não sabia por que gostava tanto daquilo.

Nessa rememoração, E. A. afirma que já era uma Rainha desde criança, mesmo sem o saber, uma vez que brincava de “Rainha e escravo” com seus amigos garotos, mandando que fizessem tarefas diversas e a obedecessem. Segundo a autora, essas travessuras infantis eram realizadas na espacialidade de sua casa, e, em especial, em um cômodo chamado de “quartinho dos fundos”, no qual a jovem E. A. dispunha de alguma privacidade, podendo explorar, de forma lúdica, suas tendências dominantes. Nesse sentido, a dominadora lembra: “quando eu era criança, com 9 ou 10 anos, costumava brincar no quintal da minha casa. Havia um quartinho nos fundos onde eu podia passar horas brincando sem que ninguém viesse me incomodar”.

Mais do que um espaço em que podia estar só, o “quartinho dos fundos” aparece como uma espacialidade na qual era possível relacionar-se com corpos outros de maneiras que não eram permitidas em espaços frequentados pelos adultos. Desse modo, a dominadora conta que tal cômodo foi local de “muita reinação”, em que ela brincou de Rainha e escravo e de feminizar seus amigos garotos, conforme expressa o Exemplo 21:

Ex 21 (*Blog 1*, 2002): A minha infância foi muito gostosa. (...) Eu sempre fui imaginativa. Eu tinha um reino que era o quartinho nos fundos da minha casa. Eu ainda hoje penso que ele era mesmo

minha propriedade, pois nunca entendi qual era a sua função na casa. Vez ou outra minha mãe entrava lá e dava um monte de bronca por alguma coisa que eu não compreendia direito. Mas aquele quartinho foi palco de muita reinação. Ali eu brinquei de feminizar, de Rainha e escravo. Não entendo até hoje como é que tem gente que nunca brincou disso.

Nesse trecho, fica clara a relação entre a espacialidade do “quartinho dos fundos” e aquilo que a Rainha Frágil chama de *reino*. Conforme o próprio nome de seus *blogs* mais recentes — *Frágil Reino* — indica, a dominatrix Rainha Frágil exerce seu domínio em um espaço abstrato e metafórico chamado Frágil Reino. Nesse contexto, o reino pode ser compreendido como um espaço organizado a partir da corporalidade do sujeito dominatrix. Também é importante notar que esse espaço não diz respeito, necessariamente, a uma espacialidade física ou a “um lugar geográfico fixo, mas [a]o corpo a partir da relação identitária com outros corpos e com os espaços em que habitam e/ou por onde transitam” (PALMA, 2017, p. 3). Trata-se, assim, de um espaço que pode ser entendido “tanto no plano concreto, quanto no metafórico” (Idem). Nesse sentido, ao referir-se ao “quartinho dos fundos” como seu reino, a autora explicita a importância da espacialidade da casa (neste caso, materna) para a manutenção de sua autorrepresentação como dominatrix.

Segundo Ecléa Bosi (1987), “a casa materna é uma presença constante nas autobiografias. Nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em que vivemos os momentos mais importantes da infância. Ela é o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções” (BOSI, 1987, p. 356). De fato, a cidade de São Paulo estrutura-se, nas lembranças da autora, a partir das casas em que viveu na infância.

Desse modo, apesar da centralidade atribuída ao “quartinho dos fundos” da casa em suas narrativas de memória, a dominadora também ressalta que grande porção de seu tempo como criança foi gasto nas ruas, brincando com amigos ou sozinha. O sentimento de

solidão, aliás, tinge grande parte das narrativas de E. A. sobre sua infância e vivência em São Paulo, conforme é possível constatar no Exemplo 22:

Ex 22 (*Blog 3*, 2005): Ficou triste esse post ai embaixo. Mas não era para ser triste, naum. É que eu queria chegar nessa energia forte que são as memórias da infância. Saber que a gente pode abrir de novo a caixa de brinquedos muitas vezes pode ser o fio entre a depressão e a alegria. Pensar que você pode ainda correr o risco de se machucar numa construção, pensar que você pode ainda perder um tempo fazendo algo tão tolo como arrumar botões em uma caixa... (...) A minha [história] é uma colcha de retalhos. Porque eu estudei em um monte escolas. Mudei de casa várias vezes. (...) É como voce tentar reconstruir um belo colar de pedrinhas coloridas que se quebrou em algum momento. A memória parece ser mesmo algo assim. Algumas pedras brilham mais que outras. Brilha muito a pedrinha da infância no Planalto Paulista. Foi uma infância bonita. Quer dizer, em casa era tudo sempre muito confuso. Minha família sempre foi muito complicada. Mas eu passava o dia inteiro na rua. Quando fecho os olhos me vejo criança andando pelas construções. Era perigoso porque havia sempre pregos enferrujados ou pilhas de tijolos prestes a desabar. Lembro de brincar no corredor da minha casa. O corredor era a entrada lateral e eu tinha muito sosseguinho lá. (...) Também passava horas brincando com os botões da minha mãe. Ela tinha muitos botões de todas cores. Era costureira. E eu gostava de arrumá-los separando por cor, por tamanho. Eu passava muitas horas brincando sozinha. (...) No bairro eu era a única que não tinha a mãe por perto. Então as mães chamavam para tomar banho e eu, pra não ficar sem graça, fingia que a minha também tava chamando. Heheeh Eu fazia até a voz dela.

Já de início, E. A. enfatiza que a postagem que escreveu a respeito de suas memórias de infância tem um tom triste. Desse modo, a autora descreve o processo de rememoração, elaboração e narração de lembranças dessa época como um engenho perigoso,

no “fio entre a depressão e a alegria”. Dentre os riscos da narração da infância, a dominadora elenca machucar-se em uma construção e perder tempo com tolices como arrumar uma caixa de botões, duas atividades que ela conta terem preenchido seus dias de menina. Nesse sentido, o passado é apresentado como algo que pode ser presente, que pode ser revivido por meio da narrativa.

Fazendo jus às metáforas da colcha de retalhos e do colar de pedrinhas que arrebentou, a narração resultante desse processo de rememoração é fragmentária, assombrada por imagens que fazem breves aparições e dissipam-se em seguida, dando lugar a outras memórias. O aspecto episódico dessas lembranças é reforçado pela caracterização da espacialidade da casa — ou melhor, das casas — em que viveu como confusa e complicada. Nesse ambiente familiar instável, a figura materna aparece como ausência: além de frequentemente brincar sozinha, E. A. era a única criança do bairro que “não tinha a mãe por perto” e, por isso, imitava a voz da mãe a chamá-la quando era o momento de voltar para casa.

Esses fragmentos de memória, que aparecem na narração da dominadora como *flashes* fotográficos, tecem uma espacialidade da primeira infância que, apesar de “não transpor os limites da casa materna, do quintal, de um pedaço de rua, de bairro”, aos olhos de uma criança “parece enorme, cheio de possibilidades de aventura” (BOSI, 1987, p. 356). Assim, “a janela que dá para um estreito canteiro abre-se para um jardim de sonho, o vão embaixo da escada é uma caverna para os dias de chuva” (Idem).

O movimento de fuga da casa para a rua, que ocorreu durante toda a infância, continuou na juventude e início da vida adulta de E. A., época em que se casou pela primeira vez³⁷ e teve seu único

³⁷Ao todo, E. A. conta que casou-se por quatro vezes e por três vezes se divorciou. Ao fim do terceiro divórcio conheceu ideiafix, submisso com quem namorou por anos até finalmente desposá-lo como seu quarto marido. É importante notar que não há informações concretas nas narrativas de memória de E. A. sobre seus dois primeiros casamentos, de forma que não é possível reconstituir nesta pesquisa os eventos entre o primeiro e o terceiro casamento da dominadora senão por trechos fragmentários e esparsos.

filho. Embora a autora não revele com exatidão a idade que tinha quando ficou grávida, ela sustenta que sempre lutou muito e foi capaz de lidar com as dificuldades da vida pelo “fato de ter filho muito cedo e de ficar muito cedo responsável pelo seu sustento”. Mesmo com o filho pequeno, a dominadora ainda mantinha o hábito de buscar abrigo longe de casa, conforme é possível observar no Exemplo 23, no qual narra suas escapadelas para a Prainha Branca, no Guarujá:

Ex 23 (*Blog 3*, 2005): Havia outro lugar para onde eu costumava fugir quando era menina, era Prainha Branca. Eu ia para lá sempre e de qualquer jeito. Ia sózinha, pedindo carona. Chegava lá, encontrava outros barraqueiros ou mesmo nativos que me recebiam. Quando meu filho era pequeno eu dava essas fugidas com ele. Levava um cobertorzinho e ele dormia ao meu lado, onde eu parasse. Você tinha que atravessar uma trilha para chegar na praia. (...) Pois é, era lá que eu me escondia vez ou outra. Fazia amigos novos. Ficava forte. Voltava mais feliz, mais completa. Se estivesse ainda em Sampa ainda hoje estaria fugindo... Apesar de que com certeza a Praianha Branca não seria a mesma de 20 anos atrás.

Uma vez mais, a autora associa suas fugas de casa à solidão, ressaltando que ia à Prainha Branca sozinha, muitas vezes pedindo carona a estranhos. Continua visitando a praia paulista após a maternidade, e conjectura que continuaria fugindo para lá se ainda vivesse em São Paulo. Apesar de chegar à praia muitas vezes desacompanhada ou carregando apenas o filho pequeno, a dominadora conta que a espacialidade de Prainha Branca era amistosa, um local em que era bem recebida e “fazia novos amigos”.

Talvez por essa associação do espaço da praia ao acolhimento E. A. tenha decidido, por volta de seus trinta anos, mudar-se junto do terceiro marido e do filho de São Paulo para Fortaleza. Para a cidade natal, a dominatrix retornou apenas em breves visitas. Em uma dessas viagens de retorno, a autora reflete sobre a espacialidade da cidade de São Paulo, e os sentimentos que evoca.

Ex 24 (*Blog 2*, 2003): São 3 horas da manhã, madrugada de domingo. São Paulo. Não sei o que está me acontecendo mas desde que me mudei para Fortaleza nunca tinha sentido um desejo tão grande de voltar a Sampa, exceto pelos amigos que aqui deixei e que sempre serão um bom motivo para vir... Desta vez bateu diferente. Não são só as pessoas. De repente, passeando por ai, vi a cidade que me pariu... Me tomei de amor por ela. Acho que isso começou quando ainda acreditava que ideiafix viria comigo. Na minha cabeça eu mostrava as coisas pra ele, os lugares por onde andei, todas as aventuras. Cada pedaço desta cidade tem mesmo um pouco de mim. (...) Não se pode olhar o céu porque ele continua cinza como da ultima vez. Mas São Paulo é asfalto, é concreto mesmo. Passei pelo Masp, Trianon... A Paulista é sempre uma ""sozinhez"" prá mim. Me traz essa memória. Muitas caminhadas. Tardes de Domingo. Pensar na vida ou não pensar em nada. Eu votei na Paulista para ser o simbolo de São Paulo. A Paulista é o lugar que melhor explica esta cidade. Caminhar pela Paulista é pisar a terra, como quem pisa a beira do mar.

Assim como nos demais trechos em que narra sua infância e juventude em São Paulo, a autora reforça no Exemplo 24 o sentimento de solidão que experienciou na cidade, conforme indica o trecho “a Paulista é sempre uma ‘sozinhez’ prá mim”. Além dessa “sozinhez” que a acompanhava durante suas caminhadas pela Avenida Paulista nas tardes de domingo, a dominadora ressalta a cor do céu, “cinza como da última vez”. A coloração cinzenta espalha-se também pela terra: “São Paulo é asfalto, é concreto mesmo”. Tece-se, assim, um contraste entre Fortaleza — e, de uma forma geral, entre o litoral, conforme é possível observar no trecho em que a autora fala de Prainha Branca — e São Paulo. Enquanto esta é caracterizada como uma cidade cinza, nublada, e fortemente relacionada à terra, aquela é associada, nas narrativas de memória de E. A., à luz, ao sol, à areia, à liberdade; enfim, ao mar. No entanto, um pouco dessa liberdade litorânea escorre para as memórias das fugas de casa em São Paulo, nas quais a autora podia

abandonar, ainda que momentaneamente, o caos familiar. Daí a comparação de que “caminhar pela Paulista é pisar a terra, como quem pisa a beira do mar”.

5.3. Casas passadas, casas sonhadas

Em busca da liberdade proporcionada pelo litoral, E. A. muda-se, já adulta, junto de seu filho e do terceiro marido para a cidade de Fortaleza, no Ceará. A espacialidade da casa, agora não mais paulistana, mas nordestina, figura novamente nas narrativas de memória de E. A. em seu *blog Samia, a Rainha Frágil, e idéiafix{S}*. Em uma de suas postagens, a dominadora rememora o período em que, logo após estabelecer-se em Fortaleza, viveu em uma pousada, da qual era proprietária. Devido ao amplo espaço de que dispunha, E. A. podia criar cães da raça pointer, e, por conta da proximidade da pousada com a praia, tinha o costume de levá-los para correr à beira-mar.

Também nesse período, E. A. distanciou-se do terceiro marido e passou a pesquisar a respeito do BDSM e de práticas fetichistas da Internet, de forma a explorar suas fantasias sadomasoquistas. A insatisfação sexual com o marido, em conjunção com conflitos relacionados à vida financeira do casal, resultou em uma separação definitiva quando a dominadora tinha pouco mais de trinta anos, conforme é possível observar no Exemplo 25 a seguir.

Ex 25 (*Blog 4*, 2017). Aqui a realidade era outra. A vida era boa. Eu acordava muito cedo, fazia café para os hóspedes, pegava os cachorro e levava para a praia. As vezes meu filho ia junto, Às vezes o outro ia. Às vezes só eu e os cachorros. Eram 4 !! Era um tempo bom. Mas o outro sempre tinha um plano infalível para estragar qualquer pequeno sinal de estabilidade. Ou era uma briga, separa não separa, ou era porque ele descobria mais um jeito incrível de ganhar dinheiro sem trabalhar. E lá íamos nós... Em uma de nossas separações anos antes eu me envolvi com uma outra pessoa com quem tive o meu primeiro orgasmo incrível. Quase adoeci de

paixão. Quando voltamos dessa vez eu já queria gozar. E viemos para cá. “Quem sabe longe da família...” ele dissera. (Que bobagem!!) Tudo era lindo. O trabalho com os hóspedes. Os cachorros, a praia. Os longos papos na internet. Mas sempre tinha aquele medo da hora que ele ia de novo estragar tudo. (...) Então dormir com esse cara era um fardo. Um dia vesti uma roupa toda fetichista, fiz uma garçonete toda linda e o convidei para um jantar. E foi horrível. Que eu estava lembrando do ex e logo estávamos de novo discutindo se separava ou não. Todas as tentativas de mudar algo terminavam assim.

Conforme explicita o Exemplo 25, as lembranças do período que se seguiu à mudança de São Paulo a Fortaleza são rememoradas pela dominatrix ora com saudosismo, ora com aversão. Dentre os eventos lembrados, a rotina de trabalho na pousada e os momentos de lazer junto aos cães são tingidos de nostalgia, enquanto que a convivência com o ex-marido, resumida pela autora a discussões e frustrações sexuais, parece ter deixado um gosto amargo em suas recordações.

Ainda no Exemplo 25 a dominadora indica um dos motivos que teriam ocasionado sua mudança da região sudeste à região nordeste do Brasil: a possibilidade de viver longe da família. De acordo com a dominatrix, após reatar com o marido depois de um breve período de separação, este lhe sugeriu que o casal se mudasse para longe dos familiares de E. A., a fim de que ela pudesse encontrar a tão ansiada satisfação sexual, conforme indica o trecho “quando voltamos dessa vez eu já queria gozar. E viemos para cá. ‘Quem sabe longe da família...’ ele dissera”.

A mudança de estado, contudo, pouco revigorou a vida sexual dos esposos, e por conta da ausência de orgasmos E. A. passou a procurar o gozo em outros homens. Foi no período em que se divorciava do terceiro esposo que a dominadora conheceu seu submisso e atual marido, ideiafix, também referido como R., conforme é possível verificar no Exemplo 26.

Ex 26 (*Blog 4*, 2017) Quando conheci R. eu ainda vivia com um ex-marido. Já estávamos há muito tempo em processo de divórcio mas vivíamos sob o mesmo teto. Meu filho tinha uns 15 ou 16 anos. Eu tinha que lidar com a separação tanto do ponto de vista emocional como profissional, pois éramos sócios, eu me recuperava de um acidente, meu filho detestava o padrasto. O BDSM foi uma distração para mim no começo. Porque a barra aqui fora estava bem pesada. No começo era só uma personagem que andava pelos chats. Levou um tempo até que personagem e vida real se misturassem. E R.?? R. precisava passar no vestibular! Imagine, tinha 19 anos e eu trinta e poucos. No dia a dia a idade nunca foi um problema pra nós, mas eu tinha muito receio de prejudicá-lo de alguma maneira. (...) Apesar da grande diferença de idade, eu era muito mais crua que o R. Eu estava descobrindo tudo aquilo naquele momento. Ele já andava por lá há tempos. Então ia ele me moldando e eu moldando ele. Até nos tornarmos par-perfeito como somos. Essa fase do amor é um “misturar-se” mesmo. Acho que é por isso que as pessoa fazem tanto sexo nesse período. Porque é gostoso se misturar no outro. São as ideias se entrelaçando, os corpos suando. Foi dando certo nós dois.

De acordo com o trecho reproduzido no Exemplo 26, foi somente após o terceiro divórcio e a mudança para Fortaleza que E. A. começou a procurar ativamente por relações sadomasoquistas. Na busca por parceiros sexuais, conheceu o submisso R., mais de dez anos mais novo que ela e com quem iniciou um prolongado namoro. Nesse relacionamento a autora explorou suas tendências dominantes e passou a identificar-se como dominatrix. Nas palavras de E. A., “eu não sabia o que era BDSM até os trinta e poucos, 3 casamentos desfeitos depois. Só que eu assim que entendi que era BDSM que me faltava desde pequenininha, ah, já me joguei de cabeça mesmo”. Também é importante ressaltar, no Exemplo 26, a vaga menção a um acidente sofrido pela dominadora, conforme revela a sentença “eu me recuperava de um acidente”. As circunstâncias desse incidente,

bem como suas repercussões na vida e nas narrativas de memória da dominadora, serão exploradas mais adiante.

Além das descobertas a respeito da própria sexualidade, a mudança para Fortaleza proporcionou a E. A. a possibilidade de viver em proximidade com a praia, localidade em que se sentia acolhida, e de possuir uma grande quantidade de cães, conforme explicitado pelo Exemplo 25. Nesse sentido, por diversas vezes em seus *blogs* e *sites* a autora rememora saudosa os momentos em que habitou a pousada à beira-mar, conforme é possível observar no Exemplo 27.

Ex 27 (*Blog 1*, 2002): Eu adoro cães. Sempre tive e durante algum tempo criei especialmente pointers. Naquela época eu tinha muito espaço na pousada. Cheguei a ter 5 cães adultos e uma dúzia de filhotes ao mesmo tempo. Depois, circunstâncias fizeram com que precisasse deixar a pousada e a única que veio conosco foi a Magali. (...) Quando morávamos na pousada, eu costumava ir com eles todos para a praia, eram: o dado, a brisa, o falcão e a magali. Eu me divertia demais. (...) Nós andávamos 4 ou 5 km, na Praia do Futuro. Brisa e Falcão, eram os que mais encarnavam a raça pointer. Íamos à praia duas ou três vezes por dia mas quem os visse correr felizes um ou dois km para frente logo que eu os soltava da coleira, tinha a impressão que estavam presos há anos. (...) Bem.. por fim, acabou que fiquei só com a magali pq era a única cujo espírito era tranquilo o suficiente para estar num espaço pequeno. O pointer é um cão que precisa de muito espaço mesmo e de muita liberdade. E foi assim que magali se mudou comigo e viveu mais três anos comigo no apartamento. tinha 5 anos quando saiu para a rua e nunca mais voltou.

Evidenciando a nostalgia de E. A. pelo tempo que passou na pousada, o trecho contrasta a felicidade vivenciada pela autora nesse espaço com a melancolia após a mudança para o apartamento. A oposição entre as duas habitações pode ser observada pela maneira como a dominadora caracteriza a figura

dos cães em cada um desses espaços. Nesse sentido, contrasta-se o amplo espaço da pousada próxima ao mar, em que E. A. podia criar um grande número de cachorros, e a constrição do apartamento urbano, que pode abrigar apenas uma cadela, Magali.

Essa relação se explicita no trecho “acabou que fiquei só com a magali pq era a única cujo espírito era tranquilo o suficiente para estar num espaço pequeno. O pointer é um cão que precisa de muito espaço mesmo e de muita liberdade”. Nesses dois períodos, a autora contrapõe a tranquilidade de espírito de Magali à liberdade dos outros cães da raça pointer. Traça-se, assim, uma oposição entre as possibilidades de liberdade da pousada, expandidas por sua proximidade com a praia, e a aquiescência necessária à habitação do apartamento na cidade. O tom pesaroso da vida no apartamento é acentuado, na rememoração da dominadora, pelo período final do trecho: “tinha 5 anos quando saiu para a rua e nunca mais voltou”. Ao final da transição da costa para o interior, as dezenas de cachorros de E. A., os quais adorava e com os quais se divertia, reduziram-se a nenhum animal.

A motivação para a brusca mudança de moradia é referida pela autora pelo nebuloso termo “circunstâncias”. O real sentido dessas circunstâncias é esclarecido pelo texto “Coisas da vida...”, publicado no *site Samia, Rainha Frágil*. Nessa narrativa, a autora relata que, devido a um acidente de carro no qual sofreu graves queimaduras, precisou se mudar para uma localidade mais próxima da loja em que trabalhava, deixando assim a pousada em favor do apartamento. A narração do acidente pode ser observada no Exemplo 28:

Ex 28 (*Site 1*, 2001): Havia acabado de mudar para Fortaleza e concentrava-me apenas em aproveitar a nova vida: mais calma, mais tranquila, como eu sempre sonhara. Rodeada por meus cachorros eu passava longas tardes caminhando pela praia ou pintando as paredes da casa, ou aprendendo a cuidar do jardim. A vida era de um frescor e de uma paz que eu jamais havia experimentado. (...) A noite estava chatérrima. Eu sentei-me num

canto e comecei a beber cerveja que um sujeito colocava teimosamente em meu copo. Eu tinha bebido muito licor de chocolate em casa, e naum andava dormindo direito. Pronto. É até aqui que me lembro. Acordei dois dias depois no hospital. O rosto do meu filho foi o primeiro que eu vi. (...) Meu filho começou a falar: você sofreu um acidente... se queimou... não se lembra? (...) Então, lentamente começaram a me explicar as coisas. Meu carro havia pegado fogo. Eu estava muito ferida: queimara 23% do corpo.

A leitura do Exemplo 28 lança luz sobre a melancolia expressa na postagem que narra a mudança da pousada para o apartamento e o abandono dos cachorros. O deslocamento de uma moradia para a outra é mobilizado pela autora para marcar a divisão de dois períodos de sua vida: o período anterior ao acidente e o período posterior a ele. Embora não fale explicitamente de trauma em suas narrativas de memória, E. A. demora-se na descrição da gravidade das queimaduras que resultaram do incidente, bem como do sofrimento físico e mental que esse episódio lhe causou, conforme é possível constatar no Exemplo 29:

Ex 29 (*Site 1*, 2001): Eu tinha muitos pesadelos. Transtornada, eu queimava na fogueira das bruxas, ou era lançada ao inferno sem deuses, sem amor, sem ninguém... (...) Tive fases de profundas depressões. Eram as dores muito fortes. O corpo modificado. Os banhos.. Os banhos eram terríveis. Dia sim e dia não, eles limpavam a pele que caia, faziam novos curativos. (...) Nos momentos de muita dor, eu olhava lá na frente e via meu castelo encantado, meus escravos, os cães, meus sonhos todos, o mundo novo que eu construiria amanhã. Se o amanhã chegasse... E o tempo passou... E agora, não tenho mais dores. Há marcas muito grandes ao longo de toda a perna esquerda. (...) E eu também não posso pegar sol, mas já consigo caminhar pela praia. (até bem pouco tempo atrás a areia da praia era como um monte de alfinetes espetando a pele frágil que lutava ainda para se recompor).

A narração da dolorosa recuperação do acidente permite compreender então o claustro do apartamento não somente como físico, mas também psíquico. Enfaixada em curativos, enclausurada em um corpo estranho e coberto de pele morta e presa em um estado mental depressivo, do qual não podia escapar sequer em seus sonhos, E. A. perdera não só o espaço físico no qual podia movimentar-se livremente, mas a própria possibilidade de desfrutar dessa liberdade. A limitação de movimentos imposta pela condição médica, somada à prescrição de evitar a luz do sol e à dor lancinante ao andar na areia da praia tornaram a espacialidade do mar, tão querida pela dominadora, quase inacessível.

O sofrimento psíquico da dominadora, por outro lado, é reforçado pela manifestação do ardor físico das queimaduras em terríveis pesadelos nos quais “queimava na fogueira das bruxas, ou era lançada ao inferno sem deuses, sem amor, sem ninguém”. Explícita-se, nesse trecho, a aproximação da figura da dominatrix com a figura da bruxa, esboçada no Capítulo IV por meio da análise das escolhas estéticas estruturantes do *Blog 2*. É sintomático que os pesadelos nos quais E. A. queima em uma fogueira como uma bruxa tenham se iniciado logo após suas primeiras explorações sexuais como dominatrix. Embora a associação não seja feita diretamente pela dominadora, é possível interpretar as flagelações às quais era submetida em seus sonhos como punições metafóricas por ter se desviado do ideal social de mulher subserviente. Nesse sentido, ao adotar comportamentos eróticos perversos e afastar-se da idealização da mulher sexualmente saudável — masoquista, passiva e satisfeita com o coito heterossexual — defendida por algumas vertentes da psiquiatria e da psicanálise, E. A. transfigurar-se-ia em uma espécie de ser monstruoso, passível de ser punido com ferro e fogo.

Além da figura da bruxa, outra figura ou arquétipo feminino que pode ser identificado no trecho transcrito no Exemplo 29 é o arquétipo de Lilith. De acordo com Bonfim (2010), “o arquétipo de Lilith é descrito em várias culturas como sendo um demônio noturno, sedutor dos homens adormecidos e assassina de recém-

nascidos” (BONFIM, 2010, p. 5). Entretanto, Lilith não teria nascido um monstro; em realidade, ela teria sido a primeira mulher criada por Deus, conforme o *Alpha Beta Ben Sira*, “o mais antigo material biográfico referente a Lilith” (KOLTUV, 1997, p. 37). De acordo com o *Alpha Beta Ben Sira*,

Deus criou Lilith, a primeira mulher, do mesmo modo que havia criado Adão, só que ele usou sujeira e sedimento impuro em vez de pó ou terra. Adão e Lilith nunca encontraram a paz juntos. Ela discordava dele em muitos assuntos e recusava-se a deitar debaixo dele na relação sexual, fundamentando sua reivindicação de igualdade no fato de que ambos haviam sido criados da terra. Quando Lilith percebeu que Adão a subjugaria, proferiu o inefável nome de Deus e pôs-se a voar pelo mundo. Finalmente, passou a viver numa caverna no deserto, às margens do Mar Vermelho. Ali, envolveu-se numa desenfreada promiscuidade, unindo-se com demônios lascivos e gerando, diariamente, centenas de *Lilim* ou bebês demoníacos (EISENSTEIN, 1915 apud KOLTUV, 1997, p. 38).

Representando “o feminino que não se dobra diante da pressão masculina” (BONFIM, 2010, p. 6), Lilith “é uma imagem feminina rejeitada pela cultura patriarcal e pela religião tradicional” (Idem). Expulsa do paraíso por Deus, Lilith é caracterizada como uma espécie de demônio feminino. É importante notar, nesse sentido, que “a ideia da existência da mulher má se oporá à ideia de uma mulher boa e submissa” (BONFIM, 2010, p. 6), de maneira que Lilith representaria a figura da mulher insubmissa e maligna, enquanto que Eva, a segunda esposa de Adão, representaria a mulher submissa e benevolente. Nesse contexto, “o arquétipo de Lilith traz a marca da insubmissão e da perversão libidinosa, e pode ser percebida em cada mulher que ‘imagina ser possível a verdadeira equidade’, bem como naquelas que perturbam ‘os sonhos e devaneios dos homens’” (Idem).

Tendo em vista os sentidos associados à figura de Lilith, é possível compreender a narrativa apresentada no Exemplo 29 a partir desse arquétipo. Ao assumir uma posição sexual ativa, sádica e inversora, penetrando os corpos masculinos ao invés de ser por

eles penetrada, a dominatrix estaria atentando contra Deus de forma semelhante a Lilith, que se recusou a ficar debaixo de Adão em suas relações sexuais, de forma que seu castigo seria ser “lançada ao inferno sem deuses”. A aproximação da figura de Lilith ao fogo e às chamas é ainda reforçada por Sicuteri (1987), que “associa Lilith às bruxas queimadas na Idade Média, época em que, como nunca, prevalecia a crença patriarcal na inferioridade da mulher, exterminada por meio da perseguição de símbolos pela Igreja” (AMARAL, 2019, p. 36).

É nesse cenário de imenso sofrimento físico e mental, em que se sente como uma bruxa ou demônio ateadado à fogueira medieval, que a autora projeta, então, sua *casa sonhada*, como forma de suportar a dor. Segundo Bachelard (1978), a casa sonhada, aquela que se idealiza construir no futuro, é uma aparição imagética que carregaria “a capacidade de nos colocar dentro de algum sistema de pertencimento, permitindo controlar o senso de dispersão. Marcado por afetos, esse lar imaginado ‘abriga o devaneio’, ‘protege o sonhador’” (BACHELARD, 1978, p. 201 apud PALMA, 2017, p. 23-24). Em suma: “a casa nos permite sonhar em paz” (Idem).

Referida como um “castelo encantado” repleto de escravos e cães, a casa sonhada de E. A. é vislumbrada como a base para um novo amanhã, as raízes sobre as quais estruturar-se-ia uma realidade distinta dos tempos de angústia e incerteza que sucederam o acidente de carro. Mesmo anos após o incidente, esse sonho persiste, visível por meio de uma “janela” que se abre para o futuro, conforme descreve a dominadora:

Ex 30 (*Blog 1*, 2002): Sabe, eu penso muito no castelo que quero ter um dia. (...) Mas a verdade é que hoje eu o vejo apenas na janela que dá para os meus sonhos. Ah, eu sou dessas pessoas que se movem pelos sonhos. Na verdade meu castelo é uma casa pequena em uma praia muito tranquila onde eu possa ter muitos escravos. Queria acordar ouvindo o mar ali adiante. E que um raio de sol iluminasse meu rosto. Eu despertaria feliz e logo ouviria os cachorros ansiosos pela caminhada até a praia. Os escravos não

fazem barulho. Não podem. Alguns estão ainda presos em suas jaulas. Outros já estão na lida. Me servem um gostoso café da manhã, depois servem os cães e só depois, comem felizes as sobras. (...) Depois então eu os trancaria em casa e ia para a praia com os cães. Talvez levasse algum escravo para carregar a sombrinha e me proteger do sol. Outro para recolher as fezes dos cães. (...) Vai acontecer tudo isso um dia. Vamos passar o ano todo olhando pra essa janela prá nunca esquecer esse sonho.

Não por acaso, o castelo sonhado pela dominatrix assemelha-se muito à pousada que ela foi forçada a deixar para trás: trata-se de uma “casa pequena em uma praia muito tranquila”. A luz solar que a acorda pelas manhãs e o passeio com os cachorros pela praia aparecem como antíteses de sua vida no apartamento na cidade, no qual mal podia expor-se ao sol — e muito menos andar sobre a areia — por causa das feridas. Por outro lado, existe algo nessa casa sonhada que ela não possuía quando morava na pousada: os inúmeros escravos que a habitam. E, mais do que habitar seu castelo, esses escravos servem à Rainha Frágil, preparando seu café da manhã, além de alimentar e recolher as fezes de seus cachorros.

Verifica-se, assim, que a imagem da casa sonhada tem grande importância na autofabulação identitária da dominadora, uma vez que, ao envisionar o espaço de seu castelo, ela também representa a si mesma como uma rainha que governa esse espaço e é nele servida por seus escravos. O papel dos escravos na concretização dessa casa sonhada é ressaltado no texto “Inversão de Papéis”, publicado no *blog Frágil Reino*, no qual a dominatrix externaliza seu desejo de possuir, em sua moradia, vários escravos feminizados ou *sissies*, conforme é possível observar no Exemplo 31:

Ex 31 (*Blog 2*, 2003): Urgente sempre é falar dos meus sonhos... Eu sonho que um dia terei uma sissy a me servir em tempo integral, uma, duas, três.. sei lá.. um monte delas andando pela casa. Uma pra eu por de quatro na cama, outra pra eu comer na beira do tanque enquanto lava minhas calcinhas, outra ainda vou comer na pia da cozinha. E vou ensinar-lhes bons modos e vesti-las

toda linda pra o desfile imaginário (...) Eu sonho um sonho que parece de mentira, que parece só um sonho.. Mas pasmem, eu vivo para torná-lo uma deliciosa realidade. Sonho transformar meus escravos, em cavalheiros na sociedade e putas na cama.

Essa narrativa, de forte conteúdo confessional, tem no espaço da casa sua sustentação. Ao descrever seu sonho, a Rainha Frágil afirma que deseja ter um monte de *sissies* “andando pela casa”, especificando as localidades nas quais gostaria de relacionar-se sexualmente com elas. Assim, *a cama, a beira do tanque e a pia da cozinha* transformam-se, nessa projeção de futuro, em recortes de cômodos habitados pelos corpos dos submissos feminizados e onde se desenrolariam as atividades eróticas. Os cômodos da casa, nessa descrição, não existem por si mesmos, mas como espacialidades que possibilitam à dominadora penetrar os corpos de seus escravos em posições diversas. Os móveis, por sua vez, não passam de suportes contra os quais a Rainha pode pressionar esses corpos durante o ato sexual.

Desenha-se, assim, a planta imaginária da casa do futuro, que, nas palavras de Bachelard (1978), “poderá ser mais sólida, mais clara, mais vasta que todas as casas do passado” (BACHELARD, 1978, p. 236). A construção da casa sonhada à beira da praia aparece, enfim, como um projeto de vida da dominadora, como um objetivo em direção ao qual ela caminha desde sua mudança da cidade de São Paulo a Fortaleza, como é possível observar no Exemplo 32:

Ex 32 (*Blog 3*, 2005): Meu projeto de vida é um dia ter uma casa na beira da praia. Com muitos cachorros e muitos escravos. Se o cigarro não me consumir até lá, ainda vou realizar esse sonho que é bem do tipo realizável mesmo. Já andei uma parte quando deixei tudo em Sampa e vim para o Nordeste... Daqui pra acolá é dois palitos.

Explicita-se, nesse Exemplo, que a migração do Sudeste para o Nordeste do país constitui uma parte de um projeto maior de E. A.:

ter uma casa na beira da praia com muitos cachorros e escravos. Nesse sentido, a dominadora afirma que parte desse objetivo já foi concretizada com sua mudança para Fortaleza, e que em breve realizará o restante desse sonho. É interessante notar também que, nesse trecho, a autora inscreve sua trajetória de São Paula a Fortaleza como integrante de sua representação identitária como dominatrix. Por meio da narrativa de memória, ela ressignifica o deslocamento territorial como uma etapa para a materialização de um objetivo final, a saber: sua habitação em uma casa própria, à beira mar, com cachorros e escravos que a sirvam. A migração para o Nordeste é apresentada, portanto, como uma fase necessária para que E. A. se torne uma dominadora de sucesso, que compartilha sua habitação com vários escravos obedientes.

Assim sendo, a migração de E. A. é narrada como um pressuposto para a construção de sua casa sonhada, aquela que representará, enfim, o abrigo e o conforto, além da “sofisticação” que a autora julga ser necessária a uma dominadora. À respeito da casa sonhada, Bachelard (1978) afirma:

Já tarde na vida, com uma coragem invencível, dizemos ainda: O que não se fez, será feito. Construiremos a casa. Essa casa sonhada pode ser um simples sonho de proprietário, um concentrado de tudo o que é julgado cômodo, confortável, são, sólido, além de desejável pelos outros (BACHELARD, 1978, p. 236).

No caso de E. A., a casa sonhada apresenta-se como espacialidade que possibilitaria à autora realizar suas fantasias fetichistas. Porém, se, por um lado, esse espaço representa uma liberdade plena e possui um lugar central na representação da identidade de E. A. como Rainha Frágil, unindo a nostalgia pela pousada do passado a vislumbres do futuro, o período da vivência no apartamento, mesmo após a recuperação do acidente, é narrado como um período de constrição não só física, mas também afetivo-sexual. A coabitação com a mãe e o filho, que vieram morar com ela

após o acidente, desestabilizam a representação de E. A. como dominatrix, conforme ilustra o Exemplo 33:

Ex 33 (*Blog 1*, 2002): Desculpem a ausência. Eu não estava encontrando o bloco de notas. Além disso tenho dormido muito cedo e este blog só funciona se for de madrugada. Ah como é gostosa a madrugada. Gosto desse silêncio. Minha casa não tem nada a ver com o ambiente sofisticado que se espera de uma Dominadora. Nada. Tenho mãe e filho prá cuidar!? uma bagunça: minha mãe grita pro meu filho abaixar o som. Meu filho briga com a mary que insiste em deitar na cama dele. Eu costumo sumir nestes momentos. Nem sei por onde ando. Sumo até mesmo de mim.

Contrastando sua casa agitada e barulhenta ao “ambiente sofisticado que se espera de uma Dominadora”, a autora opõe a realidade da casa concreta à idealização da casa sonhada. Nesse sentido, E. A. afirma que só consegue escrever em seu *blog* durante as madrugadas, onde existe o silêncio, e que, diante dos gritos da mãe e do som alto do filho, costuma sumir até de si mesma. Evidencia-se assim a importância da espacialidade da casa para a representação e manutenção de sua identidade como dominatrix: ao habitar um espaço caótico, sobre o qual não tem controle, a autora tem sua representação identitária desestabilizada, a ponto de não conseguir postar seus textos como Rainha Frágil na Internet.

O abalo da representação da identidade de E. A. como dominadora no período de habitação do apartamento é reforçada pela postagem na qual, tendo finalmente se mudado para uma casa térrea e não mais vivendo com a mãe e o filho, a dominatrix reflete sobre os impedimentos que a convivência familiar lhe impunha. Rememorando a época em que ainda morava no apartamento, a autora relata a impossibilidade de fazer sessões nesse espaço, ou mesmo de sair com vestimentas que remetessem ao mundo do BDSM. Ao dividir o apartamento com sua mãe, a autora evitava comportamentos que evidenciassem seu modo de vida fetichista, conforme se pode observar no Exemplo 34:

Ex 34 (*Blog 4*, 2016): Também se você acompanha meu blog há muitos anos vai encontrar o momento exato em que eu decido que devo cobrar sessões. (...) Eu nunca desejei fazer disso um modo de vida e mesmo que quisesse não seria possível porque nessa época meu filho e minha mãe velhinha moravam comigo. Principalmente por minha mãe. Porque se ela me via saindo muito produzida já ficava toda cismada.

Evidencia-se, assim, a importância atribuída por E. A. ao espaço da casa para a representação de sua identidade como dominatrix. Enquanto as lembranças da pousada convergem com a casa sonhada, na qual a autora projeta uma vida ideal de dominadora, sua vivência no apartamento é descrita como física, psíquica e sexualmente restritiva. A invasão da mãe e do filho a seu espaço privado impede que E. A. performe sua identidade como Rainha Frágil da maneira como gostaria, já que encontra dificuldade de escrever em seu *blog* e de marcar encontros presenciais com submissos. Esse sentimento de sufocamento que acompanha a habitação do apartamento junto da mãe e do filho só diminui quando a dominadora por fim casa-se com seu namorado e submisso R., mudando-se com ele para uma casa térrea.

5.4. As possibilidades do espaço privado

Após anos vivendo no apartamento com a mãe e o filho, E. A. sofreu uma grave crise financeira, que a deixou sem condições de continuar morando no local. Diante dessa situação, a família de seu novo marido e submisso, R., ofereceu-lhe auxílio, de maneira que o casal mudou-se então para uma casa térrea de propriedade da família. Nessa época, sua mãe e filho, que outrora moravam com a autora no apartamento, mudaram-se para São Paulo, deixando a nova moradia em Fortaleza para os recém-casados.

Apesar de não ser à beira-mar como a dominadora tanto sonhara, a nova casa possuía amplo espaço, quintal, e situava-se não muito longe da praia. E, principalmente, tratava-se de um

espaço em que ela podia vivenciar sua privacidade de maneira plena, uma vez que não precisaria mais dar satisfações à mãe e ao filho sobre o que fazia, quando saía e quem trazia para a casa. Nesse sentido, ao comparar suas experiências como dominatrix na espacialidade do apartamento e da nova casa, E. A. afirma:

Ex 35 (*Blog 4*, 2016): Hoje mudou tudo. Eu tenho uma vida independente, tranquila, tenho um bom espaço e me sinto mais preparada. (...) É assim que eu vou terminar meus dias, rs. Uma velhinha fofa escrevendo suas memórias enquanto goza um bom sexo oral. Assim que vai ser.

A leitura do Exemplo 35 ressalta a diferença entre as interpretações que a autora tem de si mesma e do ato de escrever na casa térrea e no apartamento. A prática da escrita, que antes precisava ser feita às escondidas e de madrugada, no único momento de paz e silêncio do apartamento, pode ser feita na casa térrea a qualquer hora do dia, em qualquer cômodo, e inclusive no decorrer de uma atividade erótica.

Isso só é possível, segundo a própria dominadora, porque sua nova casa é um espaço privado, no qual ela, como proprietária e moradora, pode fazer o que bem entender. Essa demarcação do espaço privado como aquele que propicia a liberdade sexual, em contraste com as limitações do espaço público, é desenvolvida pela autora no já mencionado texto “Inversão de papéis”, em especial no trecho em que a autora afirma querer transformar seus escravos “em cavalheiros na sociedade e putas na cama”.

Aludindo à ideia disseminada no senso comum de que a mulher ideal seria aquela que pudesse se comportar como “uma dama na sociedade e uma puta na cama”, a paródia de autoria de Rainha Frágil inverte a lógica patriarcal dessa expressão, substituindo o sujeito mulher, que tem seu comportamento cerceado de acordo com o ambiente em que circula, pelo sujeito homem. Assim sendo, na espacialidade do Frágil Reino não são os

corpos femininos que devem ser recatados em público e devassos em segredo, mas os masculinos.

Além de subverter o sentido patriarcal da expressão, a dominadora contrapõe, nesse trecho, os termos *sociedade* e *cama*, contrastando assim duas espacialidades regidas por convenções distintas: na sociedade, espaço público, é preciso que o homem performe a masculinidade tradicional, mostrando-se como um *cavalheiro*, enquanto que na cama, espaço privado e cerne das relações íntimas, é permitido que esse homem transforme-se em submisso e, ainda, assuma um papel social e culturalmente considerado como feminino, o de *puta*.

Constata-se, assim, que a casa é uma espacialidade na qual é “possível refugiar-se e nela fabular um recanto da dignidade negada no espaço público exterior” (PALMA, 2017, p. 5). Espaço “permeado por ficções que permitem experiências de resistência, sentimentos reconfortantes e vislumbres de liberdade” (Idem, p. 6), a casa, que representa materialmente a espacialidade do Frágil Reino, desenha-se como um lugar no qual os papéis sociais de gênero podem ser flexibilizados, relativizados ou, até mesmo, invertidos. Na intimidade do espaço regido pela autoridade da dominatrix, os homens podem ser feminizados, vestidos como mulheres, chamados por nomes e pronomes femininos e penetrados por objetos e partes do corpo diversas. E a mulher pode, por sua vez, performar atos tradicionalmente tidos como masculinos, como o sadismo, a dominação sexual e a penetração do corpo do outro.

Reforçando tal divisão dos espaços públicos e privados, E. A. recomenda, em outra postagem, que as “brincadeiras” do BDSM não sejam feitas “na frente de pessoas estranhas a esse tipo de relacionamento”, conforme é possível observar no Exemplo 36:

Ex 36 (*Blog 4*, 2016): Vocês combinam um gatilho. De quando a brincadeira começa e quando acaba. Por exemplo, eu e R. não nos tratamos por escravo e Rainha habitualmente. Mas quando eu, de repente, lhe aponto meus pés, ele sabe que acionei o gatilho. Que o

jogo está começando. Porque é preciso analisar todo o contexto. Lógico que você não vai humilhar seu marido na frente de pessoas estranhas a esse estilo de relacionamento. Nem na frente dos filhos. Como casais baunilha não fazem sexo na sorveteria. Sei lá, alguns já fizeram. Uma vez eu fiz no Parque do Ibirapuera e quase fui presa. Artes de menina.

Utilizando-se do senso comum de que é inadequado e proibido realizar atos sexuais em público, a autora argumenta que casais fetichistas não devem performar relações de dominação e submissão na frente de parentes ou em locais públicos como a sorveteria. Essas ações, ao contrário, devem ser reservadas ao espaço da casa. É importante pontuar, nesse contexto, que embora a espacialidade da casa se situe em um espaço privado, a espacialidade do Frágil Reino não se inscreve totalmente nesse espaço. Como localidade abstrata e metafórica que se manifesta tanto no espaço físico e privado da casa quanto no espaço virtual e público da Internet, o Frágil Reino se edifica em uma trincheira entre as espacialidades públicas e privadas, encerrando, portanto, as possibilidades e limitações desses dois espaços.

A parcela do reino que se localiza no espaço privado da casa, nesse sentido, possibilita à dominatrix convidar submissos para sessões de BDSM, algo que não era possível quando vivia no apartamento. Nesse sentido, a autora passa a postar narrações detalhadas das sessões ocorridas na casa nova, conforme exemplifica o Exemplo 37, no qual relata suas interações com um submisso:

Ex 37 (*Blog 4*, 2015): Me senti toda menina fazendo travessura. Encontrando o melhor lugar para amarrar. Queria que fosse ali, ao ar livre, sobre a grama. (...) [Ele fica] aqui feliz limpando a casa. Faz todo o serviço da casa. Às vezes é preciso uma sova, alguma coisa não sai exatamente como eu gostaria mas em geral, é extremamente caprichoso e limpo. Ganhou essa roupinha por ser mesmo bom menino. Os cabelos eu mesma lavei, tratei e enfeitei com essa linda

tiara. E já quebrou alguma louça. Mas é bom cozinheiro também e para mim é ótimo porque preciso de alimentação controlada e sozinha muitas vezes não como direito.

Descrevendo a servidão do submisso, que, além de apanhar, também faz tarefas domésticas como lavar a louça e cozinhar, E. A. evoca algumas características do texto “Inversão de papéis”, em que expressa seu desejo de possuir, algum dia, uma *sissy* que a sirva em tempo integral e que ela possa vestir conforme seu gosto. De fato, esse antigo desejo materializou-se na espacialidade privativa da casa térrea, em cujos cômodos o submisso feminizado pode circular sem causar incômodo a pessoas alheias ao universo do BDSM.

A circulação ocasional de submissos na casa da dominadora não representa, no entanto, o ápice da circulação de corpos fetichistas nessa espacialidade. Na realidade, os momentos em que mais se praticam fetiches no espaço da casa de Rainha Frágil se dão durante as festas de temática BDSM que a autora passou a sediar em sua nova habitação. O cartaz de divulgação de uma dessas festas, postado no *blog Frágil Reino*, pode ser observado na Figura 89 a seguir:



Figura 89: Cartaz de divulgação de festa fetichista realizada na casa de E. A., retirada do *blog Frágil Reino*

Trazendo informações sobre a festa, destinada a praticantes da subcultura do BDSM, o cartaz identifica a casa de E. A. como *Frágil Reino*, reforçando a relação, já evidente, entre o espaço habitado pela dominatrix e a espacialidade abstrata do reino. Retratando a moradia da dominadora, a fotografia de fundo do cartaz mostra um instrumento de tortura utilizado nas sessões sadomasoquistas, além de uma corrente pendurada no teto. Tais “equipamentos disponíveis para práticas sadofetichistas”, como anuncia a legenda do cartaz, não poderiam ser comprados e mantidos nesse espaço se a dominatrix ainda morasse com a mãe e o filho. Da mesma forma, seria difícil manter o sigilo sobre o caráter fetichista da festa em um apartamento, já que o sons de música, os estalos de chicote, gritos, gemidos e as vestimentas dos convidados poderiam provocar a desconfiança dos outros moradores do prédio.

Fica evidente, portanto, a centralidade do espaço privado para a viabilidade das práticas de BDSM de uma forma geral e, no caso desta pesquisa, para a performance de E. A. como dominatrix. Espaço em que podem circular e interagir livremente os corpos de submissos e outros adeptos do BDSM, e em que se acumula e usufrui de mobiliário erótico, a casa da dominadora transforma-se, assim, em uma espécie masmorra libertina da atualidade.

5.5. O espaço da casa entre o sonho e o trauma

Por meio da análise das narrativas de memória publicadas nos *sites* e *blogs* de E. A., fica evidente o papel da espacialidade da casa na representação de sua identidade como dominadora Rainha Frágil. Desde as lembranças de infância até as narrações de acontecimentos recentes, a autora reitera as relações entre o espaço da casa e a espacialidade abstrata e metafórica do reino. Nesse sentido, o quatinho dos fundos da casa materna é lembrado como um local de reinações, de brincar de Rainha e escravo, enquanto que a casa térrea na qual atualmente reside com seu marido é referida em panfletos de divulgação de festas fetichistas como Frágil Reino.

Figurando não apenas como demarcação física da espacialidade do reino, o espaço da casa apresenta-se como elemento de coesão das narrativas de memória de E. A. Cada uma das casas em que habitou afeta a relação da dominatrix consigo mesma, de forma que esses espaços são mobilizados em suas narrações de maneira simbólica. Nesse sentido, a casa materna em São Paulo representa a solidão da infância e o germe dos desejos de dominação, que E. A. considera inerentes a si. Por sua vez, a pousada à beira-mar em Fortaleza, repleta de espaço para os cães pointers, é mobilizada pela dominadora como uma lembrança que remete à liberdade, à paz, e aos sonhos, servindo de base para a estruturação de sua casa sonhada, na qual seria servida por escravos feminizados. Conforme a autora, muitas vezes, a imagem desse tão sonhado castelo era sua fonte de forças para enfrentar tempos difíceis, reluzindo como uma perspectiva de futuro melhor.

A casa sonhada, nesse sentido, sustenta-se como contrapartida à claustrofobia do apartamento, que restringe a vida sexual de E. A. tanto devido à convivência com a mãe e o filho, quanto devido às limitações corporais causadas pelo acidente de carro que a forçou a abandonar a pousada. Nesse contexto, o espaço do apartamento transfigura-se como símbolo do trauma do acidente, da depressão que a acompanhou e de uma dolorosa recuperação. Não por acaso, é nesse espaço que a autora relata a percepção de uma perda de identidade, de um sumiço de si mesma — a representação identitária de dominadora dissolve-se em meio ao caos da vida cotidiana, que a constringe entre os papéis sociais de mãe e filha.

Em contraste com o espaço do apartamento, a espacialidade da casa térrea atual, que a autora divide com seu marido e submisso, é apresentada como uma espécie de materialização parcial da casa sonhada. Não se trata de uma propriedade à beira-mar, e tampouco possui escravos residentes, como queria a dominadora, porém é um espaço suficientemente grande e próximo da praia, e o mais importante: é privativo o suficiente para que a E. A. possa performar sua identidade como dominatrix à vontade.

Fica clara, assim, a relação entre a(s) espacialidade(s) da casa e a representação da identidade de E. A. como Rainha Frágil. Evidencia-se, nas narrativas de memória da autora, que o espaço privado da casa — que, muitas vezes, equipara-se ao espaço do reino —, é, em certa medida, um pré-requisito para a formulação e manutenção de sua representação identitária como Rainha. A dominatrix necessita de uma espacialidade privada, separada do espaço público onde domina a lógica patriarcal, no qual possa fazer valer suas regras e vontades. E esse espaço habitável onde reina a intimidade e os afetos é justamente a espacialidade da casa. Entre as paredes do lar e de cômodos específicos, a dominadora pode performar as práticas BDSM que, em público, provavelmente, não poderia.

Em suma, é possível considerar a espacialidade da casa — tal qual os espaços virtuais de seus *sites* e *blogs*, conforme analisado no Capítulo IV — tanto como possibilitadora quanto limitadora das práticas fetichistas da dominatrix. Nesse sentido, o espaço da casa assume, nas narrativas de memória de E. A., função coesiva e metafórica, servindo como pano de fundo em que se alternam ora a projeção lúdica, ora a rememoração traumática.

CAPÍTULO VI

O Frágil Reino, lugar de forças e fragilidades

Muitas pessoas tendem a pensar que uma Dominadora anda por aí, chicote em punho, imensas em suas botas de cano longo e que são sempre autoritárias, intransigentes e pouco cordiais. Não. Eu não. Eu sou pessoa. Social. Fraternal. Até muito ‘família’. Trago em mim, PORÉM, a dualidade: a crueldade e o amor, o respeito e a degradação. Sou capaz de ficar horas olhando um homem preso a uma teia de nós. Gosto de espancar. Muito. E me faz bem. (Rainha Frágil)

6.1. Os topônimos que constituem o Frágil Reino

Pautando-se nas noções desenvolvidas por Benveniste (1976) a respeito da constituição enunciativa da espacialidade, este capítulo concentra-se na investigação do papel exercido pelos topônimos (RAMOS, 2009) utilizados por E. A. em suas narrativas de memória para a constituição do espaço metafórico do Frágil Reino. Conceitua-se, nesse sentido, o topônimo como “nome genérico de lugar, designativo de um espaço” (RAMOS, 2009, p. 6) e como construto teórico-metodológico mobilizado nesta pesquisa para designar as espacialidades que constituem o *reino* da Rainha Frágil.

A partir dessa definição, analisam-se as ocorrências no *corpus* dos principais topônimos utilizados pela dominadora para referir-se ao espaço em que exerce seu poder, a saber: os topônimos *alcova*, *mezanino*, *dungeon*, *masmorra*, *senzala* e *reino*, despendendo também atenção aos contextos em que esses topônimos são mobilizados.

Busca-se, assim, compreender quais são os sentidos que esses topônimos evocam e como seu emprego nas narrativas de memória de E. A. auxilia em sua autorrepresentação como Rainha Frágil e na constituição discursiva da espacialidade do Frágil Reino.

6.2. Os segredos da alcova e do mezanino

Em alguns de seus primeiros escritos no *Blog 1, Samia, a Rainha Frágil, e idéiafix{S}*, a dominatrix Rainha Frágil menciona com frequência uma localidade situada na *sex shop* em que trabalha. Trata-se de uma espécie de quarto dos fundos ao qual a dominadora leva os submissos com quem se relaciona para a realização dos jogos eróticos de BDSM. A esse espaço, a dominatrix chama ora de alcova, ora de mezanino.

Nesse contexto, no primeiro relato de caráter erótico que posta no *Blog 1* a Rainha Frágil narra seu encontro sexual com um submisso feminizado que atende pelo nome de Vivi. Assim que o submisso chega à *sex shop*, a dominadora manda que ele siga até o espaço do mezanino e a espere lá, conforme se lê no Exemplo 38:

Ex 38 (*Blog 1*, 2002): Mandei ele ir até meu trabalho hj. Ordenei que comprasse uma meia Kendall , um batom muito vermelho e o maior dildo que encontrasse. Ordenei que chegasse lá e subisse imediatamente ao mezanino. ..Que ficasse nua totalmente... apenas com as meias e um baton na boca. Disse que subisse e que me esperasse mamando no enorme dildo.Havia um amigo meu na loja. Velho amigo que não sabe nada dessas coisas. Quando Vivi abriu a porta da loja eu estava atendendo um cliente e meu amigo esperava para conversarmos. Eu apenas olhei para a porta e fiz um gesto com a cabeça e ele sua presença so foi percebida por mim. Vivi subiu. Eu atendi o cliente. E fiquei num bate papo animado com meu amigo. Passou-se talvez uma hora. Depois fechei a loja e fui tomar um café com esse amigo. Tomamos um café. Conversamos e ele se despediu de mim. Voltei para a loja. E subi as escadas com passos rapidos pois queria surpreende-la e ver se tinha seguido a risca.

Subi e la estava a triste figura.. ajoelhada em frente a um manequim, , chupando o dildo, com meia sua barrigona ate ficou mais bonita.. ah.. e de batom...

É possível observar, nesse trecho, o caráter íntimo assumido pela espacialidade do mezanino na narrativa de E. A.. Separado do restante da loja, no qual a dominadora calmamente atende um cliente e conversa com um amigo — ambos alheios ao jogo erótico travado entre dominadora e submisso —, o mezanino configura-se como uma espacialidade em que se desenrolam atividades fetichistas insuspeitadas. Atividades semelhantes, desta vez praticadas com o namorado ideiafix e com um escravo ao qual a autora chama 001, também são narradas pela dominadora, que se refere ao espaço nos fundos da loja não mais como mezanino, mas como alcova, conforme é possível observar no Exemplo 39:

Ex 39 (*Blog 1, 2002*): Mandei o menino ir ter comigo depois do expediente. ideiafix estava todo ansioso e chegou bem cedo. esperaram que eu fechasse a loja e la fomos para a Alcova. risos...não dispomos de muito espaço mas é ali que eu e o ideiafix costumamos nos divertir... estava brava com o ideia porque ele anda muito relapso no cuidado de nossas coisas.. pretendia transformá-lo na bela pequena kelly mas não encontrei suas roupas e o resultado foi pegar mesmo o que estava a mão. conclusão: ele ficu ridiculo numa mini saia transparente de tule e um topzinho tb de tule, e manguinha japonesa. Como eu não queria deixar 001 constrangido, mandei que ideia se vestisse e colocasse o capuz cobrindo o rosto. (...) quando subimos ele já estava de quatro com o capuz.. e de costas para nós.

Nesse trecho, a dominadora toma o mesmo curso de ação que no Exemplo 38: espera que o expediente de trabalho na loja acabe para que ela possa levar submissos até o espaço por ela chamado de mezanino ou Alcova. Trata-se de um cômodo pequeno, conforme conta a dominatrix ao enunciar “não dispomos de muito

espaço mas é ali que eu e o ideiafix costumamos nos divertir”. O espaço do mezanino ou Alcova, nesse sentido, é caracterizado pela autora como o local em que ocorrem as práticas de dominação e submissão, conforme ela mesma afirma no Exemplo 40:

Ex 40 (*Blog 1, 2002*): Também estou as voltas com o dungeon né... vamos chamar de uma pequenina alcova para onde pretendo levar os escravos. Já temos alguns apetrechos. E já sabemos como fazer a gaiola que nos parecia o maior desafio. Eu e ideiafix temos ido continuamente ao centro vasculhar tudo o que podemos aproveitar. Isso de aproveitar tudo aprendi com Helga. Encontramos tanta coisa bacana. Risos.. creia até um estilingue comprei. um bodoque, vc se lembra? risos.. pois. ideiafix não entendeu na hora mas compreendeu quando eu lhe mostrei que pretendia disputar alvo com algumas amigas. Tudo é utilizavel. Impressionante.

É importante notar que tanto no Exemplo 39 quanto no Exemplo 40 a autora ressalta a pequenez do espaço físico da Alcova, afirmando que não dispõe de muito espaço para encontrar-se com seus submissos e referindo-se a essa espacialidade como “uma pequenina alcova”. Além disso, o trecho apresentado no Exemplo 40 explicita outro fator que limita a constituição da espacialidade da Alcova: a situação financeira da dominatrix. Tendo em vista o alto valor dos apetrechos, vestimentas e equipamentos utilizados nas práticas eróticas de BDSM, a dominadora procura reaproveitar e ressignificar objetos do cotidiano, de menor custo, para suas atividades fetichistas.

Considerando a realidade material dessa espacialidade — limitada tanto pela miudeza do espaço do quarto dos fundos em que se situa quanto pela finitude do orçamento de E. A. —, interessa-nos investigar quais são os efeitos de sentido produzidos pela mobilização do topônimo *alcova* para se referir ao espaço utilizado pela dominadora para encontrar-se com seus submissos. Nesse sentido, observa-se que o topônimo *Alcova*, distintamente do

topônimo *mezanino*, carrega uma história que evoca sentidos relacionados à intimidade. De acordo com Ranum (2009), “no imaginário europeu do íntimo e do eu em fins da Idade Média, determinados lugares ou certos espaços são considerados particularmente propícios à busca de si mesmo e ao encontro de dois seres” (RANUM, 2009, p. 215). Na Idade Moderna, com a maior privatização do espaço evidenciada a partir dos séculos XVII e XVIII, iniciou-se uma reconfiguração e redivisão da espacialidade da casa, que consistia na “instalação de inumeráveis corredores, portas, antecâmaras e divisórias nas velhas habitações” (Idem, p. 226). Nesse sentido,

os arquitetos dos séculos modernos criaram novos espaços privados nas casas da elite, ou melhor, ampliaram seus espaços, transformando em cômodos o que antes era sobretudo peças de mobiliário. Nas diferentes línguas européias, palavras como gabinete, biblioteca, escritório podem designar um móvel; pouco a pouco, no entanto, passam a indicar também um aposento dotado de uma função específica e em geral de caráter privado. (...) Quem tinha antes um escritório-móvel provido de fechaduras agora pode entrar num escritório-cômodo e trancar a porta à chave. Está aberto o caminho para a habitação burguesa do século XIX, com seu acúmulo de objetos de arte, papéis, livros e curiosidades sempre dispostos e organizados atrás de vitrines e de portas providas de fechadura e chave (RANUM, 2009, p. 215-216).

Dentre os novos espaços privados que compunham as casas da ascendente burguesia, encontrava-se a alcova, que, como a *ruelle*³⁸, consistia de um espaço “além do leito, longe da porta que dá acesso à sala (ou à antecâmara, nas casas da elite)” (RANUM, 2009, p. 223). Segundo Ranum (2009), o sentido de intimidade projetado sobre a alcova pode ser observado por meio das obras de pintores que, a partir do século XVIII, “intensificam as representações dos signos íntimos e das atividades que só se realizam no quarto” (Idem). Nesse contexto, “Watteau, Boucher e

³⁸ De acordo com Ranum (2009), “na França dos séculos XVI e XVII, a *ruelle* — ou seja, o espaço entre a parede e o leito — era conhecido como um local particularmente íntimo” (RANUM, 2009, p. 222).

Greuze retomam quase todos os temas íntimos e eróticos dos pintores holandeses do século anterior para torná-los mais explícitos” (Idem). Apresentando teores voyeurísticos diversos, essas obras representam desde uma “mulher nua em sua cama de alcova posicionada para receber o clister” até “belas mulheres nuas brincando com um cão que se esconde entre suas pernas” (Idem, p. 224). O caráter explícito dessas pinturas obriga “a deixar de lado a civilidade: quem vê essas obras sempre resvala no impudor do privado” (Idem).

Compreende-se, nesse sentido, que a mobilização do topônimo *Alcova* para descrever o quarto dos fundos da *sex shop* em que E. A. trabalha evoca sentidos que inscrevem essa espacialidade no âmbito do privado, do secreto e do erótico. A utilização do topônimo *Alcova* para referir-se ao mezanino, nesse sentido, auxilia na representação da autora como dominatrix, uma vez que transforma por meio do discurso um aposento que pouco teria de evocativo ou sugestivo em uma espacialidade historicamente permeada pelo erotismo.

Os sentidos evocados pelo topônimo *Alcova*, no entanto, não cessam no significado histórico do termo. Em uma de suas postagens no *Blog 4*, Rainha Frágil cita um trecho do famoso livro *A Filosofia na Alcova* (2012), de Marquês de Sade. Observa-se, assim, que o topônimo *Alcova* carrega não só sentidos relacionados à intimidade de maneira geral, mas também a práticas fetichistas e sadomasoquistas. Na tradução da obra feita por Luiz Augusto Contador Borges, o tradutor explica, em uma nota de rodapé, os motivos que o levaram a traduzir o termo original *boudoir*, presente no título em francês *La philosophie dans le boudoir*, por *alcova*. A esse respeito, Borges (2012) explica que

este “mobiliário destinado à luxúria” como Sade o apresenta ao leitor, marcado por uma economia de objetos, conforme observa Eliane³⁹, é composto apenas de otomana, móvel imprescindível nas cenas lúbricas, e

³⁹ Eliane Robert Moraes (*Sade, a felicidade libertina*, Rio de Janeiro, Imago, capítulo 5, p. 177).

dos espelhos que o revestem (op. cit., p. 178.). O termo *boudoir* recebeu o qualificativo de “familiar” da Academia Francesa em 1740 e 1798. Designa, portanto, um pequeno quarto elegante para onde a dona da casa pode retirar-se para ficar só ou se entreter com seus íntimos. O *boudoir* tornou-se no século XVIII um lugar erótico. Em português o termo se traduz por “tocado”, “antecâmara”, ou “salinha elegante (de senhora)”. Mas nenhum desses sentidos retém a conotação erótica, motor essencial do texto sadiano. As traduções existentes do romance, inclusive esta, optaram por “alcova”, que resolve em parte o problema. (...) Entretanto, como alerta ainda Eliane Robert Moraes, o termo “alcova” comporta um sentido ambíguo. O *Dicionário Melhoramentos da língua portuguesa*, por exemplo, só acusa: “1. Em casas antigas, pequeno quarto de dormir, ordinariamente sem janelas. 2. Quarto de dormir. 3. Esconderijo”. E no *Dicionário etimológico Nova Fronteira*, consta que seu significado de “aposento, recâmara, quarto de dormir”, de origem árabe, aparece no século XVI no idioma português (Op. cit., p. 179.). Apesar de todas as restrições apresentadas, optou-se por alcova por dois motivos: em primeiro lugar, por não haver correspondente do termo *boudoir* em português; em segundo, porque o título *A filosofia na alcova*, a despeito de tudo, foi “consagrado” em nosso idioma, ao menos por duas instituições: o mercado e a universidade (BORGES, 2012, p. 155).

Tendo em vista a consagração do termo *alcova* na tradução da obra sadiana, e considerando também o conhecimento da própria dominadora do livro *A Filosofia na Alcova* de Marquês de Sade, entende-se que os sentidos produzidos pela mobilização do topônimo *Alcova* para a referenciação do mezanino da loja de E. A. são significativos para sua performance e representação como dominatrix sádica. Ao chamar de *Alcova* o espaço no qual encontra-se com seus submissos e os domina, a dominadora investe-se discursivamente do sadismo, da libertinagem e das perversões dos personagens sadianos, emprestando também um pouco do luxo, da decoração e da mobília do *boudoir* burguês ao modesto espaço de que dispõe em sua *sex shop*.

É importante observar, nesse contexto, que a mobilização do topônimo *Alcova* para fazer referência ao quarto dos fundos da loja de E. A. pode ser tomada como um exemplo da prática comum aos participantes da subcultura do BDSM de tomar emprestadas suas cenas das “culturas cotidianas do poder” (MCCLINTOCK, 2003). Em

outras palavras, ao utilizar-se do topônimo *Alcova* para nomear o mezanino em que realiza suas práticas sadomasoquistas, a dominadora investe discursivamente essa espacialidade de características associadas a uma classe social específica — a burguesia — no momento histórico em que esta se encontrava em ascensão, estabelecendo-se como classe social dominante. Desse modo, ao se referir ao espaço do mezanino por meio do topônimo *Alcova*, a dominadora reveste essa espacialidade de sentidos relacionados ao poder exalado pela ascendente burguesia do século XVIII.

6.3. O inacabável *dungeon*

O empréstimo das cenas das “culturas cotidianas do poder” (MCCLINTOCK, 2003, p. 25) — e, em especial, das espacialidades evocadas nas obras de Marquês de Sade — por parte da Rainha Frágil para a construção de seu Frágil Reino evidencia-se ainda mais na constituição discursiva do espaço do *dungeon*. De origem inglesa, o termo *dungeon* pode ser traduzido em língua portuguesa como *masmorra*. Nas narrativas de memória da dominatrix, por sua vez, esse topônimo é mobilizado para se referir a uma espacialidade na qual ela poderia receber seus submissos e amigos da subcultura do BDSM. Nesse sentido, o *dungeon*, tal qual o mezanino e a Alcova, representaria um local resguardado para a prática de atividades fetichistas, conforme é possível observar no Exemplo 41:

Ex 41 (*Site 1*, 2001): A confraria já era um sonho antigo, eu vinha devagarinho conhecendo mais pessoas ligadas ao tema. Eu necessito encontros reais. Tem se tornado sufocante para mim estar tão longe de tudo. Então quando surgiu a possibilidade de organizar o encontro, eu vi que poderia dar uma primeira arrancada com esse grupo daqui. [...] Também estou procurando um lugar para montar meu *dungeon* que facilitara muito esse e outros projetos futuros.

Conforme explicita o Exemplo 41, o *dungeon* seria um local ideal para a dominatrix sediar os encontros de sua Confraria — comunidade de amigos adeptos do fetichismo. O sentido assumido pelo topônimo *dungeon*, no entanto, difere do sentido dos topônimos mezanino e Alcova na medida em que faz referência a um espaço que a dominadora ainda não possui. Ao contrário dos dois últimos, o topônimo *dungeon* representa uma espacialidade inacabada, que deve ser construída pela dominatrix no futuro. Trata-se, assim, de um espaço que precisa ser *montado*, ou seja, estruturado ao longo do tempo.

Tal sentido assumido pelo termo *dungeon* nas narrativas de memória de E. A. pode ser observado no Exemplo 42, em que a dominadora descreve o processo de constituição dessa espacialidade.

Ex 42 (*Blog 1*, 2002): Continuo lá tentando estruturar o *dungeon*. outro dia ideia me levou umas tiras de latex, mesmo isso de camera de pneu sabe? e dai experimentamos, pq tinhamos visto num video. as marcas são diferentes das feitas pelo chicote. quer dizer, mesmo sendo em tiras elas não fazem aquele traçado. Vai ficando tudo vermelho igualmente. Gostei demais. ideia ficou uns tres dias quente e feliz da vida. Ah como os homens gostam de apanhar né? risos...

De maneira semelhante ao que se descreve no Exemplo 40, a dominatrix Rainha Frágil conta no Exemplo 42 o processo de resignificação de objetos do cotidiano para um contexto fetichista. Nesse sentido, o látex da câmara de ar do pneu transforma-se em chicote, da mesma forma que um estilingue pode ser utilizado para a prática de tiro ao alvo, sendo o alvo o corpo do submisso. Trata-se, conforme explicita a dominadora, de uma tentativa de “aproveitar tudo”, ou seja, apropriar-se de utensílios do dia a dia e metamorfoseá-los em equipamentos de tortura.

O aspecto transformativo e artesanal da construção dos equipamentos que povoam o *dungeon* também pode ser

identificado nos Exemplos 43 e 44, em que a Rainha Frágil detalha o processo de edificação dessa espacialidade junto a seus submissos.

Ex 43 (*Blog 1, 2002*): Lembra do julgamento de vivi? risos.. Ela esta toda toda feliz. Sim mesmo que tenha que pagar esta feliz. Mas sabe que agora to pensando em outros castigos? Tipo.. pensei que ela podia ficar pintando meu dungeon assim..de calcinha.. pintando.. e com algemas para apertar os passinhos.. Mas talvez eu aplique ainda um outro castigo. Mais pesado. Mais duro. Mas não vou contar ainda. Pois tem que ser surpresa até pra ele.

Ex 44 (*Blog 2, 2003*): Alguns [submissos] eu tolero mais porque tem uma resistencia e umas habilidades interessantes. Este que ideiafix menciona, não é que me traz presentinhos e me tem por conta disso.. Não. O que acho bacana é que o próprio faz seus brinquedos e também me ajuda com algumas coisas no dungeon porque é hábil com coisas do tipo Faça Voce Mesmo. Hunf, é o jeito...

Em ambos os exemplos, a dominadora relata que se utiliza das aptidões de seus submissos para a confecção de seu *dungeon*. No Exemplo 43, a Rainha Frágil cogita castigar a escrava Vivi fazendo-a pintar as paredes de seu *dungeon* enquanto veste uma calcinha e traz os pés algemados, enquanto que no Exemplo 44 a dominatrix conta que gosta de determinado submisso porque ele produz seus próprios brinquedos sexuais e a auxilia a estruturar seu *dungeon* com suas habilidades de “Faça Você Mesmo”.

Os Exemplos 38 a 41 evidenciam, assim, o desejo da Rainha Frágil de materializar seu tão sonhado *dungeon*, bem como as limitações espaciais e financeiras que dificultam sua concretização. A ambição da dominadora de superar tais obstáculos e estruturar seu *dungeon* é reafirmada diversas vezes nas postagens que faz em seus *blogs* e *sites*, conforme ilustram os Exemplos 45 a 47.

Ex 45 (*Blog 2*, 2003): Bora, me ajudem a construir meu dungeon !! www.vialibido.com.br

Ex 46 (*Blog 3*, 2004): Aviso aos navegantes: eu pretendo SIM construir um belo dungeon e então fazer sessões. E olhe, acho que os submissos vão valorizar mais cada momento porque hoje são relapsos e faltam aos compromissos.

Ex 47 (*Blog 4*, 2019): E eu volto a me dedicar a meu blog e outras coisas de meu interesse. Estou construindo meu dungeon, né?

É interessante notar, nos Exemplos 45 a 47, a reiteração da construção gramatical composta pelo sujeito *eu*, pelo verbo *construir* e pelo objeto direto *dungeon*. A utilização do verbo *construir* junto ao topônimo *dungeon* reforça o sentido de incompletude que a dominadora atribui a essa espacialidade, de modo que o espaço do *dungeon* nunca se encontra finalizado. Tendo em vista o grande desejo da dominatrix de concluir a edificação dessa espacialidade, observa-se que a não concretização do espaço do *dungeon* por diversas vezes é apontada por E. A. como um motivo para insatisfação e pesar, conforme evidenciam os Exemplos 48 e 49:

Ex 48 (*Blog 4*, 2018): Eu fazia sessões eventuais mas era complicado porque minha mãe morava comigo, e sempre detestei motéis. Em alguns momentos cheguei a ter estrutura de dungeon mas sempre precária, com muitas limitações de espaço e tempo.

Ex 49 (*Blog 3*, 2004): Claro que lhe digo o valor em pvt. [...] Acho que é sim um preço baixo mas não o estipulei pensando na minha inexperiência com esse tipo de relação porque sinto como uma continuidade, uma evolução natural do que eu já fazia sem receber nada em troca. Mas ainda temo por minha independência e quero ter mais força para encarar tudo isso. Também me preocupa o fato de não ter um dungeon como eu gostaria. Não

quero ter a impressão de que fiquei devendo algo para quem me procura e para a aplicação de muitas técnicas preciso de instrumentos que ainda não disponho.

Conforme demonstram ambos os exemplos, o fato de possuir um *dungeon* incompleto é motivo de preocupação para a dominadora, dificultando que ela ofereça sessões pagas de BDSM. Ainda de acordo com a dominatrix, a estrutura de seu *dungeon* é precária e lhe falta tempo e espaço para organizar essa espacialidade da maneira adequada. Mais do que tempo e espaço, no entanto, também lhe faltam instrumentos específicos para as práticas sadomasoquistas, sem os quais a dominatrix não pode aplicar determinadas técnicas em seus submissos. Reitera-se assim um dos principais fatores que contribuem para a incompletude de seu *dungeon*: a falta de dinheiro.

Embora o dinheiro figure de maneira tangencial no Exemplo 48 como um dos motivos para que a dominadora não possa estruturar seu *dungeon*, por vezes a Rainha Frágil admite abertamente que sua situação financeira interfere no sonho de construir essa espacialidade, conforme demonstra o Exemplo 50.

Ex 50 (*Blog 4*, 2008): Eu não faço mais Dominação Profissional porque meu *dungeon* ainda não foi reconstruído. Falta tudo: verba, tempo, espaço... Vontade, não. Porque acho um tesão.

Conforme explicita o Exemplo 50, as dificuldades financeiras da dominatrix a impedem de exercer a Dominação Profissional, uma vez que o *dungeon* apresenta-se como uma localidade imprescindível para a prestação de serviços de dominação erótica. A Rainha Frágil, contudo, está longe de ser a primeira adepta do BDSM a ter problemas em conciliar seus fetiches com sua classe social. De acordo com Bauer (2008), existe uma “dinâmica excludente de partes da comunidade BDSM organizada causada pela expectativa de poder pagar por roupas caras, brinquedos e entradas para festas fetichistas” (BAUER, 2008, p. 238). Ainda

segundo o autor, não é rara a defesa, por parte de adeptos do fetichismo, de que “o BDSM de alta qualidade é apenas para aqueles que eles percebem como indivíduos altamente educados, ‘inteligentes’ ou ‘elegantes’, endossando, assim, os critérios de exclusão baseados em classe para participação na comunidade” (Idem).

Corroborando esse ponto de vista, Weiss (2006) quantifica os custos em dólares americanos de acessórios comumente utilizados por praticantes de sadomasoquismo, demonstrando os altos preços desses instrumentos. De acordo com a autora,

chicotes, especialmente os artesanais e desejáveis, custam entre US \$150-300, dependendo de seu tamanho, número de caudas e material ou tipo de couro. Palmatórias de couro ou madeira têm preço médio, entre US \$30-150. Outros brinquedos são menos caros; pode-se comprar vime (para fazer varas) a granel em lojas de materiais para jardinagem por US \$1 o pé. Roupas também variam de preço, mas calças de couro, coletes, jaquetas, espartilhos e roupas fetichistas (feitas de vinil, látex ou borracha) são caras (WEISS, 2006, p. 234).

Ainda segundo Weiss (2006), a maioria dos praticantes de BDSM “não têm o dinheiro ou o espaço em seus apartamentos ou casas para uma sala de *dungeon*” (WEISS, 2006, p. 234). Nesse contexto, a autora define o *dungeon* como um quarto — normalmente um quarto extra ou porão mobiliado — com móveis destinados a *bondage* e jogos fetichistas feitos sob medida. Observa-se que essa definição aproxima-se da concepção de *dungeon* encontrada nas narrativas de memória de Rainha Frágil, em que essa espacialidade designa um local exclusivamente destinado às práticas de BDSM.

Compreende-se, nesse sentido, que o topônimo *dungeon* é utilizado pela Rainha Frágil para fazer menção a um espaço que a dominadora gostaria de possuir, mas que ainda não foi capaz de materializar completamente. Dessa forma, a mobilização do topônimo *dungeon* legitima por meio do discurso essa localidade materialmente incompleta: o *dungeon* existe na medida em que

assim é denominado nas narrativas de memória de E. A., mesmo que não esteja mobiliado e decorado com os apetrechos fetichistas e equipamentos de tortura que a dominadora desejaria possuir. O discurso inaugura e presentifica, assim, uma espacialidade que poderia existir no mundo físico apenas em um futuro distante.

6.4. As esparsas senzalas e masmorras

Além dos topônimos *mezanino*, *Alcova* e *dungeon*, outros dois topônimos mobilizados de maneira esparsa nas narrativas de memória da dominatrix para se referir aos espaços em que se realizam sessões de BDSM são os termos *senzala* e *masmorra*. Com apenas uma ocorrência, o topônimo *senzala* é utilizado pela dominadora em uma de suas primeiras postagens no *Blog 1*, na qual ela descreve um encontro erótico com um submisso no mezanino da *sex shop* em que trabalha, conforme é possível observar no Exemplo 51.

Ex 51 (*Blog 1*, 2002): Calma, calma.. eu vou lhes contar coisas da senzala..risos.. bem, ontem fui usar pela primeira vez ... depois eu conto !!

Observa-se, por meio da análise do Exemplo 51 e do contexto em que se insere, que o topônimo *senzala* é empregado pela dominadora de maneira intercambiável em relação aos topônimos *mezanino* e *Alcova*. Verifica-se assim que essa espacialidade física, situada na loja em que E. A. trabalha, é significada de diferentes maneiras em seus *sites* e *blogs*, ora evocando sentidos relacionados aos aposentos encontrados na literatura sadiana ora produzindo significações que se ancoram no passado histórico da escravidão brasileira.

Também é importante notar que a mobilização do topônimo *senzala* inscreve-se em uma tendência, observada nos *sites* e *blogs* da dominadora, de evocação de sentidos relacionados à escravização de seres humanos para a representação de sua identidade enquanto dominatrix. Nesse sentido, além de fazer uso do termo *senzala* para

nomear uma seção do *Site 1*, a Rainha Frágil também se utiliza de uma estética que remonta às relações escravocratas em muitas das fotografias que retratam seus submissos, conforme estudado no Capítulo V. Nesse contexto, ao apresentar-se como uma mulher que possui uma senzala, a dominadora representa a si mesma como uma sádica senhora de engenho que comanda e tortura inúmeros escravos.

De forma semelhante, ao empregar o topônimo *masmorra* para referenciar os espaços em que as dominatrixes relacionam-se com seus submissos, a Rainha Frágil reitera sua autorrepresentação enquanto uma dominadora cruel e sanguinária, conforme é possível observar nos Exemplos 52 a 54.

Ex 52 (*Blog 1*, 2002): Que tal lamber todos os sapatos das Dommes? (god!!) e eu hum rum .. e lá vai o pobre menino... eu disse pobre? ... conheço meu eleitorado.. Tá feliz da vida.. que ele tem a desculpa de que eu que mandei.. [...] o gerente vem perguntar se eu preciso de ajuda.. (alguma coisa perdida embaixo da mesa?) Ahhh .. não senhor.. muito obrigada...[...] hehehe brincadeirinha né gente? deixemos isso para as masmorras... mas já que não posso estar lá.. o que fazer? imaginar! ora, bolas.. bolas?

Ex 53 (*Blog 4*, 2018): Os BDSM vivem um estilo de vida diferente mas da mesma forma que outros pares há amor, há muito prazer, responsabilidade. O amor está em todo o lugar inclusive nas nossas masmorras.

Ex 54 (*Blog 4*, 2016): Nada impede que uma cena de feminização forçada extrapole a masmorra e a Dominadora o obrigue a se vestir completamente como mulher e se apresentar publicamente como tal. Havendo alguma consensualidade, a imaginação fica bastante ilimitada...

Verifica-se, nos três exemplos, a mobilização do topônimo *masmorra* para fazer referência, de maneira genérica, às espacialidades usadas pelas dominatrixes para flagelar os corpos e

as mentes de seus submissos. Também é importante notar que essas espacialidades são representadas como espaços privados, separados do espaço público. Nesse sentido, as masmorras são predicadas como as localidades privativas em que os submissos podem ser feminizados e lambar os sapatos de suas senhoras, em contraste com o espaço público, em que essas práticas fetichistas não são bem vistas.

Além de sua mobilização para se referir a espacialidades genéricas, o topônimo *masmorra* também é usado pela Rainha Frágil para fazer referência ao espaço específico em que ela castiga seus submissos. Observa-se, nesse sentido, que o termo *masmorra* equivale ao termo *dungeon* nas narrativas de memória de E. A., conforme evidencia o Exemplo 55.

Ex 55 (*Blog 4*, 2017): Veja aqui como ser um patrocinador e ajude a Rainha a construir sua Masmorra. :)

Nota-se, no Exemplo 55, o emprego do verbo *construir* — repetidamente utilizado conjuntamente com o topônimo *dungeon* — junto ao objeto direto *sua Masmorra*, o que demonstra a proximidade de sentido entre os termos *dungeon* e *Masmorra* nas narrativas de memória de E. A. De forma semelhante ao Exemplo 45, em que a dominadora pede a seus leitores que comprem em sua *sex shop* e, desse modo, auxiliem em suas finanças para a construção de seu *dungeon*, no Exemplo 55 a autora solicita que os internautas se tornem patrocinadores de seu *blog*, auxiliando-a a erigir sua Masmorra.

Constata-se, novamente, a necessidade de dinheiro para a construção dos espaços habitados pela dominatrix e seus submissos, seja essa espacialidade referida pelos topônimos *dungeon* ou *Masmorra*. A estruturação de um espaço privativo, separado do espaço público e mobiliado com luxuosos móveis, instrumentos de tortura e apetrechos fetichistas requer um grande investimento de tempo e recursos financeiros, dos quais E. A. não dispõe.

Aí se revela a importância da escrita de si da dominadora: por meio de suas narrativas postadas em *sites* e *blogs*, a autora pode estruturar, no exercício do discurso, as Alcovas, mezaninos, *dungeons* e senzalas que desejar, sem as restrições de sua classe social. Empréstimo do espaço das senzalas e masmorras do passado histórico e a mobília e a decoração da literatura sadiana, a dominatrix pode, assim, extrapolar suas limitações materiais e constituir por meio da narrativa seu Frágil Reino.

6.5. Meu reino, minhas regras: o espaço relacional do Frágil Reino

Por fim, o último topônimo a ser examinado neste capítulo é também aquele empregado pela dominadora com maior frequência em suas narrativas de memória: o topônimo *reino*. Já em seu primeiro domínio virtual, o *Site 1*, a Rainha Frágil traça um esboço do sentido atribuído a esse topônimo em suas narrativas de memória no texto *Origens, Mitos*. Explicando o papel exercido pela mitologia e pela liturgia na constituição da espacialidade do reino, a dominatrix contextualiza esse topônimo no interior da comunidade BDSM, conforme é possível observar no seguinte trecho:

Ex 56 (*Site 1*, 2001): EU tenho as MINHAS origens e sei dizer muito claramente quais foram as MINHAS influências. Algumas pessoas querem exigir tributos a mitos ou ícones com os quais EU, por exemplo, não sinto a menor identificação. Eu não sei se isso acontece em todas as comunidades mas eu me pergunto se os SM não estariam mais propensos a esta necessidade de construir e adorar mitos. Eu penso que isso implica diretamente com nossos instintos ritualísticos e medievais que fluem impetuosos e livremente quando estamos interagindo com outros adeptos. [...] Nenhum Reino poderia afrontar a soberania do outro e impor cultos a heróis fantásticos. Sim, nenhum mito fora do lugar e estariam os nós desfeitos. Nenhuma tentativa de romper correntes pré-estabelecidas e estaríamos em paz. Eu sou UMA RAINHA EM MEU REINO. E meus escravos, propriedades deste REINO, devem

a MIM, e somente a MIM, obediência e lealdade. Para lá destes portões, NO ENTANTO, cabe-nos respeitar as individualidades e a soberania dos outros reinos. Que cada REINO preserve seus PRÓPRIOS deuses e seus PRÓPRIOS mitos.

Sintetizado pela máxima “que cada REINO preserve seus PRÓPRIOS deuses e seus PRÓPRIOS mitos”, o trecho reproduzido no Exemplo 56 disserta sobre a independência e soberania dos reinos pertencentes à comunidade BDSM. Nesse sentido, cada dominadora e dominador deve estabelecer os mitos e rituais a serem seguidos por seus submissos no interior das fronteiras de seu reino. No caso da dominatrix Rainha Frágil e seus escravos, o pacto sobre as mitologias e liturgias instituídas no Frágil Reino é explicitado pelo trecho “Eu sou UMA RAINHA EM MEU REINO. E meus escravos, propriedades deste REINO, devem a MIM, e somente a MIM, obediência e lealdade”.

É interessante notar que a dominadora utiliza, nesse trecho, um enunciado performativo explícito, conforme a definição de Austin (1990). Segundo o autor, o emprego do verbo no presente do indicativo, na primeira pessoa do singular e na voz ativa produz uma força ilocucional, que transforma o dizer em fazer. Nesse sentido, ao enunciar “Eu sou UMA RAINHA EM MEU REINO” E. A. produz pelo discurso o ato que a investe dos títulos de dominatrix e Rainha. Esse enunciado também explicita a interdependência entre a espacialidade do reino e a representação da identidade da autora como dominadora. O mesmo enunciado que faz da autora uma Rainha é aquele que materializa o espaço do Reino, conforme demonstra o determinante “em meu reino” na expressão “uma rainha em meu reino”. Assim sendo, a Rainha Frágil apenas é uma rainha porque governa seu Frágil Reino.

Outro ponto a ser destacado no trecho apresentado no Exemplo 53 é a caracterização, por parte da dominadora, das regras a serem seguidas em seu reino como *mitos* e *rituais*. De forma semelhante, a dominatrix refere-se aos princípios e figuras de importância em seu reino como *ícones*, *deuses* e *heróis fantásticos*,

aqueles que são cultuados e para os quais se oferece tributos. É possível argumentar que tais escolhas lexicais evocam uma temporalidade passada, em que a humanidade guiava-se, principalmente, por meio da crença em mitologias e em divindades. Mais especificamente, os termos *deuses* e *heróis fantásticos* rememoram a Antiguidade Clássica greco-romana, da qual se originaram inúmeras epopeias que narram as façanhas de deuses e semideuses.

Além da Antiguidade Clássica, outro período histórico evocado por esse trecho é a Idade Média, tendo em vista que a Rainha Frágil descreve o processo de interação entre os adeptos do sadomasoquismo como o fluir impetuoso e livre de seus “instintos ritualísticos e medievais”. Ao caracterizar os instintos dos adeptos do fetichismo como *ritualísticos* e *medievais*, a dominadora investe a comunidade BDSM de sentidos relacionados aos ritos religiosos praticados na Idade Média, época marcada pela profunda influência da Igreja Católica e de seus dogmas na sociedade.

Sentidos relacionados à Igreja também são produzidos pela mobilização do termo *ícones* na sentença “algumas pessoas querem exigir tributos a mitos ou ícones com os quais EU, por exemplo, não sinto a menor identificação”. De acordo com o *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*, o termo *ícone* pode ser definido “na igreja russa e na grega” como uma “representação, em superfície plana, da figura de Cristo, da Virgem ou de um santo” (FERREIRA, 2004, p. 458). A utilização do termo *ícone* para fazer referência aos objetos e personalidades sagradas do reino, nesse sentido, corrobora a noção de que o Frágil Reino — assim como os reinos BDSM de uma forma geral — estrutura-se a partir de inspirações religiosas.

A ancoragem da espacialidade do reino em sentidos religiosos também é evidenciada pela adoção por algumas dominatrixes do título de “Deusa”. A esse respeito, E. A. escreve que muito se diviniza a figura da dominadora na comunidade BDSM, conforme ilustra o Exemplo 57:

Ex 57 (*Blog 2*, 2003): As pessoas não entendem bem isso. Pensam que Dominadoras foram unguidas, divinizadas e então se tornaram rainhas... Talvez o homem precise acreditar nisso para poder se submeter. Acho que se pensarem numa Dominadora como uma deusa, a entrega fica mais fácil.

Conforme evidencia o Exemplo 57, a inspiração em temas religiosos para representação da figura da dominatrix e, conseqüentemente, para a estruturação de seu reino, é comum na comunidade fetichista. As temáticas do dogma religioso, da independência e da soberania dos reinos dos participantes da comunidade BDSM são novamente abordadas no texto *Comunidade BDSM x "A" liturgia*, publicado no domínio virtual mais recente da dominadora, o *Blog 4*. Conforme o título sugere, esse texto trata das tensões entre as liturgias gerais, que devem ser seguidas por todos os adeptos do BDSM, e os rituais específicos de cada reino, conforme é possível observar no trecho a seguir:

Ex 58 (*Blog 4*, 2016): Se há um ponto em que não há consenso em BDSM é a história da liturgia. O problema maior é que algumas pessoas realmente acreditam que existe um livro onde está escrito como a Rainha deve tratar seu escravo, como o escravo deve se portar, o prazo de negociação, coleira de proteção, coleira de negociação, entre outras regras que considero absolutamente invasivas. No MEU reino quem faz as regras sou EU. [...] O consenso também define o respeito entre os reinos, senzalas ou lá o nome que cada Dominador ou Rainha defina para seu reino. Não é de bom tom que um escravo que seja propriedade de uma Rainha seja abordado por outra. Qualquer interferência em um reino deve ser consentida pelo seu "administrador", exceto se houver qualquer abuso entre os que já citei.

Postando-se de maneira contrária à interferência das regras "absolutamente invasivas" da liturgia, a dominadora Rainha Frágil promulga, no Exemplo 58, a autonomia de cada Dominador

ou Rainha de estabelecer as diretrizes de seu reino. Nesse contexto, é importante ressaltar que a liturgia, cuja autoridade a dominatrix relativiza, apresenta-se como um elemento central de estruturação de muitas comunidades sadomasoquistas. De acordo com Facchini (2008),

boa parte das distinções, regras e rituais que compõem a parafernália do *BDSM erótico* são agrupadas sob o nome de *Liturgia*. Alguns aspectos da *Liturgia* são compartilhados pela *comunidade*, outros são criados num dado *Reino* ou *Domínio*, a partir de arranjos bastante específicos, que logram reconhecimento pela citação de convenções relacionadas ao poder, que podem ser reconhecidas tanto no *meio* como fora dele (FACCHINI, 2008, p.193).

Nesse contexto, a nomeação do agrupamento de regras e rituais do BDSM como *Liturgia* torna ainda mais explícitas as inspirações religiosas dessa comunidade. De acordo com o *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*, o verbete *liturgia* pode ser definido como “culto público e oficial instituído por uma igreja; ritual” (FERREIRA, 2004, p. 520). Trata-se, portanto, de um termo de cunho religioso, que evidencia os contornos dogmáticos da comunidade BDSM.

Os praticantes de BDSM, no entanto, podem ser mais ou menos litúrgicos, na medida em que procuram adequar-se (ou não) às regras e condutas preestabelecidas pela comunidade. De acordo com Silva (2012), “os mais litúrgicos acreditam em regras que devem ser seguidas à risca e não são muito afeitos quando vêm que há outros que contestam esse caráter de liturgia” (SILVA, 2012, p. 46). Os adeptos menos litúrgicos, por outro lado, defendem “que cada um cuida da sua relação, cada um constrói e vivencia sua relação como bem entende” (Idem). Por meio da análise do Exemplo 58, é evidente que a Rainha Frágil identifica-se como uma participante da comunidade BDSM não-litúrgica, uma vez que critica as imposições e desmandos da liturgia em seu reino.

Em consonância com esse ideal de autodeterminação, a Rainha Frágil concebe a criação de leis e regras em um reino como um processo de negociação entre o governante, a Rainha ou

Dominador, e seus súditos, os submissos e submissas. Quando perguntada por uma jovem dominadora a respeito do processo de construção de um reino, a dominatrix sublinha o caráter relacional dessa espacialidade metafórica, conforme evidencia o Exemplo 59:

Ex 59 (*Blog 1*, 2002): Vocês conversam e daí, com a disposição que vc está, vai ser fácil viverem uma vida linda D/s.. mas tem que saber se ele já pensou nisso.. se considera essa possibilidade ou se está disposto a experimentar trazer para a realidade. daí sim, vcs podem começar a fazer pequenos contratos..mandamentos.. enfim.. vc começa a criar o seu Reino.. vão discutindo cada lei do reino..devagarinho..sem pressa. naum tenha pressa.

Por mais que se saliente nas narrativas de memória de E. A. o papel da própria dominadora na elaboração das leis e regras que regem o Frágil Reino, o Exemplo 59 aponta que essas normas não são impositivas — ao contrário, elas são debatidas e negociadas entre a Rainha Frágil e seus submissos. Nesse sentido, a utilização do termo *contrato* para se referir às regras que estruturam a relação entre a dominadora e seus submissos evidencia a natureza consensual desse relacionamento.

De acordo com o *site Projuris*, “contrato é um negócio jurídico que envolve a vontade consensual de duas partes (bilateral) ou mais (plurilateral) sobre um mesmo objeto, criando, modificando ou extinguindo direitos e obrigações” (FACHINI, 2021, s/p). De maneira semelhante, a segunda acepção do verbete *contrato* no *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa* define o termo como “acordo de duas ou mais pessoas, empresas, etc., que entre si transferem direito ou se sujeitam a uma obrigação”, podendo também fazer referência ao “documento que expressa esse acordo” (FERREIRA, 2004, p. 265). Nesse sentido, a mobilização do termo *contrato* para fazer referência aos acordos entre a dominadora e seus submissos aponta para o caráter negociável das regras vigentes no Frágil Reino. Trata-se, em suma, de um pacto mútuo de direitos e

deveres aos quais ambas as partes se conformam por livre e espontânea vontade.

Por outro lado, a alusão às regras do reino por meio do termo *mandamentos* esboça contornos mais autoritários — e religiosos — para o pacto entre a Rainha Frágil e seus submissos. Segundo o *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*, o termo *mandamento* pode ser definido como “ato ou efeito de mandar; mandado, mando”; em sua segunda acepção, o vocábulo pode significar “preceito, regra”; na terceira, “a ordem contida num mandado” ou, ainda, no sentido religioso, “cada um dos preceitos do decálogo” (FERREIRA, 2004, p. 533). Fica evidente, por essas definições, que o conteúdo de um mandamento não é passível de negociação ou objeção. Tratam-se de ordens impostas, por vezes por uma figura divina. E, como palavras de uma divindade, os mandamentos devem ser seguidos com devoção e fervor religiosos.

O estatuto das regras e leis do Frágil Reino, nesse sentido, é ambíguo. Por um lado, a dominadora enfatiza a contratualidade dos acordos entre ela e seus submissos; por outro, tais tratados, por vezes, mais se assemelham a mandos divinos que devem ser seguidos com idolatria e fanatismo. A tensão entre essas duas concepções de normatividade se evidencia no texto *Meu Reino, Minhas Regras*, em que a dominatrix relata o encerramento de seu relacionamento com um submisso que traiu sua confiança.

Ex 60 (*Blog 4*, 2015): Eu gosto de perdoar. Gosto de saber que é uma prerrogativa minha como Rainha. Mas nem sempre é possível. Algumas coisas não se pode jamais fazer em meu Reino. Lembra, né? Meu Reino, Minhas Regras! E eu converso isso com todos que se aproximam. Eu tento. Os que se importam têm mais chances de passar na primeira fase. Se a pessoa é verdadeira e amorosa, eu tenho o maior prazer de ouvir. E perdoo milhões de vezes. Sempre vou querer ouvir. Sempre. [...] Eu tenho que acreditar que a pessoa entendeu o que aconteceu, entendeu o que me machucou... Porque, acredite, é muito fácil me machucar. Eu sou a Rainha Frágil, lembra? Pois é. Uma coisa que eu não

suporte. Imperdoável. É a pessoa estar vivendo duas relações D/s ao mesmo tempo. Só é possível com muita mentira. E mentir em BDSM é burro. Deslealdade me magoa. Muito difícil de perdoar. Você pode até tentar mas para mim a relação já está destruída. Omitir? Não tem por quê!

Nesse longo trecho, a dominatrix relata que um de seus escravos estava vivendo, paralelamente ao seu relacionamento com ela, outra relação de dominação e submissão. Afirmando que considera esse tipo de traição “imperdoável”, ela assevera: “algumas coisas não se pode jamais fazer em meu Reino. Lembra, né? Meu Reino, Minhas Regras!”. A dominadora ainda afirma que gosta de perdoar seus submissos, uma vez que o perdão seria uma prerrogativa sua como Rainha. A autorrepresentação da dominatrix como uma rainha indulgente, que perdoa os erros de seus submissos, aproxima-a ainda mais de uma figura religiosa ou divina. O perdão, prerrogativa da Rainha, também é a prerrogativa das divindades, que absolvem os pecados dos mortais.

Além disso, o perdão da Rainha é estendido apenas às pessoas “verdadeira[s] e amorosa[s]”, que sentem real remorso por suas ações, conforme evidencia o trecho “eu tenho que acreditar que a pessoa entendeu o que aconteceu, entendeu o que me machucou”. Tal qual uma Deusa que só exime os pecadores que se confessam e realmente se arrependem de suas transgressões, a Rainha Frágil perdoa somente os submissos que se mostram veridicamente penitentes diante das mágoas infligidas a sua Senhora.

A traição de um submisso que serve a duas dominadoras, no entanto, é uma infração que a Rainha Frágil não tem a intenção de perdoar, conforme evidencia o trecho “uma coisa que eu não suporte. Imperdoável. É a pessoa estar vivendo duas relações D/s ao mesmo tempo”. Os dizeres da dominadora assemelham-se, ainda que de maneira vaga, à Bíblia, mais especificamente ao Capítulo 6, Versículo 24 do Evangelho de Mateus: “ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro” (BÍBLIA, Mateus, 6, 24).

Tal qual o cristão que não pode “servir a Deus e a Mamom” (Idem), não podendo louvar dois deuses distintos, o submisso não pode pertencer a duas dominadoras.

Outro livro da Bíblia ao qual o trecho reproduzido faz referência — desta vez de maneira ainda mais direta — é o Êxodo, mais notadamente o Capítulo 20, Versículos 1 a 6, em que “o Senhor revela os Dez Mandamentos”, “os filhos de Israel são proibidos de fazer deuses de ouro ou prata” e “ordena-se que façam altares de pedras não lavradas e neles ofereçam sacrifícios ao Senhor” (BÍBLIA, Êxodo, p. 128):

ENTÃO falou Deus todas estas palavras, dizendo: Eu sou o SENHOR teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te curvarás a elas nem as servirás, porque eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam, E faço misericórdia a milhares, aos que me amam, e aos que guardam os meus mandamentos (BÍBLIA, Êxodo, 20, 1-6).

Na passagem bíblica, enfatiza-se o caráter blasfemo da adoração a outras divindades além do Deus judaico-cristão. Àqueles que servem a outros deuses, o Senhor reserva sua fúria, enquanto que aos milhares que o amam e guardam seus mandamentos, faz “misericórdia”. De modo semelhante, a Rainha Frágil tem “o maior prazer de ouvir” e perdoa “milhões de vezes” os submissos que a servem com sinceridade, sem se dedicar a outras dominatrixes. Em contraposição, aos desleais — aqueles que, mentindo, afirmam servir a uma só Senhora quando na realidade servem a duas — “a relação já está destruída”.

Ainda no Exemplo 60, observa-se que o topônimo *reino* não é mobilizado para se referir a uma localidade física ou à espacialidade virtual do *blog Frágil Reino*, mas a um espaço abstrato no qual o relacionamento entre sujeitos é regido por determinadas regras. A noção de que o termo *reino* descreve uma espacialidade

metafórica, que constitui e que é constituída pelo contrato entre sujeitos, pode ser reforçada pelo trecho “muito difícil de perdoar. Você pode até tentar mas para mim a relação já está destruída”. Nesse ponto de vista, a desobediência de uma das regras do Reino, representada no texto pela quebra da fidelidade do submisso, leva à destruição e ao fim de sua relação com a Rainha Frágil.

O ressentimento e a mágoa que acompanham a quebra da contratualidade estabelecida entre Rainha e escravo são expressos no trecho “acredite, é muito fácil me machucar. Eu sou a Rainha Frágil, lembra?”. Nesse trecho, observa-se que a expressão *é muito fácil me machucar* recontextualiza o adjetivo *Frágil*, que compõe o nome Rainha Frágil e o título do *Blog 4, Frágil Reino*. A fragilidade da Rainha e, por extensão, de seu Reino, pode assim ser interpretada como sinonímia de propensão a se ferir.

Contrastam-se, assim, os sentidos relacionados ao poder, produzidos pelas palavras *Reino* e *Rainha*, que compõem, respectivamente, o título do *blog* e o nome que a autora utiliza para referir-se a si mesma, com os sentidos evocados pelas expressões *Frágil* e *é muito fácil me machucar*. O Frágil Reino constrói-se, assim, como um espaço ambivalente e de significados não estáveis que, como tantos outros lugares habitados por mulheres, “opera tanto na esfera dura das relações sociais, como na capacidade de fornecer um local protegido” (PALMA, 2017, p. 6). Em outras palavras, ao mesmo tempo em que é constituído por meio das relações sexuais e afetivas entre a Rainha Frágil e seus submissos — que nem sempre acabam bem —, o espaço do reino também se apresenta como um local privado e seguro, no qual E. A. pode recolher-se e performar sua identidade como dominatrix.

Também é importante assinalar que no texto *Meu Reino, Minhas Regras* o Frágil Reino erige-se não apenas como um espaço abstrato e virtual, mas como uma espacialidade que tem implicações no mundo físico e concreto, já que é palco de relacionamentos entre corpos em sua fisicalidade. O Frágil Reino, assim, é constituído pelas relações entre os sujeitos que o habitam, sendo o principal de seus habitantes aquela que o governa: a

Rainha Frágil. Misturando-se ao ambiente, o corpo da Rainha funda a espacialidade do Reino, já que sua presença é a única fundamentalmente necessária para a existência desse espaço.

Tal relação entre espacialidade e corporalidade é sugerida também pelo nome do texto, *Meu Reino, Minhas Regras*, paráfrase da expressão *meu corpo, minhas regras*. Muito utilizada em discursos feministas, essa frase clama a autonomia das mulheres sobre seus próprios corpos, de forma que as questões que envolvam a corporalidade feminina — como direitos reprodutivos e sexuais, vestimentas, procedimentos estéticos e cirúrgicos, etc. — sejam deliberadas e decididas exclusivamente pelos sujeitos que habitam esses corpos. De uma maneira geral, a expressão *meu corpo, minhas regras* evoca a noção de que é o sujeito feminino que deve tomar decisões sobre seu corpo, com quem e como ele se relaciona, como se apresenta socialmente, como gesticula e se veste ou despe, etc.

A paráfrase *Meu Reino, Minhas Regras*, por conseguinte, aproxima os sentidos de *Reino* e *corpo*, produzindo discursivamente uma espacialidade que, conforme a teoria de Ricoeur (2007), mescla o corpo próprio e o ambiente que o circunda. Essa espacialidade não se limita, no entanto, ao corpo da Rainha Frágil e à terra habitável que a circunda. Outra paráfrase da expressão *meu corpo, minhas regras* aparece no texto *Não sumi...*, também assinado pela dominatrix. Nesse texto, a autora conta que criou um *podcast* chamado *Sexo Entre Amigos* e que produziu seu segundo episódio, chamado *Meu corno, minhas regras!*, conforme pode ser observado no trecho “amores eu não sumi!! Eu to agora nos *podcast*. Ouçam. Meu corno, minhas regras! Postamos um *agorinha*... MEU CORNO, MINHAS REGRAS!!”.

Nesse *podcast*, a Rainha Frágil e seu marido R. falam sobre sua relação BDSM, na qual a dominadora tem relações com vários homens submissos além do marido, que é referido como *cornos*. Nesse contexto, a paráfrase *meu corno, minhas regras* aproxima-se ainda mais da expressão parafraseada *meu corpo, minhas regras*, já que os termos *corpo* e *cornos* são parônimos, ou seja, apresentam

significados diferentes, embora sejam muito semelhantes na grafia e na pronúncia.

Assim sendo, se a proximidade com a expressão parafraseada em *Meu Reino, Minhas Regras* apresenta o corpo da Rainha Frágil como parte constituinte do Frágil Reino, a expressão *meu corno, minhas regras* inscreve a corporalidade do submisso corno como pertencente tanto ao Reino quanto à Rainha, já que o termo *corno* é determinado pelo pronome possessivo *meu*. O corpo do corno, nesse sentido, é tão posse da Rainha Frágil quanto o próprio corpo da Rainha Frágil, e essas corporalidades que se relacionam por meio de um contrato de dominação e submissão constroem, assim, a espacialidade do Frágil Reino.

Corroborando a noção de que o Frágil Reino é constituído pelas pessoas que nele circulam e se relacionam, material ou metaforicamente, o Exemplo 61 apresenta uma definição do Frágil Reino produzida pela própria Rainha Frágil.

Ex 61 (*Blog 4*, 2017): O Frágil Reino é receber os amigos, é conversar aqui no meu blog. É o R. sempre submisso mesmo quando a gente briga. Porque no fim ele sempre chora. Porque ele me adora. Nos vivemos BDSM. De verdade. Como um estilo de vida. Tudo isso é o Frágil Reino. Não um reino de pessoas frágeis. Mas um Reino de pessoas que falam de suas fragilidades. Que vivem um estilo inusitado para uns, doentio para outros, ou instigante, confuso, profano. Seja qual for o julgamento, quem chega perto vê uma pessoa, um grupo de pessoas. Gente que trabalha, que estuda, que cuida de cachorrinho, que leva o nenem pra escola, que vai na passeata, que reclama do preço da carne, que come pizza. Assim é o vilarejo e seus moradores. Assim somos eu e o R.. E quem mais chegar.

Depreende-se, do Exemplo 61, que o Frágil Reino é uma espacialidade que engloba tanto o espaço físico, já que envolve “receber os amigos”, quanto o espaço virtual (o ciberespaço), uma vez que engloba as conversas do *blog*. Esse Reino tem, em seu cerne,

a relação de dominação e submissão entre a Rainha Frágil e seu companheiro R., porém não se restringe a ela: trata-se de um “vilarejo” com muitos “moradores”. Nesse sentido, é possível compreender que o Frágil Reino configura-se como uma espacialidade que tem seu centro na corporalidade da dominatrix, mas que se expande de acordo com as relações que esse corpo tece com corpos outros.

Ainda que as principais relações da dominadora Rainha Frágil sejam os relacionamentos de dominação e submissão estabelecidos entre ela e seus escravos, não são apenas as relações fetichistas que constroem a espacialidade do reino. Conforme evidencia o Exemplo 61, na base do reino encontram-se os vínculos afetivos que a dominatrix mantém, seja com amigos, submissos, outras dominadoras, etc. Nesse sentido, a autora ressalta o caráter humano e relacional do Frágil Reino, afirmando que “seja qual for o julgamento, quem chega perto vê uma pessoa, um grupo de pessoas”. Constata-se, assim, que são as associações entre as pessoas que conhecem e convivem com E. A. que servem de fundação para essa espacialidade.

Ainda nesse contexto, a dominadora revisita os sentidos do adjetivo *frágil* que compõe seu pseudônimo e a denominação de seu reino. Reiterando que o Frágil Reino não é “um reino de pessoas frágeis”, “mas um Reino de pessoas que falam de suas fragilidades”, a autora representa a si mesma como uma dominatrix que não receia em mostrar-se vulnerável diante de seus submissos. A fragilidade e a vulnerabilidade, nesse sentido, não enfraquecem a representação de E. A. como uma dominadora cruel e sádica; ao contrário, essas características são mobilizadas pela dominadora para representar a si mesma como humana e, portanto, sujeita a emoções e sensibilidades.

Outra característica do espaço do reino realçada pelo trecho reproduzido no Exemplo 61 é sua inspiração no período histórico medieval. Ao referir-se ao Frágil Reino como *vilarejo* e a seus submissos e amigos como *moradores* dessa espacialidade, a autora evoca sentidos que remetem a um passado feudal, em que os

européus viviam na zona rural, em vilas e feudos isolados uns dos outros. A alusão a espacialidades e sentidos característicos de um tempo passado para estruturar discursivamente o espaço do reino também pode ser observada no Exemplo 62, em que E. A. conta a história de vários submissos feminizados, referidos como “Ninas”.

Ex 62 (*Blog 4*, 2019): Um dos posts mais lidos do blog, depois sempre do conto de feminização forçada do R., é A História de Nina. Muitas “ninas” passam por minha vida e cada uma vai deixando na verdade um rastro dessa história... [...] Essa nina viveu pra sempre feliz em meu reino mas muitos anos depois, voltou-lhe a ideia de ser castrada. [...] Outra nina relutava batendo o pé: eu não sou menina! eu não sou menina!! Viveu alguns anos no reino mas fugiu numa madrugada qualquer para anos depois bater-me novamente à porta. Estava deprimida. Contou que tentara ter uma vida normal, coisa dela, né? [...] Mas só seria feliz de novo dentro do reino vivendo em paz como a menina em que eu a transformara. Vive em andrajos embriagada nos bares do reino. Vida perdida. Escolhas ruins. Logo ela que foi vestida de princesa e inspirou a História de Nina... E assim, outras tantas ninas...

Interessa-nos, nesse trecho, a mobilização conjunta do topônimo *reino* a termos e expressões que remetem tanto ao tempo histórico passado das monarquias, em que existiam reis e rainhas, príncipes e princesas, quanto aos contos de fadas, povoados por esses mesmos personagens provindos da aristocracia. Já no início do trecho, a dominadora afirma que Nina “viveu pra sempre feliz” em seu reino. A expressão *viveu pra sempre feliz* parafraseia a sentença de encerramento de muitas histórias de contos de fadas: *viveu feliz para sempre*. Até mesmo a narração dessas memórias se dá de maneira a evocar estruturas comuns de contos e fábulas — a segunda Nina não termina o relacionamento com Rainha Frágil; ela foge do reino “numa madrugada qualquer”, qual heroína de um romance.

O reatar da relação entre a dominatrix e Nina é contado por meio da metáfora do ato de bater à porta, reforçando a equivalência

do espaço do reino aos laços de afeto que unem a dominadora e seus submissos, uma vez que pedir para adentrar novamente no Frágil Reino é o mesmo que restaurar uma relação de dominação e submissão. Da mesma forma, a recusa à aceitação do papel de “menina” por parte do submisso feminizado referido como Nina é narrada por meio das metáforas da pobreza e da embriaguez no trecho “vive em andrajos embriagada nos bares do reino”. Transmuta-se uma vez mais a espacialidade do reino: de reinado feudal situado no campo e isolado de tudo e todos, o Frágil Reino adquire, nessa sentença, ares mais urbanos, abrigando bares e tavernas. Também é sintomática a mobilização do termo *andrajos* para se referir às vestimentas de Nina. Ao utilizar-se de um vocábulo de restrita circulação na Língua Portuguesa, reservado principalmente ao uso literário, a autora inscreve suas memórias no âmbito da ficção e da fantasia.

O aspecto de erudição do texto provocado pelo uso do vocábulo *andrajos* se acentua quando se considera que a autora poderia ter utilizado sinônimos de maior circulação na língua, como *trapos* e *farrapos*, para se referir às vestes do submisso. A esse respeito, Pombo (2011) observa a especificidade do termo *andrajos* em relação a palavras sinônimas, que não carregam o sentido de sacralidade da miséria que este possui:

Andrajos, trapos, farrapos, molambos. – São palavras que quase sempre se empregam indiferentemente para designar as roupas velhas, sujas ou rotas de que se cobrem os mendigos. A primeira distingue-se, no entanto, das outras pela ideia que sugere de grande miséria dolorosa e como que sagrada (POMBO, 2011, p. 186).

Tendo em vista a distinção tecida por Pombo (2011) entre o termo *andrajos* e seus sinônimos, verifica-se que a mobilização desse vocábulo para caracterizar as vestes de Nina acentua a inscrição das narrativas de memória de E. A — e, conseqüentemente, do Frágil Reino — em uma espacialidade romanesca. A localização do Frágil Reino em um espaço fantástico também é salientada pelas últimas frases do trecho, em que a

autora caracteriza o submisso feminizado tanto como uma moça recoberta de andrajos quanto como uma princesa bem vestida, conforme evidencia o trecho “vive em andrajos embriagada nos bares do reino. Vida perdida. Escolhas ruins. Logo ela que foi vestida de princesa e inspirou a História de Nina”.

Nos contos de fadas, não é rara a figura da princesa que se veste em trapos. Tão comum é a representação de princesas vestidas em farrapos que esses mesmos vocábulos — *andrajos* e *princesa*, no diminutivo — são mobilizados pelo narrador do filme *Branca de Neve e os Sete Anões* (1937) para introduzir a história do conto de fadas: “Era uma vez uma linda *Princesinha* chamada Branca de Neve. Sua vaidosa e malvada Madrasta, a Rainha, notou um dia que a beleza de Branca de Neve excederia a sua. Cobriu então a *Princesinha* de *andrajos* e a obrigou a trabalhar como criada”⁴⁰ (Grifos meus).

Observa-se assim que, de modo a inscrever a espacialidade de Frágil Reino no mundo fantasioso e mágico dos contos de fadas, E. A. faz o empréstimo de vocábulos, expressões e recursos narrativos desse gênero literário, caracterizando os submissos feminizados com quem se relaciona como princesas. Nesse contexto, outro submisso feminizado que ocupa lugar de importância nas narrativas de memória da dominatrix é Bethina. No texto *Bethina* a dominadora descreve o processo de acolhimento desse submisso em seu Frágil Reino, conforme é possível observar no Exemplo 63:

Ex 63 (*Blog* 4, 2019): Depois de algumas idas e vindas, finalmente me apossei de Bethina. Foram necessários alguns ajustes. Ela estava solta e alegre pelo mundo. Não é fácil entrar no meu Reino. Quer dizer, não é fácil permanecer. Aliás, entrar é bem fácil. Aqui no blog, no EAD, agora na página do facebook, no grupo BDSM CE – é só chegar. Você tem 140 caracteres para me convencer que talvez seja interessante lhe conhecer. Mas

⁴⁰A citação foi extraída da narração da versão dublada em português brasileiro do filme *Branca de Neve e os Sete Anões* (1937) em 1:43 min.

voltando... Bethina teve as portas escancaradas porque me foi apresentada pela Pandora. Melhor cartão de visita, impossível. [...] Bethina se esforça. E devagarinho vai entregando todas as armas. É um momento muito especial dos relacionamentos BDSM. Momento em que eu também estou bastante entregue e focada, para construir uma base sólida de confiança e cumplicidade. Enfim, seja bem vinda ao Frágil Reino, meu bem :)

Evidencia-se nesse trecho, uma vez mais, a centralidade das relações tecidas entre a dominadora e seus submissos para a estruturação do Frágil Reino. Ao descrever o processo de entrada nesse espaço, a Rainha Frágil afirma que é “bem fácil” adentrar no Frágil Reino, e que o submisso desejoso de ingressar nessa espacialidade deve apenas convencer a dominadora de “que talvez seja interessante lhe conhecer”. Observa-se, nesse sentido, uma equivalência entre os atos de introdução ao espaço do reino e de apresentação à dominadora, de maneira que a manutenção de uma boa relação com a Rainha Frágil constitui-se como um pré-requisito para a admissão de um submisso no Frágil Reino. Outra evidência da importância das relações entre a dominadora e seus submissos para a ordenação do reino é a equiparação entre o ingresso de Bethina ao Frágil Reino e o desenvolvimento da confiança e cumplicidade entre ela e a Rainha Frágil. É no momento em que Bethina “devagarinho vai entregando todas as armas” e E. A. está “bastante entregue e focada” no amadurecimento da relação que as portas do reino se escancaram para o submisso.

Mais especificamente, é no momento em que a dominatrix se apossa do submisso que os portões do reino se abrem, conforme aponta o trecho “depois de algumas idas e vindas, finalmente me apossei de Bethina”. Essa posse sobre o submisso, no entanto, pressupõe a conformação dele aos pré-requisitos e gostos da dominatrix, já que “foram necessários alguns ajustes” para que Bethina fosse aceita no Frágil Reino, visto que ela estava, até então, “solta e alegre pelo mundo”. Demonstra-se, assim, que o trecho apresentado no Exemplo 63 corrobora a noção de que o Frágil

Reino é constituído pelas relações mantidas entre a dominadora e aqueles que lhe são queridos, sustentando a base profundamente relacional e humana dessa espacialidade.

Compreende-se, desse modo, que o topônimo *reino* assume, nas narrativas de memória de E. A., sentidos profundamente relacionais. Em outras palavras, são as relações produzidas entre as corporalidades da dominatrix e de seus afetos — sejam eles seus submissos, seus amigos ou seu marido R. — que constituem a base da espacialidade do Frágil Reino. Além das significações de carácter interacional, o topônimo *reino* associa-se a significados relacionados a diversos tempos passados, como a Antiguidade Clássica, com seus *mitos* e *heróis fantásticos* cultuados pelos adeptos do sadomasoquismo, a Idade Média, na qual se situam os *vilarejos* de onde provêm os *instintos ritualísticos e medievais* dos praticantes de BDSM, a Idade Moderna, que abriga as monarquias nas quais a Rainha Frágil se inspira para a constituição de seu reino, e as temporalidades imemoriais dos contos de fadas.

Em suma, verifica-se que o topônimo *reino*, investido de sentidos diversos, é mobilizado de maneira a estruturar discursivamente a espacialidade do Frágil Reino a partir da corporalidade da dominatrix Rainha Frágil e de significações históricas que remetem ao poder e à autoridade.

6.7. Emprestando topônimos, emprestando espaços

Por meio da análise de trechos do *corpus* em que a dominadora faz o uso de topônimos (RAMOS, 2009) para se referir aos espaços em que exerce seu poder, constatou-se que os sentidos evocados por esses termos são essenciais para a constituição discursiva do Frágil Reino. Conforme evidenciou-se no Capítulo V, após o acidente de carro que a deixou com o corpo queimado, E. A. voltou a morar por alguns anos junto de sua mãe e de seu filho, o que restringiu sua liberdade sexual enquanto dominatrix. No estudo empreendido neste capítulo, compreendemos que outro fator além

das constrações espaciais e corporais limitava as práticas sadomasoquistas de Rainha Frágil: suas dificuldades financeiras.

Devido à falta de dinheiro, que é aludida de maneira mais ou menos explícita em suas narrativas de memória, a dominadora não dispõe de uma localidade ideal para a materialização de seu Frágil Reino. Nesse sentido, a espacialidade do reino transita por espaços diversos: os domínios virtuais dos *sites* e *blogs* criados e mantidos por E. A., as casas em que residiu ao longo dos anos, o mezanino da *sex shop* em que trabalha, além da localidade do *dungeon*, cujo endereço não fica claro nas narrativas.

Devido à falta de verba, a dominatrix mobilia, decora e personaliza esses espaços com os recursos disponíveis: no caso de seus *sites* e *blogs*, utiliza-se das ferramentas de edição proporcionadas pelo ciberespaço para conferir a seus domínios virtuais uma estética fetichista; em se tratando de espaços físicos, emprega a força de trabalho de seus submissos e técnicas de façavocê-mesmo para transformar essas espacialidades, aproximando-as de suas idealizações do Frágil Reino. Esses esforços, no entanto, demonstram-se insuficientes para concretizar o espaço do reino da maneira como a dominadora aspira, haja vista que os equipamentos necessários para as práticas sadomasoquistas costumam ter preços elevados.

É principalmente de maneira a compensar essa falta de recursos financeiros para a construção do espaço físico do Frágil Reino que os topônimos *alcova*, *mezanino*, *dungeon*, *masmorra*, *senzala* e *reino* são mobilizados nas narrativas de memória de E. A. Empréstando os sentidos associados às espacialidades referidas por esses termos, a dominatrix reveste discursivamente seu Frágil Reino de seus significados, construindo por meio da enunciação o espaço que não pode erigir por meio de recursos materiais. Nesse sentido, ao se referir ao mezanino da loja em que trabalha como *Alcova*, a dominadora confere ares de *boudoir* burguês do século XIX ao modesto aposento. Empréstado, por meio do discurso, a otomana e os espelhos típicos dessa localidade destinada à luxúria, ao mesmo tempo em que rememora e evoca os textos sadianos.

De forma semelhante, ao se referir aos espaços em que se relaciona com seus submissos por meio dos topônimos *dungeon* e *masmorra*, a dominatrix pega emprestadas as correntes e instrumentos de tortura que costumavam preencher essas localidades e os utiliza para guarnecer os espaços pouco mobiliados de que dispõe, atribuindo a seu Frágil Reino os sentidos de opressão e crueldade relacionados a essas espacialidades medievais. O mesmo ocorre quando a dominadora mobiliza o topônimo *senzala*, que, por sua vez, divide o Frágil Reino em duas localidades distintas: a casa-grande, em que habita a senhora, e a senzala, em que vivem seus escravos. Resgatando o passado do Brasil colonial e escravocrata, a dominatrix investe-se da impiedade, da perversidade e da sanguinolência da figura histórica dos senhores de engenho, reforçando assim a brutalidade dos martírios aos quais são submetidos seus escravos.

Tal tendência de deslocamento discursivo da espacialidade do Frágil Reino para uma temporalidade do passado histórico é reforçada pela utilização do topônimo *reino*, que em si mesmo inscreve o espaço dominado pela Rainha Frágil em um tempo em que vigora o regime político das monarquias. Esse tempo pode ser tanto histórico, correspondendo à Idade Média, como indica o termo *vilarejos* e a expressão *instintos ritualísticos e medievais*, que acompanham o topônimo *reino*, quanto fantasioso, fazendo menção à temporalidade dos contos de fadas. Nesse sentido, a inscrição do Frágil Reino em um espaço-tempo ficcional é corroborada pela mobilização de termos como *mitos*, *ícones*, *deuses* e *heróis fantásticos*, que evocam narrativas mitológicas como aquelas presentes nas epopeias greco-romanas. O caráter fabuloso do Frágil Reino também é sugerido pela utilização da expressão *viveu pra sempre feliz*, paráfrase da sentença clássica de encerramento dos contos de fadas, *viveu feliz para sempre*, e do emprego de termos como *princesa* para se referir aos submissos feminizados.

Por outro lado, a utilização do topônimo *reino* junto a termos como *liturgia* e *mandamentos* indica a inspiração da Rainha Frágil nos dogmas da Igreja Católica para a constituição das regras que

estruturam seu Frágil Reino. Emprestando a rigidez, a autoridade e a santidade da religião, a dominadora canoniza a si mesma como figura divina a qual deve ser venerada e obedecida pelos habitantes do reino.

Outra característica da espacialidade do reino revelada pela utilização desse topônimo nas narrativas de memória de E. A. é seu caráter relacional e interpessoal. O Frágil Reino, de acordo com a própria Rainha Frágil, é “um grupo de pessoas” que se reúne e transita pelos espaços por ela habitados. Trata-se assim de relações tecidas entre o corpo da dominatrix e corpos outros, sejam eles de seu namorado R., dos demais submissos, de suas amigas dominadoras ou de afetos outros. O reino representa, nesse sentido, os contratos e acordos celebrados por esses sujeitos, assim como os sentimentos, desejos e prazeres frutos dessas relações.

Ainda, ao definir o Frágil Reino como “um Reino de pessoas que falam de suas fragilidades”, a dominadora recontextualiza o adjetivo *frágil* que compõe seu pseudônimo e o nome de seu reino. A fragilidade da Rainha Frágil, nesse sentido, aproxima-se mais da possibilidade de se mostrar vulnerável diante de seus submissos e amigos do que de uma fraqueza ou debilidade. Desse modo, é possível defender que E. A., em suas narrativas de memória, humaniza a figura da dominatrix: ao contrário de outros sujeitos em posições de dominação na comunidade BDSM, que costumam se mostrar impassíveis e inabaláveis em seu poder, a dominadora Rainha Frágil representa a si mesma como um ser humano — e, em última instância, como uma *mulher* — comum, suscetível de ser magoada, machucada e afetada como qualquer outra. Seu poder como dominadora, dessa forma, provém não da abdicação de suas fragilidades, mas da aceitação e celebração das vulnerabilidades intrínsecas às relações humanas.

Assim sendo, compreende-se que a dominadora Rainha Frágil, na medida em que reconhece suas fragilidades e limitações — inclusive financeiras —, mobiliza topônimos e expressões de modo a produzir por meio do discurso uma espacialidade que transcende as restrições de sua realidade. Sem fixar-se às delimitações

espaciais do mundo físico ou às (im)possibilidades que o dinheiro prevê, o Frágil Reino é constituído nas e pelas narrativas de memória de E. A. por meio do emprego de recursos linguísticos que moldam esse espaço segundo os desejos e vontades de sua criadora. Nesse sentido, os topônimos mobilizados pela dominatrix para se referir à espacialidade em que exerce seu poder emprestam ao Frágil Reino sentidos diversos, os quais a autora engendra para produzir seu reino ideal.

Considerações finais

A vida privada das perversões

Diante das análises empreendidas nesta dissertação, retomamos a pergunta que mobilizou esta pesquisa: qual o papel desempenhado pela espacialidade do reino na representação identitária da dominatrix Rainha Frágil em suas narrativas de memória? Articulando a teoria de Arfuch (2010, 2018) e as investigações realizadas nos capítulos deste estudo a uma perspectiva que considera a relação entre as “perversões sexuais” e as espacialidades públicas e privadas, estas considerações finais buscam sustentar que a espacialidade abstrata e metafórica do reino é de extrema importância para a autorrepresentação de E. A. enquanto dominadora sexual.

Para tanto, é preciso (re)apresentar um breve panorama histórico das espacialidades públicas e privadas, de maneira a compreender como as narrativas de memória de E. A. se situam na intersecção desses dois espaços. Nesse contexto, um dos principais marcos da história da vida privada é o processo, ocorrido entre os séculos XVII e XVIII, de circunscrição das práticas da intimidade à espacialidade privada da casa. Em *As práticas literárias ou a publicidade do privado*, Goulemot (2009) descreve esse processo, sustentando que

nesse período de constituição do Estado e de profunda mutação da sociedade civil, em que o poder político visa a assegurar-se o monopólio da violência e a controlar as pessoas e seus corpos, bem como a produção de bens e signos culturais, ao mesmo tempo que surge um novo espaço público [...] aparece também um espaço privado no qual, longe dos olhares e do controle da comunidade e do poder, definem-se novas práticas (GOULEMOT, 2009, p. 360).

Nesse contexto, “a casa se opõe então à organização do espaço urbano (praças, logradouros públicos), que tende a colocar sob o olhar da autoridade e da comunidade toda uma parte das atividades do indivíduo que se tornou sujeito” (Idem). Em outras palavras, é nesse período que são retirados da esfera pública todos os “hábitos de vida considerados grosseiros ou arcaicos”, incluindo a sexualidade e suas manifestações. Esta só poderia ser consumada em localidades privativas, distantes do pudor da coletividade. Nesse sentido, Goulemot (2009) aponta que

o quarto de dormir como sede do recolhimento e da intimidade data dessa época. [...] Dessa época data também a dissimulação do orgânico: novas regras determinam os hábitos à mesa, novos comportamentos sexuais instalam a sexualidade no segredo das alcovas e das consciências. [...] As novas civilidades acarretam o secreto na falta da renúncia: abstinência ou jejum (GOULEMOT, 2009, p. 360).

De forma semelhante, Arfuch (2010) também descreve os aparatos de regulação e controle dos Estados modernos sobre as funções orgânicas dos sujeitos, argumentando que

se situarmos a conformação do espaço da interioridade numa dimensão histórica, talvez devamos recuar, com Norbert Elias ([1977-1979] 1987), até esse momento fundacional do ‘processo de civilização’ no qual o Estado absolutista começa a se afirmar na tentativa de pacificação do espaço social, relegando as expressões violentas e pulsionais a outro âmbito, pela imposição de códigos de comportamento coercitivos que, a partir da corte, seriam assumidos pelas demais camadas sociais. É essa imposição que funda a esfera do privado como ‘uma maneira nova de estar em sociedade, caracterizada pelo controle mais severo das pulsões, o domínio mais firme das emoções e a extensão da fronteira do pudor’ (Chartier [1985] 1987, p. 22) (ARFUCH, 2010, p. 39).

É importante ressaltar que a inscrição dos desejos e impulsos orgânicos no âmbito da vida privada empreendida entre os séculos XVII e XVIII integra um processo mais amplo de controle sobre os corpos promovido pela ascendente burguesia. Incluída nesse processo está a patologização das sexualidades dissidentes,

empreendida principalmente a partir do século XIX pela psiquiatria e psicanálise, conforme explanado no Capítulo II. Em suas considerações a respeito da expressão da sexualidade sob o regime burguês, Foucault (1988) ressalta que a vontade de saber sobre o sexo produziu uma proliferação de discursos a seu respeito, dentre os quais os discursos médicos que categorizam as sexualidades em “normais” e “perversas”. Nesse sentido, o autor afirma que

o crescimento das perversões não é um tema moralizador que acaso tenha obcecado os espíritos escrupulosos dos vitorianos. É o produto real da interferência de um tipo de poder sobre os corpos e seus prazeres. Talvez o Ocidente não tenha sido capaz de inventar novos prazeres e, sem dúvida, não descobriu vícios inéditos, mas definiu novas regras no jogo dos poderes e dos prazeres: nele se configurou a fisionomia rígida das perversões. [...] A implantação das perversões é um efeito-instrumento: é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas. E, nesse avanço dos poderes, fixam-se sexualidades disseminadas, rotuladas segundo uma idade, um lugar, um gosto, um tipo de prática (FOUCAULT, 1988, p. 47).

Conforme argumenta Foucault (1988), a tipificação e classificação dos diversos tipos de perversões sexuais possibilitou um controle mais efetivo dos sujeitos. Essa vigilância sobre os corpos e seus prazeres exercida nos espaços públicos pode ser observada nas narrativas de memória de E. A., em que a dominadora insiste na necessidade de manter suas práticas sadomasoquistas nas delimitações do espaço privado — e, mais especificamente, na espacialidade do Frágil Reino.

Sendo uma espacialidade que transita entre o público e o privado, o Frágil Reino goza da prerrogativa de abrigar as práticas fetichistas da dominadora, o que normalmente não seria bem visto nos espaços públicos. Nesse sentido, E. A. possui a liberdade de postar o que deseja em seus *sites* e *blogs* pessoais, sem censura e edições prévias. Por outro lado, ao utilizar-se das ferramentas de edição de domínios virtuais disponíveis na Internet para estruturar a espacialidade do reino e disponibilizá-la no ciberespaço, a

dominadora ultrapassa as fronteiras do espaço privado, adentrando, ainda que de maneira limitada, o espaço público.

A existência de uma espacialidade que transita entre o público e o privado é possível graças ao processo de *desintermediação* (LÉVY, 1999b) – ou seja, de eliminação dos intermediários entre os produtores de conteúdo e seus consumidores – característico do ciberespaço. No espaço virtual desintermediado, a dominatrix pode tornar públicas suas narrativas de memória e fotografias de cunho pornográfico, que dificilmente seriam publicadas por editoras tradicionais. Contudo, esse adentramento no espaço público não significa que as narrativas da dominadora alcancem um grande público; pelo contrário, conforme analisamos no Capítulo III, as postagens da dominatrix circulam somente entre aqueles que já são adeptos da comunidade BDSM.

Nesse contexto, uma das principais características do Frágil Reino possibilitadas pela desintermediação do ciberespaço é sua inscrição e filiação ao FemDom, uma subdivisão do BDSM que se caracteriza por “um conjunto de práticas que apregoam a supremacia feminina, isto é, que a mulher é superior ao homem a quem ela domina” (FERREIRA, 2020, p. 90). Isso significa, em termos pragmáticos, que as práticas eróticas empreendidas entre dominadoras e submissos adeptos do FemDom colocam-se na contramão dos papéis sexuais e de gênero socialmente instituídos e cristalizados. De acordo com Silva e Paiva (2014),

no *Femdom*, geralmente não acontece o sexo com penetração, ou seja, o homem *submisso* não usa seu órgão genital para penetrar a *dominadora*. O *submisso* é alguém tratado como um ser *inferior* às mulheres, às quais devem prestar reverências, ser disciplinado e entregar-se às vontades da *figura feminina dominante*: há uma passagem do corpo sujeito ao corpo objeto (SILVA; PAIVA, 2014, p. 5 apud FERREIRA, 2020, p. 91).

Esse tipo de relação fetichista, em que a mulher adota um papel dominante, sendo muitas vezes sádica e recusando-se a ser penetrada pelo homem submisso, contrapõe-se à figura da mulher “normal” idealizada pela psiquiatria do século XIX e pela

psicanálise freudiana. De acordo com essas vertentes de pensamento, que apresentamos no Capítulo II, a mulher saudável é aquela que se contenta sexualmente com o coito heterossexual vaginal, assumindo uma postura masoquista e passiva nas práticas eróticas. A dominatrix Rainha Frágil, nesse sentido, apresenta-se como uma antítese desse ideal feminino que persiste, em maior ou menor grau, até os dias de hoje.

A rejeição dos papéis sexuais e de gênero designados às mulheres é assinalada diretamente pela dominadora em suas narrativas de memória, nas quais afirma que não gosta de ser penetrada, encontrando, ao invés disso, imenso prazer no sadismo e na adoção de uma postura sexual ativa. Essas práticas, contudo, são circunscritas às espacialidades privadas, uma vez que o espaço público, profundamente patriarcal, não é receptivo aos fetiches da dominatrix e de seus submissos. Nesse sentido, a dominadora sugere que os submissos mostrem-se como “cavalheiros” na sociedade, tornando-se “putas” somente na cama, ou seja, na espacialidade privativa do quarto. Nesse contexto, a espacialidade do reino, na qual E. A. pode assumir-se como dominatrix e seus submissos podem se feminizar e transitar livremente, apresenta-se como uma alternativa privada às demandas do espaço público, em que os tradicionais papéis de gênero e sexualidade vigoram com alguma força.

É importante lembrar, contudo, que mesmo a espacialidade privada do Frágil Reino, que permite que a dominadora vivencie a Supremacia Feminina em meio a uma sociedade patriarcal, possui limitações. Conforme observado no Capítulo V, por vezes a espacialidade do reino converge com o espaço da casa, estruturando-se, assim, sobre espaços concretos e físicos, que, por sua vez, são constrictos e limitados por fatores como localização geográfica e dinheiro. Em suas narrativas de memória, E. A. deixa claros os limites impostos pelo espaço da casa à sua representação e performance enquanto dominatrix. Após o acidente de carro, que a marca com cicatrizes e traumas, a Rainha Frágil muda-se da pousada à beira-mar para um pequeno apartamento, o qual passa

a dividir com a mãe e o filho. O claustro do espaço diminuto, de seu próprio corpo queimado e fragilizado e do olhar moralizante da mãe dificultam que a dominadora exerça suas práticas eróticas fetichistas, de modo que suas esperanças de liberdade são depositadas no projeto futuro de um “castelo encantado” repleto de cães e escravos.

De modo semelhante, o *dungeon* figura nas narrativas de memória de E. A. como uma espacialidade que se encontra em perpétua estruturação. A não finalização da organização do *dungeon* deve-se, principalmente, às dificuldades financeiras da dominadora, que não lhe permitem investir nos caros equipamentos e mobiliários de tortura necessários à execução de muitas práticas sadomasoquistas. Nesse contexto, o sonho com um futuro de maior prosperidade financeira auxilia a dominadora a manter as esperanças de um dia possuir o *dungeon* que tanto deseja.

Compreende-se, desse modo, que a faceta da espacialidade do reino constituída no ciberespaço possibilita uma maior liberdade de expressão de E. A., que se sente à vontade para postar suas narrativas de memória enquanto dominatrix e as fotografias pornográficas de seus submissos. No entanto, na medida em que se intersecciona a espacialidades do mundo físico, o espaço do reino é limitado pelas restrições geográficas e pelas finanças da dominadora, que por vezes não lhe permitem possuir uma casa própria ou mesmo adquirir os caros apetrechos necessários às práticas sadomasoquistas.

O ciberespaço, os topônimos e as narrativas de memória: os alicerces do Frágil Reino

Diante das limitações e entraves produzidos pela inserção da espacialidade do Frágil Reino em um contexto social patriarcal e capitalista, em que a posse de propriedade privada está intimamente relacionada à classe social e à disponibilidade de verba, a Rainha Frágil mobiliza os recursos que tem a seu dispor para estruturar essa espacialidade. Conforme observado nas

análises do *corpus* desta pesquisa, a dominatrix utiliza-se largamente do discurso para erigir e preencher as lacunas físicas do espaço do Frágil Reino. Nas textualidades que publica em seus *sites* e *blogs*, ela descreve, caracteriza e (re)formula a espacialidade do reino, restrita apenas pelos limites da própria linguagem.

Conforme anunciado na metodologia deste estudo, a mobilização das articulações teóricas de Arfuch (2010, 2018) para a compreensão das escritas de si da dominadora enquanto narrativas de memória pressupõe uma concepção antirrepresentacionista da linguagem. Apoiando-se na teoria dos atos de fala de Austin (1990), a autora sublinha o caráter performativo das narrativas autobiográficas, assim como a capacidade da linguagem de construir a realidade, ao invés de meramente representá-la. Nessa perspectiva, considerou-se que, ao escrever suas narrativas de memória e publicá-las na Internet, a dominatrix Rainha Frágil estaria re(criando) a espacialidade do reino por meio da força ilocucional da língua.

Para estruturar discursivamente o espaço do reino, a dominadora mobilizou diversos recursos possibilitados pelos suportes digitais e pela própria linguagem verbal. No Capítulo IV, examinou-se como a estruturação do reino nos *sites* e *blogs* da dominatrix foi oportunizada pelas ferramentas de edição de domínios virtuais disponibilizadas no ciberespaço. Constatou-se, assim, que a possibilidade de personalizar os *sites* e *blogs* colorindo seus planos de fundo, formatando as letras em caligrafias, tamanhos e cores diversas, introduzindo imagens, vídeos, sons e hiperlinks e nomeando suas diferentes seções permitiram à dominadora dar forma ao Frágil Reino. No ciberespaço, ela pode erigir e decorar os castelos e masmorras pelos quais por muito tempo ansiou, sem a necessidade de pagar pelos pisos de mármore, cortinas de veludo vermelhas e correntes penduradas no teto.

Além de traçar as fronteiras do Frágil Reino, as especificidades dos suportes digitais proporcionaram uma infinidade de ferramentas as quais foram utilizadas por E. A. para representar a si mesma de diversas maneiras ao longo de seus vinte anos como

blogueira. Nessa perspectiva, depreendemos cinco principais autorrepresentações da dominadora, uma para cada *blog* e *site* que manteve nessas duas décadas. Nesse sentido, em seu primeiro *site*, o *Site 1*, E. A. representa a si mesma como uma rainha que habita um castelo em um passado distante. No *Blog 1*, por sua vez, a autora caracteriza a si mesma como uma mulher que confessa seus segredos nas páginas do diário. Já no *Blog 2*, E. A. retrata-se como uma dominadora sádica sedenta por sangue e ligada ao ocultismo e ao vampirismo, enquanto que no *Blog 3* sua autorrepresentação é a de uma dominatrix que vive nos tempos atuais. Por fim, em seu *blog* atual, o *Blog 4*, a autora representa a si mesma como uma dominadora experiente e elegante, que acumulou sabedoria em seus sessenta anos de idade.

Por sua vez, o Capítulo VI revelou que a linguagem verbal também foi mobilizada por E. A. em suas narrativas de memória de maneira a representar a si mesma enquanto dominatrix e de forma a emprestar às espacialidades físicas de seu reino o mobiliário, o imaginário e a autoridade das culturas cotidianas do poder (MCCLINTOCK, 2003). Esse empréstimo de sentidos se deu por meio da utilização de diversos topônimos — nomes designativos de espaços (RAMOS, 2009) —, sendo os principais deles os topônimos *alcova*, *mezanino*, *dungeon*, *masmorra*, *senzala* e *reino*. Investindo o Frágil Reino da sensualidade do *boudoir* burguês, dos horrores das torturas da Idade Média, da barbárie da escravidão brasileira e do onirismo dos contos de fadas, os topônimos usados pela Rainha Frágil também auxiliam em sua representação enquanto dominatrix.

Desse modo, ao utilizar os topônimos *alcova* e *mezanino* para se referir à localidade em que se encontra com seus submissos, E. A. investe a si mesma de características associadas ao Marquês de Sade, que costumava situar as cenas sadomasoquistas de seus livros nas espacialidades de alcovas. Dos atributos do marquês e de seus personagens, a dominadora pega emprestados o sadismo e a libertinagem, além da opulência e suntuosidade da aristocracia do final do século XVIII à qual o autor pertencia. De forma semelhante,

ao empregar os topônimos *dungeon* e *masmorra* para fazer referência aos locais em perpétuo estado de construção nos quais pretende receber seus submissos, a dominatrix reveste-se de significados relacionados a esses espaços de flagelação, representando a si mesma como algoz e torturadora daqueles com quem se relaciona.

A utilização do topônimo *senzala*, por sua vez, resgata sentidos relacionados ao passado de escravização de negros ocorrido no Brasil. Ressignificando o conceito de escravidão — que no FemDom não tem a ver com supremacia branca, mas com supremacia feminina —, a dominadora representa a si mesma como uma poderosa e sanguinária senhora, à semelhança dos senhores e senhoras de engenho que por séculos oprimiram os corpos pretos. Não se pode deixar de notar que ao significar-se como senhora de escravos, a dominadora também se representa como uma mulher de posses, de classe social elevada, o que contrasta com sua situação financeira efetiva, na qual não sobra dinheiro para a realização de todos os seus fetiches. Por fim, ao mobilizar o topônimo *reino*, associado a sentidos relacionados à religião e ao medievalismo, a dominatrix retrata a si mesma como uma figura quase divina, cujos dogmas devem ser obedecidos por todos aqueles que habitam seu Frágil Reino.

Ainda no que diz respeito à utilização do topônimo *reino*, é importante notar que a dominatrix frequentemente aproxima os sentidos de *reino* e *corpo* em suas narrativas de memória. Parafraçando a máxima feminista *meu corpo, minhas regras*, a dominadora mobiliza a expressão *meu reino, minhas regras* de modo a estabelecer-se como a autoridade absoluta do Frágil Reino. É possível dizer, ainda, que o poder da dominatrix sobre seu reino é maior do que domínio que ela possui sobre seu próprio corpo, uma vez que aquele pode ser moldado com o poder ilocucional da linguagem, enquanto que este está sujeito a circunstâncias que estão além do controle da dominadora, como o acidente que a deixou coberta de queimaduras e a depressão que a acometeu após tal evento traumático.

Também é importante ressaltar que a própria máxima feminista *meu corpo, minhas regras* exprime a falta de autonomia que as mulheres enfrentam em nossa sociedade, de maneira que a espacialidade do reino poderia prover, pelo menos em parte, a independência e a liberdade às quais a blogueira E. A. não encontra no patriarcado em que vive. Verifica-se, assim, que o espaço do reino representa, para E. A., a possibilidade de exercer o controle em uma sociedade em que ela, como mulher, possui pouca ou nenhuma autoridade.

As fantasias femininas no espaço público

Conforme demonstra a retomada das análises das narrativas de memória de Rainha Frágil empreendidas nos capítulos desta dissertação, o espaço do reino desempenha um papel fundamental na representação e na performance da identidade de E. A. enquanto dominatrix.. Valendo-se da *desintermediação* (LÉVY, 1999b) propiciada pelo ciberespaço, a autora torna acessíveis, por meio de *sites* e *blogs* pessoais, suas narrativas de memória e fotografias de cunho pornográfico, possibilitando o trânsito no espaço público de conteúdos que antes do advento da Internet dificilmente poderiam existir fora do espaço privado.

É importante assinalar, nesse sentido, que as produções verbais e não-verbais de autoria da Rainha Frágil não só descrevem seu cotidiano e lembranças, mas também retratam suas fantasias e anseios mais profundos. Tratam-se, desse modo, de textualidades compostas por fantasias femininas — fantasias aqui consideradas tanto em seus sentidos sexuais, englobando os fetiches e práticas eróticas de E. A., quanto nos sentidos relacionados ao onirismo e à imaginação. Nas linhas de seus diários virtuais, a dominatrix narra e compartilha seus devaneios e delírios, suas ilusões e utopias. Nas espacialidades de seus *sites* e *blogs*, ela idealiza uma sociedade baseada na Supremacia Feminina, em que o poder está nas mãos das mulheres. Ensaia como seria um mundo em que as perpetradoras da opressão de gênero fossem mulheres, cabendo aos homens somente o papel de indefesas vítimas.

Mobilizando o discurso e os recursos de edição de *sites* e *blogs* disponibilizados na Internet, E. A. inscreve-se em um mundo de faz-de-conta, em que pode fugir das restrições de sua classe social e vivenciar o luxo e a opulência da aristocracia. Ainda que por pouco tempo, ao escrever em suas domínios virtuais a dominadora inventa uma realidade na qual não é limitada pela falta de dinheiro, de tempo, de espaço e de privacidade. Quando o trauma do acidente de carro e das queimaduras ardem em sua pele, ela se refugia em seu Frágil Reino e no castelo de seus sonhos — a escrita é, afinal, uma maneira de elaborar as experiências traumáticas. Quando os papéis sociais de mãe e de filha lhe sufocam, a dominatrix faz uso da linguagem para imaginar um cenário diverso, no qual ela não precisa cuidar do filho adolescente nem dar satisfação à mãe idosa, podendo assim exercer suas fantasias sadomasoquistas livremente.

De forma semelhante, por meio de suas postagens, E. A. mostra-se como dominatrix e também como aquilo que a psiquiatria do século XIX e a psicanálise freudiana classificam como uma mulher “anormal”. No ciberespaço, ainda que de maneira limitada, a autora elabora-se e representa-se como uma pervertida que foge aos regramentos da normalidade. Verifica-se, dessa forma, que a dominadora significa a si mesma como uma mulher transgressora, que ousa desafiar os papéis cristalizados de gênero e sexualidade para satisfazer os próprios desejos sexuais.

Compreende-se, nesse sentido, que E. A. mobiliza suas narrativas de memória de maneira a (re)elaborar sua autorrepresentação enquanto mulher, abraçando sua performance identitária como fetichista e fazendo de suas fragilidades, sejam elas emocionais ou físicas, as origens de sua força como dominadora. Constata-se, assim, que a espacialidade do reino, erigida nas e pelas narrativas de Rainha Frágil, é fundamental para sua representação enquanto dominatrix, uma vez que é sobre o espaço metafórico, abstrato e por vezes virtual do Frágil Reino que a dominadora exerce seu poder e tece as autorrepresentações que suas fantasias demandam.

REFERÊNCIAS

AMARAL, S. *O despertar de Lilith: o monstro feminino do cinema contemporâneo de Monica Demes*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2019.

ARFUCH, L. Narrativas de la memoria: la voz, la escritura, la mirada. In: ARFUCH, L. *La vida narrada: Memoria, subjetividade y politica*. Villa María (Argentina): Eduvim, 2018.

ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2010.

ATTIAS, B. A.; ŠUKA, N. Gynaecocracies: Female Supremacy and Feminist Heterotopia. In: LEDUC, G. (org.). *Inégalités Femmes-Hommes et Utopie(s)*. Paris: L'Harmattan, 2017.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BADINTER, E. *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOZA, G. Em busca do espaço perdido: a noção de espaço na teoria da enunciação de Benveniste. *Cadernos do IL (UFRGS)*, v. 42, p. 159-170, 2011.

BARROS, N. N. de. *Curadorias digitais de si: o auto/biográfico liminar das linhas do tempo do Facebook*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2018.

- BAUER, R. Transgressive and Transformative Gendered Sexual Practices and White Privileges: The Case of the Dyke/Trans BDSM Communities. *Women's Studies Quarterly*, v. 36, n. 3/4, p. 233-253, 2008.
- BENVENISTE, É. A linguagem e a experiência humana. In: BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- BERGER, J. *Modos de ver*. Trad. L. Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia Sagrada: Contendo o Velho e o Novo Testamentos*. Salt Lake City, Utah: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2015.
- BLOGGER. Política de conteúdo do Blogger. *Blogger*, 2022. Disponível em: <https://www.blogger.com/content-policy?hl=pt_BR>. Acesso em 24 de fevereiro de 2022.
- BLOOD, R. et al. Weblogs: A history and perspective. *Rebecca's pocket*, v. 7, n. 9, 2000.
- BONFIM, R. Florbela Espanca: o devir monstro de uma poética feminina e fragmentada. *Revista Crioula*, n. 7, 2010.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987
- BOLTER, J. D.; GRUSIN, R. *Remediation: Understanding New Media*. Reprint edition. Cambridge: The MIT Press, 2000.
- BORGES, C. Nota do tradutor. In: SADE, M. de. *A filosofia na alcova, ou, Os preceptores imorais*. Tradução de Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- BRANCA DE Neve e Os Sete Anões. Direção: Ben Sharpsteen. Produção: Walt Disney. New York (NY): Disney Movies, 1937, 1 DVD.

- BRANCO, S. *Memória e esquecimento na internet*. Porto Alegre: Arquipélago, 2017.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CATELLI, N. *El espacio autobiográfico*. Barcelona: Lúmen, 1991.
- CHARTIER, R. “Prácticas de lo escrito”. In: ARIES, P. e DURY, G. (orgs.). *Historia de la vida privada*. Madrid: Taurus, 1987 [1985].
- CHAUNCEY, G. From Sexual Inversion To Homosexuality: Medicine And The Changing Conceptualization Of Female Deviance. *Salmagundi*, no. 58/59, 1982.
- CLEMENTE PINTO, A. *Seleção em Prosa e Verso dos melhores autores brasileiros e portugueses*. 54ª edição. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1980.
- EISENSTEIN, J. D. (org.). *Otzar Midrashim*, dois volumes. Nova York, 1915.
- ELIAS, N. *El proceso de civilización*. México: FCE, 1987 [1977-1979].
- FACCHINI, R. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese. Doutorado em Ciências Sociais, IFCH/Unicamp, 2008.
- FACCHINI, R.; ROSSETTI MACHADO, S. “Praticamos SM, repudiamos agressão”: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, n. 14, p. 195-228, 2013.
- FACHINI, T. *Contratos no Direito Civil: tudo sobre o tema*. *Projuris*, 2021. Disponível em: <<https://www.projuris.com.br/contratos-direito-civil/>>. Acesso em 12 de janeiro de 2021.
- FERREIRA, A. B. de H. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 6. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, G. "Eu Dommenique": O FemDom no BDSM e suas implicações para as performances de gênero e para o discurso médico-religioso. *Mandrágora*, v. 26, 2020.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREUD, S. *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. *O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GOULEMOT, J. M. As práticas literárias ou a publicidade do privado. In: CHARTIER, R. (org.). *História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GREGORI, M. F.. Prazeres perigosos: o contrato e a erotização de corpos em cenários sadomasoquistas. *Etnográfica* 19(2), Lisboa, Centro de Investigação em Antropologia, p.247-267, 2015.

HANODED. Blackminster. *Hanoded Fonts*, 2021. Disponível em: <<https://www.hanodedfonts.com/fonts/blackminster/>>. Acesso em 30 de junho de 2021.

JAVA, Akshay et al. Why We Twitter: Understanding Microblogging Usage and Communities. In: The Joint 9th WEBKDD and 1st SNA-KDD Workshop on Web Mining and Social Network Analysis, 2007, California. *Anais [...]*. New York: Association for Computing Machinery, p. 56-65, 2007. Disponível em: <<https://dl.acm.org/doi/10.1145/1348549.1348556>>. Acesso em: 27 out. 2021.

JOYCE, M. *Of Two Minds: Hypertext Pedagogy and Poetics*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995.

- KOEDT, A. *The Myth of the Vaginal Orgasm*. Boston: New England Free Press, 1970.
- KOTTKE, J. The blog is dead, long live the blog. *Nieman Lab*, 2013. Disponível em: <<https://www.niemanlab.org/2013/12/the-blog-is-dead/>>. Acesso em: 27 out. 2021.
- KOLTUV, B. B. *O livro de Lilith*. O resgate do Lado Sombrio do Feminino Universal. São Paulo: Cultrix, 1997.
- LACLAU, E. Prefácio. In: ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2010.
- LAGARTO, P. C. D. *Os vampiros do novo milênio: evoluções e representações na literatura e outras artes*. Dissertação de Mestrado em Criações literárias contemporâneas. Évora, 2008.
- LANTÉRI-LAURA, G. *Leitura das perversões: história de sua apropriação médica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- LAQUEUR, T. *Inventando o sexo*. São Paulo: Relume Dumara, 2001.
- LATO black. *Fonts 2 u*, 2021. Disponível em: <<https://pt.fonts2u.com/lato-black.fonte>>. Acesso em 30 de junho de 2021.
- LAWSON, A. *Anatomy of a typeface*. London: Penguin Group, 1990.
- LEITE JÚNIOR, J. *Elementos para uma história do conceito de sadomasoquismo*. Relatório final da bolsa de Iniciação Científica PIBIC-CNPq do Projeto “Repercussões de Sade”. São Paulo: PUC, 2000.
- LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rosseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LEMKE, J. Travels in hypermodality. *Visual Communication* 1 (3): 299–325, 2002.
- LEMKE, J. Toward critical multimedia literacy: Technology, research, and politics. In: MCKENNA, Michael; REINKING,

David; LABBO, Linda; KIEFFER, Ronald (org.). *International handbook of literacy and technology*, 2:3–14. London: Routledge, 2006.

LÉVY, P. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. *Revista FAMECOS*, 5(9), 37-49, 1999a. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3009>>. Acesso em 23 de abril de 2020.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999b.

LÉVY, P. *O que é o virtual?*. São Paulo: Editora 34, 2007.

LÉVY, P. Pela ciberdemocracia. In: *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

LIMA-LOPES, R. E. Apontamentos sobre mídias digitais: qual caminho para o gênero 2.0? In: Lima-Lopes, Rodrigo Esteves de, e Marcelo El Khouri Buzato, orgs. *Gênero Reloading*. Campinas: Pontes, 2018.

MCCLINTOCK, A. Couro imperial. Raça, travestismo e o culto da domesticidade. *Cadernos Pagu* (20), p. 7-85, 2003.

MCLUHAN, M. *Understanding media: the extensions of man*. Corte Madera, CA: Gingko Press, 2003.

MANOVICH, L. Database as Symbolic Form. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies* 5 (2): 80–99, 1999.

MANOVICH, L. *The Language of New Media*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2001

MARQUES DA SILVA, V. L. A psiquiatrização do sexo não normativo: BDSM e a 5ª revisão do manual diagnóstico e estatístico de doenças. *Vivência: Revista de Antropologia*, v. 1, n. 48, p. 25-37, 2017.

MERRIWEATHER. *Mais Fontes*, 2021. Disponível em: <<https://pt.maisfontes.com/merriweather>>. Acesso em 30 de junho de 2021.

MOITA LOPES, L. P. *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

MONOTYPE. Times Modern and the modern Times. *Monotype*, 2021. Disponível em: <<https://www.monotype.com/resources/case-studies/times-modern-and-the-modern-times>>. Acesso em 08 de setembro de 2021.

PALMA, D. As casas de Carolina: espaços femininos de resistência, escrita e memória. *Cadernos Pagu* (51), 2017.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PIMENTEL, C. A escrita íntima na internet: do diário ao blog pessoal. *Anais do VII Congresso Internacional da Abralin Curitiba*, 2011. Disponível em: <www.omarrare.uerj.br/numero14/carmenPimentel.html>. Acesso em 16 jul. 2020.

POMBO, R. *Dicionário de sinônimos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011.

RAMOS, R. T. Em busca de uma caracterização geral do topônimo. *Cadernos do CNLF*, v. 12, n. 9, 2009.

RANUM, O. Os refúgios da intimidade. In: CHARTIER, R. (org.). *História da vida privada*, 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RICOEUR, P. Fase documental: a memória arquivada. In: RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROBIN, R. *Le golem de l'écriture*. De l'autofiction au cybersoi. Montreal: XYZ, 1997.

RUCHATZ, J. The Photograph as Externalization and Trace. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (ed.). *Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook*. Berlin: Walter de Gruyter, 2008.

SADE, M. de. *A filosofia na alcova, ou, Os preceptores imorais*. Tradução de Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2012.

SASSE, C.; WESTIN, R. Na época do Brasil colonial, lei permitia que marido assassinasse a própria mulher. *Jornal do Senado*, 2013. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20160527061528/http://www12.senado.leg.br/jornal/edicoes/especiais/2013/07/04/na-epoca-do-brasil-colonial-lei-permitia-que-marido-assassinasse-a-propria-mulher>>. Acesso em 10 de novembro de 2021.

SCRIPTORIUM. *My Fonts*, 2021. Disponível em: <<https://www.myfonts.com/foundry/Scriptorium/>>. Acesso em 30 de junho de 2021.

SHARLET, J. The mirror and the leash. *Killing the Buddha*, 2004. Disponível em: <<https://killingthebuddha.com/mag/icon/the-mirror-and-the-leash/>>. Acesso em 06 de outubro de 2021.

SICUTERI, R. *Lilith: a lua negra*. Trad. Norma Teles; J. Adolfo S. Gordo. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

SILVA, M. J. da. *Jogos de inversão, jogos de poder: uma etnografia online sobre práticas de feminização masculina em contexto sado-fetichista*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2015.

SILVA, M. J. da. *Linguagens, experiências e convenções de gênero e sexualidade no BDSM*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Ceará, 2012.

SILVA, M. J. da; PAIVA, A. C. S. Pensando corpo, gênero e sexualidade em contexto sado-fetichista. *Ponto Urbe*, n. 15, 2014.

SILVA, V. L. M. da. Sexualidades dissidentes: um olhar sobre narrativas identitárias e estilo de vida no ciberespaço. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, p. 3309-3318, 2018.

SKLAR, J. *Principles of Web Design*. Boston: Cengage Learning, 2012.

SONTAG, S. *Sobre fotografia*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

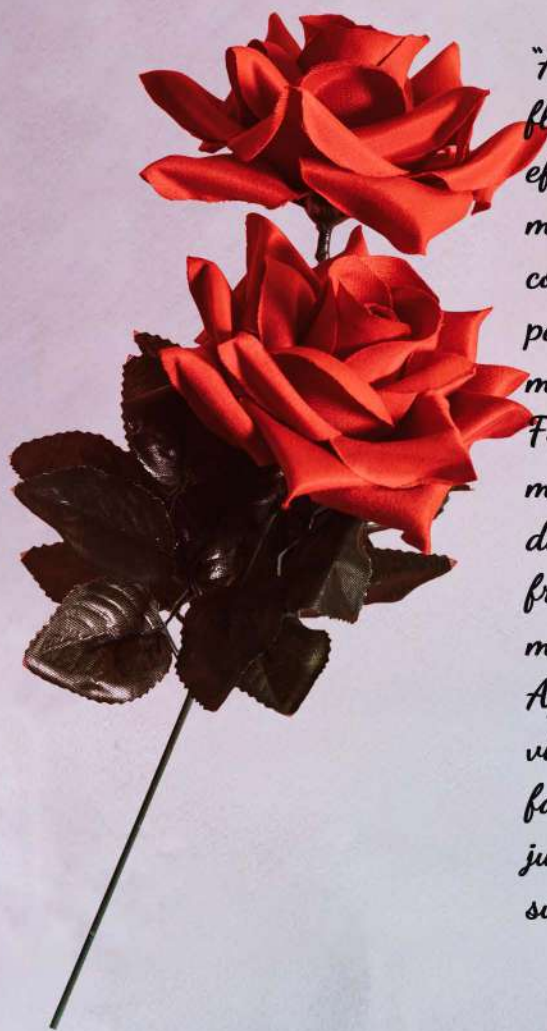
STANLEY, L. *The Diaries of Hannah Cullwick: Victorian Maidservant*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1984.

THORLACIUS, L. The Role of Aesthetics in Web Design. *Nordicom Review*, 28(1), p. 63-76, 2007.

TFOUNI, L.V.; SANTOS, K. A. ; BARTIJOTTO, J. ; SILVA, J. C. . O paradigma indiciário e as ciências humanas: psicanálise e análise do discurso. *Estudos e pesquisas em psicologia* (UERJ. Impresso), v. 16, p. 1256-1270, 2018.

WEISS, M. D. Working at Play: BDSM Sexuality in the San Francisco Bay Area. *Anthropologica*, v. 48, n. 2, p. 229-245, 2006.

ZILLI, B. D. *A Perversão domesticada* – estudo do discurso de legitimação do BDSM na internet e seu diálogo com a psiquiatria. 95f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.



"A rosa é a RAINHA das flores, porém, sabe-se tão efêmera e FRÁGIL como a mais simples de suas companheiras" — não há palavras que introduzam melhor a dominatrix Rainha Frágil senão essas que ela mesma escolheu para descrever-se. Este livro, fruto de minha pesquisa de mestrado em Linguística Aplicada, é uma imersão na vida e obra dessa mulher fascinante, cuja força emana justamente da confissão de sua fragilidade.